



*Forgive us
our sins.*

PRIEST

SIERRA SIMONE



Sierra Simone

Livro Único

Priest

Priest Copyright © 2015 Sierra Simone

SINOPSE

Existem muitas regras que um padre não pode quebrar.

Um padre não pode casar. Um padre não pode abandonar seu rebanho. Um padre não pode abandonar seu Deus.

Eu sempre fui bom em seguir regras.

Até que ela veio.

Meu nome é Tyler Anselm Bell. Eu tenho 29 anos de idade. Seis meses atrás, eu quebrei meu voto de celibato no altar da minha própria igreja, e Deus me ajude, eu faria novamente.

Eu sou um padre e esta é a minha confissão.

CAPÍTULO

UM

Não é nenhum segredo que a reconciliação é o sacramento menos popular. Eu tive muitas teorias a respeito do por que: orgulho, inconveniência, perda de autonomia espiritual. Mas a minha teoria que prevalece no momento era essa porra de confessional.

Eu odiava a partir do momento que eu a vi, algo antiquado e pesado dos dias negros antes do Vaticano II. Crescendo, minha igreja no Kansas City tinha uma *sala* de confissão, limpa, brilhante e de bom gosto, com cadeiras confortáveis e uma janela alta com vista para o jardim da paróquia.

Este confessional era a antítese a essa sala - constrangedora e formal, feita de madeira escura e desnecessariamente ornamentada. Eu não sou um homem claustrofóbico, mas este confessional poderia me transformar em um. Eu cruzei as mãos e agradei a Deus pelo sucesso da nossa última campanha de arrecadação de fundos. Dez mil dólares mais, e nós seríamos capazes de renovar St. Margaret de Weston, Missouri em algo semelhante a uma igreja moderna. Sem painéis de madeira falsos no hall de entrada. Nenhum tapete vermelho - reconhecidamente bom para esconder manchas de vinho - mas terrível para a atmosfera. Haveria janelas, luz e modernidade. Eu tinha sido atribuído a esta paróquia por causa de seu doloroso passado... e o meu próprio. Passado que levaria mais de uma restauração para reconstruir, mas eu queria mostrar aos meus paroquianos que a igreja era capaz de mudar. Crescer. Avançar para o futuro.

— Tenho alguma penitência, padre?

Eu tinha derivado. Uma das minhas falhas, eu admito. Uma que orei diariamente para mudar (quando me lembrava).

— Eu não acho que é necessário, — disse eu. Embora eu não pudesse ver muito através da tela decorativa, eu sabia quem era meu penitente no momento em que ele entrou no confessional. Rowan Murphy, professor de matemática de meia-idade e entusiasta da polícia. Ele era meu único penitente confiável durante todo o mês, e seus pecados variavam de inveja (o diretor que uma vez era professor de

matemática) para pensamentos impuros (a recepcionista do ginásio em Platte City). Enquanto eu sabia que alguns clérigos ainda seguiam as regras antigas de penitência, eu não era o tipo que diz: ‘duas Ave-Marias e me chame de manhã’. Os pecados de Rowan vinham de sua inquietação, sua estagnação e nenhuma quantidade de Rosário mudaria nada se ele não tratasse a causa na raiz.

Eu sei, porque eu estive lá.

E, além disso, eu realmente gosto de Rowan. Ele era engraçado, de uma forma astuta, inesperado e ele era o tipo de cara que iria convidar um sem-teto para dormir em seu sofá e, em seguida, se certificar de que eles saíam na manhã seguinte com uma mochila cheia de comida e um novo cobertor. Eu queria o ver feliz e estabelecido. Eu queria o ver canalizar todas essas grandes coisas para a construção de uma vida mais gratificante.

— Sem penitência, mas eu tenho uma pequena missão, — eu disse. — É para pensar sobre sua vida. Você tem uma fé forte, mas sem direção. Além da Igreja, o que te dá paixão na vida? Por que você sai da cama de manhã? O que dá significado às suas atividades e pensamentos diários?

Rowan não respondeu, mas eu podia ouvir sua respiração. Pensando.

Com uma oração e uma bênção final, Rowan tinha ido embora, voltando para a escola para o resto de sua tarde. E se a sua pausa para o almoço estava quase no fim, assim estavam minhas horas de reconciliação. Eu chequei meu telefone para ter certeza, em seguida, empurrei a porta, deixando cair a minha mão quando eu ouvi o confessional abrir ao meu lado. Alguém sentou e eu me sentei, mascarando o meu suspiro. Eu tinha uma tarde livre rara hoje em dia, e eu estava ansioso para isso. Ninguém além de Rowan vinha para a confissão. Ninguém. E no único dia que eu tinha estado ansioso para sair mais cedo, para aproveitar o clima perfeito...

Foco, eu me ordenei.

Alguém limpou sua garganta. Uma mulher.

— Eu, uh. Eu nunca fiz isso antes. — sua voz era baixa e sedutora.

— Ah. — eu sorri. — Uma novata.

Isso me rendeu uma pequena risada. — Sim, eu acho que eu sou. Eu só vi isso em filmes. É aqui que eu digo, ‘Perdoa-me Padre, porque pequei?’

— Quase. Em primeiro lugar, faça o sinal da cruz. *Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo...* — eu podia a ouvir ecoando as palavras comigo. — Agora, me diga quanto tempo passou desde a sua última confissão, que foi...

— Nunca, — ela terminou por mim. Ela parecia jovem, mas não muito jovem. Minha idade, se não um pouco mais jovem. E sua voz carregava um sotaque menos acentuado que o da cidade, não o sotaque que às vezes eu ouvia aqui no Missouri rural. — Eu, hum. Eu vi a igreja enquanto eu estava na adega do outro lado da rua. E eu queria, bem, eu tenho algumas coisas que estão me incomodando. Eu nunca fui particularmente religiosa, mas eu pensei que talvez... — ela parou por um minuto e depois inalou abruptamente. — Isso foi estúpido. Eu deveria ir. — eu a ouvi se levantar.

— Pare, — eu disse e, em seguida, ela ficou chocada comigo. Eu nunca dei ordens como essa. Bem, não mais.

Se concentre.

Ela se sentou, e eu a podia ouvir mexendo em sua bolsa.

— Você não é estúpida, — eu disse, minha voz mais suave. — Isto não é um contrato. Não é um contrato para vir à missa toda semana pelo resto de sua vida. Este é um momento que você pode ser ouvida. Por mim... por Deus... talvez até por si mesma. Você veio aqui porque você estava procurando naquele momento, e eu posso dar a você. Então, por favor. Fique.

Ela deixou escapar um longo suspiro. — Eu só... as coisas que estão pesando em mim, eu não sei se eu deveria contar a alguém. Muito menos para você.

— Porque eu sou um homem? Você se sentiria mais confortável falando com um ministro laico feminino antes de você falar comigo?

— Não, não é porque você é um homem. — eu ouvi o sorriso em sua voz. — Porque você é um padre.

Eu decidi que tinha de adivinhar. — As coisas pesando em você são de uma natureza carnal?

— Carnal. — ela riu, e isso estava ofegante. De repente eu me encontrei perguntando como ela era - se ela era magra ou bronzeada, se ela era cheia de curvas ou delgada, se seus lábios eram delicados ou cheios.

Não. Eu precisava me concentrar. E não sobre a forma como sua voz me fez de repente sentir muito mais homem do que padre.

— Carnal, — ela repetiu. — Isso soa como eufemismo.

— Você pode ser como você é. Aqui não tem intenção de fazer você se sentir desconfortável.

— A tela ajuda, — ela admitiu. — É mais fácil não te ver, com, você sabe, as roupas e outras coisas enquanto estou falando.

Agora eu ri. — Nós não usamos as roupas o tempo todo, você sabe.

— Oh. Bem, lá se vai a minha imagem mental. O que você está vestindo, então?

— Uma camisa preta de mangas compridas com um colarinho branco. Você conhece o tipo. O tipo que você vê na TV. E jeans.

— *Jeans?*

— Isso é tão chocante?

Ouvi ela se encostar ao lado do confessionário. — Um pouco. É como se você fosse uma pessoa real.

— Só em dias de semana, entre as horas de nove a cinco.

— Bom. Estou feliz por eles não te colocaram em um domingo ou algo assim.

— Eles tentaram isso. Condensação demais. — fiz uma pausa. — E se isso ajuda, eu normalmente uso calças.

— Isso parece significativamente mais como um padre. — houve um longo silêncio. — E se... você já ouviu pessoas que fizeram coisas realmente ruins?

Eu considerei a minha resposta com cuidado. — Somos todos pecadores aos olhos de Deus. Até eu. A questão não é fazer você sentir culpa ou categorizar a magnitude de seu pecado, mas...

— Não me venha com essa merda de seminário, — disse ela bruscamente. — Eu estou te fazendo uma pergunta real. Eu fiz uma coisa ruim. Muito ruim. E eu não sei o que acontece em seguida.

Sua voz falhou na última palavra, e pela primeira vez desde que eu tinha sido ordenado, senti o desejo de ir para o outro lado do confessionário e puxar a penitente em meus braços. O que teria sido possível em uma sala de confissão mais moderna, mas provavelmente teria sido alarmante e desajeitado.

Mas em sua voz havia verdadeira dor, incerteza e confusão. E eu queria tornar isso melhor para ela.

— Eu preciso saber que tudo vai ficar bem, — ela continuou calmamente. — Que eu vou ser capaz de viver comigo mesma.

Um puxão no meu peito. Quantas vezes eu tinha sussurrado as mesmas palavras para o teto da sacristia, deitado acordado na cama, consumido com pensamentos do que minha vida poderia ter sido? *Eu preciso saber que tudo vai ficar bem.*

Tudo o quê? Não era esse o grito tácito das nossas almas quebradas?

Quando falei de novo, eu não me incomodei com qualquer uma das garantias normais ou chavões espirituais. Em vez disso, eu disse honestamente, — Eu não sei se tudo vai ficar bem. Pode não ficar. Você pode pensar que você está no ponto mais baixo agora e, em seguida, perceber um dia e ver que isso está ficando muito pior. — eu olhei para as minhas mãos, as mãos que tinham puxado a minha irmã mais velha de uma corda depois que ela se enforcou na garagem dos meus pais. — Você pode nunca mais ser capaz de sair da cama de manhã com essa segurança. Esse momento da aprovação pode nunca vir. Tudo o que você pode fazer é tentar encontrar um novo equilíbrio, um novo ponto de partida. Encontrar o amor que sobrou em sua vida e segurá-lo com firmeza. E um dia, as coisas vão ficar menos cinzas, menos maçantes. Um dia, você pode achar que você tem uma vida novamente. Uma vida que te faz feliz.

Eu podia ouvir sua respiração, curta e profunda, como se estivesse tentando não chorar.

— Eu - obrigada, — ela disse. — Obrigada.

Não havia dúvida de que ela estava chorando agora. Eu a podia ouvir puxando lenços da caixa colocada no interior do confessionário para esse fim. Eu poderia pegar apenas as sugestões mais fracas de movimento através da tela, o que parecia cabelo escuro brilhante e o que poderia ter sido o branco pálido de seu rosto.

Uma realmente grande parte terrível de mim queria ouvir sua confissão, porém, não para que eu pudesse dar a ela aconselhamento mais específico e garantia, mas para que eu pudesse saber exatamente quais coisas carnis esta menina teve que se desculpar. Eu a queria ouvir sussurrar essas coisas em sua voz ofegante, eu a queria levar em meus braços e beijar cada lágrima.

Deus, eu a queria tocar.

Que porra havia de errado comigo? Eu não queria uma mulher com este tipo de intensidade por três anos. E eu ainda não tinha visto seu rosto. Eu nem sequer sei o nome dela.

— Eu deveria ir agora, — ela disse, repetindo suas palavras anteriores. — Obrigada pelo que você disse. Foi... foi irritantemente preciso. Obrigada.

— Espere, — eu disse, mas a porta para o confessionário se abriu e ela se foi.

Pensei na minha misteriosa penitente durante todo o dia. Eu pensei sobre ela enquanto eu preparei meu sermão para a missa de domingo. Eu pensei sobre ela enquanto eu fazia o estudo da Bíblia dos homens e quando eu rezei minhas orações noturnas. Eu pensei sobre aquele vislumbre de cabelos escuros, aquela voz gutural. Algo sobre ela... o que era? Não é como se eu tivesse sido um cadáver desde que assumi o manto - eu ainda era muito um homem. Um homem que tinha gostado muito de foder antes de ter ouvido a chamada.

E eu ainda notava as mulheres, certamente, mas eu havia me tornado muito hábil em levar a direção dos meus pensamentos para longe do sexual. O celibato se tornou um inquilino controverso do sacerdócio nestes últimos anos, mas eu ainda respeitava cuidadosamente isso. Especialmente pelo que tinha acontecido com a minha irmã. E o que tinha acontecido a esta paróquia antes de eu chegar.

Era fundamental que eu fosse o ápice da limitação. Que eu fosse o tipo de padre que inspirava confiança. E que envolvia eu sendo incrivelmente circunspecto tanto publicamente como em privado quando era sobre a sexualidade.

Assim, mesmo que sua risada rouca ecoou em meus ouvidos o resto do dia, sigo firme e deliberante em expulsar a memória de sua voz e continuar com os meus deveres, a única exceção sendo que eu rezei um rosário extra ou dois para essa mulher, pensando em sua súplica. *Eu preciso saber que tudo vai ficar bem.*

Eu esperava que, onde quer que ela esteja, Deus estivesse com ela, a confortando, assim como ele tinha me confortado tantas vezes.

Adormeci com as contas do rosário cerrados no meu punho, como se fossem um amuleto para afastar os pensamentos indesejados.

Na minha pequena, envelhecida paróquia, há geralmente um ou dois funerais por mês, quatro ou cinco casamentos por ano, Missa quase todos os dias, e aos domingos, mais do que uma vez. Três dias por semana eu conduzo estudos bíblicos, uma noite por semana eu ajudo com o grupo de jovens, e todos os dias exceto nas quintas-feiras, eu mantenho o horário de expediente para paroquianos visitarem. Eu também corro várias milhas cada manhã e me forço a ler cinquenta páginas de algo não relacionado com a igreja ou religião.

Oh, e eu gasto muito *tempo* discutindo *The Walking Dead*. Muito tempo. Ontem à noite, eu fiquei acordado até duas horas discutindo com alguns nerds sobre se dá ou não dá para matar um zombie com a coluna vertebral de outro zombie.

O que, obviamente, não dá, dada a taxa de decaimento ósseo entre os mortos-vivos.

O ponto é que, por ser um homem santo sonolento em sua cama e café da manhã cedo no Centro-Oeste, tenho bastante coisa para fazer, então eu posso ser perdoado por ser surpreendido na próxima semana, quando a mulher voltou ao meu confessionário.

Rowan tinha acabado de sair, e eu também estava me preparando para me levantar e sair quando ouvi a outra porta abrir e alguém entrar no confessionário. Eu pensei que talvez fosse Rowan novamente - essa não teria sido a primeira vez que ele tinha voltado porque ele tinha lembrado algum novo pecado que ele tinha esquecido de me contar.

Mas não. Era aquele voz rouca, a voz que tinha inspirado os meus rosários extras na semana passada.

— Sou eu de novo, — disse a mulher, com uma risada nervosa. — Hum, a não católica?

Minhas palavras saíram mais profundas do que tinha a intenção, mais cortada. Um tom que eu não tinha falado com uma mulher em um longo tempo. — Eu me lembro de você.

— Oh, — ela disse. Ela parecia um pouco surpresa, como se ela não tivesse realmente esperado que eu me lembrasse dela. — Bom. Eu acho.

Ela se mexeu um pouco, e através da tela eu vi indícios da mulher por de trás - cabelos escuros, pele branca, um flash de batom vermelho.

Me mexi um pouco também, inconscientemente, o meu corpo de repente ciente de tudo. As calças sob medida (um presente dos meus irmãos empresários) a madeira dura do banco, o colarinho que de repente era muito apertado, apertado demais.

— Você é Padre Bell, certo? — ela perguntou.

— Esse sou eu.

— Eu vi sua foto no site. Depois da semana passada, eu pensei que talvez fosse mais fácil se eu soubesse o seu nome e como você era. Você sabe, mais como se eu estivesse conversando com uma pessoa e não um parede.

— E é mais fácil?

Ela hesitou. — Não realmente. — mas ela não deu mais detalhes e eu não queria pressionar, principalmente porque eu estava tentando me treinar a ir para longe da série de desejos implausíveis que enchiam minha mente.

Não, você não pode perguntar o nome dela.

Não, você não pode abrir a porta para ver como ela é.

Não, você não pode pedir que ela simplesmente te informe sobre os seus pecados carnavais.

— Você está pronta para começar? — perguntei, tentando redirecionar os meus pensamentos de volta para o assunto em questão: a confissão.

Siga o roteiro, Tyler.

— Sim, — ela sussurrou. — Sim, estou pronta.

CAPÍTULO

DOIS

POPPY

*Então, eu tenho este trabalho. Tive este trabalho, devo dizer, porque eu faço algo diferente agora, mas até um mês atrás, eu trabalhava em um lugar que poderia ser considerado... pecaminoso. Acho que essa é a palavra certa, embora eu nunca me senti pecaminosa trabalhando lá. Você acha que seria por isso que estou aqui - e de uma forma é - mas é mais do que eu sinto que eu deveria confessar a alguém, porque eu **não** sinto que eu deveria confessar. Isso faz algum sentido? Como eu **deveria** me sentir terrível sobre o que eu fiz e como eu ganhei meu dinheiro, mas eu não me sinto terrível, no mínimo, e eu sei que é errado de alguma forma.*

Além disso, eu não sou uma prostituta, se é isso que você está pensando.

Sabe pelo que mais eu deveria me sentir culpada? O fato de que eu desperdicei tempo de todos e dinheiro. Meus pais em particular, mas até mesmo você, essa pessoa que eu não conheço, eu estou prendendo você e fazendo você ouvir todo meu lamento de merda e, assim, desperdiçando seu tempo e dinheiro de sua igreja. Vê? Eu sou um naufrágio, onde quer que eu vá.

Parte do problema é que há essa fatia de mim que sempre esteve lá comigo, ou talvez não seja uma fatia, mas uma camada, como o tronco de uma árvore. E onde quer que eu vá e faça o que eu faço, ele está lá. E não me encaixava em minha antiga vida em Newport, e então não me encaixava em minha nova vida em Kansas City, e agora eu percebo que não me encaixo em qualquer lugar, mas o que isso significa? Isso quer dizer que eu não me encaixo em lugar nenhum? Que eu estou destinada a ficar sozinha e detestável porque eu carrego esse demônio nas minhas costas?

O engraçado é que eu sinto que há essa outra vida, esta vida sombria que já me ofereceram, onde esse demônio pode correr livre e eu posso deixar esse tronco, essa camada, me consumir. Mas o preço é o resto de mim. É como se o universo - ou Deus - estivesse dizendo que eu

*posso fazer do meu jeito, mas à custa da minha autoestima e minha independência e esta visão da pessoa que eu quero ser. Mas, então, qual é o custo **desta vida** desse jeito? Eu fugir para uma cidade pequena e passar meus dias trabalhando em um emprego que eu não me importo e em seguida, passar minhas noites sozinhas? Eu tenho a minha autoestima, eu tenho boas ações, mas me deixe te dizer: Padre, boas ações não aquecem sua cama à noite, e eu estou cheia com esta horrível espécie de desespero, porque eu não posso ter os dois e eu **quero** ambos.*

Eu quero uma vida boa e eu quero paixão e romance. Mas eu fui levantada para ver um como um desperdício e o outro como de mau gosto, e não importa o quanto eu tente, não consigo parar de sentir como a 'Poppy Danforth' se tornou sinônimo de desperdício e desagrado, embora eu tenha feito tudo que eu posso para escapar desse sentimento...

— Talvez devêssemos continuar na próxima semana.

Ela tinha estado em silêncio por um longo tempo depois de sua última frase, sua respiração instável. Eu não preciso ver dentro do confessional para saber que ela mal estava conseguindo se manter, e se nós estivéssemos em uma sala de conciliação *moderna*, eu teria sido capaz de tomar a mão ou tocar seu ombro ou *algo* assim. Mas aqui eu poderia estender nenhum outro conforto além das minhas palavras, e eu a senti absorvendo essas últimas palavras agora.

— Oh. Ok. Será que eu - eu tomei muito tempo? Me desculpe, eu não estou realmente acostumada com as regras.

— Nem um pouco, — eu disse suavemente. — Mas eu acho que é bom começar devagar, não é?

— Sim, — ela murmurou. Eu a podia ouvir recolhendo suas coisas e abrir a porta enquanto falava. — Sim, eu suponho que você está certo. Então... não há nenhuma penitência ou qualquer coisa que eu deva fazer? Quando eu pesquisei sobre confissão na semana passada no Google, ele disse que às vezes há penitência, como rezar uma Ave-Maria ou algo assim.

Debatendo comigo mesmo, eu também saí do confessional, pensando que seria mais fácil explicar a penitência e contrição para o rosto dela, em vez de o fazer através dessa tela estúpida e então eu congelei.

Sua voz era sexy. A risada dela era ainda mais sexy. Mas nem chegava perto de como era *ela*.

Ela tinha cabelo longo e escuro, quase preto, e pele pálida, clara, com destaque para o batom vermelho brilhante que ela usava. Seu rosto era delicado, maçãs do rosto finas e olhos grandes, o tipo de rosto que se via nas capas de revistas de moda. Mas era sua boca que me atraiu, lábios exuberantes que estavam entreabertos, me deixando ver que seus dois dentes da frente eram ligeiramente maiores do que o resto, uma imperfeição que por algum motivo fez tudo o mais sexy.

E antes que eu pudesse me parar, eu pensei, *eu quero meu pau nessa boca*.

Eu quero essa boca chorando meu nome.

Eu quero...

Olhei para frente da igreja, para o crucifixo.

Me ajuda, orei silenciosamente. Se trata de algum tipo de teste?

— Padre Bell? — ela perguntou.

Eu respirei e enviei outra oração rápida para ela não perceber que eu estava paralisado por sua boca... ou que essas calças lisas de lã que eu usava estavam subitamente ficando um pouco apertada.

— Não há nenhuma necessidade de penitência agora. Na verdade, eu acho que voltar aqui para falar é um pequeno ato de contrição por si só, não é?

Um pequeno sorriso curvou sua boca, e eu queria beijar aquele sorriso até que ela estivesse se pressionando contra mim e me implorando para a tomar.

Putá merda, Tyler. Que porra é essa?

Eu fiz Aves Maria mentais eu mesmo, enquanto ela ajustava a alça de sua bolsa em seu ombro. — Então talvez eu vá ver você na próxima semana?

Porcaria. Eu poderia realmente fazer isso novamente em sete dias? Mas depois eu pensei em suas palavras, tão cheias de dor e confusão sombria, e eu mais uma vez senti o desejo de a confortar. Dar a ela algum tipo de paz, uma chama de esperança e vitalidade que ela poderia levar com ela e nutrir uma nova vida plena para si mesma.

— É claro. Eu estou olhando para frente, Poppy. — eu não tinha a intenção de dizer o nome dela, mas lá estava e quando eu disse isso, eu disse com *aquela* voz, aquela que eu não uso mais, a que costumava ter mulheres caindo aos seus joelhos e alcançarem o meu cinto sem eu ter de dizer algo como, por favor.

E a reação dela enviou um choque direto para o meu pau. Ela arregalou os olhos, as pupilas dilatadas, e seu pulso saltou em sua garganta. Não só foi o meu corpo que teve uma resposta sem precedentes por ela, mas ela estava tão afetada por mim como eu estava por ela.

E de alguma forma isso fez tudo muito pior, porque agora era apenas a linha fina do meu autocontrole que me impediu de a jogar sobre um banco e espancar essa bunda branca cremosa por me deixar duro quando eu não queria estar, por me fazer pensar sobre sua boca impertinente quando eu deveria estar pensando em sua alma eterna.

Limpei a garganta, três anos de disciplina incansável para manter essa minha voz para mim mesmo. — E você sabe...

— S-sim? — perguntou ela, mordendo o lábio inferior.

— Você não tem que vir de Kansas City apenas para vir aqui para a confissão. Tenho certeza de que qualquer sacerdote lá ficaria feliz em ouvir. O meu próprio confessor, o Padre Brady, é realmente bom e ele fica no centro de Kansas City.

Ela inclinou a cabeça levemente, como um pássaro. — Mas eu não vivo em Kansas City mais. Eu vivo aqui, em Weston.

Bem, merda.

Terças-feiras. Fodidas terças-feiras.

Eu fiz a Missa de manhã cedo para a igreja quase vazia - duas avós usando um chapéu e Rowan - e depois fui para minha corrida, catalogando mentalmente todas as coisas que eu queria ter feito hoje, incluindo montar um pacote informativo para a nossa viagem de grupo

de jovens na próxima primavera e escrever meu sermão para esta semana.

Weston é uma cidade a beira do rio, uma topografia de campos inclinados em direção ao Rio Missouri, pontuada com colinas íngremes. Correr aqui é brutal, cruel e viciante. Após as primeiras seis milhas, eu estava coberto de suor e respirando duramente, aumentando a minha música para que a voz de Britney abafasse todo o resto.

Eu dobrei a esquina para a rua principal através da cidade, as calçadas em sua maioria com pessoas navegando pelas antiguidades e lojas de arte desde que era um dia da semana. Eu só tinha de me esquivar de um casal idoso quando eu parei na estrada íngreme, os músculos das minhas coxas e panturrilha gritando. O suor escorria pelo meu pescoço, ombros e costas, meu cabelo estava encharcado, cada respiração parecia como uma punição, e o sol da manhã se certificava de que eu era recebido por ondas de calor de agosto queimando o asfalto.

Eu amei.

Tudo o resto foi para longe - a próxima restauração da igreja, os sermões que eu precisava escrever, Poppy Danforth.

Especialmente Poppy Danforth. Especialmente ela e o conhecimento que o simples ato de pensar nela me deixa duro.

Eu me odiava um pouco pelo que tinha acontecido ontem. Ela era claramente uma mulher inteligente, interessante e bem-educada, e ela tinha vindo para mim, apesar de não ser católica, por palavras de ajuda. E, em vez de a ver como um cordeiro com necessidade de orientação, eu tinha sido incapaz de me fixar em qualquer coisa diferente de sua boca enquanto falávamos.

Eu era um padre. Eu fui empossado por Deus a não reconhecer nenhum outro corpo enquanto eu vivesse - nem mesmo o meu próprio corpo, se vamos entrar nesse assunto. Então não estava bem em ter o tipo de pensamentos que eu tinha sobre Poppy.

Eu deveria ser o pastor do rebanho, não o lobo.

Não o lobo que tinha acordado esta manhã rangendo os quadris no colchão porque ele tinha tido um sonho muito intenso com Poppy e seus pecados carnavais em um papel de protagonista.

Culpa correu através de mim na memória.

Eu estou indo para o inferno, pensei. De jeito nenhum eu não vou para o inferno.

Porque tão culpado quanto eu me senti, eu não sei se eu poderia me controlar se eu a visse novamente.

Não, isso não estava certo. Eu sabia que eu poderia - mas eu não queria. Eu nem sequer quero me dar o direito de levar sua voz, corpo e histórias em minha mente.

O que era um problema. Quando eu cheguei à milha final da minha corrida, eu me perguntava o que eu diria a um paroquiano que estava na mesma situação. O que eu gostaria de oferecer como minha visão honesta sobre o que Deus iria querer.

A culpa é um sinal da sua consciência de que você se desviou do Senhor.

Confesse seu pecado a Deus abertamente e com sinceridade. Peça perdão e se esforce para superar a tentação, caso ela surja novamente.

E, por último, se retire da tentação completamente.

Eu podia ver a igreja e a casa paroquial a uma curta distância. Eu já sabia o que eu faria. Iria tomar banho e, em seguida, iria passar longas horas rezando e pedindo perdão.

E força. Sim, gostaria de pedir por isso também.

E da próxima vez que Poppy entrasse, eu teria que encontrar uma maneira de dizer a ela que eu não poderia ser seu confessor novamente. O pensamento me deixou deprimido por algum motivo, mas eu tinha sido padre tempo suficiente para saber que, por vezes, as melhores decisões eram as que apresentavam o mais curto prazo de infelicidade.

Eu parei em um cruzamento, esperando o sinal abrir, sentindo mais leve agora que eu tinha um plano a seguir. Isso tudo ficaria melhor; tudo ia ficar bem.

— Britney Spears, huh?

Aquela voz. Mesmo que eu só tivesse ouvido duas vezes, ela tinha sido marcada a ferro em minha memória.

Foi um erro, mas eu virei de qualquer maneira quando eu retirei meus fones de ouvido.

Ela estava correndo também, e pela aparência dela, ela correu tão longe como eu. Ela usava um sutiã esportivo e shorts de corrida muito, muito curtos, que *apenas* cobria sua bunda perfeita. O suor escorria de seu rosto também, e ela estava sem o batom vermelho, mas sua boca parecia ainda mais incrível sem ele, e a única coisa que me salvou de olhar avidamente para isso foi o fato de que suas coxas tonificadas, estômago e alegres peitos estavam em tal exibição.

O sangue correu na minha virilha.

Ela ainda estava sorrindo para mim e eu me lembrei de que ela tinha dito algo.

— Desculpe, o quê? — minhas palavras saíram duras, sem fôlego. Eu estremei, mas ela não pareceu se importar.

— Eu só não achei que fosse um fã de Britney Spears, — disse ela, apontando para onde o meu iphone foi amarrado ao meu bíceps e uma exibição clara da música *Oops... I Did It Again*. — Uma bem antiga de Britney, por sinal.

Se eu já não estivesse assando pelo calor e corrida, eu teria corado. Peguei meu telefone e tentei mudar sutilmente a música.

Ela riu. — Está tudo bem. Vou apenas fingir que eu vi você ouvir - o que é que homens de Deus ouvem quando eles saem? Hinos? Não, não me diga. Canção de monges.

Dei um passo mais perto e seus olhos foram em meu torso sem camisa, varrendo para baixo aonde meus shorts penduravam em meus quadris. Quando ela encontrou meus olhos novamente, seu sorriso se desvaneceu um pouco. E seus mamilos estavam duros, pequenos pontos em sua blusa de correr.

Fechei os olhos por um minuto, desejando que meu pau inchado descesse.

— Ou talvez seja totalmente o oposto, como Death metal sueco ou algo assim. Não? Death metal Estoniano? Death metal Filipino?

Tentei pensar em pensamentos não-sexys quando eu abri meus olhos. Pensei na minha avó, o tapete puído pelo altar, o sabor do vinho da comunhão.

— Você não gosta muito de mim, não é? — perguntou ela, e isso me fez voltar ao presente. Ela estava louca? Ela acha que os meus incontroláveis pau duros ao seu redor eram um sinal de desagrado?

— Você era tão bom na primeira vez que eu entrei. Mas eu sinto que eu te deixei louco de alguma forma. — ela olhou para seus pés, um movimento que só destacou quão longo e grosso seus cílios eram.

Seus *cílios* me deixaram duro. Esse foi um novo marco para mim, eu tinha que admitir.

— Você não me deixou louco, — eu disse, aliviado ao ouvir que a minha voz soou mais como normal, no controle. — Eu estou tão grato que você encontrou valor suficiente em sua experiência de voltar para a igreja. — eu estava prestes a seguir com o meu pedido dela encontrar um novo lugar para dizer suas confissões, mas ela falou antes que eu pudesse.

— Eu encontrei valor nisso, surpreendentemente. Na verdade, eu estou feliz que eu fui até você. Eu vi no site da igreja que você tem um horário de expediente apenas para conversar, e eu queria saber se eu poderia visitar algum dia? Não para uma confissão necessariamente...

Graças a Deus por isso.

— Mas, eu não sei, eu acho que para falar de outras coisas. Eu estou tentando começar uma nova fase na minha vida, mas eu continuo sentindo que algo está faltando. Como se o mundo que eu estou vivendo em alguma forma fosse achatado, saturado. E depois que eu falei com você ambas às vezes, eu me senti mais leve... Eu me pergunto se a religião é o que eu preciso - mas eu honestamente não sei se é algo que eu quero.

Sua admissão despertou o instinto sacerdotal em mim. Eu tomei uma respiração profunda, dizendo a ela algo que eu tinha dito a muitas pessoas, mas ainda significava o mesmo tanto quanto a primeira vez que eu disse. — Eu acredito em Deus, Poppy, mas eu também acredito que a espiritualidade não é para todos. Você pode encontrar o que você está procurando em uma profissão que você é apaixonada, ou em um curso, ou em uma família, ou em qualquer outra série de coisas. Ou você pode achar outra religião que você se encaixa melhor. Eu não quero que você se sinta pressionada para explorar a Igreja Católica por qualquer razão que não seja genuíno interesse ou curiosidade.

— E o que dizer de um padre quente? Isso é uma boa razão para explorar a Igreja?

Devo ter parecido horrorizado - principalmente porque suas palavras foram beliscando meu autocontrole tenso - e ela riu. O som era quase estupidamente brilhante e agradável, o tipo de riso criado para ecoar através de salões de baile ou ao lado de uma piscina nos Hamptons.

— Relaxe, — disse ela. — Eu estava brincando. Quero dizer, você é quente, mas não é a razão pela qual eu estou interessada. Pelo menos, — ela me deu outro olhar para cima e para baixo que fez a minha pele parecer como se estivesse coberta de chamas, — não é a única razão. — e então a luz mudou, e ela correu para longe com um pequeno aceno.

Eu estava tão fodido.

CAPÍTULO

TRÊS

Fui direto para casa e tomei o banho mais frio que eu poderia ter, ficando sob a água até que meus pensamentos estivessem claros e minha ereção finalmente, finalmente cedeu. Embora, se os eventos recentes eram qualquer indicação, ele iria retornar no momento em que eu visse Poppy novamente.

Ok, talvez eu não pudesse expurgar este desejo de mim mesmo, mas eu poderia exercer mais autocontrole. Sem mais fantasias. Sem mais acordar para descobrir que eu tinha fodido meu colchão sonhando com ela. E talvez falar com ela seria exatamente a coisa que eu precisava – eu a iria ver como uma pessoa, um cordeiro perdido buscando seu Deus, e não apenas como sexo sobre pernas.

Pernas perfeitas.

Eu puxei um par de calças sobre minhas cuecas boxer e coloquei uma camisa preta fresca, revirando as longas mangas até os cotovelos, como eu costumava fazer. Eu não hesitei antes de eu chegar até o colarinho. Seria um lembrete muito necessário. Um lembrete para praticar a abnegação e também um lembrete de *por que* eu pratico a abnegação em primeiro lugar.

Eu faço isso para o meu Deus.

Eu faço isso por minha paróquia.

Eu faço isso por minha irmã.

E foi por isso que Poppy Danforth era tão perturbadora. Eu queria ser o epítome da pureza sexual para minha congregação. Eu queria que eles confiassem na Igreja novamente; eu queria apagar as marcas feitas em nome de Deus pelos homens terríveis.

E eu queria alguma maneira de lembrar Lizzy sem meu coração rasgar com culpa, arrependimento e impotência.

Você sabe o quê? Eu estava fazendo uma tempestade em copo d'água. Tudo vai ficar bem. Corri a mão pelo meu cabelo, tomei uma respiração profunda. Uma mulher, não importa o quão quente, não iria

desvendar tudo o que eu considero sagrado sobre o sacerdócio. Ela não ia destruir tudo o que eu tinha trabalhado tão duro para criar.

Eu nem sempre vou para casa em minhas quintas-feiras fora, apesar de meus pais viverem a menos de uma hora de distância, mas eu fiz esta semana, mentalmente e fisicamente tenso de evitar Poppy durante minhas corridas matinais e também de tomar cerca de vinte chuviões frios sobre o espaço de dois dias.

Eu só queria ir a algum lugar - sem o colar - e jogar um pouco de *Arkham Knight* e comer a comida que minha mãe tinha feito. Eu queria tomar uma cerveja (ou seis ou sete) com o pai e ouvir meu irmão adolescente falar sobre a garota que ele estava na 'zona de amigo' este mês. Em algum lugar onde a Igreja, Poppy e o resto da minha vida fossem abafados e eu poderia apenas relaxar.

Mamãe e papai não decepcionaram. Meus outros dois irmãos estavam lá também - apesar de que todos tinham casas e vida própria - vieram pela comida da mãe e o conforto não quantificável que vem por estar em casa.

Após o jantar, Sean e Aidan chicotearam minha bunda jogando *Call of Duty* enquanto Ryan mandou uma mensagem à última garota em seu telefone, e a casa ainda cheirava à lasanha e pão de alho. Uma foto de Lizzy nos assistia de cima da televisão, uma menina bonita para sempre imortalizada em 2003 com a franja lateral, cabelo tingido de loiro e um sorriso largo que escondia todas as coisas que não sabíamos até que era tarde demais.

Olhei para a foto por um longo tempo, enquanto Sean e Aidan conversavam sobre seus trabalhos - ambos estão em investimentos - e a mãe e o pai jogavam Candy Crush em suas poltronas.

Sinto muito, Lizzy. Eu sinto muito por tudo.

Logicamente, eu sabia que não há nada que eu poderia ter feito naquela época, mas a lógica não apaga a memória de seus lábios azulados, pálidos ou os vasos sanguíneos que explodiram em seus olhos.

De andar para a garagem à procura de pilhas de lanterna e encontrar o corpo frio da minha única irmã.

A voz baixa de Sean infiltrou em meu devaneio sombrio, e eu gradualmente voltei ao momento, ouvindo o ranger de cadeira do papai e palavras de Sean.

—... só para convidados, — disse ele. — Eu ouvi rumores disso durante anos, mas não foi até que eu recebi a carta que eu pensei que era realmente real.

— Você vai? — Aidan estava falando baixinho também.

— Foda-se, sim, eu vou.

— Ir para onde? — perguntei.

— Você não se importaria, garoto padre.

— É só pra convidados ir ao Chucky Cheese¹? Eu estou tão orgulhoso de você.

Sean revirou os olhos, mas Aidan se inclinou. — Talvez Tyler devesse saber sobre isso. Ele provavelmente precisa expulsar um pouco de excesso de energia...

— É só *para convidados*, idiota, — disse Sean. — O que significa que ele não pode ir.

— É o melhor clube de stripper do mundo, — continuou Aidan, não se incomodando com o insulto de Sean. — Mas ninguém sabe como é o nome ou onde ele está, não até que você é convidado pessoalmente. O que falam é que eles não permitem que você venha até a sua anual apuração de um milhão por ano.

— Então porque é que Sean foi convidado? — perguntei. Sean, apesar de três anos mais velho do que eu, estava ainda trabalhando seu caminho através de sua firma. Ele fez um salário muito saudável (uma merda incrível, do meu ponto de vista), mas ele não estava nem perto de um milhão de dólares por ano. Ainda não.

— Porque - idiota - conheço pessoas. Estar conectado é uma forma mais confiável de moeda do que um salário.

¹ É uma cadeia de restaurante.

A voz de Aidan era um pouco alta demais quando ele falou. — Especialmente se você escolhe buce...

— *Meninos*, — papai disse automaticamente, sem olhar para cima de seu telefone. — Sua mãe está aqui.

— Desculpe, mãe, — dissemos em uníssono.

Ela assente. Mais de trinta anos com quatro rapazes a tinha feito imune a praticamente tudo.

Ryan entrou na sala murmurando alguma coisa para o pai sobre querer as chaves do carro, e Sean e Aidan se inclinaram novamente.

— Eu vou na próxima semana, — Sean confidenciou. — Eu vou te contar tudo.

Aidan, mais jovem do que eu por um par de anos e ainda muito novo no mundo dos negócios, suspirou. — Eu quero ser você quando eu crescer.

— Melhor eu do que o Sr. Celibato por aqui. Me diga, Tyler, você tem o túnel do carpo² em sua mão direita ainda?

Joguei um travesseiro em sua cabeça. — Você se voluntariou para vir me encher?

Sean se esquivou do travesseiro facilmente. — Calma, meu doce. Eu aposto que eu poderia colocar um pouco de óleo de unção para bom uso.

Eu gemi. — Você vai para o inferno.

— Tyler! — disse o pai. — Não diga a seu irmão que ele está indo para o inferno. — ele ainda não olhou para cima de seu telefone.

— Qual é a graça de todas essas noites solitárias, se você não pode condenar alguém de vez em quando, não é? — perguntou Aidan, alcançando o controle remoto.

— Você sabe, Sininho, talvez eu *devesse* encontrar uma maneira de te levar para o clube. Não há nada de errado em olhar no menu, desde que você não peça qualquer coisa, certo?

² Nervo mediano.

— Sean, eu não vou para um clube de stripper com você. Não importa quão viado isso seja.

— *Bem.* Eu acho que você e seu cartaz Santo Agostinho³ podem gastar a próxima sexta-feira à noite a sós. Mais uma vez.

Eu joguei outro travesseiro nele.

Os Irmãos Empresários saíram em torno das dez, dirigindo de volta para suas gravatas e máquinas de café expresso em casa, e Ryan ainda estava lá fora fazendo o que ele precisava do carro pra fazer. Papai estava dormindo em sua cadeira, e eu estava estirado no sofá, assistindo Jimmy Fallon e pensando sobre que filme escolher para a escola secundária no próximo mês, quando ouvi a pia correndo na cozinha.

Eu fiz uma careta. Os Irmãos Empresários e eu (e um Ryan reclamando) tínhamos limpado todos os pratos depois do jantar para que a mãe não tivesse que fazer isso. Mas quando eu me levantei para ver se eu poderia ajudar, eu vi que ela estava esfregando o aço inoxidável em círculos selvagens, vapor nublando ao seu redor.

— Mamãe?

Ela se virou e eu pude ver imediatamente que ela havia chorado. Ela me deu um sorriso rápido e, em seguida, desligou a água, limpando as lágrimas. — Desculpe, querido. Estou limpando.

Era Lizzy. Eu sabia que era. Sempre que estávamos todos juntos, toda a ninhada Bell, eu podia ver aquele olhar em seus olhos, o jeito que ela estava imaginando a mesa com mais uma cadeira, a pia com mais um conjunto de pratos sujos.

A morte de Lizzy quase me matou. Mas *havia* matado a minha mãe. E todos os dias depois disso, era como se nós mantivemos mamãe artificialmente viva com abraços, piadas e visitas agora que éramos mais velhos, mas de vez em quando, você podia ver que uma parte dela nunca tinha completamente se curado, nunca ressuscitado, e nossa igreja tinha sido uma grande parte disso, primeiro dirigindo Lizzy ao suicídio e, em seguida, virando as costas para nós quando a história veio a público.

Às vezes eu sentia como se estivesse lutando pelo lado errado. Mas quem faria melhor se eu não fizesse?

³ Era um santo teólogo.

Eu puxei a mãe em um abraço, o rosto amassado quando eu passei meus braços em torno dela. — Ela está com Deus agora, — eu murmurei, meio-padre, meio filho, um pouco de ambos. — Deus a tem, eu prometo.

— Eu sei, — ela fungou. — Eu sei. Mas às vezes eu me pergunto...

Eu sabia o que ela se perguntava. Eu me perguntei isso também, em minhas horas mais sombrias, que sinais eu perdi, o que eu deveria ter notado, todas as vezes que ela parecia prestes a me dizer alguma coisa, mas, em seguida, afundava em uma névoa de silêncio ao invés.

— Eu acho que não há jeito nenhum de nos perguntar, — eu disse calmamente. — Mas você não tem que sentir essa dor sozinha. Eu quero compartilhar com você. Eu sei que o pai iria também.

Ela assentiu com a cabeça no meu peito e ficamos assim um longo tempo, balançando suavemente juntos, ambos nossos pensamentos 12 anos atrás e em um cemitério na estrada.

Não foi até que eu estava dirigindo de volta para casa, ouvindo o meu cocktail habitual de canções do mundo moderno e Britney Spears, que fiz a ligação entre o clube de Sean e a confissão de Poppy. Ela havia mencionado um clube, mencionou que a maioria das pessoas a iria classificar como pecadora. Poderia ser isso?

Ciúme deslizou para dentro de mim, e eu me recusei a reconhecer, apertando meu queixo enquanto eu manobrava a minha caminhonete para a interestadual. Eu não me importava que Sean fosse ver este clube, este lugar onde Poppy tinha possivelmente exposto seu corpo. Não, eu não me importava.

E o ciúme não tinha nada a ver com a minha súbita decisão para a encontrar no dia seguinte e acompanhar o seu pedido de uma conversa durante as minhas horas de expediente. Era porque eu estava preocupado com ela, eu me tranquilizei. Era porque eu a queria recebê-la na nossa igreja e dar a ela conforto e orientação, porque eu sentia que ela era alguém que não era facilmente perdida, não facilmente quebrada e algo para a fazer vir em um confessionário estranho e a

fazer chorar... bem, ninguém deveria ter de suportar esse tipo de fardo sozinho.

Especialmente alguém tão sexy como Poppy.

Pare.

Não foi muito difícil encontrar Poppy novamente. Na verdade, eu fiz literalmente nada exceto passar no mesmo local na minha corrida matinal e colidir nela enquanto ela dobrava a esquina. Ela tropeçou, e eu consegui parar sua queda a fixando entre meu peito e meu braço.

— Merda, — eu disse, arrancando os fones de ouvido dos meus ouvidos. — Eu sinto muito! Você está bem?

Ela assentiu, inclinando a cabeça para cima e me dando um pequeno sorriso que me deu calafrios; era tão perfeitamente imperfeita com seus dois dentes da frente espreitando por trás de seus lábios e um brilho de suor cobrindo o rosto. Ao mesmo tempo, nós dois percebemos como estávamos de pé, com os braços em volta dela e ela apenas em um sutiã esportivo e eu sem camisa. Baixei os braços, imediatamente sentindo falta de como era estar lá. Como era estar com os peitos dela empurrados contra o meu peito nu.

No futuro: somente abraços lateralmente, eu disse a mim mesmo. Eu já estava vendo outra ducha fria no meu futuro.

Ela colocou a mão no meu peito, casualmente, inocentemente, ainda me dando aquele pequeno sorriso. — Eu teria caído se não fosse por você.

— Se não fosse por mim, você não teria estado em risco de cair.

— E ainda assim não mudaria nada. — seu toque, suas palavras, esse sorriso - ela estava *flertando*? Mas, em seguida, seu sorriso se alargou e eu vi que ela estava apenas provocando, dessa forma segura, brincalhona que as meninas fazem com seus amigos gays. Ela me via como algo seguro e por que não deveria? Eu era um homem de Deus, depois de tudo, obrigado Deus por eu ser um cuidador de seu rebanho. Claro, ela diria que ela poderia me provocar, me tocar, sem

incomodar a compostura sacerdotal. Como ela poderia saber o que suas palavras e voz faziam comigo? Como ela poderia saber que sua mão estava atualmente queimando seu contorno no meu peito?

Seus olhos cor de avelã piscaram até os meus, piscinas verdes e castanhas com curiosidade e energia inteligente, piscinas verdes e marrons que refletiam tristeza e confusão, se você pudesse olhar por tempo suficiente. Reconheci isso porque eu tinha usado tal expressão por anos após a morte de Lizzy, salvo no caso de Poppy, eu suspeitava que a pessoa que ela estava de luto - a pessoa que tinha perdido - era ela mesma.

Me deixe ajudar essa mulher, eu rezava em silêncio. *Me deixe a ajudar encontrar seu caminho*.

— Eu estou feliz que eu vi você, — eu disse, me endireitando quando sua mão caiu longe da minha pele. — Você disse no início desta semana que você queria uma conversa?

Ela assentiu com entusiasmo. — Sim, queria. Quero dizer, quero.

— Que tal no meu escritório em, digamos, meia hora?

Ela me deu uma saudação simulada. — Vejo você lá, Padre.

Eu tentei não a observar correr, eu realmente tentei, mas eu prometo que só olhei por um segundo, um infinitamente longo segundo, um segundo tempo suficiente para catalogar o brilho de suor e protetor solar em seus ombros tonificados, os movimentos de sua bunda provocadora.

Definitivamente, uma ducha fria então.

CAPÍTULO

QUATRO

Meia hora mais tarde, eu estava de volta no meu uniforme: calça preta, cinto Armani (de um terno usado de um dos Irmãos Empresários), camisa preta de mangas compridas com os punhos rolados até os cotovelos. E o meu colarinho, claro. São Agostinho olhou austeramente para fora sobre o escritório, me lembrando de que eu estava aqui para ajudar Poppy, não para sonhar com sutiãs esportivos e shorts de corrida. E eu queria estar aqui para ajudá-la. Me lembrei dela chorando suavemente no confessionário e meu peito se apertou.

Gostaria de ajudá-la mesmo que isso me matasse.

Poppy chegou um minuto mais cedo, e da forma fácil e precisa, ela entrou pela porta e me disse que ela estava acostumada a ser rápida, tomava prazer nisso, era o tipo de pessoa que nunca poderia entender por que outras pessoas não chegavam a tempo. Considerando três anos acordando às sete horas ainda não tinha me transformado em uma pessoa da manhã e mais frequentemente do que não, a Missa começava às 08h10 ao invés de 08h00.

— Oi, — ela disse quando eu indiquei uma cadeira ao meu lado. Eu tinha escolhido as duas cadeiras estofadas no canto do escritório, odiando falar com as pessoas por trás da minha mesa como se eu fosse um diretor de escola secundária. E com Poppy, eu queria ser capaz de a acalmar, a tocar se eu precisasse, mostrar a ela uma experiência de igreja mais pessoal do que do antigo jeito.

Ela afundou na cadeira, desta forma elegante, graciosa que era fodidamente hipnotizante... como assistir a uma bailarina usar chinelos ou uma gueixa derramar o chá. Ela estava usando aquele tom de batom novamente, vermelho brilhante, e estava em um par de shorts de cintura alta e uma blusa que amarrava no pescoço, parecendo mais pronta para uma viagem de iate ao sábado de que uma reunião em meu escritório sem graça. Mas seu cabelo ainda estava molhado e suas bochechas ainda tinha aquela cor após uma corrida e eu senti uma pequena onda de orgulho possessivo de ver essa mulher polida ligeiramente desvendada, que era um mau impulso. Eu empurrei isso para baixo.

— Obrigada por se encontrar comigo, — disse ela, cruzando as pernas quando ela largou a bolsa. O que não era uma bolsa, mas uma bolsa de laptop elegante, cheia de camadas de pastas coloridas. — Eu estive pensando muito sobre buscar algo assim, mas eu nunca fui religiosa antes, e parte de mim ainda meio que recusa a ideia...

— Não pense nisso como sendo religiosa, — eu aconselhei. — Eu não estou aqui para te converter. Por que não vamos apenas conversar? E talvez haja algumas atividades ou grupos aqui que combine com o que você precisa.

— E se não tiver? Você vai me referir aos Metodistas⁴?

— Eu nunca, — eu disse com gravidade simulada. — Eu sempre me refiro aos Luteranos primeiro.

Isso me rendeu outro sorriso.

— Então, como você veio parar em Kansas City?

Ela hesitou. — É uma longa história.

Eu me inclinei para trás na cadeira, pensando. — Eu tenho tempo.

— É chato, — ela advertiu.

— Meu dia é uma práxis de leis litúrgicas que datam da Idade Média. Eu posso lidar com chato. Prometo.

— Ok, bem, eu não tenho certeza por onde começar, então eu acho que eu deveria começar no início? — seu olhar deslizou até a parede de livros quando ela puxou o lábio inferior com os dentes, como se ela estivesse tentando decidir por onde começar. — Eu não sou uma fugitiva típica, — disse ela depois de um minuto. — Eu não me esgueirei pela janela quando eu tinha dezesseis anos ou roubei o carro do meu pai e fui para a praia mais próxima. Eu era obediente e filha favorita do meu pai até que eu caminhei pelo palco em Dartmouth⁵ e oficialmente recebi meu MBA. Olhei para os meus pais, e eu finalmente percebi

⁴ A Igreja Metodista é a principal expoente do metodismo, religião de fé cristã protestante, presente na maioria dos países lusófonos. O Metodismo é de origem inglesa, organizado pelo reverendo inglês John Wesley que enfatizou o estudo metódico da Bíblia, e busca a relação pessoal entre o indivíduo e Deus.

⁵ A Faculdade de Dartmouth é uma universidade estadunidense fundada em 1769, localizada na região nordeste dos Estados Unidos, na cidade de Hanover, no estado de New Hampshire. A faculdade pertence à célebre coligação acadêmica denominada Ivy League.

realmente o que eles viram quando eles olharam para mim - outra habilidade, outra folha no currículo.

— *Lá está ela, a nossa mais jovem,* — eu os poderia imaginar dizendo à família ao lado deles. — *Formada com grande honra, você sabe, e apenas nas melhores escolas. Passou os últimos três verões de voluntariado no Haiti. Ela era queridinha na Juilliard, mas é claro que ela escolheu exercer a atividade ao invés, nossa menina equilibrada.*

— Você se voluntariou no Haiti? — interrompi.

Ela assentiu com a cabeça. — Em uma instituição de caridade chamada Casa de Naissance. É um lugar para as mães haitianas rurais obterem assistência pré-natal gratuita, bem como um lugar para elas darem à luz. É o único lugar além da casa de verão em Marselha que o meu colégio interno francês veio ser remotamente útil.

Dartmouth. Marseille. Internato. Eu tinha percebido que Poppy era polida, tinha adivinhado pela menção dela sobre Newport, que ela havia conhecido privilégio e riqueza em algum momento de sua vida, mas eu podia ver agora exatamente quanto privilégio, quanta riqueza. Estudei seu rosto. Havia uma confiança prosperando lá, uma inclinação antiga em direção a etiqueta e polidez, mas também não houve pretensão, nenhum elitismo.

— Você gostou de trabalhar lá?

Seu rosto se iluminou. — Sim! É um lugar bonito, cheio de gente bonita. Eu tive que ajudar a entregar sete bebês no meu último verão lá. Dois deles eram gêmeos... eles eram tão pequenos, e a parteira me disse mais tarde que, se a mãe não tivesse chegado a tempo na Casa de Naissance, ela e os bebês quase certamente teriam morrido. A mãe até mesmo me deixou a ajudar a escolher nomes para os seus filhos. — sua expressão se tornou quase tímida e eu percebi que esta era a primeira vez que ela tinha chegado a compartilhar essa forma pura de alegria com alguém. — Eu sinto falta de lá.

Eu sorri para ela. Eu não tinha como evitar, eu raramente vi alguém tão animado com a experiência de ajudar as pessoas em necessidade.

— A ideia que a minha família tem de caridade é fazer uma arrecadação de fundos para fins políticos, — disse ela, combinando com o meu sorriso e com a ironia do dela. — Ou doar o suficiente para uma causa de animais de estimação para que eles possam tirar uma foto

com um cheque gigante. E então eles vão passar por cima de pessoas desabrigadas na cidade. É embaraçoso.

— É comum.

Ela balançou a cabeça com veemência. — Não deveria ser. Eu, pelo menos, me recuso a viver assim.

Bom para ela. Me recusei também, mas eu também tinha crescido em uma família religiosa, de voluntariado. Tinha sido fácil para mim; eu não acho que esta convicção havia chegado facilmente a ela. Eu queria a parar bem ali, em seguida, ouvir mais sobre seu tempo no Haiti, a apresentar a todas as formas que ela pudesse ajudar as pessoas aqui em St. Margaret. *Precisávamos* de pessoas como ela, pessoas que se importavam, pessoas que poderiam se oferecer e dar o seu tempo e talentos - e não apenas dinheiro. Na verdade, eu quase deixei escapar tudo isso. Eu quase caí de joelhos e lhe implorei para nos ajudar com a despesa de alimentos ou as panquecas no café da manhã que estava com falta de pessoal, porque precisávamos de sua ajuda, e (se eu estava sendo honesto) eu queria ela em tudo isso, eu a queria ver em todos os lugares.

Mas talvez isso não fosse a melhor maneira de me sentir. Eu nos guiei de volta para o tópico de mais cedo e mais seguro da conversa. — Então, você estava em sua formatura...

— A formatura. Certo. E eu percebi, olhando para os meus pais, que eu era tudo o que eles queriam. Que eles tinham me preparado. Eu era o pacote completo, bem cuidado, elegantemente destacado, roupas caras.

Ela era todas essas coisas. Ela era de fato o pacote perfeito na superfície... mas abaixo dela, eu sentia que ela era muito mais. Confusa e apaixonada, crua e criativa - um ciclone forçado em uma casca de ovo. Não é de admirar que isso a tinha quebrado.

— Eu levava a vida que tinha muitos carros, também muitas viagens e muitos almoços e eventos de gala para levantar fundos. A vida já preenchida com duas outras crianças que tinham também se formando em Dartmouth e depois se casou com colegas ricos e tiveram bebezinhos ricos. Eu estava destinada a trabalhar em algum lugar com um hall de entrada envidraçado e dirigir uma Mercedes S-Class, pelo menos até me casar, e então eu iria gradualmente escalar o meu trabalho e ampliar meu envolvimento com a caridade, até que, é claro,

eu tivesse os bebezinhos ricos para completar a retratos de família. — ela olhou para suas mãos. — Isso provavelmente soa ridículo. Como um romance de Edith Wharton moderno ou algo assim.

— Não soa ridículo, — eu assegurei a ela. — Eu sei exatamente o tipo de pessoa que você está falando. — e eu realmente sabia - eu não estava apenas dizendo isso. Eu cresci em um bairro agradável e bom - em uma escala muito menor - as mesmas atitudes tinham sido no trabalho. As famílias com as suas belas casas e suas cinco crianças que eram as primeiras na turma e também jogavam no do time do colégio, as famílias que fazia certeza que todos soubessem exatamente o quão bem sucedido sua prole saudável era.

— Eu rejeitei toda essa realidade, — ela confessou. — A vida em Wharton⁶. Eu não queria fazer isso. Eu *não* consegui *fazer*.

Claro, ela não podia. Ela estava tão farta dessa vida. Ela podia ver isso sobre si mesma? Ela podia sentir isso, mesmo que ela não pudesse ver? Porque eu mal a conhecia, e mesmo se a conhecesse, ela era o tipo de mulher que não podia viver sem significado, significado poderoso e real, em sua vida. E ela não teria encontrado o outro lado dessa fase Dartmouth.

— Eu estava de coração partido sobre Sterling, sim, — ela continuou, ainda examinando suas mãos, — mas eu também estava de coração partido sobre a minha vida... e isso ainda não tinha acontecido. Peguei o diploma falso que eles te dão antes deles te enviar o verdadeiro, desci do palco e fui diretamente para fora do campus, não ficando para terminar a cerimônia ou as fotos ou o jantar caro demais que meus pais iriam insistir que eu participasse. E então eu fui para o meu apartamento, deixei uma mensagem de voz definitiva no telefone do meu pai, recheei minhas coisas no meu carro e sai. Não haveria mais estágios para mim. Sem mais bailes de arrecadação de fundos de \$10.000. Sem mais encontros com homens que eram Sterling. Deixei essa vida pra trás - juntamente com todos os cartões de crédito do meu pai. Me recusei a tocar meu fundo fiduciário. Eu iria conseguir com meu próprio mérito, ou não.

⁶ A Wharton School da Universidade da Pensilvânia é uma escola de administração norte-americana. É conhecida tanto pelo seu rigor acadêmico quanto por ser a mais antiga escola de administração do mundo.

— Isso foi corajoso, — murmurei. Quem era esse Sterling que ela continuava a mencionar? Um ex-namorado? Um ex-amante? Ele tinha que ter sido um idiota para deixar Poppy ir, de qualquer modo.

— Corajosa ou tola, — ela riu. — Eu joguei fora uma vida de educação - educação cara. Eu suponho que meus pais ficaram devastados.

— Você supõe?

Ela suspirou. — Eu nunca falei diretamente com eles depois que eu saí. Eu ainda não fiz isso. Já se passaram três anos, e eu sei que eles ficariam furiosos...

— Você não sabe disso.

— Você não entenderia, — disse ela, suas palavras castigando, mas seu tom amigável. — Você é um *padre*, pelo amor de Deus. Aposto que seus pais estavam em êxtase quando você disse a eles.

Eu olhei para os meus pés. — Na verdade, a minha mãe chorou quando eu disse a ela, e meu pai não falou comigo durante seis meses. Eles nem sequer vieram à minha ordenação. — não era uma memória que eu gostava de reviver.

Quando eu olhei para ela, seus lábios vermelhos estavam pressionados em uma linha reta. — Isso é horrível. Soa como algo que meus pais fariam.

— Minha irmã... — eu parei e limpei minha garganta. Eu falei sobre Lizzy inúmeras vezes nos sermões, em pequenos grupos, em sessões de aconselhamento. Mas de alguma forma, explicar sua morte para Poppy era mais íntimo, mais pessoal. — Ela foi molestada pelo nosso pároco por anos. Nós nunca soubemos, nunca suspeitei...

Poppy colocou a mão sobre a minha. A ironia *dela* me confortando era bem palpável, mas, ao mesmo tempo, era bom. Me senti bem. Não havia ninguém para me confortar quando tinha acontecido; nós tínhamos estado todos em nossos mundos separados de dor. Não havia ninguém para apenas *ouvir*, como se importasse como eu me sentia sobre isso. Como ainda importa que eu *ainda* me sentia sobre isso.

— Ela se matou quando ela tinha dezenove anos, — eu continuei, como se o toque de Poppy tivesse provocado uma resposta para compartilhar que não poderia ser interrompido. — Ela deixou um

bilhete, com os nomes de outras crianças que ele tinha machucado. Fomos capazes de o deter, e ele foi levado a julgamento e condenado a dez anos de prisão.

Eu suspirei, parando um momento, porque era impossível não sentir essa raiva e tristeza guerreando no meu peito, aquecendo meu sangue. Senti uma fúria tão profunda sempre que eu pensava que o homem que eu sinceramente acreditava, era capaz de assassinato, e não importa quantas vezes eu orei para este ódio ser tirado de mim, não importa quantas vezes eu me forcei a repetir *Eu perdoo, eu te perdoo* quando eu imaginava seu rosto, isso nunca realmente foi embora, essa raiva. Esta dor.

Finalmente me recompus de novo e continuei. — As outras famílias da paróquia - eu não sei se eles não querem acreditar nisso ou foram humilhados por confiarem tanto nele, mas o que quer que fosse, eles estavam furiosos com a gente por pedir a prisão dele, furiosos com Lizzy por ser a vítima, por ter a ousadia de deixar uma nota descrevendo em detalhe a coisa doentia que tinha acontecido e o que mais estava acontecendo. Os diáconos tentaram bloquear um funeral católico e o sepultamento para ela, e até mesmo o novo sacerdote nos ignorou. Toda a família parou de ir à igreja, em seguida, - meu pai e irmãos deixaram de acreditar em Deus completamente. Só a minha mãe ainda acredita, mas ela nunca vai voltar. Além de me visitar aqui, ela não tem entrado em uma igreja desde o funeral de Lizzy.

— Mas você sim, — Poppy apontou. — Você ainda acredita.

Sua mão permaneceu na minha, quente no ar condicionado frio do escritório. — Eu não acreditei por um longo tempo, — eu admiti.

Ficamos em silêncio por um tempo, pensando sobre garotas mortas e os pais em desaprovação e tragédias que permaneciam como o cheiro de folhas velhas em uma floresta. — Então, — disse ela depois de um tempo, — Eu suponho que você sabe como é enfrentar a desaprovação de seus pais.

Eu consegui um sorriso, tentando não vacilar quando ela retirou a mão. — O que você fez depois que você saiu de Dartmouth? — perguntei, precisando falar de outra coisa, outra coisa senão Lizzy e esses dolorosos anos depois de sua morte.

— Bem, — disse ela, se deslocando na cadeira. — Eu fiz um monte de coisas. A coisa era que eu era capaz de encontrar toneladas de

trabalho sozinha, trabalho usando o meu MBA, mas como eu poderia ter certeza de que não era a minha pontuação de estágios e meu grau caro que eles queriam e não ter uma formada em Danforth em seu escritório? Depois de seis meses em um escritório de Nova York, sentindo como se DANFORTH tivesse sido tatuado na minha testa, eu saí, tão abruptamente como eu tinha deixado New Hampshire, e eu dirigi até que eu não queria dirigir mais. E foi assim que acabei em Kansas City.

Ela respirou fundo. Esperei.

— Eu nunca quis acabar no clube, — disse finalmente, sua voz baixa. — Eu pensei que talvez eu gostasse de encontrar uma pequena organização sem fins lucrativos para trabalhar ou talvez eu fizesse algo prosaico, como mesas de espera. Mas eu ouvi de um bar tender que havia um clube escondido em algum lugar nesta cidade - privado, exclusivo, discreto. E eles estavam procurando por meninas. Meninas que pareciam caras.

— Meninas como você?

Poppy não se ofendeu. Ela riu um som gutural de novo, a risada que acendeu um fogo baixo em minha barriga cada vez que eu ouvia. — Sim, meninas como eu. Meninas que pareciam certinhas. O tipo que as pessoas ricas gostam. E você sabe o quê? Foi perfeito. Eu comecei a dançar - eu não tinha dançado em qualquer lugar que não seja um evento de gala por tanto tempo. Era um lugar bastante elegante. \$500 obrigatórios só para entrar. \$750 por uma mesa, \$1000 para uma dança privada. Nada de tocar. No máximo duas bebidas. É oferecida a uma clientela muito específica, e assim eu me encontrei despindo para os mesmos homens que me teriam empregado, casado comigo, doado às instituições de caridade para animais de estimação, em outra vida. Eu amei.

— Você amou?

Menina suja.

A ideia veio do nada, sem ser convidada, mas se recusando a sair, sussurrando uma e outra vez em minha mente. *Suja, menina suja.*

Ela virou os olhos castanhos de volta para mim. — Isso é errado? Isso é um pecado? Não, não responda, eu realmente não quero saber.

— Por que você gosta? — eu estava perguntando simplesmente por curiosidade de um conselheiro, é claro. — Se você não se importa que eu pergunte.

— Por que eu me importaria? Me ofereci para te dizer, depois de tudo. — ela ajustou o short, expondo mais dessas pernas firmes. Pernas da dançarina, agora eu sabia. — Eu gostei de como me sentia. Tendo os homens me assistindo com os olhos prazerosos, querendo eu e apenas eu - não a minha educação ou o meu pedigree ou conexões da minha família. Mas ainda mais do que isso, este nível cru, primitivo, eu amei a forma como os homens responderam ao meu corpo. Eu adorava ser capaz de os deixar duros.

Eu adorava ser capaz de os deixar duros.

Minha mente quase partindo em duas - uma determinada a ver esta reunião através de graça e compaixão e a outra determinada a deixar saber o quanto ela *me* deixou duro.

Ela estava alheia à minha luta interna. — Eu adorava ver eles se tornando quase selvagens com a necessidade de me tocar, tão selvagens que eles iriam me oferecer somas astronômicas de dinheiro para voltar para casa com eles, para deixar o clube e se tornar sua amante. Mas eu nunca aceitei. Mesmo que muitos deles eram bonitos, mesmo que eu não estava em um lugar onde eu poderia fingir que o dinheiro não era objeto. Mas algo sobre isso era a antítese da minha própria natureza, e eu não poderia imaginar aceitar qualquer uma dessas ofertas. Isso não é uma ideia ridícula? Uma stripper insistindo em preservar sua virtude?

Ela não parecia esperar uma resposta e continuou. — A coisa triste era que eu estava realmente faminta por sexo quando eu estava recusando todas essas ofertas. Tenho certeza que você sabe o sentimento, Padre, como a mais leve brisa fosse suficiente para te enviar sobre o limite, como se sua pele pegasse fogo.

Deus, eu conhecia o sentimento. Eu estava sentindo isso agora. Ofereci a ela um sorriso fraco, que ela retornou.

— Eu estava pegando fogo, Padre Bell. Eu ficava molhada observando os homens se acariciando através de suas calças feitas sob medida. Nos quartos privados, eu puxava minha calcinha para o lado e deixava que eles me vissem. Eles gostavam disso, eles gostavam quando me provocavam e eu me esfregava e montava minha mão até que eu estremecia e suspirava.

Eu percebi que minhas mãos estavam agarrando os braços da cadeira muito duramente agora, e eu tentei expulsar todas as imagens que suas palavras foram se formando, mas eu não podia, e ela continuou, alheia ao meu desconforto súbito, inocentemente segura na equivocada noção de que eu era simplesmente uma entrada para informações, uma saída para o conselho, e não um homem de vinte e nove anos de idade.

— Mas não era o mesmo, me fazendo gozar, — disse ela. — Eu queria ser *fodida*, fodida e usada. Eu queria ser preenchida com o pau de alguém, eu queria ter os dedos na minha boca e na minha boceta. Na minha bunda. — ela suspirou.

Eu, por outro lado, não conseguia respirar.

— Como esse pecado é chamado? Eu sei que tem que ser um. É apenas luxúria... ou é algo pior? Que tipo de oração devo rezar para isso? E se eu não me sinto mal sobre o que eu fiz, as coisas que eu queria fazer? Mesmo agora, mesmo depois do que aconteceu no mês passado, eu ainda quero. Eu ainda me sinto sozinha, eu ainda quero ser fodida. Que é confuso como o inferno, porque eu não tenho nenhuma ideia sobre qualquer outra coisa que quero da minha vida.

Apesar de tudo, eu ainda queria responder à sua última frase, a motivação final para ela estar aqui neste escritório. Eu queria pegar a mão dela e dar a ela sugestões suaves de sabedoria, mas porra, nada sobre mim era suave agora.

Suas palavras.

Suas malditas palavras.

Tinha sido ruim o suficiente ouvir sua conversa sobre como trabalhar naquele clube, mas, em seguida, quando ela descreveu sobre se tocar, persuadindo sua buceta ao orgasmo, e eu tinha me imaginado como um daqueles empresários famintos a observando, oferecendo tudo na minha carteira só para ver essa buceta piscar e brilhar com prazer. Eu aposto que eu poderia ver isso agora, se eu quisesse. Eu a poderia segurar contra a parede e puxar para baixo aqueles shorts, chutar suas pernas abertas para que ela ficasse exposta a mim...

Não havia nenhuma maneira terrena para que eu pudesse durar mais um minuto nesta reunião.

Deus deve ter ouvido a minha oração silenciosa, porque seu telefone soou, um tom pouco estridente, e ela o tirou de sua bolsa. — Eu sinto muito, — ela murmurou quando ela atendeu a ligação.

Eu indiquei que estava tudo bem, tentando resolver o maior problema de como me levantar sem revelar o que suas palavras tinham feito comigo.

Ela terminou a ligação rapidamente. — Eu sinto muito, — ela se desculpou novamente. — Alguma coisa do trabalho surgiu e...

Eu levantei a mão. — Não se preocupe com isso. Tenho uma reunião paroquial chegando em breve, de qualquer maneira. — isso era uma mentira. A única reunião que estava prestes a acontecer era entre minha mão e meu pau. Mas provavelmente não era a coisa certa a contar para uma futura convertida (eu fiz uma nota mental para pedir perdão por essa mentira, assim como a que eu estava prestes a fazer).

— Eu, ah, eu espero te ver logo, embora.

Ela me deu um sorriso lindo quando ela se levantou e pegou sua bolsa. — Eu também. Tchau, Padre.

Eu não poderia nem mesmo esperar até que eu tinha certeza que ela estava fora da igreja. Assim que Poppy saiu, me levantei e tranquei a porta, tendo o tempo apenas para ir até a minha mesa para que eu pudesse apoiar uma mão na superfície enquanto eu me atrapalhava com o meu cinto.

Não havia tempo para se sentir culpado ou questionar meus motivos ou para qualquer coisa remotamente parecida com pensamento. Eu nem sequer puxei minha calça para baixo até o fim, só até o ponto que levou para libertar meu pau, e então eu estava me masturbando duro e rápido, nada em minha mente, além da liberação.

Eu tentei pensar em outra pessoa - qualquer pessoa - que não fosse à mulher que tinha vindo buscar o perdão e confiança de Deus. Mas a minha mente continuava vagando de volta para ela, a imaginando no clube, mas se movendo para mim e só para mim, puxando sua calcinha de lado para me mostrar o que eu mais queria.

Cristo, me ajude.

Eu senti a eletricidade tensa se construindo na minha pélvis, e eu estava empurrando na minha mão agora, desejando que eu estivesse transando com Poppy Danforth - sua boca ou seu sexo ou sua bunda,

eu não me importava - e então eu atirei tudo sobre minha mesa, pulsando e jorrando e imaginando que cada gota de mim estivesse sendo derramado sobre a sua pele branca.

Minha mão parou e minha respiração desacelerou e realidade desabou de volta para baixo. Lá estava eu, o pau na mão, gozo em todo meu calendário litúrgico sobre a mesa, e uma imagem de Santo Agostinho olhando para mim em tom de censura da parede.

Merda.

Merda.

Rapidamente eu fechei o zíper da minha calça e arranquei a folha superior do calendário e joguei fora, amassando o papel grosso e quase acusatório, e porra, o que diabos eu tinha feito?

Me sentei na cadeira e olhei para Santo Agostinho.

— Não finja que você não sabe como é, — eu murmurei. Eu preparei meus cotovelos sobre a mesa e passei as costas das minhas mãos nos meus olhos.

Poppy Danforth não iria embora. Ela morava aqui. Ela ia voltar, e eu não tinha dúvida de que tínhamos apenas arranhado a superfície de suas confissões ‘carnais’. E eu teria de ouvir sem ficar excitado como um adolescente. Mais do que ouvir, eu teria que responder com graça, empatia e compaixão quando tudo que eu seria capaz de pensar era naquela boca com os dentes ligeiramente imperfeitos.

Estrelas estavam agora dançando atrás de minhas pálpebras, mas eu não mexi minhas mãos. Eu não queria ver este escritório agora ou São Agostinho. Eu não queria ver as bordas irregulares do meu calendário ou o meu cesto de lixo recentemente preenchido.

Eu queria orar em completa escuridão. Eu não queria nada entre meus pensamentos e Deus, entre esta mulher e minha vocação. Eu queria tudo, mas meu pecado e estas explosões de estrelas arrancadas dos meus olhos.

Me desculpe, eu orei. Eu sinto muito.

Fiquei triste que eu tinha traído a confiança de uma do rebanho de Deus. Fiquei triste que eu tinha traído a santidade deste lugar e essa vocação por cobiçar alguém buscando consolo e orientação. Fiquei triste que eu ainda não tinha controlado o meu desejo por tempo suficiente

para entrar em uma ducha fria ou ir para uma corrida ou qualquer um dos outros truques que eu aprendi ao longo dos últimos três anos para abafar meus impulsos.

Na maior parte...

Principalmente, eu sinto muito que eu não me arrependo.

Droga, eu não estava arrependido.

CAPÍTULO

CINCO

— E eu que pensava que os padres só bebiam vinho na comunhão.

Minha cabeça se levantou para ver Poppy de pé na frente da minha mesa. Eu estava no pequeno café do outro lado da rua da igreja, tentando fazer sentido ao orçamento de reforma da igreja e falhando basicamente, fazendo nada exceto checando os fóruns sobre *The Walking Dead* e fazendo um estrago na oferta de café da loja.

Eu queria pensar em uma resposta espirituosa à saudação de Poppy, mas ela estava usando outro vestido - uma cor de creme vintage com mangas três-quartos e uma saia que chegava até o meio de suas coxas - e enquanto ele não estava revelando muito, ele não fez nada para esconder sua perfeita cintura fina ou as ondas suaves de seus seios. Ela estava perto o suficiente para que eu pudesse chegar e tomar seus quadris em minhas mãos e a puxar para mim; próxima o suficiente para que eu a pudesse agarrar, levantar a sua saia e depois enterrar meu rosto no céu que ela mantinha lá embaixo.

(Além disso, havia o fato perturbador de que a última vez que a vi, eu tinha acabado sujando toda minha mesa).

Felizmente, ela tomou a cadeira à minha frente antes que eu perdesse todo o controle e quebrasse os meus votos na frente de todos no café.

— No que você está trabalhando? — ela perguntou, apontando para o laptop.

Eu respirei um silencioso *agradecimento* à Deus que ela não tinha notado - ou, pelo menos, estava disposta a ignorar - a minha falta de resposta, e depois outro *obrigado* pelo tema muito seguro de planilhas de orçamento.

— Estamos trabalhando para levantar o dinheiro para reformar a igreja, — eu disse a ela. — E nós já tivemos algumas já funcionando, é apenas uma questão de alocação dos recursos nos lugares certos, depois encontramos o nosso objetivo inicial.

— Posso dar uma olhada? — perguntou ela, inclinando a cabeça em direção à tela.

Antes de eu sequer acenar com a cabeça, ela já tinha deslizado o laptop mais para o seu lado da mesa e foi folheando os meus papéis. Um pequeno sorriso vincou os cantos de sua boca vermelha, a fazendo parecer sexy, sábia e travessa, tudo ao mesmo tempo.

— O que fez você ir para a escola, Padre Bell? — ela perguntou, ainda folheando, fazendo uma pausa para clicar a cada poucos segundos.

— Antes do meu mestrado em Teologia? Línguas clássicas. *Si vis amari, a ama*⁷.

— Eu estou supondo que eles não te ensinaram muito sobre fórmulas de planilha na classe Latina.

— Eu estava normalmente ocupado em outro tipo de folhas⁸. — eu quis dizer isso como uma piada alegre, mas saiu mais baixo do que eu pretendia, mais intenso. Isso saiu como um aviso.

Não. Isso saiu como uma *promessa*.

Seus olhos castanhos brilharam para os meus, e ela prendeu a respiração quando viu meu rosto.

Porra, o que havia de errado comigo? Por que eu não poderia manter qualquer interação com ela normal e bem longe das implicações sexuais? — Você estava dizendo sobre as fórmulas?

— Hum, certo. — os olhos dela voltaram para a tela, e ela engoliu seco. Sua garganta suave mexeu com o movimento, e eu queria que a garganta se arqueasse em oferecer a mim.

Eu queria que todo o seu corpo arqueasse em oferenda a mim.

— A igreja não tem software contábil? — perguntou ela, parando para fixar uma linha de dados que eu coleí acidentalmente.

— Sim, nosso gerente de escritório faz, mas eu não sei como usar.

— Então você pode citar Sêneca⁹, mas você não pode usar Quicken¹⁰.

⁷ Se você quer ser amado, ame.

⁸ É porque saiu errado da forma que ele falou. Porque a tradução no inglês pode ser tanto folha como lençol.

— Você sabia que era Sêneca? — eu sorri. Eu não encontrei muitas pessoas que sequer sabiam quem era Sêneca, muito menos que eram capazes de reconhecer uma citação de um de seus livros.

— Meus pais pagaram um monte de dinheiro quando eu era uma menina para se certificar de que eu soubesse todos os tipos de coisas inúteis.

— Você acha que é inútil? *Scholae vitae não sed*. ‘Nós não aprendemos para a escola, mas para a vida’.

— Mas *si vis amari, ama?* ‘Se você deseja ser amada, ame?’ Tentei fazer isso uma vez. Não funcionou tão bem. — sua voz era amarga.

Eu coloquei minha mão em seu pulso. Foi puro instinto para confortar alguém que estava machucado, mas eu não tinha contado com o calor ondulado de sua mão, sobre a maneira que o meu toque enviava arrepios subindo o braço dela. Eu não tinha contado sobre quão perfeito seu pulso delicado se sentiria com meus dedos em torno dele, como se Deus tivesse feito isso com o único propósito de eu segurar.

Eu deveria soltar. Eu deveria pedir desculpas.

Mas não consegui. E eu não pude deixar de dizer: — Talvez você tenha amado a pessoa errada.

Porque quem não amaria esta criatura linda? Esta super-educada, super-sexy mulher que escorria inteligência e sensualidade? Esta mulher de pele branca e os lábios vermelhos e um cérebro construído para gerir impérios financeiros?

Ela encontrou meu olhar novamente. — Talvez você esteja certo, — ela sussurrou.

Ficamos assim por um momento, nossos olhos se encontraram, a minha mão segurando o pulso dela, e então - *posso ser perdoado* - eu corri devagar um dedo polegar ao longo do lado de baixo de seu pulso, um movimento que ninguém podia ver, mas que ela definitivamente sentida porque ela suspirou.

Porra, ela era tão suave, sua pele tão sedosa. Eu queria beijar essa parte de seu pulso, pressionar os meus lábios contra seu ponto de

⁹ Lúcio Aneu Sêneca ou Sêneca foi um dos mais célebres advogados, escritores e intelectuais do Império Romano.

¹⁰ Uma empresa que oferece programas de gestão de orçamento.

pulso, bem antes de eu amarrar uma corda em torno dela. Na verdade, eu queria levantar seu pulso da mesa antes do assobio da máquina de café expresso me trazer de volta para os meus sentidos.

O que diabos eu estava fazendo?

Eu soltei sua mão e fechei o laptop, me levantando abruptamente. — Desculpe. Não é da minha conta.

— Você é um conselheiro espiritual, — disse ela, olhando para mim. — Tudo não é da sua conta?

Eu estava muito ocupado empurrando minhas coisas na minha bolsa do laptop para responder, desesperado para sair, tentando me convencer de que estava tudo bem, estava *bem*, eu tinha acabado de confortá-la, eu tinha feito basicamente nada mais do que segurar a mão dela que eu não pensaria duas vezes antes de fazer com qualquer outro paroquiano.

Isso foi *excelente*.

Mas quando me virei, Poppy estava de pé ao meu lado com sua própria bolsa embalada. — Posso andar com você de volta para a igreja? — ela perguntou. — Minha casa é na mesma quadra.

Claro que era.

— Claro, — eu disse, esperando soar normal e não como um padre tentando lutar contra uma ereção em público. — Sem problemas.

Nós saímos para o calor intenso de maio e atravessamos a rua. O silêncio entre nós pareceu estranho, carregado com todo momento estranho que tinha acabado de acontecer, e então falei, tentando afastar as fantasias que continuaram se multiplicando na minha mente.

— Há quanto tempo você mora aqui?

— Não muito tempo, — disse ela. — Eu só fechei a casa há duas semanas, na verdade. Uma vez que o proprietário do clube que eu trabalhava descobriu que eu tinha um MBA e um monte de experiência, ele me pediu para vir como um marketing e consultora financeira, o que eu poderia fazer de casa mesmo e que paga - bem, ele paga um monte. E, em seguida, no mês passado, quando *ele* me encontrou...

Sua voz quebrou e ela olhou para a calçada, como se tivesse examinando alguma coisa. Eu não tinha certeza exatamente o que tinha perturbado ela, mas eu lhe dei um momento para se recompor.

Nós caminhamos vários metros antes dela continuar. — Então agora eu faço um bom dinheiro, trabalhando para um cara legal, e eu tenho a liberdade de começar de novo em uma cidade pequena e doce. É o que eu queria antes de Sterling vir para o clube.

Sterling. Eu reconheci esse nome da nossa conversa sobre o seu passado, e dane-se tudo se não desencadeasse um aumento ridículo de ciúmes, como se não houvesse qualquer universo em que eu estaria autorizado a me sentir possessivo por Poppy Danforth.

Chegamos à igreja.

— Foi bom te encontrar, padre, — disse ela com mais um daqueles pequenos sorrisos, quando paramos.

— Qual é a sua casa? — eu estava protelando. Eu sabia qual era, mas eu não poderia evitar. Eu precisava de apenas mais um vislumbre daqueles lábios vermelhos, mais uma palavra com aquela voz ofegante.

— Essa aqui. — ela apontou para uma casa do outro lado do parque, um bangalô confortável com uma grande árvore no jardim da frente e um jardim coberto na parte de trás. Eu seria capaz de ver da sacristia. Eu seria capaz de ver se suas luzes estavam acesas, se o carro dela estava na garagem, se ela estava se movendo por sua cozinha no início da manhã fazendo seu café.

Isso não parecia que seria uma oportunidade muito saudável para eu ter.

— Bem, se você precisar de alguma ajuda para mover móveis ao redor ou qualquer coisa...

Merda. Por que eu ofereço isso? Como se estar a sós com ela, em sua casa, fosse uma grande coisa para eu fazer.

Mas, em seguida, seu rosto se iluminou e meu estômago se contraiu com a visão. Porque ela era bonita o tempo todo além de feliz? Feliz, ela era fodidamente *radiante*.

— Isso seria incrível, — disse ela. — Eu não conheço ninguém aqui e meus amigos na cidade moram tão longe... sim, eu definitivamente vou deixar você saber se eu precisar de ajuda.

— Ok, — eu disse, ainda cativado por seu sorriso e seus olhos de repente animados. — A qualquer hora.

Ela se inclinou para frente, se empurrando na ponta dos pés, e eu não tinha ideia do que ela estava fazendo até que eu senti seu lábio imprensar suavemente contra minha bochecha. Eu congelei, cada detalhe, cada sensação gravando em minha alma, imprimindo quando ela tocou minha pele com seu batom vermelho.

— Obrigada, — ela murmurou, suas palavras e sua respiração perto da minha orelha, e então ela mordeu o lábio e se virou, caminhando em direção a sua casa.

E eu entrei na sacristia para outro banho frio de vinte minutos.

Eu estaria mentindo se eu dissesse que não estava tanto temendo quanto ansioso para as horas de confissão de segunda-feira com igual medida. Eu passei a missa no domingo procurando os bancos por Poppy, e quando eu não a vi, um breve balão de desesperança e desespero tinha subido na minha mente. Talvez ela se foi, talvez seu breve flerte com a religião havia inflamado para fora, e talvez este teste do meu autocontrole tinha acabado.

Talvez ela tivesse enjoado de mim, eu acho, e o balão se encheu de alívio.

Talvez ela tivesse enjoado de mim, eu pensei novamente, e desta vez o balão se encheu com apenas dor.

E assim, quando Rowan finalmente saiu do confessionário na segunda-feira e alguém deslizou para dentro, o balão estourou com euforia e meu pulso começou a correr (por ansiedade ou excitação, eu não sabia).

Perguntou uma voz baixa, — Padre Bell?

— Olá, Poppy, — disse eu, tentando fingir que sua voz não foi direto para o meu pau.

Ela soltou uma risada, pequena e aliviada, o som parecido com o seu sorriso de sexta-feira, a forma como ela sorriu para mim quando eu tinha oferecido para ajudá-la a arrumar a sua casa.

— Eu não sei o que eu esperava. É apenas - parece bom demais para ser verdade, às vezes. Deixei Kansas City à procura de um novo começo, algum significado na minha vida sem sentido, e em seguida, aqui está este padre incrivelmente bonito, praticamente no meu quintal, disposto a ouvir todos os meus problemas.

— É o meu trabalho, — eu disse com a voz rouca, tentando ignorar o choque de felicidade que veio quando ela me chamou de bonito. — Estou aqui para todos.

— Sim, eu sei. Mas agora, ‘todos’ me inclui e eu não posso te dizer o quanto sou grata por isso.

Diga a ela que você não pode fazer isso, a minha consciência exigiu, pensando no outro dia no meu escritório. Ajude ela a encontrar alguém - qualquer outra pessoa - para confessar.

Sim. Eu deveria fazer isso. Porque ela estava deixando claro que ela confiava em mim, tudo isso enquanto eu estava traindo essa confiança uma e outra vez em minha mente. (Em um monte de posições diferentes. Em cada superfície de minha casa).

Mas, assim quando eu resolvi fazer um sacrifício proverbial e dizer a ela como tinha que ser, ela disse, — Você está pronto? — e, em seguida, nenhuma outra palavra me veio à mente, exceto:

— Sim.

POPPY

*As coisas continuaram assim durante cerca de um ano e meio. Entre ajudar Mark com o fim do negócio e a dança, eu estava fazendo quase tanto dinheiro quanto eu teria em um desses escritórios em Nova York. Eu adorava ter começado a dançar, **adorava**. Mesmo não sendo balé ou jazz, ainda era o meu corpo, ritmo e música. E eu amei o quanto o sexo estava no trabalho - mesmo que ninguém*

estava **fazendo sexo** lá, ele ainda estava em toda parte, esta névoa de desejo, e eu não poderia conseguir o suficiente disso.

Mas eu estava sozinha. Os homens no clube continuavam implorando para me levar para casa, oferecendo muito mais do que uma noite, oferecendo coberturas, iates e bolsas, mas eu me recusei a ser uma amante. Eu posso amar o sexo, mas eu também tenho uma mente e uma alma. Eu quero ter um marido um dia e filhos e netos e toda a coisa... Eu não podia suportar ter qualquer substituto para isso, não importa o quão bom isso pode me fazer sentir temporariamente.

Mas a compensação para a minha autoestima era uma cama fria e um vibrador velho e ele estava começando a se desgastar. Para não mencionar todas as coisas que acabamos de falar - o marido e os filhos e tudo isso. Eu comecei a sentir falta da minha vida antiga. Não a monotonia ou a hipocrisia, mas a garantia, pelo menos. Se eu tivesse ficado, eu nunca estaria sozinha. Eu estaria casada por agora, possivelmente grávida. E se eu tivesse tomado a decisão errada? E se eu tinha arruinado minhas chances de ter uma vida feliz, porque convenhamos, que homem vai se casar com uma stripper - não importa de onde ela veio ou quem ela é?

E isso foi quando Sterling veio para o clube.

Sterling Haverford III. Sim, eu sei que é um nome ridículo, mas de onde viemos isso era natural (especialmente se sua propriedade tinha o seu próprio campo de golfe).

Eu estava escrevendo como Sra. Sterling Haverford em meus diários desde que eu conseguia me lembrar. Ele foi meu primeiro beijo, meu primeiro cigarro, o meu primeiro orgasmo. Claro, eu sei agora que eu não fui a sua primeira coisa, e que, mesmo enquanto ele estava namorando comigo, ele estava transando com outras garotas. Mas, na época, eu estava convencida de que iríamos conseguir nos casar. Que ele me amava.

Eu estava convencida de que certamente até meus pais receberam o convite para o casamento dele. Com Penélope fodida Middleton.

Nós íamos do frio ao quente, com certeza, mas eu pensei que era a distância e como eu era dedicada à escola e caridade, e foda-se, eu estou chorando agora, eu sinto muito. Não estou nem mesmo triste com isso, eu só estou **chateada** por eu ter dado tanto tempo a este imbecil, e depois,

quando eu estava me sentindo tão para baixo a respeito de tudo, ele teve a coragem de aparecer no clube.

Presumi que ele estava na cidade para uma reunião de negócios e que, talvez, um potencial cliente lhe tinha trazido ao clube para uma diversão adicional - não um cenário incomum onde eu trabalhava, especialmente quando ele veio para os quartos privados. E de todas as garotas que poderiam ter sido úteis naquele quarto especial naquela noite, essa era eu.

Era muita zoação.

Eu estava usando saltos de quinze centímetros e uma peruca azul brilhante e ele ainda me reconheceu no momento em que entrei, assim como eu o tinha reconhecido a partir de um vislumbre de seu perfil que era ele.

— Jesus Cristo, — disse ele, suas palavras transbordando uma melodia venenosa sobre a música pulsante. — É realmente você?

Eu parei na porta, sem ter ideia do que diabos fazer. Eu sabia que podia ir encontrar Marcos, explicar para ele que eu conhecia o cliente e não poderia dançar para ele - Mark iria entender. Mas, mesmo três anos após ele ter me largado via convite de casamento com outra garota, eu ainda não conseguia me forçar a ir embora. Ou parar de ouvir quando ele começou a falar.

*Ele disse que não podia acreditar - todos pensavam que eu tinha fugido para a Europa ou que eu estava em algum lugar exótico e todo esse tempo eu tinha estado aqui. Ele gesticulou para mim, para indicar o que vinha junto com **isso**, à dança e a alegada desgraça, mas eu vi o momento em que ele terminou de fazer o seu ponto, o momento em que suas pupilas dilataram e ele deu uma olhada no meu corpo quase nu.*

*Ele tinha casado com a fodida Penélope, mas ele estava aqui e ele estava aqui para **mim**, e foda-se tudo, eu queria isso. Aquele momento em que ele me escolheu por ela. Não importa o quão errado era.*

— Vamos entrar, — disse ele, e eu fiz.

Será que Deus vai me perdoar por isso? Porque eu poderia ter ido embora. Sem quaisquer consequências. Eu poderia ter encontrado outra menina e deixado o clube sem outro momento gasto com Sterling Haverford III. Mas, no fundo, eu queria ficar. Lá no fundo, eu queria o que eu sabia que aconteceria se eu ficasse.

Fechei a porta atrás de mim e cruzei os braços, e então disse a ele exatamente o quão idiota ele era. Para seu crédito, ele não negou.

Ele me pediu para me aproximar. Era uma ordem, e Deus me ajude, eu sempre respondi aos comandos. Fui até ele, e ele passou a mão nas minhas costas descendo até onde minha saia terminava logo abaixo da minha bunda. Seu anel de casamento brilhava na baixa luz de néon do quarto. Seu anel de casamento fodido do seu fodido casamento com Penélope fodida Middleton.

Tentei recuar, mas ele estendeu a mão e agarrou meu braço.

E então ele disse: — Você sabe por que eu não me casei com você, Poppy? — ele estava acariciando o interior da minha coxa e eu não poderia evitar e dei um pequeno passo para o lado, só para abrir as minhas pernas um pouco mais.

Ele sorriu e continuou. — Não é porque eu não queria me casar com um Danforth. Deus sabe que com sua família e seu dinheiro e os seus cérebros, você teria sido a esposa perfeita. Mas nós dois sabemos melhor, não é, Poppy?

Seus dedos finalmente encontraram o que estavam procurando, o laço da minha calcinha, e ele fechou os dedos ao redor do tecido e rasgou, o material frágil abrindo facilmente, concedendo-lhe o acesso a minha buceta.

— No fundo, — disse ele, continuando seu pensamento, me tocando, me tocando tanto agora, — no fundo, nós dois sabemos que você é uma pequena vagabunda. Sim, com um fundo perfeito e uma educação perfeita, mas você foi feita para ser uma prostituta, Poppy, não uma mulher.

Eu disse a ele para ir se foder, e então ele disse: — Você acha que eu só apareci aqui acidentalmente? Eu estive procurando por você há três anos. Você é minha ou você esqueceu?

Como eu poderia ser dele quando ele tinha uma porra de mulher? Perguntei isso a ele.

E ele respondeu que ele não dava a mínima para ela - o que provavelmente é a verdade. Mas ele me disse que se casou com ela porque ele precisava de alguém boa, alguém que ele não iria se preocupar com seus clientes quererem foder.

*E então ele disse que não era eu. Disse que eu gritava sexo com meus seios e minha boca, e eu não só sempre queria isso, mas eu sempre **parecia** querer. E ele não poderia ter isso no precioso retrato de família Haverford.*

*A pior coisa era que eu sabia que ele não estava dizendo isso como um insulto. Esses eram apenas fatos. Pessoas como nós não deveriam ser assim. Nós deveríamos ser reservados e frios. Finos e tranquilos. Sexo era ou uma necessidade ou um caso calculado. E agora Sterling queria que **eu** fosse seu caso calculado. Eu o amava e ele queria me manter como sua amante presa como um animal de estimação em uma caixa que não tinha lugar para o amor real ou um futuro real.*

Mas enquanto eu estava pensando em tudo isso, ele foi desabotoando a si mesmo, e ele estava tão duro, tão malditamente duro, e eu não podia evitar - eu sabia que ele era casado, eu sabia que ele era um idiota, mas já tinha passado tanto tempo, muito tempo, e eu o tinha amado uma vez...

Você está me julgando agora, Padre Bell? Você está pensando sobre quão vadia idiota eu sou? Eu sei que você não está, você não é como Sterling e eu. As palavras 'bunda' e 'cadela' provavelmente nunca sequer saíram de sua boca na mesma frase. Mas eu estava pensando nisso, assim como eu estou pensando agora. Eu fui idiota. Mas eu também estava só e de coração partido e molhada pra caralho, tanto que estava escorrendo pelas minhas coxas.

*Então eu o deixei foder. Porque ele estava certo, eu **gosto** disso, **eu** sempre quero. E quando ele bateu em mim uma e outra vez, eu disse a ele para me dizer a fantasia, essa vida que ele estava me oferecendo. E ele fez, maldito seja, e tudo parecia tão perfeito, essas mentiras vindas da boca desse homem de negócios. Ele me contou sobre as tardes preguiçosas que nós passaríamos juntos, os restaurantes caros que ele me levaria, os orgasmos que ele me daria em cima de lençóis de algodão egípcio. Ele me contou sobre as flores, joias e férias em Bora Bora e carros caros e tudo o mais que preencheria a nossa vida ilícita junta, tudo isso enquanto eu me aterrava em seu pau, me aterrava para o melhor orgasmo que eu tive desde a faculdade.*

Ele estava xingando neste ponto, me dobrando sobre o banco e dirigindo em mim por trás, enquanto ele apertava meu rosto contra o couro e eu senti o metal frio de seu anel de casamento contra o meu quadril. Era degradante e terrível e eu gozei quase imediatamente.

E então eu gozei novamente.

CAPÍTULO

SEIS

— E esse é o meu verdadeiro pecado, — Poppy terminou. — Essa é a minha verdadeira vergonha. Eu não consigo dormir à noite sabendo que eu o deixei, me deixei, — ela parou e houve um momento de silêncio que eu não interrompi, tanto por respeito a ela e também porque eu não confiava em minha voz. Sua confissão tinha sido tão crua - detalhada pra caralho - e eu estava cheio de raiva por este idiota Sterling e tristeza por ela e também um ciúme feroz e inabalável de que apenas algumas semanas atrás ele esteve dentro dela e ele não merecia isso, nem um pouco.

Mas, principalmente, eu estava tão duro que eu não conseguia pensar direito.

— Me deixei gozar, — disse ela, finalmente, em voz baixa, triste. — Ele é um homem casado e ele me traiu durante anos e ele não estava nem mesmo *arrependido* e eu ainda não só transei com ele, mas eu gozei. Eu gozei duas vezes. Que importa se eu o fiz sair logo depois que aconteceu? Que tipo de garota ainda faz isso?

Eu precisava dizer alguma coisa, precisava a ajudar, mas porra, era tão difícil se concentrar em outra coisa senão a imagem de seu rosto pressionado no assento enquanto ela engasgava através de orgasmos múltiplos. Eu estava indo para o inferno por pensar isso, especialmente porque eu queria dar um soco na traqueia de Sterling por agir assim com ela, mas era quase insuportavelmente sexy que esses tipos de coisas ásperas são para ela. Porque isso me excita também e já tinha passado tanto tempo desde que eu tinha tido uma mulher gemendo sob o meu toque...

Você não é melhor do que ele, eu me castigo. Se recomponha. Sentimentos, foco em seus sentimentos. — Como você se sentiu?

— Como eu me senti? Me senti incrível. Como se ele estivesse me dizendo algo dentro para fora, e quando ele gozou dentro de mim, parecia que ele estava me marcando como sua propriedade, e foi o seu clímax que me fez gozar novamente. Eu não posso evitar - um cara que

goza é o que existe de mais quente, especialmente quando eu posso sentir isso dentro de mim ...

Minha cabeça caiu para trás contra a madeira do confessionário com um *baque* audível. — Eu quis dizer, — eu disse em uma voz estrangulada, — como se sentiu *emocionalmente*?

— Oh, — e, em seguida, um pequeno riso ofegante, e, então, foda-se, eu iria para o inferno, porque eu não podia deixar de me esfregar agora. Eu estava tão duro que eu podia sentir cada cume e declive de mim mesmo através das minhas calças. Minha outra mão brincava com meu zíper enquanto eu acariciava, tentando manter minha respiração em silêncio. Poderia me descompactar calmamente o suficiente para que ela não fosse ouvir? Eu poderia me masturbar aqui mesmo no confessionário sem ela saber?

Porque de jeito nenhum eu poderia viver sem isso neste momento. Suas palavras foram esculpidas em minha mente, e elas estariam lá para sempre.

— Eu acho que isso me fez sentir como se Sterling estivesse certo. Eu sou uma puta, não sou? Eu tinha um baile de debutantes e minha família foi listada no Registro Social e tenho troféus de montaria - mas isso não muda quem eu sou por dentro. Eu acho que no fundo, eu sempre soube que Sterling não me amava de verdade, mas eu estava disposta a aceitar o sexo em vez de amor, porque eu queria isso tanto quanto eu queria o romance, e que mulher pensa assim, padre? Que eu prefiro ter sexo sem amor a não têm ter o sexo? Então, o que eu faço agora? Como faço para carregar a vergonha de tudo isso e, ao mesmo tempo saber que é uma parte fundamental de quem eu sou?

Vergonha. Sim, eu conhecia esse sentimento; eu estava sentindo isso agora, na verdade. Forcei minhas mãos para minhas coxas, bem longe da minha ereção. *Se concentre*, eu disse a mim mesmo. *E quando você estiver sozinho, você pode cuidar do seu... problema.*

— Deus nos criou como seres sexuais, Poppy, — eu disse, desejando que minhas palavras soassem mais reconfortantes do que elas fizeram. Com a minha voz embargada e respiração mal controlada, isso soou como uma ameaça obscura. Uma ameaça obscura eminente.

— Então ele me fez muito sexual, — ela sussurrou. — Mesmo agora, eu...

Mas ela parou.

— Mesmo agora, o quê? — e eu estava usando aquela voz de novo, e não havia dúvida do perigo agora.

Eu a podia ouvir se deslocando em seu assento. — Eu deveria ir, — disse ela. A ouvi estendendo a mão para a bolsa e, em seguida, a porta abrindo, mas eu estava fora do confessionário e do lado dela em um instante, de pé ali quando a porta se abriu. Eu travei minhas mãos em ambos os lados da porta (o que diabos eu estava *fazendo?*). Bloqueando sua fuga, porque eu tinha que saber, eu tinha que saber o que ela ia dizer, e se eu não soubesse, eu iria enlouquecer.

Ela olhou para mim pairando sobre ela, seus olhos castanhos alargados. — Oh, — ela respirava. Olhamos um para o outro por um momento.

Isso poderia ter terminado ali. Deveria, mesmo com seu batom vermelho e os olhos brilhantes e os mamilos em pequenos pontos apertados sob a blusa de seda fina que ela usava. Mesmo com os meus ombros largos bloqueando a porta do confessionário, mesmo com a onda de poder, satisfação e desejo que veio correndo pelo meu corpo contra uma mulher de forma tão primordial, dominador.

Eu teria parado, eu juro.

Mas então ela mordeu o lábio, esses ligeiramente grandes demais dentes cavando em seu lábio inferior cheio, esses dentes brancos nítidos mordendo esse lábio vermelho, e, em seguida, ela esfregou suas coxas juntas, um pequeno ruído vindo de algum lugar na parte de trás de sua garganta.

Eu parei de ver uma penitente.

Eu parei de ver um filho de Deus.

Eu parei de ver um cordeiro perdido na necessidade de um pastor.

Vi apenas uma mulher em necessidade - madura deliciosa necessidade.

Eu dei um passo para trás, respirando fundo, alguma parte valente de minha consciência tentando piscar de volta e ela deu um passo hesitante para fora do confessionário, os olhos ainda presos aos meus. Eu a deixei passar por mim, mas não foi porque eu queria que

ela saísse ou porque eu queria essa tentação chegasse ao fim. Não, era mais como se eu estivesse dando a ela uma última chance de escapar, e se ela não fizesse isso, então que Jesus a ajude, porque eu tinha que tocá-la, eu tinha que prova-la e tinha que ser agora, porra.

Ela recuou alguns passos até que ela bateu contra o piano de cauda abaixo da plataforma de coro. Ela ainda não falou, mas ela não precisava, porque eu poderia ler cada tremor dela, cada respiração, cada suspiro. Seus dentes ainda mordiam o lábio inferior e *eu* queria morder tanto esse lábio, mordê-lo com tanta força que ela iria gritar.

Eu avançava para ela, e ela assistiu cada passo meu com uma fome que era palpável, era opressivo, era feroz.

— Se vire, — eu pedi a ela, e foda-se se ela não obedeceu imediatamente, se virando e apoiando as mãos contra a borda da madeira preta. Ela ainda estava esfregando as coxas quando cheguei ao piano e fiquei diretamente atrás dela. Eu corri meu dedo indicador em seu ombro, sentindo cada polegada da pele em seu braço. — Agora, o que você ia dizer no confessionário? — perguntei a ela em voz baixa. — E se lembre de que a mentira é um pecado.

Ela estremeceu. — Eu não posso dizer isso. Não aqui. Não para você.

Minha mão alcançou seu ombro. Ela usava o cabelo em um coque solto, expondo a nuca de marfim de seu pescoço, e eu o acariciava agora, querendo devorar cada tremor, cada respiração engatada. E então eu coloquei a palma da minha mão no espaço entre os ombros e a empurrei para baixo contra o piano, de modo que ela estava curvada, o lado de seu rosto pressionado contra a madeira lustrosa. Ela era tão pequena que ela tinha que ficar na ponta dos pés, suas sapatilhas de couro puxando livre de seus pés, seus músculos da panturrilha travados em bolas apertadas.

Ela usava uma saia de cintura alta e uma vez que ela estava curvada, a fenda subiu alto o suficiente para expor uma visão estreita de carne rosa.

— Poppy, — eu disse perigosamente, — você veio aqui sem calcinha?

Minha mão ainda estava nela, meus dedos descansando contra seu pescoço e ela balançou a cabeça.

— Isso foi de propósito?

Uma pausa. Em seguida, outro aceno.

Sua voz ressoou na igreja e ela aproveitou a sensação da minha mão batendo na bunda dela. Em seguida, ela gemeu e empurrou sua bunda para mais perto.

Eu não a bati novamente, embora Deus sabe que eu queria. Em vez disso, eu passei a mão de seu ombro até o quadril, sentindo a curva do seu seio, onde estava pressionado contra o piano, a curva de sua cintura, o inchaço firme de sua bunda. E então eu repeti a ação com as duas mãos, desta vez, deixando minhas mãos derivarem até a bainha de sua saia. Ela respirou fundo, e então eu abruptamente puxei até sua cintura.

Me ajoelhei atrás dela e abri suas pernas, abrindo para que sua buceta estivesse gloriosamente nua para mim. — Meu cordeirinho, — eu sussurrei. — Você está muito, muito molhada agora.

Ela estava úmida em quase todas as partes dela. Sua buceta não estava apenas molhada - ela estava fodidamente *tremendo*, rosa, macia e trêmula bem na frente do meu rosto.

Eu agarrei sua bunda em minhas mãos e meus dedos cavaram, me inclinando para que a minha respiração fizesse cócegas em sua pele sensível.

Ela choramingou.

— Isso é tão errado, — eu disse, movendo minha boca ainda mais perto. Eu podia sentir o cheiro dela, e ela cheirava como o céu, como sabão, pele e o aroma feminino delicado que todo homem anseia. — Mas apenas provar, — eu murmurei, falando mais para mim do que para ela agora. — Deus não iria me punir por apenas provar.

Eu segui meu caminho de seu clitóris para sua buceta com a minha língua e (me perdoe, meu Deus), mas nenhum vinho da comunhão tinha o sabor mais doce do que isso, e só provar não seria suficiente.

— Por favor, — eu sussurrei contra sua pele, — apenas mais um pouco. — eu corri minha língua contra seu clitóris e a provei de novo, meu pau agora tão duro que doía.

Ela gritou contra a madeira do piano, e eu quase morri, porque esses ruídos e esse *fodido* gosto. Eu mergulhei nela como um homem possuído, meus dedos cavando suas nádegas para mantê-la aberta para o meu assalto. Eu a peguei com a minha língua, meus lábios e os dentes, *comendo* ela, comendo ela como um homem faminto. Seu sexo era exatamente tão perfeito como eu tinha imaginado todas as noites em meus chuveiros gelados, nessa hora eu explodi pensando em fazer exatamente isso.

Ela *gozaria*, eu decidi naquele momento. Gostaria de a fazer gozar em minha cara, e apenas o pensamento fez minhas bolas apertarem e meu pau sacudiu na minha calça. Era uma possibilidade muito real de eu acabar gozando sem sequer tocar meu pau.

Eu deixei um dedo derivar ao longo de sua buceta e então eu deslizei para dentro, a empurrando para baixo para encontrar seu ponto suave e a empurrar sobre o limite. Ela estava descaradamente moendo de volta na minha cara agora, suas unhas arranhando contra a madeira do piano, pequenos suspiros e gemidos saindo de sua garganta.

Tudo que eu podia fazer era respirar e provar dela, e então eu olhei para cima e vi o crucifixo na frente da igreja - um Deus pendurado e agonizando em sacrifício - e meu coração balançou. O que diabos eu estava fazendo? Qualquer um podia entrar, agora, entrar pela porta da frente, e ver seu sacerdote com uma mulher curvada sobre o piano, ajoelhado como se estivesse orando em sua buceta, ajoelhado e com o rosto enterrado na bunda dela.

O que eles pensariam? Depois que eu tinha trabalhado tanto para reparar a mágoa desta cidade, depois que eu finalmente ajudei a comunidade voltar a confiar na Igreja novamente?

E mais do que isso - o que acontece com o meu voto? Um voto que eu tinha feito antes da minha família e Deus? O que um juramento significa para mim se apenas três anos depois de jurar castidade, eu estava empurrando minha língua na molhada buceta de uma mulher?

Mas então Poppy gozou, ela chorou o mais belo hino que eu já ouvi na minha vida, e tudo o mais desapareceu, exceto ela, seu cheiro, seu sabor e a sensação dela apertando em volta do meu dedo.

Relutantemente, eu recuei, querendo mais um orgasmo dela, querendo enterrar meu rosto em sua bunda novamente, mas sabendo

que eu não podia, eu não deveria, e então eu levantei e a vi olhando por cima do ombro como se eu fosse a coisa mais maravilhosa que ela já tinha visto.

— Ninguém nunca fez isso comigo antes, — ela sussurrou.

Receber uma lambida em uma igreja? Se inclinar sobre um piano e ser lambida até que ela não pudesse suportar mais?

Minhas sobrancelhas se juntaram, e ela respondeu à minha pergunta silenciosa. — Ninguém nunca me fez gozar com a boca antes, eu quero dizer, — disse ela. Havia ainda um rubor sobre seu rosto, se arrastando pelo seu pescoço.

Não entendi. — Nenhum homem jamais foi aí embaixo em você?

Ela balançou a cabeça e, em seguida, fechou os olhos. — Isso foi tão bom.

Fiquei chocado. Como ela poderia nunca ter recebido um oral?

— Isso é uma vergonha, cordeirinho, — eu disse, e eu não podia me parar, eu pressionei minha ereção coberta em sua bunda. — Ninguém cuidou de você corretamente antes. — eu deixei cair uma mão para baixo para encontrar seu clitóris novamente, gemendo interiormente quando eu achei que ele ainda inchado, quente de necessidade. — Mas eu não vou mentir. Me deixa duro pra caralho saber que eu fui o primeiro homem a te provar.

Eu ouvi as palavras que eu disse e de repente a realidade bateu de volta para mim.

O que diabos eu estava fazendo? Que porra é essa que eu tinha feito?

E por que eu fiz isso aqui, de todos os lugares?

Eu dei um passo para trás, respirando com dificuldade, nenhum pensamento em minha mente que não seja me afastar, ir para outro lugar, antes de eu ser derrubado pela culpa e arrependimento.

Poppy se virou, a saia ainda em torno de sua cintura, seus olhos piscando. — Não se atreva, — disse ela. — Não se atreva a jogar isso em mim agora.

— Sinto muito, — eu disse. — Eu... eu não posso.

— Você pode, — ela disse, dando um passo a frente. Ela pressionou a palma da mão para a minha ereção, e eu olhei para baixo para vê-la desafiando meu cinto.

— Eu não posso, — eu repeti, ainda observando enquanto ela tirava meu pau. No momento em que seus dedos roçaram minha pele nua, eu queria morrer, porque eu não tinha exagerado o quão bom isso era nas minhas lembranças e as minhas fantasias, não, eu não tinha.

— Você é um bom sacerdote, Padre Bell, — ela disse, sua mão se movendo para baixo para explorar mais, me pegando. — Mas você também é um bom homem. E um bom homem não merece um pouco de indulgência de vez em quando?

Ela me segurou mais apertado, começou a acariciar de verdade agora. Observei sua mão se movendo para cima e para baixo em meu eixo como um homem hipnotizado. — Nós não vamos ter relações sexuais, — ela prometeu. — Nada de sexo, e então isso não é realmente quebrar todas as regras, certo?

— Você está equivocada agora, — eu disse asperamente, fechando os olhos contra a visão dela bombeando meu pau.

— Então, sobre a outra confissão, — disse ela, arrastando as unhas da minha pélvis ao meu umbigo, fazendo meus abs apertar. — Após o primeiro dia que eu falei com você, eu pesquisei sobre você online. Eu não conseguia parar de pensar em sua voz, como se eu ainda pudesse ouvir isso de uma maneira ecoando em minha mente. E então eu vi sua foto no site e você parecia... bem, você sabe como você se parece. Essa foi a primeira vez que eu saí pensando em você.

— Você tocou a si mesmo pensando em mim? — o último vestígio remanescente de meu autocontrole desgastado, ameaçando ir embora.

— Mais de uma vez, — ela admitiu, ainda correndo os dedos sobre o meu abs debaixo da minha camisa. — Porque ver seu corpo pela primeira vez quando nos esbarramos na corrida... e, em seguida, seu rosto a última vez que conversamos. Deus, seu rosto, era tão malditamente escuro, como se quisesse me devorar ali mesmo... Eu tive que me foder três vezes antes que eu pudesse me concentrar em qualquer outra coisa.

Nenhuma autodisciplina sequer permaneceu e tudo o que restava era um macho - não Tyler, não Padre Bell - mas algo mais primitivo e mais exigente.

— Me mostre, — eu pedi.

— O quê?

— Se deite neste altar, afaste as pernas e me mostre como é quando você se fode pensando em mim.

Sua boca se separou e suas bochechas ficaram avermelhadas e, em seguida, ela estava deitada no tapete, com a mão em sua buceta. Eu estava sobre ela, masturbando meu pau, cedendo a tudo, contanto que terminasse nela coberta com meu clímax.

— Por que você não usou calcinha hoje? — perguntei, observando ela fazer círculos em torno de seu clitóris.

— A última vez, quando conversamos, eu fiquei tão quente falando com você. Eu pensei que se isso acontecesse novamente hoje, seria mais fácil se eu não estivesse usando calcinha. Para... cuidar disso. E foi mais fácil.

Eu me ajoelhei entre suas pernas e, em seguida, tomei seus pulsos finos na minha mão. Me estendi sobre ela, prendendo seus pulsos para cima de sua cabeça, meu pau roçando sua buceta e sua saia para cima. — Você está me dizendo, — eu perguntei, — que você estava se masturbando no confessionário ao meu lado?

Ela assentiu com medo. — Você me deixa tão molhada, — disse ela. — Eu não aguento isso.

Levou tudo que eu tinha para não enfiar dentro dela ali mesmo. Toda vez que eu balançava meus quadris, meu pau deslizava contra suas dobras, e elas eram tão *quentes*. Tão *molhadas*.

Abaixei minha cabeça, enterrando meu rosto em seu pescoço. Ela cheirava a pele limpa e uma simples sugestão de um perfume de lavanda - algo que provavelmente custava mais do que o que eu fazia em um mês. Por alguma razão, este excesso, esta possível decadência, alimentou a minha necessidade de despedaçá-la. Mordi seu pescoço, clavícula, marquei seus ombros com os meus dentes, tudo isso enquanto eu triturava meu pau contra o clitóris e agarrei seu peito, a conduzindo a um segundo orgasmo como se eu a estivesse punindo com prazer. A castigando por aparecer aqui e destruir minha vida cuidadosamente construída como se fosse um castelo de cartas.

Ela se contorceu debaixo de mim, ofegante, as mãos flexionando inutilmente contra o chão enquanto eu a mantinha presa lá com apenas uma mão. Ela estava tão molhada, seria tão fácil, apenas uma ligeira alteração no ângulo, e então eu poderia entrar.

Eu queria. Eu queria, eu queria, eu queria. Eu queria transar com essa mulher mais do que eu quis algo na minha vida. E perversamente, o fato de que eu não podia, que seria errado em cada nível único - moral, profissional, pessoal - tornou isso ainda mais quente. Isso fez a imagem, o sentimento imaginado disso, um único ponto brilhante de obsessão, até que eu estava estupidamente no cio contra ela, sugando e a mordiscando como se eu pudesse queimar essa necessidade, devorando cada polegada de sua pele.

— Oh Deus, — ela sussurrou. — Eu vou gozar - *oh, Deus...*

Eu teria me açoitado todos os dias para o resto da minha vida se eu pudesse estar dentro dela, sentindo o aperto no meu pau, sentindo suas convulsões trêmulas de dentro para fora. Mas estar em cima dela era quase tão bom, porque eu sentia cada apreensão, respiração apertar, cada batida selvagem de seus quadris, e quando encontrei com seus olhos, eles eram ferozes e penetrantes, mas também surpresos, como se ela tivesse recebido um presente inesperado e não tinha certeza se ela deveria ser grata ou suspeita.

Mas antes que eu pudesse aprofundar ainda mais esse olhar, ela arqueou as costas e destituiu o meu equilíbrio, me inclinando para que eu rolasse para minhas costas e ela estava em cima de mim.

Sem hesitar, ela puxou a minha camisa para que ela pudesse ver o meu estômago, e não passou despercebida a forma como sua mandíbula apertou e seus olhos queimaram. Ela arranhou meu estômago - duramente - como se estivesse furiosa por ele ser firme e musculoso, como se tivesse excitada pelo que ela viu a diante. (E eu estaria mentindo se eu dissesse que não isso não *me* excitou, porra).

Ela se sentou em mim, sua buceta escorregadia correndo contra a parte inferior do meu pau, e então ela começou a me acariciar dessa forma, como se ela estivesse me masturbando com sua buceta. Eu levantei em meus cotovelos para que eu pudesse ver a forma como sua carne estava pressionada contra a minha, a maneira sua buceta nua me permitiu ver seu clitóris maduro espreitando para fora. Era assim, tão molhada, e com toda a pressão, o peso do seu peso inteiro pressionando contra meu pau, era uma aproximação tão perto da coisa

real, talvez perto demais, mas ainda não era tecnicamente sexo, eu menti para mim mesmo, talvez isso não contasse, talvez eu não estivesse pecando.

Mas mesmo se eu estivesse, puta merda, eu não iria parar.

Foi tão *sujo*, a sua saia ainda estava engatada até os quadris, a forma como as minhas calças estavam puxadas para baixo apenas o suficiente para liberar minhas bolas, a forma como o tapete velho desgastado na minha bunda e região lombar. O jeito que ela descaradamente angulou a si mesma de modo que meu pau pressionasse sobre ela em todos os lugares certos, a forma como ele foi apenas lubrificado pela nossa excitação e nada mais, e Deus, eu queria casar com essa mulher ou algemá-la, ou prendê-la; eu queria possuí-la, *tomá-la*; eu nos queria sobre este tapete velho para sempre, com seu cabelo se desfazendo e seus mamilos duros e sua buceta impertinente ordenhando meu pau para que tudo valesse a pena.

— Goze, — ela me disse com voz rouca. — Eu tenho que ver você gozar. Eu *preciso* disso.

Meu queixo estava apertado demais para responder, porque eu estava perto, algo mais intenso do que eu tinha sentido em anos roendo a base da minha espinha e cortando o seu caminho através de minha pélvis.

— Não se reprima, — ela implorou agora, pressionando ainda mais, e *porra*, lá estava ele. — Me dê isto. Me dê cada gota.

Merda, esta mulher era imunda. E perfeita. E era puro instinto que me fez agarrar seus quadris e trabalhar mais duro e mais rápido em cima de mim, minha mente se encheu com a visão dela moendo em mim e seus clitoris rosa pálido, ainda duro e necessitado, e a memória de seu sabor e cheiro em minha boca e rosto, e então ele me inundou - não, ele queimou e mastigou através de mim, e ela soltou um gemido baixo com a visão do meu gozo jorrando em meu estômago. Havia tanta coisa, e isso parecia como horas em vez de segundos que eu estava suspenso em uma sensação pulsante, uma liberação total do corpo.

E naquele momento - no auge da minha excitação, no auge de seu triunfo ganancioso - nossos olhos se encontraram e nós ultrapassamos todas as barreiras - estranha e desconhecida, sacerdote e penitente, Tyler e Poppy. Éramos simplesmente macho e fêmea, como Deus nos fez, Adão e Eva, na forma mais elementar e fundamental. Éramos biologia, éramos criação encarnada e eu vi o momento em que ela

sentiu isso também - que fomos fundidos de alguma forma. Irrevogável e inegavelmente fundidos em algo singular e inteiro.

Meu clímax diminuiu, mas eu mal podia respirar, mal processar o que diabos eu tinha acabado de sentir, e, em seguida, Poppy mordeu o lábio e arrastou um dedo em meu estômago, o revestindo com meu orgasmo, e depois o levou a sua boca. Meu pau saltou enquanto eu a observava o sugar em seu dedo.

Eu descansei minha cabeça contra o chão, superado com a realização de que eu provavelmente nunca serei capaz de escavar esta mulher para fora do meu sistema. Ela era o tipo de mulher que poderia me deixar duro uma e outra vez, o tipo de mulher que eu poderia passar uma semana de merda sem parar e depois ainda iria querer mais, e isso era uma má notícia para o meu autocontrole, que esteve lentamente ressuscitando de volta à vida, juntamente com a minha derrotada consciência.

— Isso vai te deixar louco? — ela perguntou depois de um momento, — saber que eu vou estar me tocando, apenas a centímetros de você cada vez que eu venho confessar?

Eu gemi. Porra, sim, me deixaria.

— Poppy, — eu disse, mas depois parei. O que eu poderia dizer neste momento que teria algum valor? Que englobaria as torrentes de vergonha e culpa, e também expressaria o quão profundamente esta mulher tinha ficado sob a minha pele?

— Eu sei, — ela sussurrou. — Eu também sinto muito.

Ela se levantou e ajeitou suas roupas enquanto eu limpava o meu estômago com a minha camisa e me sentei. Se tivesse sido apenas um minuto atrás, quando o universo inteiro ficou reduzido a apenas eu e ela, aos nossos ruídos e nosso suor, nosso sexo sem realmente sexo? E agora a Igreja parecia grande e oca, uma caverna com apenas o ar condicionado sobrecarregado para afugentar o silêncio maçante.

A igreja estava vazia. As pessoas da cidade não estavam reunidas, prontas para jogar pedras em mim ou me exilar. Eu afastei esse pensamento.

E de alguma forma isso me fez sentir pior.

Poppy e eu não queríamos dizer adeus. Em vez disso, olhamos um para o outro, amarrotados e úmidos, cheirando a sexo, e, em seguida, ela saiu sem dizer mais nada.

Lentamente fiz meu caminho de volta à casa paroquial, pegajoso e duro de novo e me odiando implacavelmente.

CAPÍTULO

SETE

Minha porta de tela se fechou, e eu saltei da cadeira da cozinha, esperando Poppy ou uma horda enfurecida de paroquianos ou o bispo aqui para me excomungar, mas era apenas Millie, com os braços carregados de caçarolas congeladas.

Ela se apressou passando por mim para a cozinha, a luz do fim da tarde brilhando através da sua peruca cor de tijolo quando ela começou a descarregar as coisas.

— Está muito limpo, — disse ela em forma de saudação, franzindo o cenho para as bancadas meticulosamente arrumadas. — Os meninos da sua idade devem ser bagunceiros.

— Eu não sou mais um menino, Millie, — eu disse, caminhando até ela para ajudá-la a por a comida no freezer.

— Na minha idade, qualquer pessoa com menos de sessenta é um menino, — disse ela com desdém, me enxotando para fora do caminho para que ela pudesse colocar um dos pratos no forno.

Millie tinha aproximadamente 130¹¹ anos de idade, mas ela não era apenas um dos meus paroquianos mais ativos, mas a mais inteligente contadora da igreja. Ela tinha sido a única a insistir em atualizar os livros para iPads e mudar nossas vendas de bolos e Peixe Frito para as sextas-feiras, e aquela que liderou a instalação de internet de fibra ótica quando nenhum outro lugar na cidade tinha.

Ela também me adotou como uma espécie de projeto quando me mudei para cá, novo na cidade e novo para viver em qualquer lugar diferente de um apartamento moderno em Midtown a uma curta distância de Chipotle. Ela estalou a língua na minha idade e minha aparência (seu apelido para mim era Padre Que-desperdício) e aparecia uma vez por semana com alimentos (mesmo que eu tinha protestado mil vezes que eu poderia cozinhar para mim mesmo (principalmente macarrão instantâneo, mas ainda assim). E depois que ela conheceu minha mãe e elas gastaram uma hora conversando sobre a melhor temperatura da água para usar em massa de torta, estava tudo

¹¹ Ele fala 130 anos mesmo, de zoação.

acabado. Millie adotou minha mãe, juntamente com meus irmãos, que recebiam pacotes de cookies enviados a seus escritórios elegantes no centro de Kansas City a cada semana.

Exceto que hoje eu me senti indigno de suas atenções e movimentada agitação. Eu me senti indigno de tudo - desta casa, deste trabalho, desta cidade - e eu só queria sentar aqui na minha mesa da cozinha até que eu morresse.

Não, isso era uma mentira. Eu queria *fazer* algo - correr ou levantar pesos ou esfregar os azulejos até que minhas mãos sangrassem - eu queria penitência. Engraçado quantas vezes eu tinha aconselhado o meu rebanho sobre a verdadeira natureza da penitência, o peso real do amor incondicional de Deus e perdão, e minha primeira reação a pecar com Poppy era me punir.

Ou, no mínimo, me esgotar para que eu não conseguisse ter esses pensamentos mais.

— Alguma coisa está te incomodando, — Millie decidiu, se sentando à mesa e cruzando as mãos juntas em um pacote de pele mole e rugas de idade. Alguém uma vez me disse que ela tinha sido uma das primeiras engenheiras do sexo feminino em Missouri, fazendo o levantamento para o governo quando eles construíram o sistema interestatal por meio do Centro-Oeste. E era fácil de acreditar agora, com o olhar sem censura que ela estava me dando, com aqueles olhos afiados procurando o meu rosto para cada detalhe.

Eu fiz a minha melhor tentativa de um sorriso fácil. Eu tenho um belo sorriso, eu admito. É uma das minhas armas mais eficazes, embora eu use isso mais contra fiéis que garotas estes dias. — É só o calor, Millie, — eu disse, me levantando.

— Uh-uh. Tente de novo, — disse ela e acenou de volta para a cadeira. Me sentei novamente, me mexendo como uma criança. (Millie tem esse efeito em mim. Nosso bispo uma vez brincou após a conhecer de que ela deveria ter sido a Madre Superiora em uma abadia de cem anos atrás, e tudo o que tenho a dizer sobre isso é que eu sinto muito por qualquer freira que trabalhou para ela).

— Não há nada errado, — eu disse, mantendo minha voz leve. — Eu prometo.

Ela estendeu a mão sobre a mesa, cobrindo minha mão grande com a sua fina e enrugada. — A coisa sobre ser velha é que eu sei

quando as pessoas estão mentindo. Agora, a última vez que verifiquei, você estava no comando de uma paróquia inteira. Você não mentiria para um de seus paroquianos, sim?

Se for sobre ter o quase sexo no chão do santuário? Uma nova onda de culpa me inundou quando eu percebi que eu estava compondo meus pecados agora. Eu estava mentindo (e mentindo para uma boa pessoa que tinha feito nada além de cuidar de mim). De repente, eu queria dizer a Millie sobre esta tarde, sobre o último par de semanas, sobre esta nova tentação que era a tentação mais antiga da terra.

Em vez disso, eu olhava para as nossas mãos e não respondi. Porque eu era arrogante, defensivo e furioso comigo mesmo. E isso não era tudo.

Eu queria fazer isso novamente. Eu queria Poppy novamente. E se eu dissesse a alguém o meu pecado, eu ficaria responsável. Eu seria obrigado a obedecer aos meus votos, eu seria obrigado a me comportar.

Nada sobre Poppy Danforth me fez querer me comportar.

Mas eu estaria arriscando tudo por não me comportar, meu trabalho, minha comunidade, meu dever e memória de minha irmã e talvez até a minha alma eterna.

Baixei a cabeça na mão de Millie, com cuidado para não descansar o peso total contra seus ossos frágeis, mas precisando desesperadamente de conforto. — Eu não posso falar sobre isso, — eu disse na mesa. Eu não ia mentir. (exceto sobre com qual frequência devo falar ao meu grupo de jovens sobre as mentiras de omissão? Quando eu exatamente comecei a fazer a curva acentuada à esquerda para ser um hipócrita?).

Millie deu um tapinha na parte de trás da minha cabeça. — Isso não teria nada a ver com a bela jovem que comprou a antiga casa de Anderson?

Minha cabeça se levantou. Eu não sei como meu rosto parecia, mas ela riu. — Eu vi vocês dois na loja de café na semana passada. Mesmo através da janela, pude ver que vocês faziam um bom casal.

Porra. Ela suspeitava? E se ela soubesse, ela me julgaria por isso?

— Ela estava me ajudando com as planilhas. Ela tem uma experiência em finanças e um MBA pela Dartmouth. — eu não mencionei que ela também seduzia homens ricos, dançando em um pole dance por dinheiro. Ou que sua buceta era mais doce do que o céu.

— Talvez ela e eu vamos ter que nos juntar para um café em algum momento, — disse Millie. — Uma vez que você mal pode adicionar duas hóstias juntas. A menos, é claro, — disse ela, olhando meu rosto, — que você prefira manter as reuniões apenas entre vocês dois.

— *Rem acu tetigisti*, — eu disse, deslizando meus olhos para longe dela. *Você bateu o prego na cabeça*.

— Eu vou supor que isso significa algo como ‘Você está certa, Millie, eu sou deplorável em matemática’.

Não.

— Eu sempre disse que você era muito jovem e muito bonito para bloquear a sua vida. ‘Problemas virão disso’, eu disse, ‘Guarde minhas palavras’. E ninguém guardou minhas palavras.

Eu não respondi. Eu estava olhando para as nossas mãos entrelaçadas novamente, pensando no silêncio no santuário depois que eu tinha gozado por todo o meu estômago, a sensação do calor úmido de Poppy pressionando em mim. Eu tinha tomado dois banhos, me esfregando a ponto de doer, mas nada poderia apagar a sensação de sua pele na minha. A sensação de calor espirrando na minha barriga enquanto ela olhava com olhos famintos, ferozes.

— Meu caro rapaz, você percebe que isso é perfeitamente natural. Qual foi o sermão que você pregou no seu primeiro mês aqui? Essa parte da cura estaria celebrando o sexo normal e consensual, segundo Deus?

Eu *havia* pregado isso. Deixando de lado o fato de que eu tinha gostado do meu tempo de sexo consensual na faculdade (consensual, mas nem sempre normal, se você quer saber), eu tinha crenças teológicas firmes na importância da sexualidade humana. Quase todas as variações do cristianismo tinham sido no negócio de suprimir o sexo e sua diversão, mas suprimir desejos não desaparece simplesmente. Elas inflamam. Eles criaram culpa e vergonha e, no pior dos casos, os desvios. Nós não tínhamos vergonha de desfrutar de

comida e álcool com moderação - mas por que estávamos com tanto medo do sexo?

Mas, obviamente, eu tinha a intenção de passar esta mensagem para minha congregação, não para mim.

— O que foi que você citou? — perguntou Millie. — *Mere Christianity*? ‘Os pecados da carne são ruins, mas eles são os menores males de todos os pecados... que é uma razão pela qual um puritano hipócrita que vai regularmente à igreja, pode estar muito mais perto do inferno do que uma prostituta’.

— Sim, mas Lewis termina esse parágrafo com: — Claro, é melhor ser nenhum dos dois.

— Você não é nenhum deles. Você realmente acha que através do uso de um colarinho todo dia você iria parar de ser um homem?

— Não, — eu disse, agitado. — Mas eu pensei que eu seria capaz de controlar meus desejos com oração e autodisciplina. É a minha vocação. Eu *escolhi* esta vida, Millie. E eu a vou abandonar na primeira tentação?

— Ninguém disse nada sobre o abandono. Eu estou simplesmente dizendo, meu querido menino, que você pode optar por não se flagelar sobre isso. Eu vivi muito tempo, e um homem e uma mulher querendo um ao outro é, de longe, uma das coisas menos pecaminosas que já vi.

Eu tinha estabelecido o programa de estudo bíblico para o grupo dos homens no início do ano, de modo que não era nada mais do que uma terrível coincidência que esta noite era o início de nossa discussão sobre a sexualidade masculina. Apesar dos conselhos práticos de Millie, passei o resto da tarde e início da noite cultivando uma forma muito robusta de auto aversão, fazendo flexões na minha sala de ginástica até que eu não conseguia respirar, me mover ou pensar, até que era hora de vir para a pequena sala de aula com painéis de madeira no lado mais distante da igreja.

Eu sabia que Millie estava tentando me fazer sentir melhor, mas eu não merecia me sentir melhor. Ela não sabia o quão longe eu já

tinha ido, quanto do meu voto eu já tinha quebrado. Provavelmente porque ela nunca iria assumir que o padre seria tão fraco para realmente agir sobre os seus desejos.

Eu esfreguei meu rosto vigorosamente. *Acorde Tyler, e acerte isso, porra.* Tinha sido apenas um par de semanas, e eu tinha falhado completamente em me recompor. O que eu faria nos próximos dois meses? Os próximos dois anos? Ela estava aqui para ficar, assim como eu, e não havia nenhuma maneira que eu poderia deixar o que aconteceu esta tarde voltar a acontecer. Quero dizer, só de Millie nos ver juntos uma vez (inocentemente e em público) havia dado suas ideias, então o que aconteceria se nós começássemos realmente nos esgueirar?

Eu levantei minha cabeça e cumprimentei os homens quando eles entravam. De todos os grupos e atividades, eu era o mais orgulhoso deste grupo. Normalmente, as mulheres eram a força motriz por trás da igreja; a maioria dos homens só vinha à missa porque suas esposas queriam que eles viessem. E especialmente após os crimes de meu antecessor, eu sabia que os homens, em particular - muitos dos quais tinham filhos que eram da mesma idade que a vítima - abrigavam uma raiva profunda e uma desconfiança que não seria ultrapassada por métodos típicos.

Então eu saí nos bares locais e assisti jogos Royals. Eu gostei muito do charuto ocasional na loja de tabaco da cidade. Eu comprei uma caminhonete. Eu organizei um clube de caça na igreja. E todo o tempo, eu continuava a ser aberto sobre o passado da minha própria família e todas as maneiras que a igreja precisava - e iria - mudar.

E, gradualmente, este grupo se fundiu, crescendo de dois velhos que iam à igreja por tanto tempo que tinham esquecido como parar, a um grupo de quarentões, variando de recém-licenciados para recém-aposentados. Na verdade, nós tínhamos crescido a tal ponto que no próximo mês nós estávamos iniciando um novo grupo.

Mas e se eu tinha acabado de desfazer três anos de trabalho duro? Três anos de labuta jogados fora por meia hora com Poppy?

Se eu parecia distraído, ninguém notou ou comentou sobre isso, e eu consegui não engasgar com minhas próprias palavras como lemos através de passagens em 2 Timóteo e Cântico dos Cânticos. Pelo menos, eu não consegui sufocar até chegarmos a um versículo em Romanos, e então eu senti minha garganta fechar e os meus dedos tremem enquanto eu lia.

— *Pois o que faço, não o entendo; porque o que quero, isso não pratico; mas o que aborreço, isso faço... com efeito o querer o bem está em mim, mas o efetuar-lo não está* ¹²... *Que homem miserável eu sou.*

Que homem miserável eu sou.

Que homem miserável eu sou.

Eu tinha vindo para uma cidade dilacerada pelas ações vis de um predador e eu tinha prometido corrigir isso. Por quê? Porque quando eu olhei para as estrelas à noite, eu podia sentir Deus olhando de volta. Porque eu senti o vento como sua respiração no meu pescoço. Porque eu tinha comprado a minha fé com uma grande dose de luta e dor, mas eu sabia que a minha fé também foi o que deu a minha vida forma e propósito, e eu não queria que as falhas da Igreja privassem uma cidade inteira desse dom.

E então o que eu tinha feito hoje? Eu tinha traído tudo isso. Traído todos eles.

Mas isso não é o que fez as minhas mãos tremerem e minha garganta apertar. Não, foi à constatação de que eu tinha traído a Deus, talvez mais do que eu tinha traído as pessoas nesta sala.

Meu Deus, meu salvador. O destinatário do meu ódio veemente após a morte de Lizzy e também a presença que tinha aguardado pacientemente o meu regresso alguns anos mais tarde. A voz em meus sonhos que me confortou, me iluminou, me guiou. A voz que tinha me dito o que eu precisava fazer com a minha vida, onde eu precisava ir para encontrar a paz.

E o pior era que eu sabia que ele não estava com raiva de mim. Ele tinha me perdoado antes mesmo de acontecer, e eu não merecia isso. Eu merecia ser punido, ser lavado por uma chuva de fogo, águas amargas, uma multa, algo, alguma coisa, porque eu era um homem repugnante, miserável e lascivo que tinha se aproveitado de uma mulher emocionalmente vulnerável.

Que homem miserável eu sou.

Nós terminamos o estudo da Bíblia, e eu limpei o café e batatas fritas roboticamente, minha mente ainda atordoada por esta nova onda

¹² Romanos 7:15-20.

de vergonha. Este sentimento de ser muito pequeno, muito terrível, por nada menos do que o inferno.

Eu mal podia suportar passar pelo crucifixo no meu caminho de volta para a casa paroquial.

CAPÍTULO

OITO

Dormi talvez três horas no total naquela noite. Eu fiquei acordado até tarde lendo a Bíblia, lendo cada passagem sobre o pecado que eu conhecia até que meus olhos cansados se recusaram a se concentrar sobre as palavras, deslizando sobre elas como dois ímãs com a mesma carga. Finalmente, eu me arrastei para a minha cama com meu rosário, murmurando orações até que adormeci em um sono agitado.

Um estranho tipo de dormência caiu sobre mim enquanto eu realizava a Missa naquela manhã e enquanto eu amarrava meus tênis de corrida depois. Talvez tenha sido a falta de sono, talvez fosse exaustão emocional, talvez fosse simplesmente o choque de ontem transportando para hoje. Mas eu não queria estar dormente - eu queria paz. Eu queria força.

Tomando a estrada de terra para fora da cidade para evitar Poppy, eu corri mais longe do que eu normalmente fazia, me empurrando mais e mais rápido, me movendo até que as minhas pernas apertaram e minha respiração gritava dentro e fora do meu peito. E em vez de ir direto para o meu chuveiro, eu cambaleei pelo interior da igreja, minhas mãos atadas acima da minha cabeça, minhas costelas se cortando para além de dor. Estava escuro e vazio dentro da igreja, e eu não sabia o que eu estava fazendo lá ao invés da minha casa paroquial, não sabia até que eu tropecei no santuário e cai de joelhos na frente do sacrário.

Minha cabeça estava pendurada, meu queixo tocando meu peito, suor em todos os lugares, mas eu não me importei, não poderia me importar, e eu não conseguia identificar o momento que a minha respiração irregular se transformou em choro, mas não foi muito tempo depois que eu fui para meus joelhos, e as lágrimas se misturaram com o suor até que eu não tinha certeza de qual era qual.

A luz solar derramava através dos vitrais, fazendo padrões brilhantes que derramavam e caíam sobre os bancos, meu corpo e no tabernáculo, e as portas de ouro brilharam em tons mais escuros, sombrios e sagrados que proibidos e santos.

Eu me inclinei para frente até que a minha cabeça estava pressionada contra o chão, até que eu podia sentir meus cílios piscando

contra o desgastado carpete. São Paulo diz que não temos que colocar palavras para nossas orações, que o Espírito Santo irá interpretar para nós, mas interpretar não era necessário neste momento, não quando eu estava sussurrando *sinto muito sinto muito sinto muito* como um canto, como um mantra, como um hino sem música.

Eu percebi o momento em que eu não estava mais sozinho. Minhas costas nuas arrepiaram com consciência e me sentei, corado de vergonha que um paroquiano ou um membro da equipe tinha me visto chorar assim, mas não havia ninguém lá. O santuário estava vazio.

Mas ainda assim eu senti a presença de alguém como um peso, como estática ao longo de minha pele, e eu olhei em cada canto escuro, certo de que veria alguém parado lá.

O ar-condicionado estava ligado, e com um baque e uma lufada, a mudança na pressão fechou as portas do santuário. Eu pulei.

É apenas o ar-condicionado, eu disse a mim mesmo.

Mas quando eu olhei de volta para o sacrário, dourado e corado com cor, de repente eu não tinha tanta certeza. Havia algo antecipatório e sensível sobre o silêncio e o vazio. De repente, senti como se Deus estivesse escutando muito atentamente o que eu estava dizendo, ouvindo e esperando, e eu baixei os olhos para o chão.

— Sinto muito, — eu sussurrei uma última vez, a palavra pendurada no ar como uma estrela pendura no céu - cintilante, preciosa, iluminada. E então isso apagou, no mesmo momento que eu senti meu fardo de tristeza e vergonha se desfazendo.

Houve um momento de plenitude perfeita, um momento em que eu me senti como se eu pudesse arrancar cada átomo do ar, onde a magia e Deus e algo doce além da compreensão completa era real, completamente real.

E então tudo se acabou, tudo isso, substituído por um profundo sentimento de paz.

Exalei ao mesmo tempo em que o edifício parecia exalar, o comichão desaparecendo na minha pele, o ar vago mais uma vez. Eu conhecia mil explicações para o que eu tinha acabado de sentir, mas eu também sabia que eu realmente era o único que acreditava.

Moisés teve uma sarça em chamas, e eu recebo o ar condicionado, pensei com tristeza quando eu fiquei de pé, me levantando tão lentamente e instável como uma criança pequena. Mas eu não estava reclamando. Eu tinha sido perdoado, renovado, libertado da culpa. Como São Pedro, eu havia sido testado e perdoado de qualquer maneira.

Eu poderia fazer isso. Não havia vida após o sexo, afinal, mesmo para aqueles que viveram sem sexo.

Os próximos dois dias se passaram sem evento. Passei a quinta-feira descansando no meu sofá enquanto assistia os episódios de *The Walking Dead* na Netflix e comendo Cup Noodles que eu tinha feito usando a água quente do meu Keurig¹³.

Sofisticado, eu sei.

E, então, sexta-feira. Me levantei e me preparei para a missa da manhã como eu sempre fiz, com poucos minutos de atraso, me lembrando pela milésima vez para reorganizar a sacristia, e, em seguida, me preparei para caminhar até o santuário. Missas nos dias de semana são curtas - sem música, sem segunda leitura, sem sermão - uma espécie de drive-thru para a Eucaristia extremamente fiel. Como Rowan e as duas avós e -

Jesus me ajude.

Poppy Danforth.

Ela estava sentada na segunda fileira, em um vestido recatado de seda azul com gola e sandálias, o cabelo em um coque frouxo. Ela parecia formal, composta, modesta... com exceção desse fodido batom, essa cor vermelha implorando para ser manchada. Eu desviei o olhar



assim que eu a vi, tentando recapturar aquela santa sensação de paz que eu tinha recebido na terça-feira, a sensação de que eu poderia dominar qualquer tentação, desde que eu tivesse Deus ao meu lado.

Ela precisava de algo deste lugar, de mim, algo muito mais importante do que o que tínhamos feito na segunda-feira. Eu precisava honrar meu trabalho e dar a ela. Eu me concentrei na Missa, nas palavras e nas orações, o prazer de ver Poppy fazendo o seu melhor para seguir em frente, rezando especialmente para ela enquanto eu realizava os ritos antigos.

Por favor, ajude ela a encontrar orientação e paz.

Por favor, ajude ela a se curar de seu passado.

E por favor, por favor, por favor, nos ajude a nos comportar.

Quando era hora da Eucaristia, ela veio atrás das avós e Rowan, parecendo um pouco incerta.

— O que eu faço? — ela sussurrou quando ela chegou até a frente da linha.

— Cruze as mãos sobre o peito, — eu sussurrei de volta.

Ela fez, seus olhos ainda sobre os meus, seus longos dedos descansando em seus ombros. Ela pôs os olhos de volta para baixo, parecendo tão adorável e tão frágil, e eu a queria abraçar. Nem mesmo sexualmente, apenas um *abraço* normal. Eu queria envolver meus braços em torno dela e sentir sua respiração no meu peito, e eu queria enfiar seu rosto no meu pescoço enquanto eu a mantinha a salvo e protegida de seu passado, de seu futuro ambíguo. Eu queria dizer a ela e a deixar saber - realmente saber - que tudo ficaria bem, porque havia amor e porque alguém como ela era deveria estar compartilhando o amor, como ela tinha feito no Haiti. Toda a alegria ela sentiu lá - ela podia sentir em qualquer lugar, se apenas ela se abrisse a isso.

Eu coloquei minha mão em sua cabeça, murmurando uma bênção padrão, e em seguida, ela levantou seus olhos para os meus e tudo mudou. O piso, o teto e o apertado cinto em volta da minha cintura para incentivar pensamentos puros e seu cabelo suave sob meus dedos e minha pele na sua pele. Eletricidade desceu pela minha espinha, e cada memória dela - seu gosto, sua sensação e seus sons - correram através de mim.

Sua boca se abriu. Ela sentiu isso também.

Eu mal podia finalizar a bênção, minha garganta estava tão seca. E quando ela se virou para caminhar de volta para seu banco, ela também parecia atordoada, como se ela tivesse sido cegada.

Depois da missa, eu praticamente voltei correndo para a sacristia, sem olhar para alguém ou alguma coisa. Eu tomei meu tempo removendo as minhas vestes, pendurando a batina excessivamente bordada e cara no cabide e dobrei minha túnica em um quadrado exato, puro. Minhas mãos tremiam. Meus pensamentos eram fragmentados e incompletos. As coisas tinham sido tão boas esta semana. E as coisas estavam indo tão bem durante a Missa, mesmo com ela toda adorável, devota e tão fodidamente perto, e então eu a toquei...

Fiquei por um minuto na minha calça e camisa e olhei para a cruz processional, (me sentindo um pouco traído, se eu estava sendo honesto.) Se eu estava perdoado, por que Deus também não removeu essa tentação de mim? Ou me deu mais força para suportar isso? Para resistir a ela? Eu sabia que não era justo esperar que Poppy se afastasse ou se tornasse religiosa ou algo assim, mas porque Deus não poderia eliminar minha atração por ela? Amortecer os meus sentidos pela forma como ela se sentiu sob a minha bênção... amortecer os olhos para aqueles lábios vermelhos e brilhantes olhos castanhos?

Pai, se você estiver disposto, tome de mim este cálice. Mesmo Jesus tinha dito essas palavras. Não que isso tivesse funcionado tão bem para ele... por que Deus estava tão disposto a deixar copos ruins em todo o lugar?

Deixei a sacristia com um humor estranho, tentando reunir essa tranquilidade etérea distintamente não física que eu tinha sentido antes, e então eu virei à esquina e vi Poppy em pé no corredor central, o único paroquiano que tinha ficado.

Eu honestamente não sei o que fazer. Nós fomos incitados a fugir da tentação, mas o que fazer quando o meu trabalho é ajudar a tentadora? Era mais errado se esgueirar, deixá-la sem ajuda, e evitar a luxúria e desejo? Porque, é claro, o desejo era o meu problema, não dela e não havia desculpa para ser frio com ela.

Mas se eu fosse com ela, o que mais eu arriscaria?

Mais importante, eu estava arriscando porque eu *queria* arriscar? Eu só estava me dizendo que eu me importava com

o desenvolvimento espiritual dela, para que eu pudesse estar perto dela?

Não, eu decidi. Isso com certeza não era verdade. Era só que a verdade real era muito pior. Eu gostava dela como uma pessoa, como uma alma, e eu queria transar com ela, e isso era a receita para algo muito pior do que o pecado carnal.

Era uma receita para se apaixonar.

Eu iria com ela. Mas eu iria a colocar em contato com o líder do grupo de mulheres, Poppy iria buscar a orientação direta com ela ao invés de mim, e esperar que a Missa ocasional fosse à extensão de nossas interações.

Poppy olhou para o altar quando me aproximei.

— Não existem ossos aí dentro?

— Nós preferimos o termo *reliquia*. — minha voz tinha aquele timbre involuntariamente profundo novamente. Limpei a garganta.

— Parece um pouco macabro.

Fiz um gesto para o crucifixo, que mostrava Jesus em sua forma mais sangrenta, quebrada, e torturada. — O catolicismo é uma religião macabra.

Poppy se virou para mim, o rosto pensativo. — Eu acho que isso é o que eu gosto sobre isso. É corajoso. É real. Isso não encobre dor ou tristeza ou culpa – isso os destaca. Onde eu cresci, você nunca lidava com qualquer coisa. Você tomava pílulas, bebia, reprimia tudo até que você fosse um concha cara. Eu gosto mais dessa maneira. Eu gosto de enfrentar as coisas.

— É uma religião ativa, — eu concordei. — É uma religião de *fazer* - rituais, orações, moções.

— E isso é o que você gosta sobre isso.

— Isso é ativo? Sim. Mas eu gosto dos próprios rituais também. — eu olhei ao redor do santuário. — Eu gosto do incenso, o vinho e os cânticos. É uma sensação antiga e sagrada. E há algo sobre os rituais que me traz de volta a Deus todas às vezes, não importa o quão sujo é o meu humor, não importa o quanto eu pequei. Uma vez que eu começo, tudo se desvanece, como se não fosse importante. Que não é. Porque

enquanto o catolicismo pode ser macabro, também é uma religião de alegria e de conexão, de lembrar que a tristeza e o pecado não podem se segurar a nós por mais tempo.

Ela se aproximou, sua sandália tocando o meu sapato. — Conexão, — disse ela. — Certo.

Na verdade, eu estava sentindo conexão agora. Eu gostava de conversar com ela sobre religião; eu gostava que ela conseguisse entender de uma maneira que uma grande quantidade de fiéis ao longo da vida não o fez. Eu queria falar com ela durante todo o dia, ouvi-la durante todo o dia, ter as suas palavras sussurradas para eu dormir à noite...

Nãoooooooo, Tyler. Isso é ruim.

Limpei a garganta. — Em que posso te ajudar, Poppy?

Ela levantou o folheto da igreja. — Eu vi que amanhã vai ter um almoço e eu queria ajudar.

— Claro. — o almoço foi uma das primeiras coisas que eu comecei a fazer depois de chegar a St. Margaret, e a resposta foi esmagadora. Não foi suficiente para saciar a pobreza rural e a pobreza na cidade vizinha de Platte City e Leavenworth, mas nunca houve voluntários suficientes, mas temos organizado isso duas vezes por mês. — Isso seria muito apreciado.

— Bom. — ela sorriu, a dica de uma covinha apareceu em sua bochecha. — Vejo você amanhã, então.

Rezei um adicional na noite passada. Eu acordei de madrugada e fui a uma corrida mais longa que o habitual, chegando a minha cozinha suado e exausto, me fazendo atacar a caçarola de Millie.

— Você está treinando para uma maratona? — ela perguntou. — Se assim for, não parece que você está fazendo um trabalho muito bom.

Eu estava muito sem ar até mesmo para soltar uma palavra sobre isso. Peguei uma garrafa de água e bebi toda a coisa em vários goles

longos. Então eu me estendi de bruços no chão de ladrilho frio em uma tentativa de diminuir a temperatura do meu corpo.

— Você percebe que é perigoso correr no calor, mesmo no período da manhã? Você deve comprar uma esteira.

— Mmphm, — eu disse para o chão.

— Bem, de qualquer maneira, você precisa tomar banho antes do café da manhã. Fui ver essa nova garota encantadora a última noite e ela disse que ia nos ajudar hoje. E certamente você quer ficar bonito para a nova garota, certo?

Ergui a cabeça e olhei para ela, incrédulo.

Ela cravou o dedo do pé de sua sapatilha roxa nas minhas costelas antes de pairar em cima de mim. — Eu estou indo para a igreja agora para ajudar misturar a massa. Eu vou ter certeza de ajudar senhorita Danforth a se instalar se eu a vir antes de chegar lá.

Ela saiu e eu me levantei do chão, tomando um minuto para limpar o torso suado com toalhas de papel e um spray de limpeza. E então eu fui tomar banho.

Terminou por ser surpreendentemente fácil de manter o foco no café da manhã. Estava tão ocupado, e eu tentei sentar em cada mesa ao longo da manhã e conhecer as pessoas que visitaram. Alguns tinham filhos que eu poderia mandar para casa com mochilas recheadas com material escolar e manteiga de amendoim, alguns tinham pais idosos eu poderia por em serviços de acolhimento de idosos e instituições de caridade locais. Alguns apenas eram solitários e queriam alguém para conversar - e eu poderia fazer isso também.

Mas de vez em quando, eu olhava para Poppy com o canto do meu olho, sorrindo para um convidado ou trazendo uma nova pilha de bandejas para fora, e era difícil não notar como ela pareceu em casa neste ambiente. Ela era realmente boa com os visitantes, mas ela também era eficiente, focada e capaz de fazer ovos mexidos em um ritmo que fez Millie lhe declarar uma neta emprestada. Ela parecia tão em paz, tão diferente da mulher perturbada que tinha confessado seus pecados para mim.

Eu terminei a manhã sujo de massa (era o meu trabalho levar as panelas gigantes de massa até o fogão) e queimei o dedo (assim como cozinhar o bacon) e feliz. Enquanto eu provavelmente não veria

nenhuma dessas pessoas na missa em breve, eu iria os ver novamente duas semanas a partir de agora, e isso era o mais importante – era sobre encher barrigas e não ganhar almas.

Eu disse a Millie e as outras duas avós para irem para casa e descansar enquanto eu limpava, não vendo Poppy e assumindo que ela já tinha saído. Eu cantarolava enquanto dobrava as mesas e as cadeiras empilhadas, e passava o esfregão no chão.

— Posso ajudar?

Poppy estava ao pé da escada, enfiando um pedaço de papel de volta em sua bolsa. Mesmo sob a luz do porão escuro, ela parecia irreal, muito rara e muito adorável para olhar para mais do que alguns segundos sem doer.

— Eu achei que você tinha ido embora. — eu disse, movendo o meu olhar de volta para o esfregão e balde na minha frente.

— Eu fui com uma família mais cedo - eu ouvi uma mãe mencionar alguns problemas com impostos atrasados e desde que eu sou boa em administrar, eu me ofereci para ajudar.

— Isso foi muito generoso de sua parte, — eu disse, novamente sentindo esse frenético sentimento apertar que eu senti ontem, que era como se eu estivesse perdendo o chão perto dela e flertar com algo muito pior do que pura luxúria.

— Por que você está surpreso que eu fiz algo bom? — ela perguntou, dando um passo em minha direção. As palavras eram brincalhonas, mas o subtexto era claro. *Você não acha que eu sou uma boa pessoa?*

Me senti imediatamente na defensiva. Eu sempre pensei o melhor das pessoas, sempre. Mas eu acho que eu estava um pouco surpreso com a profundidade de sua seriedade em ajudar – assim como quando ela me contou sobre o Haiti também.

— É porque você acha que eu sou algum tipo de mulher decaída?

Deixei cair o esfregão no balde e olhei para cima. Ela estava mais perto agora, perto o suficiente para que eu pudesse ver onde uma pequena nuvem de farinha tinha sujado seu ombro.

— Eu não acho que você é uma mulher decaída, — eu disse.

— Mas agora você vai dizer que todos nós somos pecadores decaídos em um mundo decaído.

— *Não*, — eu pronunciei com cuidado. — Eu ia dizer que as pessoas que são tão inteligentes e atraentes como você normalmente não cultivam habilidades como a bondade, a menos que eles queiram. Sim, me surpreende um pouco.

— Você é inteligente e atraente, — ela ressaltou.

Lancei a ela um sorriso.

— Pare com isso, Padre, eu estou falando sério. Tem certeza que não é porque eu sou uma atraente *mulher* favorecida com inteligência que você não se sente assim?

O quê? Não! Eu tinha tido uma aula curta de Estudos sobre a Mulher na faculdade! — Eu...

Ela deu mais um passo para frente. Somente o balde estava entre nós agora, mas o balde não poderia me impedir de perceber a curva elegante de sua clavícula sob seu vestido de verão, uma pequena sugestão de um decote antes do sutiã aparecer.

— Eu quero ser uma boa pessoa, mas mais do que isso, eu quero ser uma boa mulher. Não tem jeito de ser ambos, completamente *mulher* e completamente boa?

Merda. Essa conversa tinha ido de impostos para os cantos mais escuros da teologia católica. — Claro que sim, Poppy, na medida em que qualquer um pode ser completamente bom, — eu disse. — Esqueça a Eva e a maçã agora. Se veja como eu vejo você - uma filha abertamente amada de Deus.

— Eu acho que eu não me sinto tão amada.

— Olhe para mim.

Ela olhou.

— Você é amada, — eu disse com firmeza. — Você é uma mulher atraente, inteligente - cada parte de você, bom e mau, é amada. E, por favor, me ignore se eu foder as coisas e fizer você se sentir de forma diferente, ok?

Ela bufou pelo meu palavrão e, em seguida, me deu um sorriso triste. — Sinto muito, — disse ela baixinho. — Eu não queria te encurralar assim.

— Você não me encurralou. Sério, eu sou o único que está arrependido.

Ela deu um passo para trás, como se ela estivesse fisicamente hesitando sobre me dizer o que ela estava prestes a dizer. Finalmente, ela disse: — Sterling me ligou ontem à noite. Eu acho... Eu acho que eu deixei isso foder com a minha cabeça.

— Sterling ligou para você? — perguntei, sentindo uma irritação que era muito além do âmbito da preocupação profissional.

— Eu não atendi, mas ele deixou uma mensagem de voz. Eu deveria ter excluído, mas não o fiz... — ela parou. — Ele repetiu todas aquelas coisas que havia dito antes - sobre o tipo de mulher que eu sou, quem estava destinada a ser. Ele disse que está vindo para mim de novo.

— Ele está vindo para você? Ele disse isso?

Ela assentiu com a cabeça e raiva vermelha dançando na borda da minha visão.

Poppy viu evidentemente isso, porque ela riu e colocou os dedos sobre os meus, onde tinham estado segurando o esfregão com tanta força que eles estavam brancos. — Relaxe, Padre. Ele vai vir aqui, tentar me cortejar com mais histórias sobre férias e vinho caro e eu o vou rejeitar. Mais uma vez.

Mais uma vez... assim como da última vez? Onde você o deixou fazer você gozar antes de o fazer ir embora?

— Eu não gosto disso, — eu disse, e eu disse isso não como um sacerdote ou um amigo, mas como o homem que tinha provado ela no altar não muito longe daqui. — Eu não quero que você se encontre com ele.

Seu sorriso aumentou, mas seus olhos transformaram em cacos frios de verde e marrom. — Honestamente? Eu não acho que isso seja da sua conta se eu me encontrar com ele ou não.

— Ele é perigoso, Poppy.

— Você nem mesmo conhece ele, — disse ela, retirando a mão da minha.

— Mas eu sei o quão perigoso pode ser um homem quando ele quer uma mulher que ele não pode ter.

— Como você? — ela disse, e a dica foi tão impiedosamente e perfeitamente destinada que eu quase cambaleei para trás.

O peso das conotações desabaram sobre nós como um teto podre - Poppy e Sterling, sim, mas Poppy e eu éramos como o padre da minha infância e Lizzy.

Homens querem o que não devem ter: a história da minha vida.

Sem outra palavra, Poppy se virou e saiu, suas sandálias de tiras batendo nas escadas. Me obriguei a tomar várias respirações profundas e tentar descobrir o que diabos tinha acontecido.

CAPÍTULO

NOVE

Knock.

Knock.

Pausa.

Knock knock Knock.

— Pare, — eu murmurei, rolando para fora da cama, o sono me deixando lento e desajeitado. — Estou indo, estou indo.

Knock knock BOOM.

O ensurdecedor trovão antes do flash de luz não fizeram nada para aliviar a minha desorientação, e eu tropecei em cima da mesa, no canto, cavando meu quadril. Eu xinguei, cegamente alcançando uma camiseta (eu estava apenas em um par de calças de moletom soltas) e tateei meu caminho pelo corredor até a sala onde a porta da frente estava. Eu estava acordado o suficiente para que eu comesse a registrar que alguém realmente estava na minha porta às três da manhã, e ele era ou um policial vindo para me dizer que Ryan tinha finalmente batido seu carro em uma árvore ao estar mandando mensagem ou um dos os paroquianos que necessitava de benção. Seja qual for o motivo que eles tinham para vir para à casa paroquial, provavelmente não era bom, e eu me preparei para a tragédia quando eu abri a porta, sem jeito, também tentando puxar minha camisa sobre a minha cabeça.

Era Poppy, molhada pela chuva com uma garrafa de uísque na mão.

Pisquei como um idiota. Por um lado, depois da nossa briga, esta manhã, a última coisa que eu esperava era que Poppy literalmente batesse na minha porta no meio da noite, trazendo presentes. Por outro lado, ela estava usando o que eu assumi que eram pijamas - um par de shorts folgados e uma camiseta *The Walking Dead* fina - e a chuva tinha completamente molhado ambos. Ela não estava usando um sutiã e a chuva tinha feito sua camisa fina quase transparente, os mamilos

escuros e duros sob o tecido, e uma vez eu notei isso, era difícil pensar em outra coisa do que aqueles seios molhados, provavelmente arrepiados e como essa carne fresca sentiria contra a minha língua quente.

E então eu voltei a mim e, por um momento terrível, eu guerreei entre dois impulsos: deixar ela do lado de fora na chuva ou a empurrar de joelhos e fazê-la engolir meu pau.

Fuja das tentações da juventude, nós lemos no estudo da Bíblia mais cedo esta noite. *Segue a justiça*. Eu deveria fechar a porta e voltar para a cama. Mas, então Poppy estremeceu, e uma vida de respeito e polidez interveio. Eu me encontrei voltando atrás e fazendo um gesto para que ela entrasse.

Segue a justiça, o autor Timóteo disse¹⁴. Mas será que a justiça levaria uma garrafa de Macallan 12 em sua mão? Porque Poppy sim.

— Eu não conseguia dormir, — ela disse, entrando na sala e, em seguida, se virando para me encarar.

Eu fechei a porta. — Percebi. — minha voz estava rouca de sono e algo menos inocente. Previsivelmente, meu pau começou a inchar; apesar de tudo que tinha acontecido, eu não tinha visto os seios dela ainda, e eles eram mais tentadores do que nunca sob a camisa molhada.

Porra. Eu não quis dizer *ainda*. Eu nunca quis. Eu nunca ia ver seus seios. *Aceite* isso, eu castiguei mentalmente minha virilha, que recusou a se acalmar, e em vez disso continuei a enviar estas memórias dolorosamente vivas de volta para o meu cérebro, como a forma como era apalpar os peitos dela quando ela estava dobrada sobre o piano da igreja.

Seus olhos desceram para os meus quadris, e eu sabia que meu moletom não estava fazendo um trabalho muito bom em esconder meus pensamentos. Limpando a garganta, eu me afastei dela para andar até a cozinha. — Eu não sabia que você gostava de *The Walking Dead*, — eu mencionei levemente, deslizando a mão sobre o interruptor. Um brilho de cor amarela pálida flutuava da luminária, lançando sombras angulares para a sala.

¹⁴ Timóteo 2:22

— É o meu programa favorito, — disse Poppy. — Mas eu não sei por que você está tão surpreso em saber. Nós não nos conhecemos há muito tempo, e a maioria de nossas conversas envolve eu dizendo a você meus segredos mais obscuros - não o que está na minha fila de Netflix.

Ela tinha vindo até mim e estendeu à garrafa de uísque, que eu aceitei, me movendo para a cozinha para procurar os copos, tentando juntar uma resposta - qualquer resposta - mas eu literalmente não conseguia pensar em uma única coisa a dizer.

— É uma oferta de paz, — disse ela, balançando a cabeça em direção ao Macallan. — Eu não conseguia dormir e eu queria dizer que sinto muito pela nossa briga hoje e eu pensei que talvez uísque... — ela respirou fundo e, pela primeira vez, meu cérebro ainda meio dormindo percebeu que ela estava nervosa. — Eu sinto muito por te acordar, — disse ela calmamente. — Eu deveria ir.

— Não, — eu disse automaticamente, minha boca operando no instinto antes que minha mente pudesse apanhar. Um rubor se espalhou em suas bochechas, e algo estalou em minha mente, e agora eu estava totalmente e completamente acordado. — Vá para a sala de estar, — mandei - não pedi. — Ligue a lareira a gás e se sente lá. Espere por mim.

Ela obedeceu sem questionar e esse simples ato de obediência despertou o velho eu, o eu que era conhecido no campus por certo tipo de experiência no quarto. Eu não poderia evitar, era tão bom sentir uma mulher dócil em minhas exigências, ver uma mulher tão inteligente e independente como Poppy me deixar cuidar dela, confiar em mim para dirigi-la exatamente da maneira certa. E então eu me senti como um idiota. Segurei as bancadas, me lembrando das aulas de estudos das mulheres na faculdade, a freira feminista no seminário apresentando todas as instâncias da misoginia¹⁵ dolorosa na história da Igreja. Eu estava sendo um porco, por mais de uma razão. Eu precisava recuperar o meu controle, ir lá e dizer a ela que, depois de sua bebida, ela precisava ir. Queria ser honesto sobre a minha luta e esperar que ela entendesse.

Mesmo que ela me odiasse por isso.

Porque eu merecia seu ódio.

¹⁵ Ódio ou aversão às mulheres.

Mas, primeiro, as bebidas. Eu gostava de Scotch e eu geralmente bebia sozinho ou com meus irmãos, então eu não tinha os copos certos para ele. Na verdade, eu não tinha nenhum copo em tudo. Então eu trouxe o Scotch em duas canecas lascadas.

Seja bom seja bom seja bom, eu disse a mim mesmo quando me aproximei dela. *Não salte seus ossos. Não fantasie sobre a porra dos peitos dela. Seja um bom padre.*

Ofereci a ela o Scotch. — Desculpe sobre as canecas.

Ela sorriu. — Mas elas são tão elegantes.

Revirei os olhos e me sentei na cadeira ao lado do fogo, que era uma má ideia, porque isso significava que ela estava basicamente sentada em meus pés e isso estava apenas reforçando todos os pensamentos ruins.

Agora ou nunca, Tyler, eu disse a mim mesmo. *Você tem que fazer isso.*

— Poppy, — eu comecei, mas ela me interrompeu.

— Não, eu sou a única que tem de pedir desculpas, — disse ela. — Isso é o que eu vim fazer aqui, depois de tudo. — ela inclinou a cabeça até encontrar meus olhos e o fogo brilhava através de seu cabelo, mostrando onde ele estava secando em ondas desarrumadas. — Eu me sinto terrível sobre esta tarde. Eu estou fodida com o que aconteceu com Sterling, e por alguma razão, quando você agiu todo protetor comigo esta tarde, eu entrei em pânico.

Você e eu.

— E eu vou ser honesta - desde que eu estou falando com um Padre afinal de contas. É complicado pelo fato de que eu não consigo parar de pensar em você o maldito tempo todo, e isso está me matando.

Tudo em mim acende como fogo, porque estas eram as duas primeiras e últimas palavras que eu queria ouvir, e eu vacilei.

Ela baixou os olhos de uma maneira que apunhalou minhas costelas. Ela pensou que eu estava rejeitando sua atração, a *rejeitando*. Merda, nada esteve mais longe da verdade, mas não havia jeito de explicar isso sem fazer as coisas mais enroladas do que já estavam.

— De qualquer forma, — ela continuou em voz baixa: — Eu sinto muito por atacar você esta tarde. E eu também sinto muito pelo que aconteceu na segunda-feira. Eu me aproveitei de você. Eu tenho toda essa merda na minha vida e eu joguei isso em cima de você porque você estava aqui e você foi gentil.

Eu me inclinei para frente, tentando reunir forças para dizer o que precisava ser dito. — Estou feliz que você veio aqui e que você está arrependida - não que você deve se arrepender, porque a culpa do que aconteceu após a sua última confissão repousa inequivocamente sobre meus ombros. Mas estou feliz porque isso significa que você entende por que isso não pode acontecer novamente. Eu tenho um voto a defender, para honrar a Deus, honrar seus filhos, seus cordeiros. Você veio me pedir ajuda e, ao invés disso, — eu parei, incapaz de pronunciar as palavras. Mas o calor correu para minha virilha de qualquer maneira quando as palavras de uma tarde dispararam em minha mente como tiros. *Buceta. Clitóris. Pau. Gozo.* Eu não precisava olhar para saber que meu moletom estava perigosamente perto de revelar esses pensamentos.

— Eu aproveitei de você, — eu terminei.

Ela apertou os lábios. — Você *não* se aproveitou de mim. Sim, eu tenho alguma merda acontecendo na minha vida agora, mas eu sou minha própria pessoa, capaz de fazer minhas próprias escolhas. Eu não estou danificada, eu não cresci não amada. Eu não sou uma lousa em branco para os homens exercerem sua agência. Eu *escolhi* dormir com Sterling. Eu *escolhi* te deixar ir lá embaixo em mim. Eu queria essas coisas, e você não pode me dizer que eu não quis. Você não consegue me dizer que eu não era nada mais do que um espectador sem vontade.

Ela se levantou, o vermelho em suas bochechas e não apenas por causa da lareira. — Não se preocupe. Eu não vou te incomodar com meu corpo novamente. Eu vou respeitar o seu voto e seu cavalheirismo ultrapassado junto com ele.

Isso doeu. Isso machucou como o inferno, na verdade, porque eu só estava tentando reunir todos os meus pensamentos pós-modernos e feministas, tentando esmagar parte do meu cérebro que fantasiava sobre como a deixar nua em meu chão com um copo de uísque equilibrado nas suas costas.

E é por isso - eu acho - que eu agarrei seu braço e a puxei entre as minhas pernas. Ela engasgou, mas ela não se afastou. Eu estava na altura perfeita para sentar e chupar o mamilo através de sua camisa, e foi o que fiz. Suas mãos seguraram meu cabelo enquanto ela gemia.

— Eu pensei que - você disse, — ela se contorcia quando eu mordi suavemente para baixo e, em seguida, retomei minha sucção.

— Você está certa, — eu disse, recuando. — Eu não deveria fazer isso.

O rosto dela caiu muito ligeiramente, mas ela balançou a cabeça, se afastando, e então eu agarrei seus quadris e a puxei para baixo para que ela montasse minha coxa, sua buceta imediatamente começando a moer contra mim de uma forma adoravelmente necessitada.

— Eu não deveria te colocar sobre meu colo e espancar seu traseiro por ser essa pequena puta descarada vindo aqui sem um sutiã, — eu rosnei em seu ouvido. — Eu não deveria torcer cordas em torno de seus pulsos e tornozelos até que sua buceta estar exposta e, em seguida, te foder até que você não possa mais andar. Eu não deveria virar você e foder o seu traseiro até que seus olhos lacrimejassem. Eu não deveria te levar para o clube de stripper e te foder no quarto dos fundos, de modo que você vai esquecer tudo sobre Sterling e o único nome que você vai se lembrar de dizer é o meu. — eu mordi levemente seu mamilo novamente. — Ou o de Deus.

Coloquei dois dedos no cócs do seu short e puxei para baixo, o elástico alongando e me dando uma espiada no que eu já suspeitava. Havia o aumento suave de seu osso púbico, o clitóris visível como um pequeno broto, a carne suave, apenas implorando para ser tocado.

— Por que você veio aqui hoje à noite, Poppy? — eu perguntei quando eu espalmei seu peito, gemendo baixinho com a sensação de seu peso suportado na minha mão. Eu mantive minha outra mão onde estava, ainda olhando para sua buceta nua. — Você realmente veio pedir desculpas? Ou você veio aqui, no meio da noite, sem sutiã ou calcinha, para me tentar? Isso é um pecado, você sabe. Intencionalmente levar outra pessoa em uma ação culposa ou pensamento. Não, não se afaste agora.

Ela começou a torcer para longe, e eu sabia que estava enviando sinais tão misturados que eram além de confusos, eles eram

misturados, incompreensíveis, mas então eu murmurei, — Só mais um. Me dê mais um.

Mais o quê? Eu me perguntava quando eu também falei *um*. Mais um orgasmo? Para ela? Para mim? Mais uma chance? Mais um vislumbre, mais um sabor, um minuto mais para fingir que não havia nada com o jeito de estarmos juntos?

E então eu empalideci. Essa era uma coisa estúpida de dizer - estar juntos - como se minha atração por Poppy Danforth fosse mais do que três anos de celibato encontrando a mulher mais sexy que eu já conheci. Como se houvesse alguma parte secreta de mim que queria mais do que transar com ela, a queria levar para jantar e fazer seu café da manhã e adormecer com ela em meus braços.

Ela estava olhando para mim o tempo todo que eu pensei nisso, olhando com olhos castanhos e uma boca com fome e aqueles peitos tão alegres e suaves sob sua camisa.

— Hoje à noite, — eu disse a ela. — Temos isto. Então, não mais.

Ela assentiu com a cabeça, em seguida, engoliu em seco, como se sua boca estivesse seca. Eu sua garganta engolir.

— Fique de joelhos, — eu disse com a voz rouca.

Ela se arrastou para obedecer, se ajoelhando entre as minhas pernas e olhando para mim através dos longos cílios escuros que assombravam os meus pensamentos de vigília.

— Tire sua camisa.

Ela puxou a camisa de algodão sobre a cabeça e a deixou cair no chão, e eu tinha minhas mãos em minhas calças de moletom para evitar encostar nela e foder seu cérebro para fora, porque santa *porra*, aqueles seios eram perfeitos. Claros com mamilos cor de rosa escuros, pequenos o suficiente para cobrir com a ponta dos dedos, mas grandes o suficiente para que eu fosse capaz de atraí-los facilmente em minha boca. Eu queria ver o meu pau de deslocando entre os seios, eu queria gozar tudo sobre eles, eu os queria sentir pressionados contra o meu peito enquanto eu esticava meu corpo em cima dela.

Mas não haveria fim para as coisas que eu queria fazer para este cordeirinho, não importa quantas vezes ou quantas maneiras eu tivesse ela. Ela estava criando esta parte insaciável em mim, um abismo de

necessidade, e mesmo na minha neblina, eu podia ver o quão destrutivo isso seria se eu não parasse.

E parar iria acontecer em breve... só não *agora*.

Baixei o cós das minhas próprias calças apenas o suficiente para libertar o meu pau, deixando minha camisa também. Eu gostava de estar vestido quando eu fodia, eu sempre fui assim; não há nada melhor do que ter uma mulher nua subindo em cima de você, ronronando em seus pés e gritando em seu colo enquanto você está completamente vestido. (e sim, eu reconheço que também é fodido em termos de feminismo e tudo isso. Eu sinto muito).

Poppy se contorceu, a mão dela derivando para o tecido fino entre as pernas dela, acariciando a si mesma.

— Você deixou uma mancha molhada na minha perna, cordeirinho, — eu disse, olhando para a minha coxa, onde sua excitação tinha encharcado através do tecido de seus shorts. — Você quer algo?

— Eu quero gozar, — ela sussurrou.

— Mas você pode fazer a si mesma gozar a qualquer hora que quiser. Você veio aqui hoje à noite porque você quer algo mais. O que é?

Ela hesitou e depois respondeu. — Eu quero que você me faça gozar.

— Mas você sabe que é errado pedir.

— Mas eu sabia que era errado perguntar... ou querer.

Deixei escapar um suspiro. Era errado. Tudo isso é muito errado.

E Jesus me ajude, por algum motivo fazia tudo isso mais doce.

— Lamba, — eu disse, indicando meu pau. Minhas mãos ainda estavam em minhas coxas; eu não me incomodei em segurar para ela. Em vez disso, fiquei sentado e observei quando ela passou a língua da base para o meu pau em um longo movimento. Meus dedos escavaram na poltrona, assobiando quando ela fez isso de novo. Eu tinha esquecido como isso era bom também, quão suave e liso a língua de uma mulher poderia ser, quão perfeito é sentir ela se arrastar ao longo do lado sensível do meu pau, traçando círculos delicados em torno da coroa.

Cordeirinho obediente, ela não fez mais do que lamber, sua mão ainda entre suas pernas, seus olhos presos aos meus na penumbra.

— Chupa agora, — eu disse a ela. Um rápido sorriso piscou no rosto dela - um sorriso que gritava Ivy League e análise financeira e um gosto por bom champanhe - e, em seguida, sua cabeça não passava de uma massa balançando em ondas escuras entre as minhas pernas.

Eu realmente gemi agora. Havia alguma vista que eu tinha sentido mais falta do que isso? A cabeça se movendo ansiosamente entre as minhas coxas? Mas depois eu pensei na segunda-feira na igreja, ela se inclinou sobre o piano e sua buceta era a única coisa em minha visão. Sentada em mim, moendo seu clitóris contra o meu pau.

Havia um monte de coisas que eu tinha sentido falta.

Meus quadris e pernas estavam praticamente vibrando com a necessidade suprimida de empurrar em sua boca, e me entregar um pouco, enfiando minhas mãos pelos cabelos e a segurando por cima do meu pau, empurrando para cima com meus quadris até que eu batesse a parte de trás sua garganta, estremecendo enquanto eu deslizava para trás e para fora de seus lábios, dentes e língua, tudo isso me acariciando, me atiçando ainda mais. Eu nunca tinha estado tão duro assim antes, eu tinha certeza disso, e quando eu puxei seus lábios do meu pau, eu podia ver cada veia, podia sentir a crista dolorosamente inchada.

Foi quando eu soube que eu tinha que sentir sua buceta. Se essa seria a última vez, se era isso, então eu tinha que fazer. Quer dizer, eu já estava cometendo um pecado mortal por a deixar me chupar. Seria muito pior se eu tivesse ela esfregando sua buceta contra mim de novo?

Ou, se eu deslizasse apenas metade para dentro? Isso ainda não era realmente sexo, não *realmente*, e então eu puxaria de volta para fora. Eu só queria sentir uma vez. Apenas uma vez.

Merda, eu parecia um adolescente. Eu também não me importava naquele momento, com o mais duro pau no mundo e com a mulher mais linda que eu já vi ainda ajoelhada na minha frente, à boca separada, se contorcendo pela falta indisfarçável.

— Tire tudo e se sente no balcão, — eu pedi. Ela se levantou, tirou os shorts, e caminhou até a cozinha (onde felizmente todas as persianas estavam fechadas) e pulou em cima do balcão.

Me aproximei dela lentamente, meu sangue fervendo perigosamente, porque eu sabia que eu estava me aproximando do limite, ao ponto de não retorno, mas eu queria, eu queria me atirar no desconhecido se o desconhecido fosse Poppy. Era difícil ligar sobre qualquer outra coisa.

Senti o cheiro dela quando eu pisei até o balcão, uma mistura de sua excitação e sabão limpo e apenas um toque de lavanda. Eu abri suas pernas tão distantes quanto dava, chegando atrás dela e a puxando até a borda, de modo que quando eu me pressionei contra ela, meu pau alinhou contra suas dobras.

Ela lambeu os lábios vermelhos quando ela encontrou meus olhos. Lambeu os lábios, como se ela fosse um predador prestes a me devorar, mas isso não era como isso funcionava, não de tudo, e de repente eu estava obcecado com esse batom vermelho, ainda perfeito às três da manhã, como se ela tivesse reaplicado antes de vir. Sim, quando eu terminasse com ela, a cor cuidadosamente aplicada estaria em todos os lugares, e ela se sentiria marcada, tomada.

Eu me inclinei para frente e a beijei pela primeira vez.

Seus lábios eram tão suaves como eu esperava - até mesmo mais suaves - mas eles eram firmes de uma forma que eu não esperava, não imediatamente cedendo a mim. Se eu não tivesse vivido a vida que eu tinha vivido antes da batina, eu não teria entendido sua relutância. Mas eu entendi.

— Você quer que eu lute por isso, cordeirinho? — murmurei contra seus lábios.

Ela assentiu com a cabeça, sem fôlego.

— Você quer que eu roube isso de você?

Outro aceno de cabeça.

— Forçar em você?

Uma exalação trêmula. E então, finalmente, outro aceno. Meu cordeirinho queria uma vida difícil, e sabe, eu queria dar a ela dessa maneira.

Meus lábios se tornaram uma força inexorável, um ato da natureza - um ato de Deus - e eu agarrei a parte de trás de sua cabeça tão duro quanto eu podia, pressionando seu rosto para o meu. Eu

enterrei meus quadris contra ela, me esfregando nela, e usei a mão livre para reivindicar seu peito - pressionando contra ele, o agarrando tão ferozmente que eu sabia que ela podia sentir cada dedo como um ponto brilhante de desconforto. Lentamente, tão lentamente, sua boca se abriu para mim, e pela primeira vez nossas línguas deslizaram juntas em um emaranhado de suavidez e promessa, eu quase me perdi bem ali.

Sua boca era gananciosa, mas a minha era ainda mais gananciosa, e lutaram entre si, quem iria devorar o mais rápido, quem poderia levar o que eles queriam primeiro, quem poderia levar mais, e em pouco tempo, ela era uma forma se contorcendo de músculo liso e curvas suaves, seus quadris empurrando contra os meus e as mãos pegando meu cabelo e arranhando minhas costas.

Quando eu finalmente quebrei o nosso beijo, eu estava satisfeito por ver que o batom estava de fato manchado. Ele combinava com seu delineador borrado e seu cabelo selvagem, que combinava suas mãos segurando minha bunda como duas marcas quentes.

— Eu quero estar dentro de você, — eu disse. — Só um pouco. Só para sentir isso.

— Oh, Deus, — ela respirou. — Por favor. É tudo que eu tenho pensado desde que nos conhecemos.

— Você tem que ficar muito, muito quieta, — eu avisei. — Você vai se comportar?

Ela mordeu o lábio e assentiu com a cabeça, e então eu me peguei na minha mão. Eu não podia acreditar que estava fazendo isso, e na cozinha da minha própria fodida reitoria - não que isso era pior do que o piso do santuário. Mas, com as pernas abertas, com ela praticamente choramingando daquele beijo, eu não poderia me parar nem se eu tentasse. E eu definitivamente não queria tentar.

Me segurando, eu pressionei a cabeça do meu pau contra seu clitóris, acariciando para baixo de sua entrada até sua bunda. Ela estremeceu de uma forma que me disse que ela não tinha nenhuma objeção a isso também, e eu teria que acrescentar isso nas coisas que eu me arrependo amargamente de nunca ter feito. Me mexi para cima, novamente pastando sua abertura e até o clitóris. Ela me deu uma expressão de agonia e eu queria tirar de seu rosto - ou me jogar nisso,

tanto faz. Depois de mais alguns passes, eu não podia esperar mais, eu tinha que fazer isso ou eu poderia realmente morrer no local.

Inclinei minha testa contra a dela, nós dois olhando para baixo para ver como o meu pau pressionava contra ela e lentamente deslizei para dentro. Eu parei quando a crista do meu pau estava dentro dela, e então congelei, os músculos tremendo.

Nós dois apenas ficamos olhando, essa visão impossível: eu dentro dela, um padre provando o fruto proibido e mal capaz de enfiar tudo.

— Como se sente? — ela sussurrou.

— É uma sensação... — minha voz era pouco mais que um suspiro neste momento. — É como estar no paraíso.

Ela era tão apertada, sua buceta apertando meu pau e não havia palavras para descrever o que a pele molhada, escorregadia estava fazendo comigo, porque era reescrever minha mente e minha alma, o meu futuro e minha vida. Era uma sensação tão vil e primitiva, tão deliciosa, que eu teria matado para sentir, eu iria matar alguém agora se significava que eu poderia ter meu pau dentro desta mulher novamente.

Uma polegada e meia de condenação, e tudo que eu conseguia pensar era afundar cada vez mais no inferno.

Ela balançou para frente mais um pouquinho, incapaz de evitar, esse cordeirinho ganancioso, e eu agarrei seu pescoço, minhas pernas tremendo com o esforço para não gozar por esse único movimento. — Fique parada, ou eu vou gozar antes de eu querer, e se isso acontecer, então eu vou te por no meu joelho e bater em sua bunda até que você aprenda a ouvir, — eu disse com firmeza.

A minha ordem teve o efeito previsível de enviar arrepios em seus braços. Sua respiração estava soando alta e áspera na pequena cozinha. — Porra, — ela sussurrou. — *Porra*. Eu - isto - esta é a coisa mais quente que eu já fiz.

Foi possivelmente a coisa mais quente que eu já tinha feito também, e eu tinha feito uma vida inteira de coisas quentes com muitas mulheres quentes - mas nenhum delas tinha sido como Poppy.

Esses lábios vermelhos e pele clara. Porra, a mulher mais sexy que eu já conheci.

— Eu quero sentir você gozar ao meu redor, — eu disse, minha testa ainda contra a dela, nossos olhos de volta ao lugar onde estávamos unidos. Eu nunca iria esquecer isso enquanto eu vivesse e eu não queria que ela esquecesse também.

— Isso não vai demorar muito, — disse ela e, em seguida, deu uma pequena risada rouca que a fez apertar em torno de mim. Eu assobieei, agarrando a bancada para me impedir de explodir.

— Desculpe, — ela sussurrou, e em resposta, eu deslizei a mão da sua perna para o clitóris e comecei a esfregar.

— Fique quieta, — eu olhei para ela enquanto observávamos minha mão grande e calejada por todos os trabalhos que fiz ao redor da igreja, pressionando em sua carne rosa suave tremendo em torno da ponta do meu pau.

— Eu estou tentando ficar parada, — ela murmurou, e eu poderia dizer que ela estava, eu poderia dizer que ela me queria tanto quanto eu queria. Eu aumentei a força e o ritmo dos meus dedos.

— Garota imunda, — eu sussurrei. — Então deixe essa imundície entrar em você. Você gosta disso, ficar aberta e ser usada desta maneira? Eu aposto que você gosta de ser chamada de nomes sujos também.

— P-por favor, — ela gemeu.

— Por favor, o que, cordeiro?

Ela mal conseguia falar agora, minha cabeça pendendo para trás contra os armários, ela arqueou para trás empurrando os seios mais perto de mim. — Nomes, — ela saiu. — Eu gosto... dos nomes...

Porra. Ela estava realmente me matando. Morte por excitação. Morte por ereção perpétua.

— Você é uma puta, Poppy? — baixe a cabeça e chupei um mamilo, amando a sensação na minha língua, endurecendo enquanto eu chupava. — Você está certa de agir como uma vadia, me fazendo agir desta forma. Você está me fazendo quebrar todos os tipos de regras, e eu odeio quebrar as regras. — mudei para o pescoço, beijando e mordendo. — Você vai levar isso em qualquer lugar que você pode, não vai?

— Eu, — ela inalou, incapaz de terminar, mas ela não precisava, porque ela estava gozando agora, seu corpo ondulando como se perseguisse as ondas de prazer rolando através dele. Uma e outra vez, sua buceta apertou a cabeça do meu pau, apertando e pulsando, e apenas sabendo que eu a poderia fazer gozar com apenas a mais rasa das penetrações me deixou quase selvagem.

Ela caiu nos meus braços quando ela acabou, descansando a cabeça no meu ombro. — Sua vez, — disse ela contra a minha pele.

Comecei a puxar para fora, mas ela agarrou meus quadris e me parou. — Não, — ela disse. — Em mim.

— Poppy, — eu comecei.

— Estou a tomando pílula. — sua mandíbula dura quando ela olhou para mim. — Eu quero te ver se derramando em mim. Eu quero isso onde isso pertence - em mim. Por favor, Tyler. Se esta é a última vez, me dê uma coisa.

Tyler. Ela nunca me chamou assim antes. E foi lá na base da minha espinha agora, alimentada por suas palavras sujas - essa mulher implorou por isso? Que mulher fica excitada por isso?

Mas, francamente, eu teria concordado com qualquer coisa, não importa o quão perigoso, então eu balancei a cabeça, minha mandíbula apertando.

Ela se inclinou para trás contra os armários, trazendo os calcanhares até o balcão. A mudança em sua posição não me fez mover mais fundo no interior, mas a fez flexionar e apertar em volta de mim e meu clímax arranhou mais perto. Ela deslizou as mãos para a parte inferior dos seus seios, passando os polegares ao longo de seus mamilos ainda duros, pressionando os seios juntos e os afastando, destacando quão deliciosos eles eram e quase me cegando com a luxúria ao mesmo tempo.

Deus, eu precisava bombear.

Precisava empurrar.

Precisava foder.

Então seus dedos foram para seu clitóris e ela começou a se masturbar outra vez, seus outros dedos deslizando para dentro e para fora da boca e eu fiquei fodidamente paralisado, aqueles lábios, aquela

boca má, a boca que tinha chupado meu pau *duro pra caralho* para *mais duro pra caralho* ainda junto à lareira antes. E então - menina danadinha - mexeu seus quadris ainda que levemente, mexendo apenas o suficiente para me empurrar dentro e fora de sua pequena buceta tão molhada, tão apertada, e lá estava ele, esfaqueando pelas minhas bolas e até meu pau, e ambos assistimos como aconteceu, como meus quadris se sacudiram e meus músculos do estômago saltaram e então eu gozei. Minhas pernas mal conseguiam suportar meu peso e eu mal podia respirar, uma vez que rasgou através de mim, o meu primeiro clímax feito por uma mulher há anos, mas eu me forcei a permanecer em pé porque eu queria memorizar este momento para sempre, meu sêmen derramando e sua buceta tão molhada e as pernas afastadas em santificada boas-vindas. A pulsação finalmente, finalmente diminuiu, e ela deitou a cabeça contra o meu peito, soltando esse contente pequeno suspiro, e meu coração torceu dentro do meu peito, exigindo tudo o que ele queria agora que podia ser ouvido sobre a minha luxúria desenfreada.

— Merda, — eu murmurei, me inclinando para frente e pressionando o meu rosto em seu cabelo cheiroso. — O que você está fazendo comigo?

Ficamos assim um longo momento, nenhum de nós querendo que isso acabasse, mas, então, o ar-condicionado chutou, soprando ar frio sobre nós, e Poppy estremeceu, ainda nua. Eu deixei ela encima do balcão, enquanto eu trouxe um pano e a limpei com água morna, e então eu a ajudei a encontrar a roupa e caminhar até a porta.

— Então, eu te vou ver na missa de amanhã? — ela disse.

— Poppy...

— Eu sei, eu sei, — disse ela com um sorriso triste. — Amanhã, vamos começar de novo. Casto. Limpo.

— Bom, mas não é isso que eu ia dizer.

Suas sobrancelhas franziram. — O que você ia dizer?

Me inclinei e escovei meus lábios contra os dela. *Última vez. Último beijo.* — Eu queria dizer obrigado. Pelo uísque escocês e pelo... que aconteceu.

Ela piscou para mim e, em seguida, seus olhos se fecharam quando eu aprofundei o nosso beijo, saboreando cada polegada de sua

boca, a lambendo suave e amorosamente como eu tinha feito ferozmente antes. Eu nunca quis me mover deste ponto, eu só queria saboreá-la e respirar o ar que nós estávamos compartilhando e sentir seu corpo quente contra o meu - e também fingir que eu não estava à espera de um tsunami de culpa e uma vida de penitência.

— Boa noite, — disse ela contra a minha boca.

— Boa noite, cordeirinho, — eu disse.

Me afastando, senti como pisar em cacos de vidro, e eu não poderia evitar, ela tinha os olhos arregalados e tão abertos ao meu amor, e foi instinto mais do que qualquer outra coisa que levou a traçar uma pequena cruz em sua testa.

Uma benção.

E espero que uma promessa de fazer melhor.

CAPÍTULO

DEZ

Meu telefone tocou violentamente no meu balcão.

Era segunda-feira, dois dias pós o-quase-sexo, e eu estava pensando sobre como eu ia me encontrar com Poppy em apenas alguns minutos para o almoço. Eu estava limpando o balcão e me lembrando da vista desta localização exata duas noites atrás.

Eu nem sequer tentei decifrar o que a mensagem dizia. Era do Bispo Bove, e meu chefe não era apenas terrível em mensagens de texto, mas também muito inseguro sobre sua terrível habilidade de mandar mensagens, então eu sabia que ele iria ligar logo depois que ele enviou a mensagem para se certificar de que eu entendi (e, em seguida, a traduzir para mim.)

De certo, meu telefone tocou um momento depois, o tema de *The Walking Dead* ecoando na minha cozinha. Normalmente eu iria atender tranquilamente, normalmente eu estaria mais do que feliz em falar com o homem rude, a princípio, que estava reformando nossa diocese e lutando pela reforma ao meu lado, mas hoje, eu só senti um formigamento trepidando, como se ele soubesse de alguma forma o que eu tinha feito na outra noite. Como se ele pudesse imaginar isso no minuto em que ouvisse a minha voz. — Olá?

— Você vai no próximo ano do Mid-America Clero Convenção? — perguntou o bispo Bove, pulando direto para o assunto. — Eu quero essa palestra lá. E eu quero você nela.

— Eu ainda não decidi, — eu disse, e eu percebi que minhas mãos estavam realmente ficando suadas, como se eu tivesse sido chamado à sala do diretor ou meus pais ou algo assim. Merda. Se eu me senti tão nervoso no telefone com ele, o que eu faria quando eu o visse em pessoa?

— Acho que este é finalmente o ano que vamos obter a palestra que queremos lá, — disse o bispo. — Você sabe quanto tempo eu empurrei isso.

A palestra que queremos... o painel sobre abuso. Bispo Bove tinha apresentado propostas para a organização de educação continuada para o clero nos últimos quatro anos e isso tinha sido abatido o tempo todo. Mas a liderança dentro da organização havia mudado, os organizadores mais jovens estavam no comando, e eu sabia que Bove tinha dito em privado que ele iria finalmente obter seu painel controverso.

Mas como eu iria me sentar no salão de festas do hotel olhando para um mar de sacerdotes e palestrar para eles sobre os perigos da errante sexualidade de um padre? Olhei para a minha bancada, onde eu tinha deslizado para dentro de Poppy. Não todo o caminho. Não foi todo o caminho, mas o suficiente para gozar. O suficiente para fazê-la gozar. Eu esfreguei os olhos, tentando bloquear a visão.

Poderia ser um voto não todo o caminho quebrado? Poderia ser um pecado não todo o caminho cometido?

Claro que não. E mesmo que ninguém nunca soubesse sobre isso, eu percebi que eu tinha destruído a minha legitimidade comigo mesmo, e talvez isso fosse pior do que a minha legitimidade pública que está sendo destruída. Onde eu tinha me metido? Eu iria ser capaz de falar - pregar - sobre as coisas que eu me importava o máximo de novo?

— Tyler?

— Se você fizer a palestra, eu estarei lá, — eu murmurei, ainda esfregando os olhos. Eu estava vendo faíscas.

Melhor do que ver os meus pecados.

— Eu sabia que você iria. Como está St. Margaret? Como está Millie? Ela deu uma dura no contador diocesano na semana passada por extraviar seus relatórios trimestrais de dízimo. Ouvi dizer que ela reduziu o pobre homem à lágrimas.

— Esta tudo bem aqui, tudo está indo muito bem, — eu menti. — Apenas me preparando para todas as coisas do encontro da juventude.

E você sabe, cheio pelo caminho de convertidos esperançosos de merda.

— Bom. Eu estou orgulhoso de você, Tyler. Eu não digo isso muitas vezes o suficiente, mas o trabalho que você fez dessa cidade tem sido nada menos que um milagre.

Pare, eu implorei a ele em silêncio. Por favor, pare.

— Você está fazendo a obra de Cristo, Tyler. Você é um exemplo.

Por favor, por favor, pare.

— Bem, eu vou deixar você ir. E sobre a palestra - eu vou enviar mensagem para você no momento em que eu ouvir a respeito.

— Você tem certeza disso?

— Tudo bem, eu vou *ligar*. Adeus, Tyler.

Eu desliguei e olhei para o meu telefone um minuto. Eu tinha acordado dizendo a mim mesmo que ontem foi minha partida ao longo do dia. Meu dia sendo casto. E que hoje seria mais fácil. Então, por que eu me sinto como se meus pecados ainda estivessem me perseguindo? Ainda fodendo os meus passos?

Porque você não os confessou, Tyler.

Eu era um idiota. Eu deveria ter feito isso no início. Me sentei em um lado do confessionário toda cada semana - por que não tinha me ocorrido procurar o outro lado? Buscar a absolvição e a responsabilidade que cada pessoa precisava?

Na próxima semana. Eu iria para Kansas City na próxima quinta-feira para visitar o meu confessor - um homem o qual eu fui para o seminário com ele, então eu jantaria com mamãe e papai e tudo ficaria muito melhor.

Eu senti um pouco de alívio com este plano. Tudo vai ficar bem.

Poppy tinha chegado à missa na manhã de ontem e me procurou depois para organizar nossos planos de almoço para hoje. Eu queria almoçar com ela - ou a ter para o almoço, eu não tinha certeza - mas ela se esquivou no momento que os nossos planos foram descobertos, e depois que eu tinha sido cercado pela multidão habitual do serviço pós-retardatários. Ela estava tentando manter distância? E se assim for, era porque ela queria? Ou como um favor percebido para mim?

O pensamento de que esta seria a forma como ela iria se comportar ao redor a partir de agora - metódica e abrupta – me fez profundamente infeliz.

O que era estúpido, porque era o que eu queria - não, o que eu deveria querer - mas não o fiz. Eu queria tantas vidas - a vida onde éramos crente e Padre e a vida onde éramos homem e mulher - e cada momento que passava sem a minha boca na pele de Poppy, mais e mais da minha força de vontade se dissipava, até que eu fiquei com o conhecimento desconfortável que eu iria suportar toda a culpa ou punição que eu tinha, a fim de tocá-la novamente.

Hoje, esses pensamentos ainda nublavam minha cabeça quando eu juntei minhas coisas e caminhei as duas quadras até a vinícola mais próxima. Eu esperava ver Poppy sozinha, mas fui agradavelmente surpreso ao vê-la conversando animadamente com Millie no jardim da vinícola, uma garrafa aberta de alguma coisa branca e gelada sobre a mesa.

Poppy acenou para mim. — Eu convidei Millie - espero que esteja tudo bem?

— Claro, tudo bem, — Millie interrompeu antes que eu pudesse responder. — Esse menino mal consegue dizer a hora, muito menos o orçamento para um grande projeto.

Eu bufei e franzi a testa. — Você sabe que eu tenho uma pilha muito organizada de Post-It e guardanapos de bar nesta bolsa.

Millie bufou, como se eu tivesse confirmado cada um de seus medos mais obscuros. Olhei para Poppy, alguma parte imatura de mim querendo certificar de que eu tinha feito ela rir, em seguida, desejando que eu não tivesse, uma vez eu percebi o quão maravilhosa ela estava. Ela usava jeans skinny e uma camiseta turquesa justa o suficiente e um fino algodão macio que me lembrou da camisa que ela usava no sábado à noite... a camisa que através dela eu tinha chupado seus mamilos. Seu cabelo estava em uma trança bagunçada jogada sobre um ombro, e seus olhos eram mais verdes do que marrons pela luz solar atravessando através das videiras cobrindo a pérgola, e seus lábios estavam de volta em sua marca vermelha. Por que ela tem que ser assim, então malditamente sexy todo o maldito tempo?

— Se sente, meu rapaz, antes que o Riesling fique quente, — me disse Millie. — Agora, Poppy, diga a Padre de Bell o que você acabou de me dizer.

Eu puxei uma cadeira de ferro forjado e me sentei, já suando no calor do início de setembro. Millie derramou um terceiro copo de vinho fresco e eu aceitei, grato por ter algo que eu poderia olhar além de Poppy.

— Bem, — Poppy começou, — para começar, eu não estou familiarizada com o que vocês estão fazendo para angariação de fundos ou o que vocês fizeram no passado, então eu não quero pisar em nenhum dedo ou qualquer coisa.

— Você não vai, — eu prometi.

— Mas me diga se eu fizer. Este é o projeto de vocês depois de tudo.

— É o projeto da igreja, — eu disse. — E uma vez que você tenha vindo à St. Margaret, eu diria que torna seu projeto também.

Ela corou um pouco, como se isso a agradasse, traçando círculos em torno da borda de seu iPad enquanto ela falava. Me lembrei de meus pensamentos sobre ela durante a reunião, que ela era uma voluntária de partos, alguém que gostava de ajudar. Eu vi nos olhos dela enquanto ela falava, a excitação e o propósito. — Tenho notado que Weston tem um grande número de festivais sazonais, o que não é incomum para uma cidade dormitório, — ela dizia. — E eu notei no site da igreja que você anuncia que você mantém suas portas abertas para os visitantes durante estes festivais - você já fez isso?

— Não de verdade, — disse Millie.

— E quantos visitantes vocês costumam receber?

Tentei me lembrar. — Três? Quatro?

Poppy acenou com a cabeça, como se eu tivesse provado seu ponto. — Eu acho que um festival é uma oportunidade perfeita para atrair mais doadores, se nós aproveitarmos da maneira certa. Este edifício tem mais de 150 anos de idade - e esse tipo de charme antigo é exatamente o que as pessoas estão querendo ver. Isso e a bebida. Então você se coloca na calçada, você doa vinho local e uísque da destilaria, mas você fica longe da tarefa de venda da igreja de costume. Eles não estão entrando para comprar livros de receitas ou rosários - eles estão vindo para *ver*. E lhes dando bebida de graça, então eles se sentem inconscientemente obrigados a você.

Eu podia ver o Negócio que Poppy apresentava agora quando ela foi colocando em camadas através de seus pontos de forma eficiente e facilmente, rolando com estilo através de seus dedos enquanto ela falava. Eu vi a rica menina da escola famosa, a graduada em Dartmouth, a engenheira executiva de grandes empresas e vitórias corporativas.

— Então, de qualquer maneira, você faz da igreja um destino para as pessoas se locomovem. Esse é o primeiro passo. Mas o mais importante, você chega aos jornais locais e as estações de televisão de Kansas City. Você vira St. Margaret um ponto de interesse e história de notícia local, o tipo que vai virar viral no Twitter e Facebook. A igreja quer preservar a tradição do Centro-Oeste - você enfatiza as coisas que Millie diz que você está planejando fazer - manter as janelas originais, restaurar os pisos de madeira originais e reparar a velha pedra. As pessoas adoram essas coisas. E, então, passo três, que é realmente o passo zero, porque você faz esta parte antes de fazer qualquer outra coisa, você faz uma força tarefa para a restauração e reforma, para que quando a história e as mensagens forem anunciadas, há uma ligação fácil para as pessoas seguirem. Você vai aumentar a sua captação de recursos na área de Weston e de toda a grande área de Kansas City - e, possivelmente, ainda mais longe do que isso.

Essa mulher era tão extremamente inteligente. — Então por que não fazer a força tarefa e a coisa da notícia?

— Porque, — Poppy disse, se inclinando, — você precisa levar uma multidão de pessoas para a igreja, para vê-la com seus próprios olhos, para aprender sobre sua história e restauração em potencial. Você precisa deles voltando para onde vieram e para dar o empurrão. Será mais provável começar a compartilhar e twittar, eles são os únicos que o irão ajudar a superar essa primeira embreagem de inércia, porque eles são investidos agora, eles gastaram tempo e energia em St. Margaret. Eles são seus discípulos. Você os ensina, e então você diz: 'Vai tu e faz o mesmo'.

— Você tem lido sua Bíblia, — eu disse com aprovação.

Ela sorriu. — Só um pouco. Millie me convidou para a reunião Vinde e Veja na próxima semana. Era isso que estava no verso na parte de trás da brochura.

As reuniões Vinde e Veja eram para pessoas interessadas em entrar para a Igreja, e agora era a minha vez de esconder a minha

reação feliz. Apesar de tudo o que tinha dado errado entre nós, ela ainda estava sinceramente interessada em explorar a fé.

— Eu acho que sua ideia soa fantástico, — eu disse. — Nós praticamente esgotamos todos os meios usuais, e eu acho que a nossa própria paróquia está realmente muito seca de fundos. Você faz isso parecer tão fácil embora - quanto será para oferecer vinho? Como posso até mesmo entrar em contato com as pessoas da televisão?

Poppy puxou a tampa de sua caneta com os dentes e começou a digitar notas sobre seu iPad. — Eu cuidarei disso. As vinícolas aqui vão doar o vinho - isso é fácil. E as estações de notícias estão sempre à procura de coisas como esta, vai ser pouco mais do que envio de um e-mail, o que eu vou fazer esta semana. E eu vou preparar a força tarefa também. Você vai ver - não é muito trabalho.

— Parece que é um monte de trabalho, — eu admiti. — Quero dizer, eu acho que você está certa e eu quero fazer isso, mas parece um monte de coisa.

— Ok, parece bastante coisa, mas realmente, eu prometo que não será. Especialmente comigo fazendo o acompanhamento - tudo que você tem a fazer é ser charmoso e sorrir para as câmeras.

Millie deu um tapinha no meu braço com apreciação. — Ele é bom nisso. Ele é nossa arma secreta.

Os olhos de Poppy sacudiram em mim. — Sim, ele é.

Passamos horas planejando, decidindo sobre o festival, o que mais faria sentido para o nosso evento (Irish Fest) e quem faria o que, (Poppy faria praticamente tudo, mas Millie e eu concordamos em ser convocados sempre que fosse necessário, dando a Poppy nossos endereços de e-mail pessoais e números de telefone.) E, em seguida, Millie subiu em seu Buick sedan dourado e dirigiu pelas duas ruas até a casa dela, enquanto Poppy e eu andamos de volta na direção da igreja.

— Eu não vou ser capaz de chegar à confissão de hoje, — disse ela do nada. — Eu tenho uma chamada de conferência. Espero que esteja tudo bem.

— A maioria dos católicos só vão se confessar uma vez por ano. Você está bem. — mas eu estava um pouco decepcionado. (E, claro, por todas as razões erradas.)

— Eu estava me perguntando ...

— Sim? — perguntei, esperançoso.

— Isto vai parecer estúpido. Não importa.

Estávamos atravessando a rua principal agora, beirando na sombra pela calçada, e ao nosso redor o ruído da brisa nas folhas, os pássaros e o barulho fraco de carros ao longe. Eu queria dizer a ela que agora eu daria a ela qualquer coisa, eu lhe daria tudo, contanto que nós poderíamos ficar nesta bolha pacífica do início do Outono para sempre, apenas nos dois, as folhas e o calor verde que se tornava tão fácil de sentir amado por Deus.

Mas eu não podia dizer isso a ela. Então, em vez disso, eu disse: — Eu não acho que você é capaz de fazer uma pergunta estúpida, Srta. Danforth.

— Você deve reservar seu julgamento até eu pedir, Padre, — ela disse em uma voz que era meia risada, meio suspiro.

— Eu sou católico. Julgar é a minha coisa.

Isto me fez verdadeiramente rir. Ela olhou no edifício de tijolos da igreja quando nos aproximamos e, em seguida, girou os ombros, como se tomasse a decisão de ir para ela. — Aqui está a coisa. Eu quero fazer isso... essas coisas de Deus. Eu acho que talvez seja a primeira escolha que é sentida desde que saiu nessa fase em Dartmouth. Mas eu não tenho estrutura para sequer pensar em viver uma vida religiosa. Eu sei que eu tenho que aparecer na missa e que eu deveria ler a Bíblia e tudo parece bastante simples. Mas orar... eu me sinto tola. Eu me sinto desajeitada. Eu realmente nunca fiz isso antes e eu não tenho certeza que estou fazendo a coisa certa. — ela se virou para mim. — Então eu acho que eu queria saber se você pode me ajudar com isso. Em rezar.

Eu queria dizer a ela que a oração não era um teste, que Deus não coloca sua classificação em quão bem ou eloquentemente ela orasse, que, mesmo sentada em silêncio você ora. Que nós, os católicos, tínhamos prescrito orações para contornar exatamente este tipo de crise. Mas então a brisa soprou uma mecha de cabelo em seu rosto, e eu sem pensar estendi a mão e o coloquei de volta atrás da sua orelha, e seus olhos se fecharam ao meu toque, e porra, porra, porra, o que eu estava prestes a dizer?

— Hoje à noite, — eu disse. — Depois do grupo dos homens. Venha me encontrar e vamos trabalhar nisso.

CAPÍTULO

ONZE

Depois de grupo dos homens, eu parei no meu escritório para pegar um rosário e um pequeno panfleto que continha algumas orações básicas e entrei no santuário, sabendo que Poppy provavelmente estaria lá mais cedo.

O que eu não sabia era que ela estaria de pé diretamente em frente ao altar, olhando para a cruz, a luz do fim do crepúsculo derramando através das janelas e a manchando em tons de joias escuras, safira e vermelho e esmeralda. Eu não sabia que seus ombros estariam trêmulos ainda que levemente, como se estivesse chorando, e eu não sabia que todas as portas e janelas estariam fechadas, prendendo o ar perfumado de incenso no interior.

Eu parei, a saudação em meus lábios paralisadas pelo silêncio, pelo peso pesado da tranquilidade.

Deus estava aqui.

Deus estava aqui, e Ele estava falando com Poppy.

Eu sentia cada beijo de ar em toda a minha pele quando eu andei mais perto dela, a ouvindo em cada expiração, e quando cheguei a ela, eu vi quando arrepios percorreram seus braços, quando lágrimas correram silenciosamente pelo seu rosto.

Havia mil coisas que eu deveria dizer, mas eu não poderia interromper o que quer que este momento fosse. Só que não seria verdadeiramente interromper, porque me sentia convidado para isso, como se eu devesse ser parte dela, e eu fiz o que parecia certo: eu passei meus braços em torno dela.

Ela se inclinou para trás em mim, os olhos ainda presos à cruz, e eu apenas a segurei enquanto nós dois víamos esse momento descer sobre nós, a luz que nos banhando morrendo e o silêncio. Sombras se arrastaram ao longo do chão e se reuniram em torno de nossos pés, e os segundos passavam em minutos, e, lentamente, lentamente, nós aproximamos progressivamente mais perto, até que cada polegada de suas costas estavam pressionadas contra mim, até que meu nariz estava em seu cabelo e suas mãos estavam enroscadas na minha.

A proximidade dela e a proximidade do divino, tudo ao mesmo tempo era uma euforia, felicidade, e eu estava quase tonto com isso, sentindo ambos ao mesmo tempo, intoxicado por ela e intoxicado e por meu Deus. E em face desse encontro ruminoso, não havia espaço para a culpa, não havia espaço para a autoanálise crítica e recriminação. Só havia espaço para estar presente, estar lá, e, em seguida, ela se virou - em meus braços, inclinando o rosto para o meu.

— Você sente isso também? — ela perguntou.

— Sim.

— É sempre assim para você?

Eu balancei minha cabeça. — Uma vez por semana, talvez. Às vezes duas. Eu sei que pessoas como o meu confessor sentem isso a cada momento e as pessoas como meu bispo não sentem nunca.

— É lindo.

Estava completamente escuro agora, e não havia nada além de diferente do que as sombras, mas, mesmo nas sombras, as faixas de lágrimas em seu rosto brilhavam. — *Você é linda*, — eu sussurrei.

Estávamos conversando em voz baixa; o ar ainda estava pesado com santidade e presença. E eu deveria ter sentido mau pela realização de Poppy e seu encontro com a face de Deus, mas a nossa sarça ardente em uma sala silenciosa de alguma forma fazia tudo parecer mais certo, como se fosse à coisa mais perfeita a fazer, a segurando em meus braços e olhando para baixo em seu rosto.

Eu deslizei meus dedos sob o seu queixo, mantendo o rosto inclinado para o meu, e me inclinei apenas o suficiente para que os nossos narizes estivessem juntos. Eu poderia beijá-la agora. Talvez eu devesse beijá-la agora. Talvez tenha sido o plano de Deus o tempo todo para nós estarmos aqui, sozinhos neste santuário, e forçados a enfrentar a verdade, que isso era mais do que amizade, isso era mais do que luxúria. Isso era algo cru, real e inegável e não estava indo embora.

Ela estava tremendo contra mim agora, os lábios entreabertos e esperando, e eu me permiti uma margem mais estreita agora, abaixando minha boca a uma mera fração de uma polegada acima dela, apertando meu braço em torno dela na parte inferior das costas. Estávamos tão perto que estávamos partilhando nosso fôlego, literalmente, nossos corações batendo no mesmo ritmo louco.

Apesar de tudo o que tinha acontecido entre nós, neste momento, de alguma forma, me senti mais íntimo, mais vulnerável, do que qualquer coisa que tínhamos compartilhado. Todo o resto que aconteceu enquanto eu fingia que Deus não estava olhando, não havia fingimento agora. Sagrado e profano foram misturados e borrados juntos, fundindo e se soldando em algo novo e todo singular, e se isso era o que era o amor, então eu não sei como alguém poderia suportar o peso dele.

— Eu não consigo me parar, me desculpe, — eu disse, ao mesmo tempo que ela disse, — Eu tentei ficar longe de você.

E então eu a beijei.

Eu escovei meus lábios contra os dela uma vez, só para sentir a suavidade de sua pele sobre o meu toque, e em seguida, pressionei a boca para a dela firmemente, a saboreando, de maneira mais profunda e o mais lento possível, até que eu senti os joelhos enfraquecerem e ela fazer poucos ruídos no fundo de sua garganta.

A beijei até que eu vi estática nas bordas da minha visão, até que eu não conseguia me lembrar de uma época em que não tinha estado beijando-a, até que eu não podia sentir onde minha boca terminava e a dela começava. A beijei até parecia que tínhamos trocado algo - talvez uma promessa ou uma aliança ou um pedaço de nossas almas. E quando eu finalmente me afastei, foi como se eu tivesse renascido, um novo homem. Um batismo por beijo ao invés de um batismo pela água.

— Mais, — ela implorou. — Mais.

A beijei novamente, desta vez com fome, com a necessidade, e eu poderia dizer pelo jeito que ela fez pequenos suspiros em minha boca, a forma como os dedos torciam no tecido da minha camisa, que ela estava tão longe de mim como eu estava para ela, e eu nunca quis parar, nunca quis que isso acabasse.

Mas tinha que fazer.

Quando nos separamos, ela deu um passo para trás e colocou os braços em torno de si mesma, tremendo um pouco na explosão do ar condicionado. As nuvens lá fora se separaram, enviando um eixo de prata através das janelas, e nós estávamos em uma piscina de fadas do luar brilhando. O sentimento de que Deus ainda estava lá, mas ao invés de um peso do lado de fora, parecia faíscas no interior, como se o divino

houvesse se infiltrado no meu sangue. Eu me senti tonto e bêbado com ele.

— Eu estou cansada, — Poppy disse, embora ela não parecesse cansada tanto quanto atordoada. — Eu acho que eu deveria ir para casa.

— Eu vou te levar, — eu ofereci. Ela assentiu com a cabeça e, juntos, deixamos a igreja por trás, como se ao andar para as portas do santuário, nós estávamos andando para longe do que tinha acontecido.

— Isso foi incrível, — ela murmurou.

— Eu tenho dito que eu sou um bom beijador.

Ela bateu no meu ombro. — Você sabe o que eu quero dizer.

Estávamos no portal agora, mas eu não conseguia afastar a imagem dela na frente da cruz, de modo aberto e receptivo a uma experiência que a maioria das pessoas iria fugir sem rodeios. — Poppy, eu tenho que perguntar. Aconteceu alguma coisa para a atrair para a igreja? Queria ir quando criança e agora você está circulando de volta?

— Por quê?

— Parece que... — eu procurei a frase correta, querendo expressar o quão bom eu achava que seu interesse era. — Eu acho que é maravilhoso que você está pulando em pé pela primeira vez. Não é a maneira que um monte de gente faz isso.

— É uma sensação muito mais gradual no meu caso, — disse ela enquanto caminhávamos para fora. Eu mantive um espaço cuidadoso entre nós, tomamos as escadas de pedra, descendo a colina, a igreja ficava sob eles. — Minha família não é religiosa - na verdade, ninguém sabia o que era ser religioso. Eu acho que eles estavam sempre desconfiados de que, como tudo o que poderia inspirar tal fervor em pessoas era idiota, na melhor das hipóteses. Perigoso, na pior das hipóteses. Eu acho que eu sempre fui um pouco mais aberta para isso. Na faculdade, eu fui com um amigo em seu templo budista quase toda semana e no Haiti eu estava trabalhando lado a lado com os missionários. Mas nunca antes, até o dia em que entrei aqui para a confissão, eu jamais tinha procurado esse lugar.

— O que fez você voltar depois disso?

Ela fez uma pausa. — Você.

Eu processei isso, quando nós terminamos de descer as escadas e entramos no parque arborizado entre a igreja e a sua casa. Estava claro com lâmpadas espaçadas e luar. Eu limpei minha garganta, me questionando se a minha pergunta, em última instância fez a diferença, mas tomo a decisão de perguntar de qualquer maneira. — Como sacerdote? Ou como homem?

— Ambos. Eu acho que é isso que é tão confuso.

Caminhamos em silêncio agora, juntos, mas não juntos, nossas mentes sobre a beleza daquele momento no santuário, e a sensação de nos beijar quando nossas almas estavam em chamas.

Porra. Era tudo tão confuso para mim também, exceto que partes da confusão estavam começando a cair, o que deveria ter sido esclarecedor, mas eu me preocupava que era, na verdade, o contrário, que eu estava esquecendo as coisas que eu deveria me lembrar.

Como a minha promessa de ser melhor.

— Eu quero segurar sua mão direita agora, — eu disse abruptamente. — Eu quero quebrar o meu braço em torno de sua cintura e a agarrar.

— Mas você não pode, — ela respondeu suavemente. — Alguém poderia estar vendo.

Estávamos no jardim atrás da casa dela agora.

— Eu não sei o que fazer, — eu disse honestamente. — Eu só...

Eu não tinha literalmente nada mais a dizer. Eu não sabia o que eu poderia fazer para explicar como me sentia a respeito dela, e também como eu me sentia sobre minha vocação e minhas responsabilidades e sobre como eu estava tão pronto a abandonar todos, porque eu queria beijá-la novamente. Eu queria abraça-la e segurá-la na porra de sua mão no parque à noite.

Ela olhou para as estrelas. — Eu queria que você pudesse segurar minha mão também. — ela estremeceu novamente e eu pude ver que seus mamilos estavam eretos no frio leve da noite, um pouco duros e eriçados, apenas implorando para serem sugados.

Os sentimentos doces de alguns minutos atrás estavam começando a se fundir com outros, sentimentos mais básicos que enchiam minha pélvis. Tomou cada milímetro de meu autocontrole para não a fixar contra a cerca e a beijar novamente, não puxar para baixo suas calças e transar com ela aqui mesmo, do lado de fora, onde qualquer um podia ver.

— Eu quero te ver novamente, — eu disse em voz baixa. Não havia dúvida do significado e ela se moveu, esfregando as coxas.

— É que... Eu quero dizer, que devemos...

— Eu não acho que eu me importo mais, — eu disse.

— Nem eu, — ela sussurrou.

— Amanhã.

Ela balançou a cabeça. — Eu tenho que ir para Kansas City para algumas coisas do clube - estamos migrando para um novo software de contabilidade. Mas eu vou estar de volta na noite de quinta.

Eu queria gemer em voz alta, mas eu consegui me conter. — Isso são três dias a partir de agora, — eu disse.

Ela coloca os dedos sobre a trava de sua porta traseira. — Vamos entrar, — disse ela. — Vamos sair esta noite.

— É tarde, — eu disse. — E eu quero muito tempo para o que eu tenho em mente.

Ela exalou lentamente e seus lábios vermelhos se separaram me mostrando esses dois dentes da frente, o menor vislumbre de sua língua.

Olhei em volta para me certificar de que estávamos verdadeiramente sozinhos, e então eu agarrei a mão dela, abri o trinco e a puxei para dentro do jardim. A puxei sob a bancada de flor, e então eu girei em torno dela para que a bunda dela ficasse pressionada contra mim - pressionada contra a minha ereção. Eu coloquei uma mão sobre sua boca e, em seguida, desabotoei a calça jeans com a outra.

— Três dias é muito tempo a partir de agora, — eu disse em seu ouvido. — Eu só quero ter certeza de que você estará cuidada até então.

E então eu deslizei meus dedos para baixo em seu estômago, deslizando sob sua calcinha de seda. Ela gemeu contra a minha mão.

— Shhh, — eu disse. — Seja uma boa menina e eu vou te dar o que você quer.

Ela gemeu em resposta.

Deus, eu amava a sua buceta. Eu nunca tinha sentido nada mais suave do que a pele entre as pernas - e *diabos*, ela estava molhada. Tão molhada que eu realmente poderia puxar estes jeans para baixo e tirar o que eu queria, bem aqui, agora. Mas não. Ela merecia coisa melhor do que isso.

Não que eu não iria fantasiar sobre isso como a faria gozar.

Eu comecei em seu clitóris agora, o circulando forte e rápido, amando o jeito que ela se contrariou contra minha mão. Eu sabia que era mais pressão e velocidade do que era confortável, mas eu também sabia que ela gostaria dele desse jeito, saborear aquela minúscula mordida de dor, com seu prazer.

— Eu poderia fazer isso durante todo o dia, cordeirinho, — eu disse a ela. — Adoraria chegar na frente de seu jeans, brincando com sua buceta, fazendo com que você goze. Você gosta disso?

Ela assentiu com a cabeça, sua respiração irregular contra minha mão. Ela estava chegando perto.

— Quinta-feira à noite, — eu disse, e eu quase me senti como se eu estivesse tendo uma experiência fora-do-corpo, me ouvir dizer estas palavras. Mas eu estava além de necessitado, ou mais precisamente, para além do lugar onde as regras que me preocupavam importava. — Eu quero estar com você. Quero transar com você. Mas só se é o que você quer.

Ela assentiu com a cabeça novamente, ansiosamente, desesperadamente.

— Eu não posso esperar, — e minha voz estava rouca agora. — Eu não posso esperar para estar dentro de você. Me sinta. Sinta o quão duro eu estou só de pensar nisso. — eu triturei meu pau em sua bunda, e ela estremeceu contra mim, minhas palavras e meu pau duro a empurrando sobre o limite. Ela fez um pequeno grito que foi abafado pela minha mão, tremendo sob o meu toque por um longo minuto, e finalmente desceu mole contra mim.

Eu mantive a minha mão na calcinha dela por um minuto ou dois a mais, amando o jeito como era, amando o jeito que sentia, e então eu relutantemente me retirei, fechando e a abotoando de volta. Eu chupei

meus dedos quando ela se virou para mim, os olhos brilhantes e as bochechas coraram claramente, mesmo no escuro.

— Vá para a cama, Poppy, — eu disse quando eu podia ver que ela iria protestar em me deixar. — Vejo você na noite de quinta.

Isso me atingiu como uma tonelada de tijolos ao realizar a missa pela manhã: eu estava me apaixonando por Poppy Danforth.

Eu não estava apenas desesperado para transar com ela. Eu não estava feliz de ajuda-la a encontrar a fé. Eu estava bem e verdadeiramente me apaixonando por ela.

Depois de um mês.

Estúpido, estúpido, estúpido.

E agora que ela não estava aqui, nem em qualquer lugar aqui perto, eu encontrei a minha obsessão fora de controle, como um vício em drogas que pedia para ser alimentado.

Imaginei a sua voz enchendo o santuário depois que Rowan e as avós deixaram a missa matinal. Imaginei seu rosto e sua trança bagunçada quando eu fui providenciar as cópias da planilha de estudo da Bíblia para o grupo dos próximos homens. Eu me encontrei pesquisando imagens de Dartmouth e Newport, em vez de me debruçar através dos fóruns de *The Walking Dead*. Eu mesmo (arrepiente, eu sei) pesquisei sua família, percorrendo fotos de pessoas polidas em eventos de caridade polidos, finalmente encontrando uma foto antiga dela em o que parecia ser algum tipo de arrecadação para um político. Ela e um grupo de pessoas atraentes que eram, obviamente, seus pais e irmãos - seu pai, de ombros largos, de cabelos grisalhos, e sua mãe, esbelta e elegante. Um irmão e uma irmã com as mesmas roupas caras e, as maçãs dos rostos caras.

Eu cliquei na imagem para a ver em seu próprio ambiente, ver uma versão ampliada do rosto de Poppy. Ela era claramente mais jovem, embora não muito jovem - em seus vinte e poucos anos talvez, e ela estava claramente infeliz. Enquanto todo mundo passou seus ricos sorrisos felizes na câmera, Poppy tinha apenas conseguido um risco

firme de seus lábios, os olhos dirigidos em algum lugar atrás da câmera, como se absorvida com algo que só ela podia ver.

Uma onda de ciúmes indesejada e suspeita surgiu no meu peito. Ela estava procurando por Sterling? Este parecia ser o tipo de evento que ele estaria a partir do pouco que eu sabia. Ou talvez ela estivesse apenas olhando para o fantasma de sua própria infelicidade, seu próprio futuro maçante, enunciados na disposição dos assentos e cartões de acentos nas mesas?

Pensei na imagem o resto da noite, enquanto me arrumava para o grupo de jovens. Eu também pensava *nela*, chegando na quinta-feira, e em poucos minutos eu me peguei sorrindo, sorrindo por nenhuma razão em tudo, exceto que eu iria a ver Poppy novamente.

Hoje à noite no grupo de jovens, falamos sobre Jesus sendo tentado no deserto, e em uma reviravolta dramática e eu me senti completamente removido dos versos. Eu não estava em um deserto... eu estava em um lugar com o som das folhas verdes e claras, com a água corrente.

O que mudou? Eu me perguntava. Entre a semana passada e esta semana, entre ontem e hoje?

Foi ontem à noite. Foi à oração, a magia, o cheiro do seu cabelo. O beijo que havia selado algo, algo que transcendia o físico e o espiritual. Eles já não eram separados e divididos, mas um só... e com isso, a experiência tinha atravessado de ser confuso como o inferno para maravilhoso. Impressionante. Não impressionante no sentido *legal*, mas impressionante no sentido de que isso me encheu de admiração.

Ela me encheu de admiração. Ela me fez ver o mundo com um novo sentimento de admiração, mais verde em cada árvore, cada ângulo mais agudo, cada rosto mais agradável e a deliciosa sensação de ajudar.

Não que a culpa tinha desaparecido, no entanto. Eu ziguezagueava da fantasia à recriminação, me punir com mais corridas, mais flexões, mais tarefas ao redor da igreja, passando horas em oração em busca por uma resposta.

Por que Deus iria trazer Poppy aqui se eu não deveria me apaixonar por ela?

Era realmente tão terrível para um homem de Deus ter relações sexuais? Os protestantes tinham feito isso por meio milênio e eles não pareciam mais no limite do inferno do que os católicos.

E era tão errado querer as duas coisas? Eu queria levar esta igreja, eu queria ajudar as pessoas a encontrar Deus. Mas caramba, eu queria Poppy também, e eu não acho que era justo eu ter que escolher.

Deus não respondeu. O que quer que seja a magia que tinha sido persistente no santuário essas duas semanas passadas se escondeu de mim, e de certa forma, era a sua própria resposta.

Era para eu descobrir isso por conta própria.

CAPÍTULO

DOZE

Eu estava tão inquieto como um animal enjaulado na quinta-feira.

Eu tentei assistir Netflix, eu tentei ler. Minha casa já estava perfeitamente limpa, meu gramado aparado. A única coisa que eu poderia focar era em Poppy. Ver ela esta noite.

E, finalmente, eu desisti e fui para o meu quarto. Me sentei na cadeira ao lado da cama e abri o zíper do meu jeans. Eu tinha ficado em um estado de semi-dureza durante todo o dia, e apenas o pensamento de punheta - algo que eu me neguei principalmente nos últimos três anos - foi o suficiente para me levar até lá. Eu me dei um par de puxões até que meu pau estava apontando para cima, lembrando como era ter a buceta molhada de Poppy pressionando contra mim. Eu me inclinei para trás, meu queixo apertado, finalmente desistindo e alcançando o meu telefone.

Ela atendeu no segundo toque. — Olá? — aquela voz. Ela ficava ainda mais rouca ao telefone. Enrolei minha mão em volta do meu pau e, lentamente, me acariciei.

— Onde está você?

— Eu estou no clube. — eu podia ouvi-la se movendo, como se estivesse andando em um lugar mais privado para falar. — Mas eu estou quase terminando. O que está acontecendo?

Eu hesitei. Deus, isso era sujo pra caralho, mas eu queria sua voz no meu ouvido quando eu fizesse isso. — Eu estou duro, Poppy. Eu estou tão duro que eu não consigo pensar direito.

— Oh, — ela disse. E, em seguida, sua voz cheia de compreensão, — Oh, Tyler, você está...

— Sim.

— Como? — ela disse, e eu a podia ouvir se mover novamente e então ouvi uma porta sendo fechada. — Onde?

— Eu estou no meu quarto. Minhas calças jeans estão puxadas para baixo.

— Suas pernas estão abertas? Você está inclinado para trás ou sentado? — suas perguntas foram feitas com carência, com fome. Isso fez me agarrar com mais força.

— Estou inclinado para trás. Sim, minhas pernas estão afastadas. Isso me faz pensar de quando você se ajoelhou entre elas e me chupou.

— Eu quero fazer isso de novo, — ela ronronou, e de alguma forma eu sabia que ela estava se tocando também. — Eu o quero lambar da base à ponta. Eu quero te sugar profundo.

— Eu quero isso também.

— Você está usando sua mão inteira ou apenas seus dedos?

— Toda a minha mão, — eu disse, e eu estava me empurrando para valer agora, querendo que ela estivesse aqui de um jeito.

— Espere, — disse ela, depois de alguns segundos de silêncio. Então, meu telefone tocou. — Você tem uma mensagem, — disse ela suavemente.

Eu segurei o meu telefone longe do meu rosto e quase desmaiei. Ela me enviou uma foto de seus dedos enterrados em sua buceta. — Você é tão suja, — eu disse. E depois outra veio através, deste ângulo para que eu a pudesse ver seu salto alto preto apoiado contra a borda de uma mesa.

Putá merda.

— Eu o posso ouvir agora, — disse ela. — Eu posso ouvir sua mão se movendo sobre o seu pau. Deus, eu queria poder ver.

— Eu queria que você pudesse ver também, — eu disse, e eu consegui puxar a câmera em meu telefone e ligar o vídeo, enquanto me empurrava, porque de jeito nenhum eu iria abrandar agora.

— Estou tão molhada, — ela confidenciou. — Eu estou fazendo uma bagunça. Estou no escritório do meu chefe agora - *mmm* - é tudo tão escorregadio e eu gostaria que fosse seu pau em vez de meus dedos, eu queria tanto. Eu coloquei estes saltos hoje sabendo que eu estaria cavando eles em suas costas mais tarde.

Eu mantive a imagem de seus saltos e sua buceta perfeita em minha mente quando eu deixei as palavras dela fazerem sua mágica. Meu clímax sacudiu através de mim e eu empurrei na minha

mão, gemendo alto quando o gozo foi expelido do meu pau, exalando *porra* quando o orgasmo lentamente recuou.

— Eu adoro ouvir você, — veio à voz do fone de ouvido. — Os seus ruídos. Eu pensei sobre eles na noite passada em meu quarto de hotel, enquanto eu brincava comigo mesma.

— Garota safada, — lhe enviei o vídeo. — Agora é a sua vez de verificar suas mensagens.

Houve uma pausa e então eu podia ouvir o som inconfundível de masturbação enquanto ela brincava com vídeo, ouvi o seu gemido ecoando no escritório de seu chefe. — Oh Deus, — ela sussurrou, e ficou claro que eu estava no viva-voz agora. — Porra, Tyler. Isso é tão... - se eu estivesse aí, eu lamperia cada gota de você.

— Se você estivesse aqui, tudo teria ido em sua buceta apertada, — eu rosnei.

— *Jesus*, — ela gemeu. E então, — **Sim**, — isso foi seguido de suspiros pequenos que fez meu pau se agitar de volta à vida. E, finalmente, silêncio, pontuado com um suspiro alto e a cadeira rangendo enquanto ela se sentava.

Ouvi o clique que eu saiu do alto-falante. — Tyler?

— Sim?

O sorriso era evidente em sua voz. — Se sinta livre para me ligar a qualquer hora.

De alguma forma, eu consegui seguir através do resto do dia, correndo até que eu não podia mais pensar, montando sem entusiasmo o material para a palestra do Bispo Bove, enquanto eu observava com impaciência o relógio (e socado em culpa quando eu reuni notas sobre assédio sexual e pecado).

Por volta das sete da noite, meu telefone tocou.

Estou em casa. Você quer que eu vá para a reitoria?

Eu respondi imediatamente. **Vou te encontrar na igreja.**

Quinta-feira era uma noite da semana sem quaisquer atividades de grupos ou estudos bíblicos acontecendo, então a igreja estava vazia. Ainda era cedo o suficiente, havia luz clara ainda, e eu queria a desculpa plausível de aconselhamento ou material de orçamento no caso de que alguém a vir entrando na igreja. Sua vinda à reitoria sozinha à noite seria um pouco mais difícil de defender.

Eu escorreguei pela porta traseira e praticamente corri pelo corredor para o pórtico, onde as portas da frente estavam trancadas. Virei o ferrolho e abri a porta, e lá estava Poppy em um vestido vermelho curto e salto alto preto, lábios vermelhos e prontos para mim.

Eu queria ser gentil no início, compartilhar mais daqueles beijos profundos doces que nos deixou tontos e atordoados, mas esse vestido e os saltos...

Fodidamente suave.

Lhe agarrei o pulso e a puxei para dentro, mal tendo tempo para trancar a porta antes que eu empurrei contra ela e inclinei minha boca sobre a dela. Eu deslizei minhas mãos sob sua bunda e levantei a fim de que ela estivesse realmente presa entre a madeira e minha pélvis, a que eu balançava contra ela quando nós nos beijamos.

E isso foi quando eu descobri que ela não estava usando calcinha.

— Poppy, — eu disse, quebrando o nosso beijo para mover uma mão para baixo entre nós. — O que é isso?

— Eu disse a você, — disse ela, tentando recuperar o fôlego. — Você me deixou excitada hoje. Eu tive que tirar.

— Então você passou o resto da tarde sem nada?

Ela assentiu com a cabeça, mordendo o lábio.

Eu me afastei da parede, ainda a segurando, e a levei para dentro do santuário, usando minhas costas para empurrar e abrir a porta. Ela enrolou as pernas em volta da minha cintura, e era tão natural, tão certo, a ter em meus braços que eu nunca queria colocar de volta no chão.

— Estou em apuros? — ela perguntou, um pouco timidamente.

— Sim, — eu rosnei, mordendo seu pescoço. — Bastante. Mas, primeiro, eu vou te dobrar mais e ver exatamente o quão molhada você esteve.

Meu plano era a levar para o meu escritório, mas eu não poderia esperar os cinco minutos que seria necessário para caminhar até lá atrás; eu mal conseguia me manter de abrir as minhas calças de brim e me empurrar diretamente em sua buceta molhada. Eu podia dobrá-la sobre um banco, mas eu queria que ela fosse capaz de se apoiar e se equilibrar. O piano estava do outro lado do santuário, mas o altar... a mesa de pedra sagrada da igreja estava apenas a um par de passos de distância.

Perdoe-me, eu pensei e, em seguida, levei Poppy até as escadas. Eu a coloquei no chão e virei de frente para o altar, feliz de ver que seria a altura perfeita com ela naqueles saltos.

— O altar, — ela murmurou. — Eu sou o seu sacrifício hoje à noite?

— Você está oferecendo?

Em resposta, ela colocou as mãos sobre a toalha do altar, um movimento que curvou suas costas e destacou o contorno em volta da bunda dela.

— Oh, muito bom, cordeiro, mas não bom o suficiente. — eu apertei a mão contra as costas dela e a empurrei para baixo, observando o movimento da saia lentamente até a volta de suas coxas enquanto ela se agachava. Eu empurrei até que seu rosto se virou lateralmente contra o altar, e então eu agarrei seus pulsos e os preendi acima de sua cabeça.

— Não se mova um centímetro, — eu sussurrei baixo em seu ouvido, em seguida, caminhei até a sacristia, onde eu encontrei uma corda. Quando eu voltei, ela ainda estava como eu a deixei, o que profundamente me agradou. Eu a iria recompensar por isso mais tarde.

Eu fiz um rápido trabalho de atar a corda branca em torno de seus pulsos e mãos, pensando no que os sacerdotes deveriam dizer

quando eles amarraram seus cinturões. *Cinge-me, Senhor, com o cingulo¹⁶ da pureza, e sacie em meu coração o fogo de luxúria...*

Envolvi em torno de seus pulsos, amarrando esta mulher para os meus desejos, o cingulo estava fazendo exatamente o oposto do seu objetivo, que extingue tudo o que é carnal. Meu corpo inteiro estava em chamas pelo dela, as chamas já lambendo cada polegada de minha pele, e a única maneira de extingui-las era afundar as minhas bolas profundamente em sua buceta doce. Eu deveria me sentir mal por isso.

Eu deveria.

Eu dei um passo para trás para admirar meu trabalho: a forma em que seus braços pareciam esticados para frente e unidos, como um prisioneiro em súplica; o modo como seus saltos pretos estavam cavados no tapete; a forma como a bunda dela foi exibida e à minha disposição.

Voltei para ela, levantando a barra da saia com um dedo. — Isso mostra um pedaço terrível, cordeirinho. Você sabe quanto?

Ela estava olhando para mim sobre a curva de seu ombro. — Sim, — disse ela. — Eu posso sentir o ar em mim...

Me ajoelhei atrás dela como fiz naquela vez depois de sua confissão, mas desta vez só para examinar. A saia de fato apenas cobria o que precisava, e o menor elevar teria revelado a costura rosa de sua buceta.

— Por que você usou este vestido hoje, Poppy?

— Eu queria... Eu queria que você me fodesse nele.

— Isso é impertinente. Mas não é tão impertinente como estar em público, no trabalho, com a sua buceta nua tão exposta. — me levantei e, em seguida, corri minhas mãos por suas coxas, pegando o tecido macio em meus dedos e o movi acima de seus quadris.

— E se o vento tivesse soprado sua saia para cima? — eu acariciava sua bunda enquanto eu falava. — E se você tivesse



acontecido de descruzar as pernas e alguém estivesse à procura de apenas o ângulo certo?

Sua voz foi abafada pelo seu braço. — Eu costumava ficar nua por dinheiro. Eu não estou preocupada com isso.

Crack.

Ela chupou uma respiração profunda, e vi quando uma marca de mão vermelha floresceu na bunda dela, claro mesmo na luz do fim da noite escura.

— *Eu* estou preocupado com isso, — eu disse. — Você sabe como eu sou ciumento pra caralho dos homens terem visto você assim? Como eu tenho ciúme de Sterling?

— Você não deveria estar...

Crack.

Ela estremeceu e, em seguida, ampliou sua postura para empurrar sua bunda mais perto da minha mão.

— Eu sei que não deveria ter, — eu disse, — esse não é o ponto. Eu não tenho sua vida passada contra você. Mas isso, — eu deixei minha mão deslizar para baixo para sua buceta, que estava quente, inchada e molhada, — Eu estou ficando com isto esta noite. Eu estou fazendo disso meu. O que faz de você uma menina má por ser tão imprudente hoje.

Eu a bati de novo, e ela gemeu contra seu braço. — Eu não sei o que é sobre você, — eu disse a ela, me inclinando perto de seu ouvido. — Mas você traz para fora a porra do homem das cavernas em mim. Olhe para mim, Poppy.

Ela fez, um belo olho avelã espiando por cima do braço amarrado. Eu apertei sua buceta, e ela estava tão escorregadia contra a palma da minha mão, levou tudo que eu tinha para não mostrar quão selvagem ela me deixava, que ela poderia ficar excitada com a palmada e submissão. Mas eu tinha que verificar isto, resolver esta questão final, porque eu não quero ter o inferno feminista aliado em cima dos outros infernos que eu estava destinado.

Apertei ela de novo e ela lutou para manter seu olhar em mim. — Poppy, eu... Eu quero ser assim com você. Áspero. Possessivo. Mas você tem que me dizer se está tudo bem. — eu descansei minha cabeça em

suas costas, rolando meu rosto em seu pescoço. — Me diga que está tudo bem, Poppy. Diga essas palavras.

Deus, aquele cheiro de lavanda e seu cabelo de seda escovado no meu rosto e a sensação de sua buceta molhada pulsando na minha mão. — Apenas... porra.

— Sim, — ela disse, e sua voz era urgente, clara, alta. — Sim, por favor.

— Por favor, o quê? — eu tinha que ter certeza. Porque as coisas que eu queria fazer com esta mulher - leviano não tinha sequer chegado perto de cobrir todas as maneiras que eu queria contaminá-la.

Eu podia ouvir o sorriso em sua voz junto com a necessidade. — Tyler, você é exatamente o que eu quero. Me use. Seja áspero. Deixe marcas. — ela fez uma pausa. — Por favor.

Isso era tudo que eu precisava. Eu beijei a parte de trás do pescoço dela e depois me endireitei para que eu pudesse bater sua bunda novamente, esfregando o local logo depois para ajudar aliviar a queimadura. — Se levante e se vire, — eu pedi, e ela obedeceu imediatamente. O olhar em seu rosto quando ela se virou foi o suficiente para me fazer vir por conta própria - ela parecia que faria qualquer coisa, *qualquer coisa*, para ser fodida e eu tinha um monte de coisas em mente para ela fazer.

Mas primeiro.

Desatei seus pulsos, beijando os entalhes fracos deixados para trás pela corda, e então eu cheguei por trás dela e abri o zíper de seu vestido. Caiu a seus pés, a deixando completamente nua, com exceção de seus saltos. Eu levei um minuto para olhar para ela, seus seios maduros, grandes o suficiente para espremer, pequenos o suficiente para se sustentar. Seu estômago flexível, fino, macio e levemente arredondado, com o tipo de quadris que você poderia cavar seus dedos. O V nu de sua buceta, bem delicada, e a curva irresistível de sua bunda.

— Eu percebi que você não está usando o seu... — ela apontou para minha garganta.

— Dia de folga, — eu disse, minha voz rouca pelo que eu esperava. Eu cheguei por trás do meu pescoço e agarrei o tecido da minha camiseta, o puxando sobre a minha cabeça e meu corpo, saboreando a forma em que seus lábios se separaram e sua mão

derivou para sua boca enquanto ela olhou para mim. Eu soltei meu cinto, deslizando o couro através dos laços de minhas calças jeans e o deixei cair no chão. Tirei meus sapatos e tirei meu jeans.

Eu normalmente gostava de ficar, pelo menos, parcialmente vestido durante o sexo, mas eu queria lhe dar isso, minha nudez, como um presente. E de forma egoísta, eu queria sentir cada polegada de sua pele contra a minha. Esta era a minha primeira foda em três anos e eu me recusava a perder uma única coisa.

— Venha aqui, — eu disse. — E se ajoelhe.

Ela o fez, sua respiração audível agora, ajoelhada na minha frente e cruzando seus tornozelos atrás dela, me provocando com aqueles saltos.

— Tire, — eu disse, empurrando o queixo para baixo para indicar minhas cuecas boxers preta. Ela o fez, impaciente, as puxando de meus quadris, e eu gemi quando minha ereção estava finalmente, finalmente, deixada livre.

Ela apertou os lábios macios e vermelho contra a pele sedosa do meu pau. — Me deixe te chupar, — ela respirou para mim. — Me deixe fazer você se sentir bem.

Eu encontrei seus lábios com o polegar, o percorrendo ao longo de sua boca, e o puxando para baixo para abri-la mais. — Fique quieta, — eu disse a ela, e então eu guiei meu pau em sua boca em espera.

Putá merda.

Putá merda, como me senti bem.

Isto só tinha sido desde sábado, e ainda assim eu tinha esquecido que a boca dessa mulher era como um pedaço do céu, quente e úmida, vibrando a língua que dançava ao longo do lado de baixo do meu pau.

Eu atei as mãos pelo seu cabelo - estragando todo o adorável penteado que ela tinha - e então lentamente me retirei, saboreando cada segundo, enquanto seus lábios e língua beijaram contra a minha pele. E então eu deslizei novamente, menos gentilmente desta vez, meus olhos pulando de seus lábios nos seus calcanhares ao modo como a mão dela circulava seu clitóris enquanto eu fodía lentamente sua boca.

Ela manteve os olhos preso aos meus, olhando para mim através deles. Esses cílios longos escuros e eu pensei em todas as vezes que tinham me distraído pra caralho e todas as vezes que eu queria foder

seus miolos (e então bater em seu doce traseiro por me deixar tão maldito louco por ela.)

Aumentei meu aperto em seu cabelo. Eu queria ir duro, eu a queria fazer com os olhos cheios de água, eu queria um impulso até chegar ao ponto em que eu mal conseguia segurar de atirar em sua garganta. — Pronta? — sussurrei para ela, ainda querendo pisar do lado do consentimento e cautela.

E então ela gemeu um gemido frustrado, como se irritada que eu estava perguntado novamente.

— Cordeiro mau, — eu disse e empurrei com força em sua boca. A ouvi engasgar enquanto eu atingi a traseira de sua garganta, mas eu só lhe dei um minuto antes de eu empurrar de novo, e de novo. Eu sabia que era mais longo e mais largo do que a maioria dos homens, eu sabia que era mais difícil de tomar, mas eu não iria dar qualquer folga a menos que ela pedisse por isso, não depois que falei.

— Você gosta de ser má? Você gosta de me fazer te punir?

Ela conseguiu acenar com a cabeça, os olhos lacrimejantes piscando para mim desta maneira honesta, implorando, e eu sabia que era verdade.

Xinguei. — Você vai me deixar louco.

Ela sorriu em torno de meu pau, e *porra*, eu tinha que ser absolvido de todos estes pecados, porque o próprio São Pedro não teria sido capaz de negar a esta mulher. Eu dirigi em sua boca várias vezes, até que eu podia sentir o apertar familiar na minha barriga e então me puxei para fora, minha respiração irregular do esforço que levou para não gozar em todo esse rosto lindo.

Em vez disso, eu usei meu polegar para enxugar os olhos de Poppy, que estavam agora manchados com maquiagem e lágrimas. O batom sempre tão ligeiramente brilhante estava espalhado em seus lábios.

Na verdade, ela era muito tentadora para não beijar e lambe e morder, e eu a levantei para que eu pudesse fazer isso enquanto eu caminhava com ela até o altar. Seus lábios estavam inchados do meu assalto e ainda assim se rendendo ao meu beijo, tão deliciosamente macia. Eu gemi em sua boca enquanto ela lambia, me provando em sua língua e usando minha boca mais duramente contra a dela. Mais duro e eu mal podia respirar por beijar esta mulher.

Eu a coloquei no chão sobre o altar, mas não terminei o beijo, acariciando em torno de seus seios e quadris. Era quase impossível de parar, mas eu estava chegando ao ponto onde pouco mais importava além de ficar dentro dela, e então eu parei.

— Se deite, — eu disse enquanto quebrei o nosso beijo, segurando minha mão atrás de sua cabeça para que ela não se machucasse acidentalmente.

Era um altar alto, e ela não era uma mulher alta, e assim ela foi capaz de se ajeitar confortavelmente com espaço de sobra. Eu parei ao lado de seu estômago enquanto caminhava ao redor, em frente ao santuário como se eu estivesse começando o rito da comunhão. Exceto que em vez do corpo e o sangue de Cristo espalhados diante de mim, eu tinha Poppy Danforth.

Corri a ponta do meu nariz ao longo de sua mandíbula, tão lentamente através de seu corpo, amando o jeito que ela se arqueou e inclinou ao meu toque, tão gananciosa. Ela era uma festa para mim – dobras, reentrâncias e curvas flexíveis - e a ter assim foi como o primeiro suspiro de oxigênio após voltar à superfície da água, poderoso e instintivo, e eu não dou a mínima para todos os pecados que eu estava atualmente cometendo, eu iria me deleitar em cada minuto.

Mordi o interior das suas coxas. Eu circulei cada polegada de sua buceta com a minha língua. Eu amassei seus seios com as mãos ásperas até que ela guinchou, e eu mordisquei o mergulho de seu umbigo e chupei cada mamilo até que ela estava se contorcendo no altar. Eu levei beijos *dela*, em vez de os compartilhar *com* ela. Eu deslizei meus dedos em sua buceta, não para a fazer se sentir bem, mas para que eu pudesse apreciar a sensação molhada contra meus dedos.

Eu sabia que ela estava recebendo prazer de tudo isso, e eu queria que ela gozasse, muitas vezes, quando ela estava comigo. Mas neste momento? Onde eu estava tateando e apertando e inalando o cheiro dela e me alimentando de seus suspiros? Isto era para mim.

E depois que eu tinha feito o que eu queria, quando eu estava tão duro que eu não conseguia pensar direito, subi no altar com ela, ajoelhado entre suas pernas separadas.

Eu esperei um triz por um segundo, esperei a voz de Deus vir trovejando, esperei por uma intervenção celeste como quando Abraão teve seu único filho amarrado e pronto para o sacrifício. Mas isso nunca veio. Houve apenas Poppy e seu peito arfante quando ela murmurou, — Por favor, por favor, por favor...

Eu não sei como alguém poderia tão insensivelmente desprezar Poppy simplesmente como uma mulher que sempre quis, como nada mais do que uma prostituta nascida no corpo de uma debutante. Porque agora, com os olhos tão escuros e sua pele tão corada, ela era a coisa mais sagrada que eu já vi. Um milagre que se fez carne, esperando a minha carne para se juntar a ela.

— Você é realmente bonita, — eu disse, correndo um dedo abaixo em sua mandíbula. E então eu peguei a mão dela, entrelaçando os dedos com os dela. — Aconteça o que acontecer depois disso, eu só quero que você saiba que isso valeu a pena. *Você* valeu a pena. *Você* valeu tudo.

Ela abriu a boca e depois fechou de novo, como se ela não conseguisse encontrar as palavras certas para dizer. Uma única lágrima escorreu para fora do canto do olho e eu me inclinei sobre ela para beijá-la.

— Tyler... — ela começou, mas eu a silencieei com um beijo.

— Só ouça, — eu disse, me abaixando entre suas pernas. Ela estremeceu quando a cabeça do meu pau pressionou contra sua entrada.

— Isto, — eu disse, e eu empurrei parte dentro dela, mal conseguindo respirar por quão apertada ela era ao meu redor. — Este é o seu corpo.

Coloquei minha cabeça para baixo e chupei a delicada pele do pescoço dela em meus dentes. — Este é o seu sangue, — eu sussurrei em seu ouvido.

Enfiei todo o caminho, e ela gritou enquanto suas costas se arqueavam sobre o altar.

— Essa é você, — eu disse para ela e o santuário vazio, — essa é você, dando para mim.

Nós ainda ficamos parados, absorvendo a nova sensação um do outro, o sentimento dos meus quadris pressionado em sua suavidade, o sentimento de seu apertado canal em volta de mim. Eu estava preocupado que eu ia gozar apenas em ficar assim, apenas em estar dentro dela.

Mas então eu percebi que ela estava mordendo o lábio trêmulo e respirando duramente e eu percebi que ela estava se adaptando ao meu

tamanho. Eu mal podia caber, e o que é pior, isso foi o que fez isso se sentir tão bom pra caralho.

Deus, eu era um idiota. Eu não tinha feito o suficiente e logo me lancei ao descobri quão quente e apertada ela era, tão quente que eu mal era capaz de atendê-la da maneira que um homem bom deve. Eu tive que me inclinar para baixo e morder seu pescoço e ombros várias vezes para me forçar a ficar parado, quando tudo o que eu queria fazer era ir para ela como se fosse uma pequena boneca quente e bombear dentro dela como se nada existisse exceto sua buceta.

Mas não, isso não era como a primeira vez deve ser. Eu disse a ela que eu queria ser duro, mas essa porra áspera que eu estava morrendo para dar a ela seria demais, e eu não podia suportar abusar do meu cordeiro assim.

Finalmente me dominei um pouco, peguei o jeito, descendo para esfregar seu clitóris, querendo fazê-la gozar, em seguida, terminar de outra maneira que não iria machuca-la. Ela pegou minha mão. — Não, — ela disse. — Não seja o bom rapaz. Eu te disse o que eu queria. Agora de para mim.

— Mas eu quero que você se divirta muito.

— Eu vou, — ela disse, com os olhos arregalados, abertos e fervorosos. — Me de o que eu quero Tyler. Eu quero isso. Por favor.

Eu gemi com suas palavras, meu pau saltou e eu afundei de volta em sua buceta lentamente. Minhas coxas e braços tremiam com a necessidade suprimida, mas eu não podia ser *aquele* cara, eu não queria ser aquele cara, o cara que usou uma mulher para si mesmo e não tornou isso bom para ela. Ela disse que queria isso, e eu sei que eu tinha pedido e conseguido a permissão, mas ainda assim, ela não sabia o quão áspero eu poderia ser, o quão duro eu poderia ir.

Ela deslizou os braços ao redor do meu pescoço e se levantou para falar no meu ouvido. — Como eu posso te levar ao limite? Hmm? — ela se contorceu debaixo de mim, e eu respirei fundo, o movimento súbito após a quietude era quase demais.

— Como eu posso te convencer a me rasgar?

Bem, merda.

— Eu posso dizer que é o que você quer, — continuou ela, ronronando no meu ouvido. — eu posso te sentir tremer. Faça. Basta puxar para fora e, em seguida, empurrar para dentro. Isso não é bom?

Porra, sim, era. Era tão bom que eu fiz isso de novo, e de novo, fechando os olhos e exalando respirações lentas e irregulares. Cada vez que eu empurrei, eu toquei contra seu clitóris, puxando lentamente para arrastar contra seu ponto G, uma voz galante me dizendo para me certificar de que ela gozasse, o resto de mim lutando com aquela voz e me suplicando para foder ela sem pensar.

— Onde está o homem que me espancou? — ela perguntou. — Onde está o homem que fodeu minha garganta até que meus olhos molharam?

Meus olhos ainda estavam fechados, mas os abri agora, encontrando seu olhar. — Não quero te machucar, — eu disse, minha voz áspera com o esforço da minha contenção. — Eu me preocupo muito com você.

— Tyler, — ela implorou. — Você já fez isso antes de mim.

— Não é assim.

— Olha, — ela exigiu. — Olhe para nós.

Eu fiz, retirando até a ponta, o que foi um erro porque ver onde estávamos unidos era tão quente, tão primitivo, e arranhou seu caminho até minha espinha, e eu nem sabia o que era - a luxúria ou amor ou biologia ou destino - mas a minha tentativa de nobreza se fraturou e o animal dentro se rompeu.

— Me perdoe, — eu murmurei e, em seguida, me bati em casa. Ela gemeu de surpresa e, em seguida, eu coloquei meu corpo em cima dela, me apoiando com apenas meus braços agora, nossos peitos e estômagos pressionados juntos, meus quadris cavando em suas coxas. A imobilizando, eu a fodei mais e mais e mais uma vez, me enterrando repetidamente em sua buceta de veludo.

— Mais, — ela gemeu, e eu dei a ela.

Eu ouvi seus saltos caírem no chão e a toalha do altar estava deslizando onde eu estava dirigindo nela tão duro, mas eu não me importava, eu estava perdido para mim mesmo, perdido para ela e perdido para o mundo e tudo, exceto seus grunhidos e guinchos em meu ouvido e a buceta molhada debaixo de mim.

Foi perfeito, e eu estava transando com perfeição, e eu não dei a mínima sobre qualquer outra coisa, a não ser o meu pau e enchendo esta mulher com o meu sêmen, e por que diabos a condenação parecia tão bom pra caralho?

Eu não sei mesmo o que eu estava dizendo quando eu estocava dentro dela, *Jesus, por favor, eu sinto muito e você está é apertada e eu tenho que tenho que te fazer gozar.*

E ela estava dizendo as palavras de volta, palavras que se derramavam em suspiros, grunhidos e sorrisos, *bem aí e mais duro e perto, eu estou tão perto.*

Mais profundo, eu tinha que ir mais fundo, embora eu soubesse que não havia nenhuma maneira real, física que eu poderia estar mais profundo, e então eu tomei sua boca, a beijando com algo violento, furioso e adoração. Nós mal podíamos respirar, mas nos recusamos a parar, sentindo ela apertar e se contorcer e, finalmente, quebrar debaixo de mim. Ela resistiu, clamando contra a minha boca, cavando suas unhas vermelhas nas minhas costas, e nós montamos nossos orgasmos juntos, porque ela era uma coisa selvagem, uma mulher possuída, e era como ter uma tigresa debaixo de mim, mas eu continuei montando ela e então ele estava lá, ele estava lá, estava lá e eu ainda tinha sua boca enquanto eu espetava uma última vez e gozei.

Dolorosamente, eu gozei.

Cada pulso do meu pau era como um pulso de minha alma, e cada reforço muscular e contração era como um soco no estômago, e eu estava tão *nu* com esta mulher em todos os sentidos, meus nervos esfolados e meu coração bem aberto e minha alma eterna ao seu lado direito em meus quadris com hematomas e empurrando o pau e sêmen que agora estava derramando em todos os lugares, vazando na toalha branca do altar, e sim, é por isso que a Igreja queria casamento e sexo indo de mãos dadas, porque eu me senti casado com ela agora como um homem pode se casar com uma mulher.

Eu dei algumas últimas estocadas, ordenhando até a última pulsação do meu clímax, até a última gota de mim mesmo, e, em seguida, me levantei em minhas mãos para a olhar.

Ela estava sorrindo um preguiçoso sorriso saciado, e então ela disse: — Amém.

CAPÍTULO

TREZE

Entrei na sacristia e sai com um pequeno retângulo de pano branco, e um purificador. Era normalmente usado para limpar o cálice da comunhão depois de cada gole de vinho.

Hoje à noite, eu o usei para limpar Poppy.

Você pode pensar que fazer sexo no meu altar, usando coisas sagradas em rituais da mais alta ordem, significava que eu não estava levando a minha fé a sério, que eu tinha deslizado para o pecado diretamente, mas isso não era verdade. Ou não era toda a verdade, pelo menos. Eu não poderia explicar, mas era como se de alguma forma *tudo* era santo, o altar e a lembrança dentro de nós e em cima dela. Eu sabia que depois deste momento não haveria culpa. Não haveria consequências. Haveria a memória de Lizzy e todas as coisas que eu tinha e queria lutar.

Mas agora, com o cheiro de Poppy na minha pele, com seu gosto em meus lábios, eu só senti conexão e amor e a promessa de alguma coisa viva e colorida.

Depois que eu terminei de limpá-la, eu a envolvi na toalha do altar e a levei até a borda da escada, onde eu sentei. Eu a embalei nos meus braços, escovando meus lábios contra seu cabelo e pálpebras, murmurando as palavras que eu achava que ela deveria ouvir: como ela era bonita, como era impressionante, e como era perfeita.

Eu queria dizer que *sentia muito*, embora a minha mente e alma ainda girasse em admiração deslumbrada com tudo, então eu não tinha certeza se eu estava arrependido por ter perdido o controle e ter sido tão rude com ela, ou se eu estava arrependido que tinha feito sexo em tudo.

Só que eu não estava. Porque mais do que o sexo transformador que tinha acabado de ter, *neste* momento valeu a pena pecar. Este momento onde ela estava enrolada em meus braços, a cabeça no meu peito, a respiração contente contra mim. Quando o pano que cobriu o altar em longas pregas, drapeados, cobria pedaços de pele pálida que ainda apareciam completamente.

Ela deslizou os dedos até meu peito, os descansando em minha clavícula, e eu a abracei como se eu pudesse a pressionar diretamente através de minha pele e em minha alma.

— Você quebrou o seu voto, — disse ela finalmente.

Olhei para ela; ela estava ao mesmo tempo sonolenta e triste. Eu pressionei meus lábios contra sua testa.

— Eu sei, — eu finalmente respondi. — Eu sei.

— O que acontece agora?

— O que você quer que aconteça?

Ela piscou para mim. — Quero transar com você de novo.

Eu ri. — Tipo agora?

— Sim, tipo agora.

Ela torceu em meus braços até que ela estava escancarando as minhas pernas, e levou apenas um de seus beijos profundos para me deixar duro novamente. Eu a levantei e me guiei para dentro, gemendo baixinho em seu pescoço quando ela se sentou novamente.

Lascas de sensação se tornaram conhecidas para mim. Calor e umidade. Sua bunda contra as minhas coxas. Os seios dela tão perto de minha boca.

— O que você quer que aconteça depois, Tyler? — ela me perguntou, e eu não podia acreditar que estava me perguntando isso *agora*, enquanto ela estava transando comigo, mas, em seguida, enquanto eu tentava responder, eu percebi o porquê. Ela não queria que eu fosse sucinto, ela queria que eu fosse honesto e cru, e assim, eu não poderia ser outra coisa.

— Eu não quero que a gente pare, — eu admiti. Ela revirou os quadris para trás e para frente em cima de mim, e eu pressionei o meu rosto em seu peito, em seguida, sentindo meu clímax se construir muito rápido, muito rápido. — Eu sinto como se eu...

Mas eu não podia dizer isso. Nem mesmo agora, quando ela me tinha completamente à sua mercê. Era simplesmente muito cedo - e para não mencionar ridículo.

Os padres não eram autorizados a se apaixonar.

Eu não tinha permissão para me apaixonar.

Ela entrelaçou os dedos pelo meu cabelo e puxou minha cabeça para trás para que ela pudesse olhar para mim. — Eu vou dizer se você não vai, — disse ela.

— Poppy...

— Eu quero saber tudo sobre você. Eu quero que você me diga o que você pensa sobre política, e eu quero que você leia as escrituras para mim, e eu quero ter conversas em latim. Quero transar com você todos os dias. Eu fantasio constantemente sobre nós morarmos juntos, vivendo cada momento juntos. O que é isso, Tyler, se não é...

Bati minha mão sobre a sua boca, e em um instante, a tinha de costas me empurrando para dentro dela.

— Não diga isso, — eu disse a ela. — Ainda não.

— Por quê? — ela sussurrou, os olhos arregalados e um pouco magoada. — Por que não?

— Porque quando você disser, uma vez que *eu* disser isso, então tudo tem que mudar.

— Não já mudou?

Ela estava certa. Tinha mudado no momento em que a beijei na presença de Deus. Tinha mudado no momento em que a inclinei sobre o piano. Talvez tivesse até mudado no momento em que ela pisou no meu confessionário.

Mas se eu a amava... se ela me amava... o que isso significa para todo o meu trabalho aqui? Eu não podia levar isso em um caso secreto e ainda em uma cruzada contra a imoralidade sexual no clero - mas se eu saísse da minha vocação, então eu iria perder a capacidade da cruzada em tudo. Eu perderia o homem que eu era.

A única outra opção era perder Poppy, e eu não estava pronto para pensar sobre isso ainda. Então, ao invés de responder a sua pergunta, eu puxei para fora e a virei, dirigindo nela por trás enquanto eu deslizei uma mão em torno de seu quadril e encontrei seu clitóris. Apenas três ou quatro cursos assim e ela estava lá, como eu sabia que ela estaria; quanto mais agressivo eu era, mais rápido ela gozava.

A segui sobre o limite, cantando o nome dela como uma oração e bombeando o tempo todo, como se eu pudesse foder o futuro e as suas escolhas horríveis para longe.

Oh, Deus, o que eu daria para que isso fosse verdade.

— Eu ainda não posso acreditar o quão limpa sua casa é, — disse Poppy.

Estávamos em minha cama depois de limpar o santuário e nos esgueirarmos até a reitoria. Eu estava manuseando seu cabelo com um fascínio que beirava a reverência, adorando as longas tranças escuras, com as ondas do meu dedo e escovando os meus lábios. Nós tínhamos falado preguiçosamente o tipo de conversa de travesseiro, derivando a partir das especulações de *The Walking Dead*, textos latinos favoritos que silenciou todas as maneiras o que tínhamos sofrido em querer um ao outro neste último mês.

Eu estava prestes a beijar ela novamente, quando disse isso, então eu resolvi deslizar a mão sob os lençóis e encontrar seus seios ao invés.

— Eu gosto das coisas limpas.

— Eu acho que isso é admirável. Você simplesmente não vê muitas vezes isso em homens como você.

— Os homens como eu? Padres?

— Não, — ela se moveu em direção a mim, sorrindo. — Jovens. Charmosos. Bonitos. Você teria sido um fantástico empresário, você sabe.

— Meus irmãos são homens de negócios, — disse eu. — Mas eu nunca estive interessado nesse tipo de coisa material; eu nunca quis dinheiro ou sucesso ou poder. Eu amava as coisas velhas - velhas línguas e rituais antigos. Deuses antigos.

— Eu acho que posso te imaginar como um adolescente, — ela meditou. — Eu aposto que você deixou as meninas loucas - quente, atlético e nerd. E também realmente limpo.

— Não, eu não estava sempre limpo. — eu debati por um momento, mas nós tínhamos acabado de compartilhar algo tão íntimo, por que eu iria manter isto dela? Só porque isso era deprimente? De repente, eu queria compartilhar. Eu queria que ela soubesse cada coisa escura que eu tinha arrastado comigo, eu queria lhe mostrar todos os meus encargos e a ter enxergando de mim com sua mente inteligente e sua elegante compaixão.

Mudei a minha mão de seu peito e deslizei meus dedos debaixo de suas costelas, a colocando perto contra mim.

— O dia que eu encontrei a minha irmã, — eu disse, — era um sábado de maio. Houve uma forte tempestade e mesmo que era dia, estava bem escuro ao redor, estava escuro como a noite. Lizzy tinha levado o carro de Sean para a casa da faculdade - ambos estavam em KU nessa época - e então ela estava em casa para o fim de semana.

— Meus pais tinham saído com Aiden e Ryan para o almoço, e eu pensei que tinham saído com Lizzy também. Eu tinha dormido tarde, e eu acordei para uma casa vazia.

Poppy não disse nada, mas ela se aninhou mais perto, me dando coragem.

— Houve um flash de luz brilhante e um enorme barulho, como se um transformador tivesse explodido, e a explosão cortou a energia. Eu fui em busca de uma lanterna, mas as baterias estúpidas estavam mortas, então eu tive que ir para a garagem para conseguir mais. Vivíamos em Brookside, em uma casa mais velha, de modo que a garagem ficava separada. Eu tive que caminhar através da chuva, e então quando eu cheguei lá, estava tão escuro no início, eu não a vi...

Ela encontrou a minha mão e apertou.

— Eu tinha as baterias, e foi apenas sorte que os relâmpagos rugiram na frente quando eu estava me afastando ou eu não teria visto ela. Ela estava suspensa lá, como se estivesse congelada no tempo. Nos filmes, eles estão sempre balançando, e há um rangido, mas era tão quieta. Parada.

— Me lembro de correr para ela e tropeçar em um engradado de leite, e, em seguida, uma torre de latas de tinta foi rolando por toda parte, e eu me levantei do chão. Havia uma escada que ela usou, — eu não podia dizer as palavras, não poderia dizer *à escada que ela tinha usado para se enforcar*.

Engoli em seco e prossegui.

— Eu a baixei de volta na posição vertical e a descí. Não foi até que eu tinha começado a desamarrar e a tive em meus braços que eu percebi que minhas mãos estavam sujas de quando eu tinha tropeçado. Molhado da chuva, e então elas se esfregaram contra a sujeira, o óleo e novamente a sujeira, e eu tinha deixado manchas por todo o rosto dela...

Eu respirei fundo, revivendo o pânico, a chamada pelo 911 apressado, a conversa que engasguei com meus pais. Eles correram para casa, e meus pais e Aiden tinha corrido para a garagem a poucos passos à frente da polícia, e ninguém tinha pensado em manter Ryan lá fora. Ele só tinha oito ou nove anos quando viu sua irmã morta no chão da garagem. E então as luzes vermelhas e azuis, e os paramédicos, e a confirmação do que a pele fria e os olhos vagos já tinha nos dito.

Lizzy Bell – voluntaria do abrigo de animais, amante de Britney Spears, e todas as outras milhares de coisas que compõem uma menina de dezenove anos de idade - estava morta.

Por vários momentos, era apenas o som de nossa respiração, o ligeiro farfalhar dos lençóis quando Poppy esfregou o pé contra o meu, e, em seguida, as memórias lentamente sangrando de volta para o chão da minha mente.

— Minha mãe ficava tentando limpar as manchas, — eu disse finalmente. — Enquanto esperávamos os legistas virem buscar o corpo. O tempo todo. Mas você não pode limpar com o óleo facilmente, e assim Lizzy teve o rosto borrado até que tivemos de dizer adeus. Eu odiava isso. Eu odiava tanto. Eu fiz a minha missão limpar a porra da garagem de cima para baixo. E, desde então, tenho mantido tudo limpo em minha vida.

— Por quê? — perguntou Poppy, se movendo para que ela pudesse se sustentar sobre um cotovelo. — Isso faz você se sentir melhor? Você está preocupado com algo como isto acontecer novamente?

— Não, não é isso. Eu não sei por que eu ainda faço. É uma compulsão, eu acho.

— Parece que é uma penitência.

Eu não respondi a isso, a virando na minha cabeça. Quando ela expressava assim, parecia que eu não tinha realmente deixado Lizzy ir, que eu ainda estava lutando com sua morte, abraçado com a culpa de dormir naquele dia e não estar acordado para detê-la. Mas tinha sido há mais de dez anos e eu não estava levando isso muito bem, estava?

— Como era ela? — perguntou Poppy. — Quando ela estava viva?

Eu pensei por um minuto. — Ela era minha irmã mais velha. Então, às vezes ela era mãe, às vezes ela era má. Mas quando eu estava com medo do escuro como uma criança, ela sempre me deixou dormir em seu quarto, e ela sempre cobria para mim quando eu quebrava o toque de recolher, quando eu era mais velho.

Eu tracei as linhas iluminadas das persianas no edredom com meu olhar. — Ela realmente, realmente amava essa terrível música pop. Ela costumava deixar sua música no leitor de CD de Sean quando ela emprestava seu carro, e ele ficava tão irritado quando seus amigos iam pegar o carro e, em seguida, alguma boy band ou Britney Spears começava a tocar quando ele ligava.

Poppy inclinou a cabeça. — Lizzy é a razão que você ouve Britney Spears, — ela adivinhou.

— Sim, — eu admiti. — Isso me faz lembrar ela. Ela costumava cantar tão alto em seu quarto que você podia ouvi-la em qualquer lugar da casa.

— Eu acho que eu teria gostado que dela.

Eu sorri. — Eu acho que você teria. — mas então meu sorriso fugiu. — O fim de semana do funeral, Sean e eu decidimos que iríamos escapar dos parentes na casa por alguns minutos e sair para o Taco Bell. Eu queria dirigir, mas nós não pensamos - nós não nos lembramos de que ela tinha sido a última pessoa a dirigir o carro. Sua música veio e Sean estava... ele estava chateado.

Chateado não era a palavra certa para o que meu irmão mais velho tinha estado. Ele tinha acabado de completar vinte e um anos e então ele estava de luto pela morte de Lizzy ao estilo irlandês, com muito uísque e muito pouco sono. Eu tinha virado a chave na ignição e as palavras de 'Oops, I Did It Again' surgiu, desagradavelmente alto porque Lizzy manteve o volume alto todo o caminho para casa, e nós dois congelamos, olhando para o rádio como se um demônio tivesse

acabado de se arrastar para fora da ranhura do CD, e em seguida, ele começou a gritar e xingar, chutando tão duro que o velho plástico rachou, o carro inteiro tremendo com sua fúria e pesar cru. Eles tinham sido os mais próximos em idade, Lizzy e Sean, e, conseqüentemente, tinham sido melhores amigos e inimigos amargos. Eles tinham carros e amigos e professores e, finalmente, um colégio comum, sendo apenas um ano de diferença, e de todos nós irmãos Bell, a morte dela arrancou o maior buraco em sua vida diária.

Então, ele abriu um buraco em seu carro naquele dia, e depois fomos para o Taco Bell e nós nunca falamos disso. Nós ainda não temos falado.

— Eu nunca disse a ninguém essa história antes, — eu disse. — É mais fácil falar sobre Lizzy quando estamos -

— Quando o quê?

— Nus e enrolados. Apenas... com você. É tudo mais fácil com você.

Ela descansou a cabeça no meu ombro. Nós ficamos lá por um tempo, e apenas quando eu pensei que ela tinha adormecido, disse ela na escuridão, — É por Lizzy que você está com medo de ser você mesmo comigo?

— Não, — eu disse, perplexo. — Por que estaria?

— Parece apenas que ela é a motivação por trás de muito do que você faz. E ela foi machucada, sexualmente. Eu me pergunto se isso faz você ter medo de fazer isso. - de que o que aconteceu com ela aconteça a alguém

— Eu... eu acho que eu nunca pensei nisso dessa forma. — eu encontrei seu cabelo novamente e brinquei com ele. — Pode ser por isso, eu não sei. Foi na faculdade que eu descobri como eu gostava disso duro, mas foi difícil. Se eu encontrasse uma garota que era confiante e inteligente e cheia de autoestima, ela não queria que o sexo fosse áspero. Se eu encontrasse uma garota que gostava de uma vida difícil, então a razão que ela gostava de aspereza era por causa de algum problema emocional, e sim, sempre que eu via uma garota assim, pensava em Lizzy. Quantos sinais tínhamos perdido. E se eu descobrisse que um cara tinha levado vantagem dela quando ela tinha se sentido assim...

— Parece que você teve um monte de má sorte com as mulheres.

— Não necessariamente. Eu tinha realmente algumas grandes amigas na faculdade. Mas foi mais fácil bloquear essa parte de mim para longe dos relacionamentos saudáveis, namoradas confiantes e sexo baunilha. Era mais seguro.

— Então você se tornou um padre.

— E isso foi *muito* mais seguro.

Ela se sentou e olhou para mim, as linhas das sombras e da rua em seu rosto. — Bem, você não está me machucando. Quero dizer. Olhe para mim, Tyler.

Eu fiz.

— Eu não gosto de áspero porque eu estou emocionalmente danificada. Eu fui tratada como uma princesa toda a minha vida, mimada e elogiada e protegida de cada única coisa que poderia me prejudicar. Sterling foi a primeira pessoa que não me tratou assim.

Sterling.

Meu queixo aperta. Eu não gostava que ele fosse seu primeiro em muitas coisas (eu sei, era totalmente irracional, mas ainda assim eu fiz. Talvez o que eu não gostei foi que ela se lembrava de muitas de suas primeiras vezes com ele tão intensamente).

— Parte do problema é provavelmente é o tabu e, portanto, sujo, por isso me excita. Mas parte disso é que isso me faz sentir inquebrável. Forte. Como a mulher que eu sou com aspectos de mim o suficiente para ver isso. E eu sou forte o suficiente para ter essa experiência no quarto e também ter uma vida perfeitamente saudável fora dele.

— Que pena que não deu certo com Sterling, então.

Whoa, Tyler. Golpe baixo. Mas eu estava agitado e com ciúmes e me sentindo como se estivesse sendo repreendido por algo que não era culpa minha.

Ela endureceu. — Não deu certo com Sterling porque ele não pode diferenciar entre os dois, o quarto e a vida real. Ele acha que porque eu gostava da maneira como ele me tratou durante o sexo era assim que eu queria ser tratada o tempo todo. Que eu só queria ser uma

prostituta, quando na verdade, eu queria ser uma prostituta para ele somente quando estávamos sozinhos. É por isso que me afastei dele no clube.

Não antes de você deixar ele te foder.

Como se ela pudesse ler meus pensamentos, ela estreitou os olhos. — Você está com ciúmes dele?

— Não, — eu menti.

— Você nem sequer deveria estar deitado aqui comigo, — disse ela. — Nós não podemos ficar de mãos dadas em público, não podemos fazer *qualquer coisa* juntos sem que seja um pecado. Você poderia perder seu emprego e, essencialmente, ser exilado da uma coisa que dá significado à sua vida, e você está preocupado com o meu ex-namorado?

— Tá bom. Sim. Sim, eu estou com ciúmes dele. Eu tenho ciúmes que ele queira voltar aqui para você, e eu estou com ciúmes que ele *pode* fazer isso. Ele pode te perseguir. E eu não posso.

Minhas palavras pairaram no ar por um longo momento.

Ela baixou a cabeça. — Tyler... o que temos feito? O que estamos fazendo?

Ela estava lá novamente. Naquela coisa que eu não queria pensar.

Estendi a mão para ela e a puxei para cima de mim, puxando para que ela se ajoelhasse sobre o meu rosto.

— Devemos falar sobre isso, — disse ela, mas então eu sacudi minha língua para cima e sobre o clitóris e ela gemeu, e eu sabia que eu tinha conseguido congelar este momento novamente, empurrei a conversa e todas as suas decisões para outro momento.

CAPÍTULO

CATORZE

Jesus disse que o que é feito na escuridão será trazido à luz. E quando eu acordei sozinho na minha cama naquela manhã, eu sabia exatamente o que ele quis dizer. Porque tudo o que eu tinha conseguido afastar ontem à noite estava de volta, bem em cheio, e não eu só tinha que o enfrentar, mas eu tinha que o enfrentar sozinho.

Onde ela estava? Não havia nenhum bilhete, nenhuma mensagem, nenhuma caneca de café na pia. Ela saiu sem dizer adeus, e uma pontada de dor despedaçou meu peito.

Ela é uma leiga¹⁷, eu me lembrei. Isso era o que os leigos fizeram... - eles se conheceram, eles foderam, e eles seguiram em frente. Eles não se apaixonam com a queda de um maldito chapéu.

Ontem à noite, ela tinha estado a ponto de dizer isso, apesar de tudo. Ela tinha estado pronta para confessar para mim... ou eu tinha imaginado isso? Talvez eu tivesse imaginado que esta faísca entre nós era algo comum, algo compartilhado. Talvez eu tivesse sido uma curiosidade para ela – o padre bonito - e agora que ela tinha satisfeito sua curiosidade, ela estava pronta para seguir em frente.

Eu tinha quebrado o meu voto para uma mulher que não se importava o suficiente para ficar para o café da manhã.

Eu caminhei para o banheiro, e quando eu olhei no espelho, eu vi dois dias de barba, cabelo que tinha sido bagunçado e uma mancha inconfundível de um chupão no minha clavícula.

Eu odiava o homem no reflexo, e eu quase perfurei o vidro, querendo o ouvir quebrar, querendo sentir a dor brilhante de mil cortes profundos. E então eu me sentei na borda da banheira e cedi à vontade de chorar.

Eu era um bom homem. Eu tinha trabalhado muito duro para ser um bom homem, me dedicado a viver a minha vida do jeito que Deus

¹⁷ Um leigo (também leigo ou leiga) é definido como um não-ordenados membro de uma igreja, ou uma pessoa que não está ressaltada em uma determinada profissão e / ou não têm conhecimento específico de um determinado assunto

queria. Eu aconselhei, eu consolei, passei horas e horas na oração contemplativa e de meditação.

Eu era um bom homem.

Então, por que eu tinha feito isso?

Poppy não estava na missa matinal e eu não a ouvi durante todo o dia, até mesmo andei perto da janela com mais frequência do que o necessário para checar se a luz azul de seu Fiat ainda estava em sua garagem.

Estava.

Eu chequei meu telefone por uma mensagem uma vez a cada três minutos, digitei várias mensagens que apaguei, e depois me repreendi por isso. Eu tinha acabado de chorar - como um bebê - no meu banheiro esta manhã. Estúpido, ecoando como uma telha na chuva, soluços e gritos. Era melhor termos espaço um do outro. Eu não poderia manter meu foco quando eu estava perto dela. Eu não poderia manter o controle. Ela me fez sentir como se todo pecado e punição valesse a pena só para ouvir uma de suas risadas um pouco rouca, e o que eu precisava fazer agora era uma triagem dessa bagunça que eu chamei de minha vida e descobrir as coisas. Abraçando esta distância era uma prudência e continência sexual e o primeiro pedaço de sabedoria que eu tinha exibido desde que a conheci.

Meu orgulho ferido sobre sua saída sem dizer adeus não tinha nada a ver com isso.

Aquela noite foi à festa de volta às aulas para o grupo de jovens, por isso passei comendo pizza, jogando Xbox e tentando manter os meninos de fazerem coisas idiotas enquanto tentavam impressionar as meninas. Após o último adolescente deixar a igreja, eu limpei tudo e fui para casa, despindo e puxando um par de roupas. Olhei pela janela do meu quarto na entrada da casa de Poppy, perdido em pensamentos.

A Igreja disse tudo sobre ela e eu estava errado. Era luxúria e fornicção. Ele estava mentindo. Foi traição.

Mas a Igreja também falou sobre o tipo de amor que transcendia todos e quaisquer limites, e a Bíblia estava cheia de histórias de pessoas que realizaram a vontade de Deus e tinham desejos muito humanos. Quer dizer, os mesmos eram pecados? Quem estava sendo ferido por Poppy e eu ao amar um ao outro?

É uma questão de confiança, eu me lembrei. Porque, enquanto eu lutava com a natureza epistemológica do pecado como o teólogo treinado que eu era, eu também era um pastor e pastores tinham de ser práticos. O problema era que eu tinha vindo aqui para construir a confiança na igreja, para desfazer erros de outro homem. E não importa quanto consensual e brilhante meu relacionamento era com Poppy, ele ainda iria arruinar isso. O meu trabalho, meus objetivos, meu memorial da morte de Lizzy.

Lizzy.

Me senti tão bem em falar sobre ela. Nós não falamos sobre ela muito em minha família. Na verdade, não falamos, a menos que eu estivesse sozinho com minha mãe. E falando sobre isso não levava a dor mais para longe, necessariamente, mas com ela tinha sido diferente. Mais fácil. Sai da janela e fui para a mesa de cabeceira para pegar o rosário que eu gostava de usar, uma matriz de prata e de pérolas jade.

Tinha sido de Lizzy.

Eu não orei, mas eu corri as contas pelos meus dedos enquanto eu estava sentado, pensando e me preocupando e, eventualmente, deixando minha mente em colapso nos tempos corridos de preocupação e culpa.

Para a nova dor espinhosa de sua ausência e todos os medos que inspiraram. Tudo isso para lutar por ela, e a coisa que mais me assombrou quando eu adormeci foi a possibilidade de que Poppy tivesse se cansado de mim

O dia seguinte era o café da manhã da panela, e Poppy apareceu, embora ela me evitasse, falando apenas com Millie e saindo assim que o último convidado subiu as escadas.

— Ela veio para a reunião Vinde e Vede ontem à tarde, — disse Millie. — Ela parece muito interessada em aderir. Expliquei a ela como o catecismo iria funcionar, e eu acho que ela é receptiva, embora ela perguntou se ela poderia fazer isso em outra igreja. — Millie olhou firme para mim. — Vocês dois não tiveram uma discussão, não é?

— Não, — eu murmurei. — Está tudo bem.

— Então é por isso que vocês dois se olharam como se estivesse em dor física, esta manhã?

Eu estremeci. Millie era mais inteligente do que a maioria das pessoas, mas eu não queria que *ninguém* notasse a dinâmica entre Poppy e eu, se ela é tensa ou amigável. Nós só tínhamos tido sexo uma vez, e já estava transparecendo através de cada abertura possível na barragem.

— St. Margaret precisa dela, Padre Bell. Eu certamente espero que você não planeje estragar essa porra.

— Millie!

— O quê? — perguntou ela, pegando sua bolsa acolchoada. — Uma velha senhora não pode xingar? Se aprende com o tempo, Padre.

E ela foi embora.

Ela estava certa. St. Margaret precisava de Poppy. E eu precisava de Poppy. E St. Margaret precisava de mim, e Poppy precisava de mim. São muitas as pessoas que precisavam de muitas outras pessoas, e não havia nenhuma maneira que eu poderia manter todas as bolas no ar; eu deixaria cair uma e haveria consequências catastróficas.

Não foi até domingo à noite que a minha angústia teve o melhor de mim e eu lhe enviei uma mensagem.

Pensando em você.

Meu peito e garganta pareciam como se tivessem sido costurados, e eu quase pulei para os meus pés quando vi os três pontos rotativos na tela, o que significa que ela estava escrevendo uma resposta. E então eles foram embora.

Deixei escapar um longo suspiro. Ela parou a digitação. Ela não ia responder.

Eu nem sequer queria pensar sobre o que isso significava. Então, ao invés, eu desfrutei de uma caçarola da Millie, três episódios de *House of Cards* e uma dose saudável de Scotch.

Adormeci com o rosário de Lizzy tecido entre os dedos, de alguma forma sentindo mais longe de minha própria vida do que nunca.

Eu não tinha visto Poppy na missa da manhã, então a última coisa que eu esperava após a confissão de Rowan era que ela deslizesse no outro lado do confessionário.

Poderia ter sido o rangido hesitante da porta ou o farfalhar inconfundível de um vestido de encontro com as coxas macias ou a eletricidade que imediatamente estalou em minha pele, mas eu sabia que era ela sem que ela sequer dissesse uma palavra.

Sua porta se fechou e ficamos em silêncio por um tempo, sua respiração em silêncio e eu ansiosamente tocando meu polegar contra a palma da minha mão, odiando que eu já estava meio duro só de estar ao lado dela.

Por fim, perguntei: — Onde você estava?

Ela exalou. — Aqui. Eu estive aqui.

— Não se sinta dessa forma. — eu estava envergonhado com o quão amargo e ferido eu soei, mas eu também não me importei. Tyler Bell com vinte e um nunca deixaria uma menina ficar sob sua armadura de orgulho, nunca mostraria a uma menina que ela o tinha machucado. Mas eu estava com quase trinta agora, e bem depois da faculdade, o que teria significado quase nada para mim, mas significou muito mais para mim agora.

Ou talvez não fosse eu que tinha mudado. Talvez esse foi o efeito que teria Poppy sobre mim em qualquer idade, em qualquer lugar. Ela fez algo comigo, e eu pensei (um pouco petulante) que não era justo. Não era justo que ela poderia apenas sentar lá e não estar tão rasgada como eu estava sobre nós, o que quer que isso significava no nosso caso.

— Você está com raiva de mim? — perguntou ela.

Me debrucei contra a parede. — Não. — eu reconsiderarei. — Um pouco. Eu não sei.

— Você está, então.

As palavras abriram caminho pelos meus lábios. — Eu só me sinto como eu estivesse arriscando tudo, e você está arriscando nada, e você é a única que está fugindo e isso não é justo.

— Fugindo de que, Tyler? De uma relação que não pode ser? Do sexo que irá destruir sua carreira ou pior? Eu passei os últimos três dias batendo minha cabeça contra a parede porque eu quero você - eu quero você tanto - mas se eu tiver você, eu vou arruinar sua vida. Como você acha que isso *me* faz sentir? Você acha que eu quero acabar com esse seu sustento, sua comunidade, tudo por minha causa?

Sua explosão ficou na minha mente por muito tempo depois que ela parou de falar. Isso não me ocorreu - que ela se sentiria culpada, que ela iria se sentir culpada. Que ela iria querer me evitar, porque ela não podia suportar a culpa de participar desta coisa que poderia me arruinar.

Eu não sabia o que dizer sobre isso. Fiquei grato e confuso e ainda doía tudo ao mesmo tempo.

Então, eu disse a única coisa que me veio à mente. — Quanto tempo tem sido desde a sua última confissão?

Uma exalação. — Então é assim que essa conversa vai?

Eu não me importei como esta conversa iria acontecer, contanto que eu continuasse falando com ela. — Se você quer isso.

— Você sabe o quê? Eu quero.

Poppy

*Sexo antes do casamento é pecado, certo? E tenho certeza de que ter relações sexuais com um padre é um pecado. E, provavelmente, no altar não está em qualquer lugar nas encíclicas papais, mas eu estou supondo que é um pecado também. Então, eu vou confessar isso. Vou confessar delirantemente sobre como eu me sentia naquele altar, o tendo entre as minhas pernas. Finalmente o persuadindo a deixar ir. Éramos mais humanos do que nunca - mais **carnais** do que nunca - mas de alguma forma eu ainda me sentia tão perto de Deus, como se toda a minha alma estivesse acordando, alerta e dançando. Eu olhei para o crucifixo, em Cristo dependurado na cruz, e eu pensei, é assim que eu gostaria de ser dilacerada por amor. Isso é o que significa renascer e*

olhei para ele por cima do ombro, e você estava me perfurando, e Cristo tinha sido perfurado também, e tudo parecia como um mistério e segredo cintilante - profundo e entendido pelos antigos. Eu sinto que nós fizemos algo incomensuravelmente antigo, tropeçamos em uma cerimônia secreta que nos fundiu - mas como posso saborear esse sentimento, como posso o comemorar, quando ele vem com um custo tão alto?

Eu disse que me sinto culpada, e isso é verdade, mas mesmo estando envolvida em tantas outras coisas, eu não posso desmembrar a culpa da alegria e da miséria. Cada momento eu acho que chego a uma decisão - que eu vou te dizer que temos de respeitar seus votos e escolhas, ou que eu vou te dizer que temos de descobrir uma maneira de que de qualquer forma ainda podemos ver um ao outro - eu mudo de ideia.

A preocupação é um pecado, até eu sei disso, mas eu sou mais do que apenas um lírio do campo. Eu sou um lírio que foi arrancado do chão e colocado a seus pés. Quando se trata de você, eu estou sem raízes e impotente e à sua mercê para a luz do sol e da água. E eu nem deveria ser sua. Como eu poderia não me preocupar?

Ontem à noite, eu queria tanto responder à sua mensagem, mas eu não sabia o que eu poderia dizer, como destilar meus pensamentos em duas ou três frases coesas. Eu queria vir para sua casa e conversar, mas eu sabia que se eu fizesse, eu não seria capaz de me impedir de te tocar e transar com você, e eu não queria tornar as coisas mais complicadas do que já eram.

Mas então eu ficava olhando para a sua mensagem, me perguntando exatamente como você estava pensando em mim, e eu me perguntava se você estava pensando sobre a maneira que eu senti quando você estava dentro de mim. Sobre a forma como eu me mexi debaixo de você. Queria saber se você estava lembrando em sua cozinha, nós dois olhando para baixo quando você empurrou para dentro de mim.

Então aqui está a minha confissão final. Eu me ajoelhei no chão do meu quarto quando eu estava indo rezar, mas em vez de orar, eu abri minhas pernas e me fodi com meus dedos, fingindo que era você.

E quando eu cheguei ao clímax, eu pedi a Deus que você fosse capaz de me ouvir chamando seu nome.

CAPÍTULO

QUINZE

As pessoas podem me julgar pela forma como minha respiração acelerou. Pela maneira que eu me espalmei através das minhas calças. Mas a imagem da Poppy de joelhos, olhos fechados e a mente cheia de mim, tudo enquanto seus dedos brincavam com esse belo botão, era demais para resistir.

— Poppy, — eu disse, desafivelando meu cinto. — Me conte mais.

Eu sabia que ela podia ouvir o cinto. Eu sabia que ela podia ouvir o zíper. Sua respiração estremeceu e depois ela bufou.

— Eu usei uma mão para tocar meus seios, — ela sussurrou. — E a outra para trabalhar o meu clitóris. Eu queria tanto seu pau, Tyler, que era tudo que eu conseguia pensar. Como ele me estende. Como você faz bater esse local perfeito cada vez.

Ainda me inclinando para trás, eu libertei meu pau de minhas cuecas boxer e o agarrei, movendo minha mão lentamente para cima e para baixo.

— No que você estava pensando quando você gozou? — perguntei. Deus, eu queria que fosse sujo. Eu queria que fosse sujo pra caralho.

Poppy não decepcionou. — Eu pensei sobre você tomando minha bunda, enquanto você me tocava. Que você puxou para gozar nas minhas costas.

Merda. Eu estava duro antes, mas agora - agora eu estava praticamente um concreto. Quem eu estava enganando com isso? Eu precisava transar com ela de novo e eu iria fazer aqui na igreja no meio do dia.

— Meu escritório, — eu disse com os dentes cerrados. — Agora.

Ela saiu do confessionário e eu a segui, me afivelando de volta, mas não me preocupando em fechar tudo. Assim que estávamos no escritório, eu fechei, tranquei a porta e me virei para ela, ao mesmo tempo em que ela se virou para mim.

Vimos juntos como duas nuvens de tempestade - um acidente de seres separados que se tornaram imediatamente uma entidade. Éramos mãos, lábios e dentes, estávamos grudados em beijos e gemidos, e eu guiava para trás para colocá-la sobre minha mesa, mas nossas pernas entrelaçaram e caímos no chão, meus braços uma gaiola em torno dela.

— Você está bem? — perguntei, preocupado.

— Sim, — disse ela impaciente, agarrando o meu colarinho para me puxar de volta para seus lábios. Seus beijos me levaram a um frenesi, a suavidade de sua boca ecoando o calor sedoso abaixo de sua saia.

— Eu tenho que te foder, — eu consegui dizer entre beijos. Foi uma declaração de fato. Um aviso. Enfie a mão para baixo e descobri que, mais uma vez, ela estava sem calcinha.

— Imunda, — eu disse. — Suja do caralho.

Ela torceu sob o meu toque, inclinando o quadril para conceder a meus dedos melhor acesso, e eu beijei seu pescoço enquanto eu enfiei dois dedos dentro de sua buceta. Ela já estava tão molhada e meu tratamento áspero em sua buceta parecia a excitar mais, porque suas mãos se fixaram em minha camisa e ela ofegava enquanto eu continuei meu ataque, terríveis palavras saindo da minha boca, *Cadela e vagabunda quer meu pau. Você sabe que você quer.*

Ela gemeu, minhas palavras a provocando mais do que meus dedos nunca poderiam, e parte de mim estava envergonhado com o quanto me despertou dizer estas coisas degradantes para ela e outra parte de mim estava dizendo para calar a boca e apenas fazer isso logo.

Fechei minha boca sobre a dela quando eu puxei minha boxer para baixo o suficiente para libertar o meu pau, e então eu cegamente empurrei meus quadris para frente, me enterrando em um curso áspero.

Ela enrolou as pernas em volta da minha cintura e os braços ao redor do meu pescoço, a boca escaldante em todos os lugares, e foi como segurar um fio vivo, a forma como ela se mexeu e se contorceu debaixo de mim quando eu colidi com ela, deixando todas as dúvidas, ciúme e medo de lado. Queria transar com ela até que ela sentisse como se ela fosse minha. Queria transar com ela até que ela não pudesse ir embora.

Queria transar com ela até que *eu* não poderia ir embora.

Cada impulso me trouxe para mais perto e mais perto, mas um pensamento não me soltou e eu pressionei meu corpo para ela e moí contra seu clitóris, sentindo sua buceta se contorcer e apertar em torno de mim. Ela estava perto.

— Me deixa entrar em sua bunda, Poppy, — eu disse. Corri a ponta do meu nariz ao longo de seu queixo, a fazendo tremer. — Quero foder você lá.

— Oh Deus, — ela sussurrou. — Sim. Por favor.

Não houve tempo para pensar sobre a logística através disso, não houve tempo para sequer considerar irmos para um lugar mais preparado. Eu tinha algo a poucos passos de distância que iria funcionar e eu não ia perder tempo à procura de algo mais.

Eu puxei para fora meu pau com tanta força que doeu e me levantei. — Fique, — eu pedi, e me enfiei de volta para dentro da minha cueca para fazer uma curta caminhada até o armário na parte de trás do santuário, o pequeno armário onde guardávamos nossos óleos sagrados.

Minhas mãos tremiam enquanto eu abria a porta. Estes eram os óleos que foram abençoados durante a Semana Santa por meu bispo, óleos usados apenas para sacramentos como o batismo e confirmação e a unção dos enfermos. Selecionei um frasco de vidro - o óleo da Crisma - e voltei para Poppy, evitando cuidadosamente o crucifixo e o tabernáculo com os meus olhos.

Ela tinha ficado no chão, sua saia ainda amontoada em torno de sua cintura, suas bochechas coradas. Depois que eu tinha trancado a porta de novo, eu estava sobre ela e puxei o colarinho, o tentando tirar.

— Não, — ela disse, com as pupilas grandes e escuras. — Deixe.

Meu pau subiu. *Menina suja.*

— Você vai me matar, — eu disse a ela quando eu me ajoelhei. Eu a virei de barriga para baixo, de modo que sua bunda deliciosa me enfrentou e também para que ela pudesse descansar a cabeça em seus braços se ela precisasse.

Eu destampeei o frasco e chuveisquei um pouco do óleo no meu dedo, e, em seguida, usei para pintar um círculo ao redor do buraco rosa e apertado de sua bunda. Ela tremia sob minha carícia,

involuntariamente tencionando toda vez que meu toque pastava ali. Mas sua buceta apertou também, e eu podia ver como ela estava começando a pressionar seus quadris para o chão, tentando aliviar um pouco a dor construindo em seu clitóris.

Eu adicionei mais óleo em meus dedos e comecei a provocar ela e testar a borda, a massageando e a soltando. O cheiro do bálsamo - um antigo cheiro de igreja - encheu a sala.

— Sabe o que é isso, Poppy? — perguntei.

Ela balançou a cabeça contra seus braços.

— É um óleo sacramental. É usado para batismos e ordenações. É ainda utilizado para ungir as paredes de uma igreja quando ela é construída. — corri a mão para baixo da encosta lisa e firme das costas dela, sentindo seu suspiro contra o meu toque, e naquele momento, deslizei o dedo para dentro.

Ela engasgou.

— Eu estou ungindo você agora, — eu informei. — Estou santificando você de dentro para fora. Você sente isso? Esse é o meu dedo fodendo sua bunda. E em apenas um minuto, será meu pau. Será meu pau consagrando você. Não, não toque em você mesma, querida. Nós vamos gozar juntos.

Eu peguei a mão dela, que havia corrido debaixo de seu estômago, e a coloquei por sua cabeça, tudo isso enquanto eu continuei trabalhando sua bunda com o óleo e meu dedo. Seu canal era tão extremamente confortável, e apenas saber que meu pau iria tomar o seu lugar em questão de minutos, foi suficiente para fazer de mim um homem selvagem.

Eu não podia esperar mais. Eu derramei uma boa quantidade de óleo na palma da minha mão e, em seguida, peguei meu pau, me segurando mão forte e me empurrando perto da borda.

— Tyler, — Poppy disse, olhando de volta para mim. — Eu já fiz isso antes. Mas nunca com alguém do seu tamanho. — ela parecia um pouco preocupada, mas ela também estava ainda moendo contra o chão, desesperada para ser fodida.

Eu queria dizer a ela que eu ia ser gentil com sua bunda, mas eu também não queria fazer uma promessa que eu não saberia que eu

poderia manter (porque *porra*, eu mal conseguia me segurar apenas olhando para isso) em vez disso, eu lhe disse: — Você me diz quando parar e eu vou parar nesse mesmo instante, ok?

Ela assentiu com a cabeça e colocou a cabeça para baixo, inclinando seus quadris para cima para me encontrar. Me inclinei, uma mão guiando meu pau para sua entrada e outra agarrando o óleo, derramando mais sobre sua bunda e sobre o meu pau até que nós dois estávamos escorregadios pra caralho.

Pousei o frasco e, em seguida, comecei a acariciar suas costas enquanto eu empurrei contra seu aperto, a sentindo abrir gradualmente para mim, lentamente me dando boas-vindas.

A cabeça do meu pau empurrou e empurrou e finalmente relaxou passada a resistência inicial, e, de repente, eu estava dentro de sua bunda e estava me segurando em um calor apertado, diferente de tudo que eu já tinha sentido antes, mesmo com as outras namoradas que eu tinha feito isso. Eu tinha que pendurar minha cabeça e respirar fundo várias vezes, contando até dez, antes que eu pudesse ter certeza de que eu não ia perder isso cedo demais para saboreá-la corretamente.

Eu empurrei um pouco mais. — Oh cordeiro, isso vai ser um ajuste apertado, — eu avisei.

E foi.

No momento em que afundei todo o caminho para casa, fiz uma pausa, lhe dando um momento para se ajustar ao meu tamanho. Ela respirou dentro e para fora, e depois chupou uma afiada respiração, inalou necessitada quando eu encontrei o clitóris e comecei a trabalhar isso. Eu não me movi por vários momentos, simplesmente a deixei sentir a plenitude de mim enquanto eu explorava toda essa tensão que eu tinha construído dentro dela, a levando ao precipício para que pudéssemos saltar juntos.

Eu queria lhe perguntar se ela estava pronta para mais, mas eu sabia como ela ficava frustrada com o bom garoto Tyler sempre pedindo permissão, então ao invés disso, eu me movi lentamente, esperando a cada movimento ela para sinalizar que ela precisava de tempo ou que ela precisava parar.

Eu levantei seus quadris, a guiando para descansar de quatro. *Pausa.*

Arrumei meu próprio corpo enquanto esfregava seu clitóris. *Pausa.*

Me retirei apenas uma polegada e, em seguida, empurrei em apenas uma polegada. *Pausa.*

E pouco a pouco, ela passou de ajuste à necessitada, empurrando para trás em mim como uma gatinha gananciosa que ela era, gemendo em protesto sempre que minha mão esquerda saía de seu clitóris. E lhe dei um pouco mais e mais, até que eu estava saindo até a ponta e deslizando de volta, ainda sem pressa - com calma até - mas o clímax se construção a todo vapor agora.

O tempo todo eu acariciava suas pernas e costas e esfreguei seu clitóris, eu disse a ela como ela era uma boa menina e que era uma boa putinha por me deixar foder seu doce traseiro, minha própria putinha obediente, e ela me pertencia, não era? Ela só me queria dentro dela, ela só queria o meu pau e os meus dedos e minha boca.

Ela assentiu com as minhas palavras, todas elas, e ela estava tremendo quando eu a peguei, coberta de suor e tremendo como se ela estivesse com febre. Eu tinha a intenção de retê-la até o fim, mas a ver assim me deixou louco, obcecado com o pensamento dela gozar enquanto eu estava na bunda dela, e então eu finalmente me estabeleci em seu clitóris seriamente, pressionando a ponta do meu dedo médio contra ela, circulando duramente e rápido como ela gostava.

Em poucos segundos, ela estava chorando, pressionando sua bunda contra meus quadris e então eu fui enterrado até às minhas bolas, seus dedos arranhando o tapete e grunhidos sem palavras rasgando de sua garganta.

Eu a assisti se partir, as peças cuidadosamente penteadas e esculpidas de Poppy Danforth caindo como andaimes, deixando para trás uma criatura estremeando, incoerente e falha, e então ela moeu uma palavra, e foi isso, eu estava perdido. Perdido para o meu controle, para os meus votos, para outra coisa senão a necessidade de marcar essa mulher no mais primitivo e da maneira mais vil possível.

Uma palavra.

Sua.

Eu fui áspero agora, agarrando seus quadris e batendo nela, grunhindo eu mesmo, perseguindo minha libertação quando ela engasgou seu caminho através dos tremores dela, e sua bunda era tão

malditamente gostosa, tão extremamente apertada, tudo me apertando e me agarrando, e em seguida, me levou como uma onda de escuridão, o verdadeiro frenesi, batendo e rosnando quando ele se implodiu através da minha espinha e minhas bolas, e porra, eu estava gozando, gozando, gozando e houve aglomeração preta nas bordas da minha visão e eu estava passeando para fora enquanto eu pulsava e continuava gozando como se ele não tivesse fim.

Eu tinha puxado para fora no último momento para que eu pudesse ver como o meu orgasmo atava a sua bunda e costas com gotas de sêmen e riachos como uma espécie de chuva, escorrendo pela entrada rosa e enrugado dela e sobre as curvas de suas costas.

Quando a minha visão clareou e meus sentidos retornaram, eu pude admirar minha obra, a respiração ofegante, a mulher tremendo na minha *frente*, coberta *de mim*.

Poppy esticada em seu estômago, de alguma forma, fazendo o movimento elegante e erótico. — Me limpe, — ela ordenou como a pequena rainha que ela era e eu corri para obedecer. A lavei com uma toalha molhada e então eu a mantive no chão, enquanto eu massageava seus quadris, coxas, costas e braços, murmurando coisas mais doces que eu poderia pensar em latim e grego e citando Cântico dos Cânticos quando eu cobria cada polegada de sua pele em beijos.

E eu poderia dizer pela forma como ela sorriu para si mesma, do jeito que ela fechava os olhos de vez em quando, como se para empurrar as lágrimas, que isso era algo que Sterling nunca tinha feito. Ele nunca tinha ficado com ela depois do sexo, ele nunca tinha acariciado seu corpo e a elogiado e a recompensado.

Eu nem sequer tentei não me sentir triunfante sobre isso.

E, em seguida, depois que ela estava satisfeita, ela e eu nos sentamos e trabalhamos em nosso fundo de arrecadação. Ela me ajudou a montar um plano para o grupo dos homens e, em seguida, ela foi para o grupo de mulheres na casa de Millie. E o tempo todo eu poderia sentir o cheiro do bálsamo na sua pele e na minha, e nada menos do que estar com esta mulher a cada minuto de cada dia seria suficiente para parar o bocejo baixo de fome na minha barriga.

Ou, ainda mais perigosamente, parar a fome no meu coração.

CAPÍTULO

DEZESSEIS

Algo mudou para mim naquele dia, algo que eu percebi que foi mudando por um tempo. Era como se o sentimento que eu tive quando criança, quando eu tinha tirado meus patins depois de algumas horas de patinação e meus pés se sentiram anormalmente leves e esvoaçantes. Ou talvez como a sensação quando eu acampeei com meu pai e Ryan, e finalmente despejamos nossa tralha no chão depois de várias horas de caminhada, e eu me senti tão leve que eu poderia jurar que eu estava pairando algumas polegadas acima do solo.

Eu não tinha um nome para isso, mas era leveza e elevação, e isso tinha algo a ver com Lizzy. Algo a ver com o compartilhamento de sua morte e suas consequências com Poppy, algo com palavras sussurradas de Poppy, *é Lizzy a razão que você está com medo de deixar ir comigo?*

Percebi agora, quando eu embalava o rosário de Lizzy na minha mão, que Lizzy era a razão para um monte de coisas. Ela era a razão para tudo. Sua morte era um peso que eu carregava comigo sempre, um erro que eu tinha que vingar. Mas o que se eu podia mudar com isso? E se eu pudesse trocar a vingança por amor? Isso foi o que os cristãos foram chamados para fazer, escolher o amor acima de tudo.

Amor. A palavra era uma bomba. Uma bomba que explodiu dentro do meu peito.

Naquela noite, eu mandei uma mensagem para Poppy. **Você está acordada?**

Uma resposta. **Sim.**

Minha resposta foi imediata. **Posso chegar aí? Eu tenho um presente para você.**

Bem, eu ia dizer não, mas agora que eu sei que há um presente... venha logo ;)

Eu fiz o meu caminho de forma cuidadosa em frente ao parque, vestindo uma camiseta e jeans escuro. Já era tarde e o parque estava em um descanso natural, protegido do ponto de vista, mas eu ainda me

sentia nervoso quanto eu caminhava em passos rápidos para o caminho, cortando a grama cheia de espinhos para chegar ao portão de Poppy. Entrei, estremecendo a cada rangido da tranca enferrujada, e, em seguida, caminhei até a porta, bati uma vez com minha junta no vidro.

Ela abriu a porta e seu rosto se iluminou com a mais bela merda de sorriso que eu já vi.

— Uau, — disse ela. — Você está aqui. Como uma pessoa real.

— Você duvida de que eu era real antes?

Ela balançou a cabeça, ficando de lado para que eu pudesse entrar e, em seguida, fechando a porta atrás de mim. — Eu nunca namorei alguém que eu não podia realmente me encontrar. Eu tinha meio que me convencido de que você só existia dentro das paredes da igreja.

— Namorar? — minha voz saiu muito ansiosa, muito animada. Limpei a garganta. — Quero dizer, nós estamos namorando?

— Eu não sei o que *you* chama isso quando você fode a bunda de alguém dessa maneira, Padre Bell, mas é o que eu chamo.

Um medo súbito caiu no meu estômago, e eu pisei em direção à ela, lhe agarrando a mão e a puxando para mim, para que eu pudesse olhar em seus olhos. — Você está ferida? — perguntei, preocupado.

Ela sorriu para mim. — Somente das melhores maneiras. — ela se levantou para beijar a minha mandíbula e, em seguida, foi para a cozinha. — Gostaria de uma bebida? Me deixe adivinhar... um uísque? Não um Martini de romã.

— Hã. Uísque - irlandês ou escocês, eu não me importo. Mas limpo.

Ela fez um gesto em direção à sala de estar e eu segui, tendo a oportunidade de olhar em torno de sua casa. Em especial as caixas e latas de tinta que estavam espalhadas, e apesar do mobiliário atraente e de bom gosto com fotos e pinturas contra a parede, ficou bastante claro que Poppy não tinha muito interesse nas artes domésticas.

Pilhas de livros descansavam contra a parede, esperando por um lar permanente, e eu corri meus dedos pelas torres sulcadas de suas páginas, abertamente satisfeito e secretamente invejei o quão boa

leitora esta mulher era. Havia os de costume, é claro – Austen; Bronte e Wharton - mas nomes que eu não teria esperado junto com eles - Joseph Campbell, David Hume e Michel Foucault. Eu estava folheando *Assim Falava Zaratustra* (um velho inimigo de minhas aulas de história) quando Poppy entrou com nossas bebidas.

Nossos dedos roçaram um contra o outro quando eu peguei o meu copo de Macallan, e então eu o virei e engoli a bebida de Poppy, porque eu a queria beijar. Eu queria deslizar minhas mãos para cima daquele pescoço esguio e segurar seu rosto enquanto eu explorava a sua boca, e eu a queria levar de volta para o sofá para que eu a pudesse deitar e, lentamente tirar cada camada de roupa de seu corpo.

Mas eu tinha vindo aqui para fazer uma coisa, não para transar com ela (bem, não só para transar com ela) então eu me contentei com um beijo e em seguida, recuei para pegar a minha bebida novamente. Ela parecia um pouco atordoada com o beijo, uma espécie de sorriso sonhador pendurado em torno de seus lábios quando ela tomou um gole de sua taça de Martini, e então ela declarou que ela iria pegar algo para nós fazermos um lanche.

Eu continuei minha leitura lenta de sua sala de estar, me sentindo relaxado e tranquilo. *Eu estou fazendo a coisa certa*. Este poderia ser um novo começo para nós, para mim. Algo oficial para marcar a nossa relação - que é como os rituais funcionam, certo? Algo tangível para sinalizar o intangível. Um presente para mostrar a Poppy o que ela significou para mim - o que nós significava para mim - para lhe mostrar que era estranho, mas também a transformação divina acontecendo na minha vida por causa dela.

A casa era pequena, mas tinha sido recentemente reformada, com pisos de madeira elegantes e a grande lareira original de grandes formas e limpa. Ela tinha uma grande mesa de madeira em uma janela, o único símbolo de qualquer verdadeira intenção de desembalar e ficar, com uma pequena caixa de madeira cheia com as canetas e coisas caras da iMac, uma impressora e um scanner, pilhas bem arrumadas de pastas.

Ao lado da mesa, em uma caixa de papelão aberta, estavam seus diplomas emoldurados, negligenciados e enterrados entre outros itens de escritório abandonados, almofadas usadas em meio à post-its e caixas abertas de envelopes.

Dartmouth - Bacharel em Economia, summa cum laude¹⁸.

Tuck School of Business, em Dartmouth - Master of Business Administration, summa cum laude.

E depois de tudo eu não esperava, *University of Kansas* - Bacharelado em Artes Plásticas, Dança. Este era da primavera passada.

O segurei quando Poppy voltou com uma tábua de corte carregada com queijo e peras cortadas. — Você tem outro grau?

Ela realmente corou, se ocupando em colocar a bandeja sobre a mesa de café. — Eu tinha um monte de tempo livre quando me mudei para cá, e uma vez que eu comecei a fazer tanto dinheiro no clube, eu pensei que seria bom colocar por isso em outro uso. Desta vez, os meus pais não estavam por perto para me dizer em não obter um diploma de dança, então eu só fui para ela. Eu consegui terminar em três anos em vez de quatro.

Eu vim para ela. — Você vai dançar para mim algum dia?

— Eu poderia fazer agora, — disse ela, apertando a mão dela contra mim e me empurrando para baixo no sofá. Ela subiu em cima de mim, sentando em mim e meu pau imediatamente pulou de interesse. Mas sua coxa pressionava contra meu bolso e me lembrei porque eu estava lá em primeiro lugar.

Eu a preendi com um braço em volta da cintura, a obrigando a ficar quieta enquanto eu procurava o pequeno pacote embrulhado do meu bolso.

Ela inclinou a cabeça quando eu entreguei a ela. — Este é o meu presente? — ela perguntou, parecendo encantada.

— É... — eu não sei como explicar o que era. — Não é novo, — eu terminei sem convicção.

Ela o desembulhou, olhando para a pilha de contas de jade aninhadas no papel de seda. Ela puxou o rosário para fora lentamente, a fiação de cruz de prata na luz baixa. — É lindo, — ela sussurrou.

— Todo mundo deveria ter um bom rosário. Pelo menos, isso é o que minha avó sempre disse. — eu deslizei minhas mãos para

¹⁸ Summa Cum Laude: Com o mais alto dos três graus de louvor, ao se formar vem escrito no diploma;

descansar na parte externa das coxas de Poppy, principalmente para que eu pudesse olhar em algum lugar que não seja o rosário. — Esse era de Lizzy.

Senti seu corpo tencionar no meu colo.

— Tyler, — disse ela com cuidado. — Eu não posso aceitar isto.

Ela o tentou entregar de volta para mim, mas eu peguei a mão dela com a minha própria, enrolando os dedos em torno dele.

— Depois que Lizzy morreu, ninguém queria alguma coisa dela que os lembravam do que ela havia passado na igreja. Suas bíblias, santos e velas sagradas - o meu pai jogou tudo fora. — eu vacilei, lembrando sua fúria incandescente quando ele descobriu que eu tinha tirado seu rosário do lixo... — Mas eu queria alguma coisa dela. Eu queria manter todas as partes dela viva na minha memória.

— Você ainda tem?

— Claro, mas depois que nós conversamos na outra noite... eu percebi que eu também preciso deixar partes dela ir também. E quando eu penso sobre ela - bem, eu sei que ela teria amado você, — eu procurei seus olhos. — Ela teria amado você como eu amo.

Os lábios de Poppy se abriram, os olhos arregalados, esperançosos e assustados, mas antes que pudesse responder ao que eu disse, eu levei seus dedos nos meus e disse: — Me deixe te ensinar como usar isso.

Sim, eu era um covarde. Eu tinha medo dela não me dizer que me amava, e eu tinha medo dela me dizer que ela me *amava*. Eu estava com medo do empate palpável entre nós, com medo de que a fita atada através de minhas costelas e em torno de meu coração também fosse atado e amarrado em torno dela.

Seus olhos nunca deixaram os meus quando mudei a mão da testa para seu coração e, em seguida, para cada ombro. — Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, — eu disse para ela. E então eu coloquei os dedos sobre o crucifixo. — Agora nós rezamos o Credo Apostólico...

Oramos a coisa toda em conjunto com ela no meu colo, ela ecoando fracamente depois de mim, nossos dedos se deslocando em conjunto através dos grânulos, e ele estava em algum lugar perto da décima parte que eu me tornei consciente de quão duro eu estava, de

como seus mamilos apontavam através da parte superior da blusa macia que ela usava. Ciente desses olhos castanhos grandes e do cabelo ondulado longo e a inteligência vigilante que olhava através de cada expressão dela.

Isso é amor, eu pensei vertiginosamente, maravilhosamente. *Isto é o que assumi como uma nova vida se parece como... se parece como Poppy Danforth*. E quando eu entoei as palavras finais do rosário, eu quase esqueci que eu estava rezando.

Salve Rainha... Vida, doçura e esperança nossa.

Mais tarde naquela noite, quando eu estava me movendo sobre ela e dentro dela, essas palavras caíram em torno de minha mente, palavras que eram tão indelevelmente Poppy, tão indelevelmente ligadas ao brilho de sua mente e o paraíso de seu corpo.

Vida. Rainha. Doçura.

Esperança.

CAPÍTULO

DEZESSETE

— Jordan.

O padre ajoelhado na minha frente não parou de orar ou até mesmo virou o rosto para mim. Em vez disso, ele se manteve murmurando para si mesmo no mesmo tom comedido com o mesmo ritmo medido, e eu conhecia Jordan suficientemente bem para saber que esta era uma maneira educada de me dizer para ir se foder até que ele acabasse.

Me sentei no banco atrás dele.

Jordan era o único Padre que eu conhecia pessoalmente que ainda orava a Liturgia das Horas, uma prática que era tão monástica que é quase obsoleta, que era provavelmente parte da razão que o atraía. Como eu, ele amava as coisas antigas, mas seu fascínio era além de meros livros e do encontro espiritual ocasional. Ele vivia como um monge medieval, uma vida quase completamente e totalmente dedicada à oração e ritual. Foi desta natureza mística, sobrenatural que tinha trazido tantos jovens em sua paróquia; ao longo dos últimos três anos, que estava nela, tinha revitalizado este velho interior da igreja da cidade que tinha estado tão perto de fechar quando ele tinha a tomado em algo próspero e vivo.

Jordan terminou suas orações e fez o sinal da cruz, virando com uma lentidão proposital para me encarar.

— Padre Bell, — ele disse formalmente.

Eu me abstive revirando os olhos. Ele sempre tinha sido assim - distante e intenso. Até o momento que ele tinha acidentalmente bebido demais no churrasco do seminário e eu tive que tomar conta dele enquanto ele vomitava a noite toda. Mas o que parecia ser arrogância ou frieza era realmente apenas um sintoma de sua vida interior vibrante, a atmosfera constante de santidade e de inspiração que ele viveu em uma atmosfera tão palpável para ele que ele não entendia por que outras pessoas não a sentiam como ele.

— Padre Brady, — eu disse.

— Eu imagino que você está aqui para uma confissão?

— Sim. — me levantei e ele me olhou de cima e para baixo. Houve uma longa pausa, um longo momento em que seu rosto passou de confuso à triste e ilegível.

— Hoje não, — ele finalmente disse e, em seguida, se virou e começou caminhar em direção ao seu escritório.

Eu estava confuso. — Hoje não? Nenhuma confissão hoje? Você está ocupado ou algo assim?

— Não, eu não estou ocupado, — disse ele, ainda caminhando para longe.

Minhas sobrancelhas se juntaram. Ele estava negando a alguém uma confissão mesmo sendo ilegal de acordo com a lei eclesiástica? Certeza que não era isso.

— Ei, espere, — eu disse.

Ele não parou. Ele nem sequer se virou para reconhecer que eu tinha dito alguma coisa ou para ver que eu estava correndo atrás dele.

Fomos para o pequeno corredor forrado com portas, e era quando eu o estava seguindo em seu escritório que percebi que era mais do que sua atitude reservada habitual. Padre Jordan Brady estava chateado.

Ele definitivamente não estava chateado quando eu cheguei.

— Cara, — eu disse, fechando a porta do escritório atrás de mim. — Que diabos?

Ele se sentou atrás de sua mesa, a luz no início da tarde pintando seu cabelo loiro dourado. Jordan era um rapaz bonito, com o tipo de cabelo e pele saudável que você normalmente só vê em anúncios da Calvin Klein. Ele era forte também - nós tínhamos colado no primeiro semestre de nosso programa de divindade depois que corríamos juntos no ginásio local. Nós acabamos compartilhando um apartamento pelos próximos dois anos, e eu tinha certeza que eu era a coisa mais próxima que esse cara tinha de um amigo.

Era por isso que eu me recusei a ser negado.

Ele manteve os olhos para baixo quando ele teclava em seu laptop. — Volte mais tarde, Padre Bell. Hoje não.

— O direito canônico diz que você tem de ouvir minha confissão.

— O direito canônico não é tudo.

Isso me surpreendeu. Jordan não era um quebra-regra. Jordan estava mais para dois passos de distância de ser o assassino assustador em *O Código Da Vinci*.

Eu sentei em uma cadeira em frente de sua mesa e cruzei os braços. — Eu não vou embora até que você falar exatamente porque você não vai ouvir minha confissão.

— Eu não me importo se você ficar, — disse ele calmamente.

— *Jordan*.

Ele apertou os lábios, como se debatesse com ele mesmo, e então ele finalmente olhou para cima, olhos castanhos em causa e penetrantes.

— Qual é o nome dela, Tyler?

O medo e a adrenalina dispararam através de mim. Alguém nos tinha visto? Alguém descobriu o que estava acontecendo e disse a Jordan?

— Jordan, eu...

— Não se preocupe em mentir sobre isso, — disse ele, e ele não disse isso com desgosto, mas sim com uma intensidade que me inquietava, que me colocou mais no limite que sua ira jamais poderia.

— Você vai me deixar confessar? — eu exigi.

— Não.

— Por que diabos não?

— Porque, — disse Jordan deliberadamente, apoiando os cotovelos sobre a mesa e inclinado para frente, — Você não está pronto para parar. Você não está pronto para desistir dela, e até que você esteja, não há nenhum ponto em absolver você.

Afundi na minha cadeira. Ele estava certo. Eu não estava pronto para me separar de Poppy. Eu não queria parar. Por que eu estava aqui, então? Eu achei que Jordan ia dizer alguma oração especial sobre mim que resolveria todos os meus problemas? Eu achei que através das suas palavras iria mudar o que estava em meu coração?

— Como você sabia? — eu perguntei, olhando para minhas pernas e na esperança em Deus que não fosse porque alguém tinha visto Poppy e eu juntos.

— Deus me disse. Quando você entrou. — Jordan disse simplesmente, da mesma forma que alguém pode compartilhar onde eles compraram suas roupas. — Assim como Ele está me dizendo agora que você não está no final disso. Você não está pronto para confessar ainda.

— Deus te disse, — eu repeti.

— Sim, — ele disse com um aceno de cabeça.

Parecia loucura. Mas eu acreditei nele. Se Jordan me dissesse que sabia exatamente quantos anjos poderiam caber na cabeça de um alfinete, eu acredito nele. Ele era aquele tipo de homem - um pé em nosso mundo, um pé no próximo - e eu tinha experimentado o suficiente com ele ao longo de nossos anos de amizade e eu sabia que ele realmente era capaz de ver e sentir coisas que os outros não podiam.

Tinha sido muito menos frustrante quando eu não tinha sido um dos outros em questão.

— Você quebrou seus votos, — disse ele agora, suavemente.

— Deus te disse isso também? — perguntei, sem me preocupar em manter a amargura da minha voz.

— Não. Mas eu posso ver isso em você. Você carrega fardos iguais de culpa e alegria.

Yep, isso resumia.

Eu enterrei meu rosto em minhas mãos, não tomado pela emoção, mas de repente oprimido por tudo, envergonhado por minha fraqueza na frente de um homem que nunca faria caverna para qualquer tentação.

— Você me odeia? — eu murmurei em minhas mãos.

— Você sabe que não. Você sabe que Deus não quer. E você sabe que eu não vou dizer ao bispo.

— Você não vai?

Ele balançou a cabeça. — Eu não acho que é isso o que Deus quer agora.

Ergui a cabeça, ainda sobrecarregado. — Então, o que eu faço?

Jordan olhou para mim com algo como piedade.

— Você volta quando estiver pronto para confessar, — disse ele. — E até então, seja extremamente cuidadoso.

Cuidadoso.

Extremamente cuidadoso.

Eu pensei sobre essas palavras quando eu visitei mamãe e papai, enquanto eu lavei a louça do jantar em sua pia, enquanto eu dirigia para casa no escuro. Quando eu escapei em frente ao parque para que eu pudesse foder Poppy novamente.

Nada sobre mim era cuidadoso agora.

CAPÍTULO

DEZOITO

Cuidadoso.

Uma semana depois, eu olhava para o teto de Poppy. Ela estava pressionada contra mim, sua cabeça aninhada no meu braço, sua respiração lenta e uniforme. Eu tinha ficado acordado olhando para ela depois que tínhamos feito amor, observando as linhas suaves de seu rosto relaxar de ecstasy em paz, sem sentir nada além de contentamento sem sentido. Mas agora que ela estava dormindo durante várias horas, o contentamento tinha diminuído em uma dúvida ansiosa.

Os últimos dias tinham sido como algo saído de um sonho ou um conto de fadas, onde os meus dias foram perseguidos pela benevolência estruturada que foi a minha vida de sacerdote, e onde minhas noites foram preenchidas com suspiros e pele sobre a pele.

À noite nós poderíamos fingir. Poderíamos beber e assistir a Netflix, poderíamos foder e tomar banho juntos depois (e depois foder novamente). Nós poderíamos adormecer um ao lado do outro e cair suavemente no sono. Nós poderíamos fingir que éramos exatamente como qualquer casal em algumas semanas de seu relacionamento, que não havia nada nos impedindo de falar sobre algumas coisas normais, como a respeito de seus pais um com o outro ou onde passaríamos o dia de Ação de Graças.

Mas estávamos cientes e dolorosamente conscientes de nossa própria atuação, da nossa própria pretensão. Nós estávamos fingindo, porque enfrentar a verdade era muito pior, a verdade de que este paraíso acabaria de uma forma ou de outra.

E se ele não tivesse que acabar? E se eu ligasse para o bispo amanhã e lhe dissesse que queria sair? Que eu queria ser deposto e transformado em um homem normal novamente?

Punição. Essa foi a palavra para isso. A partir do *laicus* Latino, o que significa leigo. Para ser feita com um leigo.

E se alguns meses a partir de agora eu poderia me ajoelhar na frente de Poppy e fazer mais do que oferecer a ela um orgasmo e lhe oferecer a minha mão em casamento em vez disso?

Fechei os olhos, me fechando do mundo real e deixando minha mente ir para onde eu não tinha deixado ir antes e temia - para o futuro. Para um futuro em que era ela e eu e uma casa em algum lugar e pequenos Bell. Eu a seguiria em qualquer lugar, e se ela quisesse trabalhar em Nova York, Londres ou Tóquio, ou ficar em Kansas City, eu iria com ela. Eu era como Ruth com Naomi, eu estava pronto para fazer a sua vida e seus desejos minha própria vida, e em qualquer lugar que Poppy queira ir, nós faríamos uma casa juntos. Passaríamos nossas horas juntos e nos amando. Algum dia assistindo a barriga dela crescer com o meu filho.

Mas o que eu faria? Eu tinha duas graduações, ambos igualmente inúteis no mundo real, inútil em toda parte exceto em templos de Deus e templos de aprendizagem. Eu poderia ensinar, eu supunha, teologia ou talvez idiomas. Eu sempre quis ser um erudito, sentado em alguma biblioteca empoeirada, debruçado sobre livros empoeirados, escavando conhecimento esquecidos da forma como um arqueólogo escava vidas esquecidas. A ideia me deixou animado, soprando como a chuva em meus pensamentos, gotas e salpicos de possibilidade. Novas cidades, novas universidades... uma lista compiladas na minha cabeça de lugares que tinham os melhores programas clássicos e os melhores programas de teologia - tinha que haver uma maneira que eu poderia fundir os dois juntos, talvez me candidatar a um programa de doutorado ou ter um emprego como um adjunto...

Eu abri meus olhos, a chuva parou e o peso de tudo o que eu teria que deixar para trás esmagou contra mim. Eu estaria deixando a cidade - Millie, o grupo de jovens, o grupo dos homens, todos os paroquianos que eu tão cuidadosamente cortejei de volta à Deus. Eu estaria deixando a panqueca do café da manhã, a batina e todo o trabalho sobre a luta contra predadores no clero. Eu estaria deixando para trás o dom de transformar o pão em carne, vinho em sangue, de ter uma mão sobre o véu que separava este mundo do outro. Eu estaria deixando para trás Padre Bell, o homem que eu havia me tornado, e que eu tenho o mudado para longe como tantas carnes mortas e penas em ruínas, e cresceria uma nova forma com nova pele rosa e dolorosa.

Eu tinha uma morada e uma vida de tesouros no céu, me batendo como um corredor para a corrida, e eu estava pensando em desistir...

para quê? Eu tentei parar os versos que eu sabia de cor na minha mente, versos sobre semear para a carne e colher corrupção, versos sobre as paixões da carne travando uma guerra contra a minha alma. *Coloque a morte o que é terreno em você.*

Condenando à morte pelo meu amor por Poppy.

Minha garganta apertou e minha boca ficou seca; minha ansiedade cravando, como se alguém estivesse segurando uma faca na minha garganta e exigindo que eu escolhesse, agora, mas como eu pudesse escolher quando ambas as escolhas vinha a esse custo?

Porque se eu ficasse onde estava, eu perderia a mulher dormindo ao meu lado, esta mulher que argumentou sobre as disparidades raciais e de gênero em *The Walking Dead*, que puxou citações literárias obscuras do ar, que bebia como se ela estivesse se afogando e que me fez gozar mais duro do que eu já fiz na minha vida.

Essa percepção me deixou em pânico.

Me virando para a encarar, eu passei a mão ao longo de seu lado, descendo a encosta de suas costelas e acima da curva de seu quadril. Ela se mexeu um pouco e se aconchegou mais perto, ainda dormindo, e meu peito se apertou.

Eu não podia perdê-la.

E eu não poderia ficar com ela.

Este tipo de medo, esta marca específica de pânico, não deveria ter me deixa duro, mas dez. Duro o suficiente para que eu tivesse que chegar para baixo e me masturbar eu mesmo. Eu estava envolvido com a necessidade de reivindicar minha menina mais uma vez, me enterrar dentro dela, como se mais um orgasmo faria uma diferença em afugentar o nosso futuro condenado.

Enfiei a mão para baixo entre nós quando eu virei meu corpo em direção dela, encontrando aqueles lábios macios abaixo de suas pernas, e eu comecei a os provocar, batendo meus dedos através de seu clitóris e sobre a sua pele cor de rosa em torno de sua entrada. Ela se mexeu e suspirou, um suspiro sonolento e feliz, com as pernas abrindo para me dar melhor acesso, embora seus olhos permanecessem fechados e seu rosto relaxou. Ela ainda estava dormindo.

Baixei a cabeça para tomar um mamilo em minha boca, sugando suavemente, agitando minha língua em torno do pico duro e ela estava

se contorcendo agora, mas ainda adormecida e porra, eu não podia esperar mais. Eu levantei uma de suas pernas e a atirei por cima do meu quadril enquanto eu me posicionei em sua entrada. A mantendo imóvel, me empurrei, e como uma cortina caindo sobre uma janela ensolarada ou uma porta fechada contra o ruído de uma festa, as dúvidas foram imediatamente abafadas. Eles desapareceram em face de nossa conexão, a sensação de sua buceta apertada me agarrando. Deus, eu poderia ficar assim para sempre, nem mesmo em movimento, apenas estar dentro dela, sentindo sua buceta esticar como um gato lânguido enquanto eu segurava seus quadris para os meus.

Finalmente, ela abriu os olhos, sonolenta, mas satisfeita. — *Mmm*, — ela cantarolou, enganchando a perna com mais segurança ao redor da minha cintura. — Eu gosto de acordar assim.

— Eu também, — eu disse com voz rouca, varrendo uma mecha de cabelo de sua bochecha.

Ela colocou a mão no meu ombro e me empurrou para trás, rolando comigo para que eu estivesse deitado com ela em cima de mim; ela começou a me montar com lentas ondulações. Sono e sexo deixaram seus cabelos despenteados, e ele estava em emaranhadas ondas desarrumadas em torno de seus ombros brancos e suaves seios, e a luz da rua em sombras através da janela pintava suas curvas em tons de luz e sombra.

Às vezes ela era muito bonita de se ver.

Eu relaxei, entrelaçando os braços atrás da minha cabeça, apenas observando quando ela moeu seu prazer de mim, quando ela começou a se mover mais rápido e mais rápido, seus olhos se fechando e as mãos apoiadas contra meu estômago. A partir deste ângulo eu podia ver o broto necessitado sendo esfregado contra a minha pélvis, o menor vislumbre de onde eu a estava enchendo e a estirando, e porra, eu a poderia perder agora mesmo se eu não tivesse cuidado.

— Essa é minha garota, — eu sussurrei. — Me use para gozar. Ai está. Você é tão sexy. Vamos lá, baby, goze. Faça isso.

Sua boca se separou e eu assisti com fascínio quando os músculos de seu estômago se contraíram e apertaram enquanto ela gemia e tremia seu caminho através de seu clímax, eventualmente deslizando para frente para deitar contra o meu peito.

Eu a segurei apertado contra mim e então nós rolamos de volta, de modo que eu estava em cima e ela estava de costas, e, em seguida, me abaixei e chubei seu pescoço. Cheguei sob ela e encontrei o que eu queria, o apertado pequeno buraco atrás de sua buceta. Ela se apertou no colchão, como se estivesse tentando ficar longe de meu toque, mas isso não faria, não faria nada, porque eu tinha planos para aquela parte dela que se estendia muito além do que um dedo poderia fazer.

— Você está dizendo não?

Ela mordeu o lábio e depois balançou a cabeça. — Não é um *não*. Sim.

— Então me dê sua bunda, — eu rosnei em seu ouvido. — Me dê ou então eu não vou ter que te tomar.

Ela deu um pequeno suspiro, um suspiro que me deixou louco, e então ela parou de tentar lutar contra o meu toque. — Há lubrificante, — ela ofegou. — Na última gaveta.

Sem me incomodar em tirar, eu simplesmente estiquei o meu peso sobre ela enquanto eu alcancei a gaveta e agarrei o frasco de lubrificante. — Parece que você estava preparada, cordeirinho.

— Era isso ou o meu próprio óleo especialmente abençoado, — disse ela, meio de brincadeira, meio sem fôlego.

Eu me retirei dela, descansando em meus joelhos e abrindo as suas pernas mais amplamente. Eu tomei meu tempo a aquecendo, gradualmente trabalhando o lubrificante dentro dela enquanto eu esfregava seu clitóris com a outra mão, tocando ambos seus buracos até que ela era uma torção e confusão escorregadia. Então eu agarrei suas coxas e empurrei em sua bunda.

Eu deveria ter parado, dado a ela alguns momentos para ajustar, mas eu estava tão assombrado por toda a dúvida e o temor, e as únicas coisas que iriam acalmar meus pensamentos era isso, seus dedos cavando em minhas costas, a sua buceta quente, o calor quente de sua bunda em torno de meu pau.

— Tyler, — ela respirava.

— Cordeiro, — eu disse, me levantando de joelhos e curvando minhas mãos em torno de seus quadris.

— Eu vou gozar.

— Bom. — meu próprio clímax estava quase lá, bem como um pulsar farpado em minha pélvis, impulsionado pela visão dos arrepios se ondulando em sua pele e o rubor subindo em seu estômago enquanto ela brincava com seu clitóris.

— Oh, isso é tão bom, baby, — eu resmunguei. — Você é uma boa menina. Me mostre o quanto você gosta disso.

Seus olhos estavam presos nos meus. — Me foda como você quisesse que eu fosse sua.

Suas palavras puxaram a fita, empurrando contra o meu coração, e eu apertei meus olhos fechados. Eu poderia tão facilmente fodê-la assim, porque eu queria que ela fosse minha - para sempre. Nós só tínhamos no conhecido um ao outro há seis semanas, e eu queria ela para o resto da minha vida.

Eu era um tolo.

A puxei para mais perto, golpeando em sua abertura estreita e outra vez, a observando enquanto ela continuava a me pedir para fazê-la minha, como se ela não pudesse ver que ela já era? Que eu já era dela? Nós pertencíamos um ao outro, e enquanto eu observava sua buceta pulsar com seu orgasmo, quando eu afundei até o punho e disparei a minha carga dentro dela, eu percebi que não havia nenhuma desgraça nisso, sem desembaraçar o que tinha se tornado tão confuso sobre esse mês passado e meio.

Quando nós dois viemos para baixo, nós encaramos um ao outro, e todo o consolo que eu tinha conseguido suprir desapareceu em um instante. Me levantei para pegar uma toalha quente, e quando voltei, Poppy estava me olhando pensativamente.

— Tyler.

— Sim? — me sentei na cama e comecei a limpar.

— Eu não sei quanto tempo mais eu posso fazer isso.

Eu congelei. — O que você quer dizer?

— Você sabe o que quero dizer, — disse ela, e havia um tremor em suas palavras. — Eu quero estar com você. Eu quero reivindicar você. Eu estou apaixonada por você, Tyler, e o fato de que não há futuro para nós está me matando.

Eu terminei de limpar ela quando eu pensei em uma resposta, jogando a toalha usada em uma cadeira próxima. — Eu não sei o que será do futuro, — eu finalmente disse. — Eu sei que eu te amo... mas eu também amo meu trabalho e minha vida. Poppy, o que eu tenho aqui... é mais do que apenas caridade ou oração. É um modo de vida. Eu começo a viver a minha vida para o meu Deus, cada minuto de cada dia, e eu não sei se eu posso viver sem isso.

Nós dois evitamos o fato de que estes poucos minutos passados quase não tinham sido vividos para Deus, eram somente para nós e nós apenas.

— Você não acha que eu sei disso? — disse ela, se sentando. Ela não se preocupou em se cobrir com o lençol, e eu me forcei a olhar para longe dos seios empinados para que eu pudesse me concentrar no que ela estava dizendo. — É tudo que eu penso. Eu não posso fazer você desistir disso - eu posso ver que você ama isso. Inferno é o que eu amo sobre você. Que você é apaixonado e espiritual, que você dedicou sua vida à Deus. Mas então eu me preocupo, — e houve lágrimas de verdade agora. — Que você vai desistir de mim em seu lugar.

— Não, — eu sussurrei. — Não faça isso para si mesma.

Mas eu não contei a ela o que ela queria ouvir. Eu não sabia se eu iria desistir dela ou não, porque enquanto isso iria me matar, ser descoberto e perder tudo o que eu tinha lutado me mataria também.

Eu podia ver o momento em que ela percebeu que eu não ia dizer a ela que iríamos ficar juntos, e antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa - eu não sei o que, mas *algo* - ela se colocou de volta para baixo, girando em seu lado de modo que ela estivesse de costas para mim.

— Eu quero você tanto que eu posso provar o sangue quando eu penso sobre isso. Mas eu não vou ser a razão de você perder sua vida, — disse ela, com a voz reverberando como um sino na minha mente. — Eu não vou ser a razão para qualquer arrependimento. Eu não acho que eu poderia suportar isso... olhar para você e saber que há uma parte de você que me odeia um pouco por ser a razão de você ser punido.

Ela sequer sabia qual a palavra certa para isso... ela tinha feito a sua investigação. Isso me animou, ao mesmo tempo que me entristeceu.

— Eu nunca poderia te odiar.

— Sério? Mesmo que eu fizesse você escolher entre mim e seu Deus?

Porra, que isso foi gritante. — Isso não é tudo que existe, Poppy. Não faça isso.

Ela respirou fundo, o tipo de respiração que geralmente pressagiava uma resposta afiada, mas então ela pareceu congelar. Em vez disso, ela disse, — Você deveria ir para casa. Está ficando perto da manhã.

Sua voz apertada me matou. Eu a queria confortar, a abraçar, a foder. Por que nós temos que falar sobre essas coisas horríveis quando poderíamos continuar fingindo? — Poppy...

— Eu te vejo mais tarde, Tyler.

Seu tom era tão definitivo como qualquer palavra de segurança. Eu fui demitido.

Atravessei o parque nebuloso, as mãos nos bolsos e ombros curvados contra o frio de Setembro à noite, tentando orar, mas apenas encontrando trechos de pensamentos para enviar em vez disso.

Ela quer uma vida plena, eu disse a Deus em silêncio. Ela queria uma vida com casamento e filhos, uma vida onde o amor pode ser tão presente como o trabalho e a família e os amigos, uma vida onde ela não tem que se esconder. E quem poderia culpa-la?

O que eu deveria fazer?

Deus não respondeu. Provavelmente porque eu tinha quebrado o meu voto sagrado para o servir, profanando sua igreja, em todas as maneiras, e repetidamente cometido uma ladainha de pecados que eu quase não me arrependia, porque eu estava tão apaixonado. Eu tinha idolatrado Poppy Danforth, e agora eu iria colher as consequências de me isolar de Deus.

Arrependei-vos. Eu tenho que me arrepender.

Mas não ver Poppy mais de jeito nenhum... até mesmo a mera ideia abriu um buraco no meu peito.

Subi as escadas e caminhei até a porta dos fundos da reitoria através de minha cozinha à luz azulada da madrugada. Eu ainda tinha algumas horas para dormir antes que eu tinha que levantar para a

missa de manhã e eu esperava que alguma coisa fosse diferente na parte da manhã, que o caminho a seguir seria claro, mas eu sabia que não iria, e o conhecimento disso era muito, muito deprimente.

— Tarde da noite?

Eu quase tive um ataque cardíaco.

Millie estava sentada na minha sala meia-escura, vestindo um conjunto de correr.

— Millie, — disse eu, tentando fingir que eu não tinha quase me chateado. — O que você está fazendo aqui?

— Eu tomo caminhadas todas as manhãs, — disse ela. — Muito cedo. Eu acho que você nunca teria notado, já que você parece dormir até o último momento possível.

— Eu não notei, você está certa. — ela estava me convidando para um passeio agora?

Ela suspirou. — Padre Bell, eu sei.

— Perdão?

— Eu sei. Sobre você e Poppy. Eu vi você se escondendo pelo parque durante as manhãs.

Ah merda.

Oh merda, oh merda, merda.

— Millie...

Ela levantou uma mão. — Não.

Eu sentei pesadamente em uma cadeira, desespero e pânico enrolados juntos no meu estômago. Alguém sabia, alguém sabia, alguém sabia. Claro que sempre vai ser assim. Eu nunca ia ter o luxo de escolher por mim mesmo com tudo isso jogado e eu era um idiota por sempre pensar de outra forma.

Eu olhei para cima com os olhos arregalados, e o que saiu de minha boca não foi gentil ou altruísta, mas pura sobrevivência do monstro em meu cérebro. — Millie, por favor, você não pode contar a ninguém. — eu deslizei de joelhos na frente dela. — Por favor, por favor, não diga ao bispo, eu não sei como eu poderia viver comigo mesmo...

Mas então eu parei porque eu estava fazendo nada menos do que implorar a uma mulher honrada à abandonar sua honra, tudo por causa de um pecador impenitente.

— Eu sinto muito, — eu disse ao invés. — Você deve pensar que eu sou uma terrível, uma terrível pessoa... Estou tão envergonhado. Eu nem sei o que dizer.

Ela ficou de pé. — Você pode dizer que você vai ser cuidadoso.

Eu olhei para ela. — O quê?

— Padre, eu vim aqui para te avisar, e há uma razão pela qual eu fiz isso em vez de ir para o bispo. Esta cidade *precisa* de você e ela definitivamente não precisa de outro escândalo sobre um padre. — ela balançou a cabeça com um pequeno sorriso. — Especialmente quando se trata de algo tão inócuo como se apaixonar por uma mulher adulta que seria perfeita para você... se você não fosse um sacerdote.

— Millie, — eu disse, e minha voz foi quebrada, desesperado. — O que eu faço?

— Eu não tenho a resposta para você, — disse ela, caminhando em direção à porta. — Tudo o que sei é que é melhor você tomar uma decisão em breve. Estas coisas nunca ficam escondidas, Padre, não importa o quão duro você tente. E não há nenhuma maneira de uma mulher como ela estar disposta a ser sua amante secreta para o resto de seus anos. Ela vale muito mais do que isso.

— Ela vale, — eu repeti, um peso frio e ferro me esmagando quando eu percebi que eu não era melhor do que Sterling. Eu estava a fazendo fazer essencialmente a mesma coisa, não estava sendo melhor... ou lhe oferecendo algo em troca.

— Adeus, — disse Millie, e eu acenei um adeus em troca, miserável e agitado, muito miserável e agitado para sequer pensar em dormir.

Foi apenas um par de semanas atrás que eu tinha dado o rosário de Lizzy à Poppy? E agora tudo parecia que estava caindo aos pedaços, como contas de rosário quebrado se espalhando descontroladamente pelo chão, numerosas e rápidas para eu perseguir.

Millie sabia. Jordan sabia. Poppy talvez nem quisesse estar comigo...

Eu fui para uma longa corrida, e, em seguida, cheguei até a igreja para a desbloquear e me preparar para a missa, distraído sobre o meu encontro com Millie, por minha não-luta anterior com Poppy, pelo fato de que agora duas pessoas sabiam sobre o meu caso e duas pessoas já era demais.

Amante secreto.

Seja cuidadoso.

Eu estou apaixonada por você, Tyler.

Na verdade, eu estava tão distraído que eu quase derramei o vinho e, em seguida, eu fiz acidentalmente a oração de encerramento duas vezes seguidas, minha mente há quilômetros de distância da invocação sagrada do divino e somente no turbilhão de quanto essa porra daria errado.

Depois da missa, eu fui para a sacristia com a minha cabeça para baixo, verificando meu telefone (Poppy não tinha ido à missa e ela não tinha me enviado mensagens) me perguntando se ela ainda estava com raiva de mim. Então, eu não notei que havia alguém de pé no corredor central num primeiro momento, não até que eles se mexeram e o ruído chamou a atenção.

Era um homem - alto, de cabelos negros, minha idade. Ele usava um terno cáqui com uma gravata azul e prendedor de prata, muito vistoso para uma sexta-feira de setembro, em Weston, mas de alguma forma ele conseguiu ficar sem ser ridículo. Ele tirou um par de óculos de sol e me olhou com um olhar azul gelado.

— Você deve ser Tyler Bell.

— Eu sou, — eu confirmei, deslizando meu telefone no bolso das minhas calças. Eu tinha tirado minha roupa episcopal, menos meu colarinho, e eu estava me sentindo de repente descoberto, como se eu precisasse de algum tipo de armadura extra, autoridade extra, com este homem.

O que era estúpido. Ele era um visitante da minha igreja. Tudo que eu precisava era ser simpático.

Eu avancei e apertei sua mão, ele parecia satisfeito, um pequeno avaliando sorriso nos lábios.

— Posso te ajudar com alguma coisa? — perguntei. — Infelizmente, você perdeu o nosso serviço de manhã, mas vamos ter outro serviço amanhã.

— Não, eu acho que você tem ajudado, — ele disse quando ele passou por mim, sua cabeça girou em todos os cantos da igreja. — Eu só queria te conhecer e ver por mim mesmo o que esse Padre Tyler Bell tem.

Uh...

Mal-estar apertou meu intestino. Mesmo que eu sabia que não era possível, eu não poderia deixar de me preocupar que de alguma forma ele foi um resultado de Millie e Jordan em conhecer a verdade, que ele estava ali para, finalmente, dar um puxão no segmento que iria desvendar a minha vida.

O homem se virou e me encarou. — Eu gostaria de saber o tamanho e a forma do meu concorrente.

— Concorrente?

— Poppy, é claro.

Eu parei para reavaliar este encontro e calcular que eu estava falando com Sterling Haverford III. Para dimensionar o seu corpo (em boa forma, foda-se esse cara) e suas roupas (caras, foda-se esse de novo) e seu porte, o que era quase absurdamente confiante, confiante a ponto de arrogância, não havia uma brecha na armadura desse homem. Ele não tinha nenhuma dúvida de que ele seria bem sucedido, ele não tinha dúvida de que ele iria sair daqui com o que ele queria (e sim, eu suspeitava que Poppy fosse *o que* ele que e não *quem*). Nesse instante, eu sabia exatamente onde estávamos, exatamente que armas ele estaria lutando, e eu também sabia que uma dessas armas era o aperto emocional que ele tinha sobre Poppy, e que eu poderia muito bem perder essa batalha... esta batalha que eu não tinha o direito de lutar .

E nesse instante era tudo que Sterling precisava para sentir como se ele tivesse uma mão superior. Sua boca se curvou em um sorriso de escárnio, sutil o suficiente para ser ignorado, mas presente o suficiente para demonstrar exatamente o que a luz trouxe à sua *concorrência*.

No entanto, eu não era um idiota, o que quer que seja que Sterling pudesse pensar, eu certamente não iria estar em conformidade com as suas expectativas como ele pensou que eu iria me comportar.

— Eu tenho receio que você esteja enganado, — eu disse, dando a ele um sorriso fácil. — Não há competição. Srta. Danforth veio assistir uma missa minha e ela está interessada em prosseguir o caminho para a conversão, mas esse é tão longe quanto a nossa amizade se estende, — eu quase odiava a facilidade com que a mentira rolou sob a minha língua - mentir era algo que eu costumava me orgulhar em não fazer, mas não havia muita coisa que eu não poderia estar mais orgulhoso. E este momento não era sobre a moralidade, este momento era sobre sobrevivência.

Sterling levantou uma sobrancelha. — Então é assim que vai ser. — ele colocou as mãos nos bolsos, sua postura gritando salas de reuniões, iates e arrogância.

Bom garoto Tyler, seja um bom garoto Tyler, eu disse a mim mesmo. *Melhor ainda, seja Padre Bell*. Padre Bell não estava com ciúmes desse homem, com ciúmes de sua boa aparência e roupas caras e a alegação que ele tinha sobre Poppy. Padre de Bell não se preocupava com um estranho, e ele certamente não iria se envolver em algo tão bárbaro quanto competir por uma mulher adulta, que era capaz de fazer suas próprias escolhas e exercitar sua própria vida.

Me debrucei contra um banco e lhe dei outro sorriso, sabendo que a minha postura transmitia um controle fácil e uma simpatia casual, ao mesmo tempo, lhe lembrando que eu era tão alto e construído como ele era.

— Sinto muito. Eu não acho que eu entendo você, — eu finalmente disse. — Como eu te disse, não há concorrência.

Ele pegou as minhas palavras de uma maneira diferente do que eu as queria dizer. — Você gostaria de pensar que não, não é? — ele me olhou mais uma vez, e depois pareceu mudar de rumo, se inclinando contra um banco e cruzando os braços.

— Ela falou sobre mim? — ele perguntou. — Tenho certeza que ela fez. Confissão - essa é uma coisa católica certo? Ela me mencionou em suas confissões?

— Eu não tenho direito para...

Ele acenou com a mão e seu anel de casamento brilhou contra a sua pele. — Direito. Claro. Bem, talvez ela não gostasse de confessar coisas sobre mim depois de tudo. Quantas vezes eu posso fazê-la gozar. Como ela chora alto meu nome. Todos os lugares que eu peguei

ela. Você sabe que uma vez eu peguei ela a poucos passos de distância de um senador norte-americano? Durante uma abertura de arte no The Met? Ela sempre foi boa para foder. Para mim, pelo menos.

Foi apenas por anos de paixão cultivada e autodisciplina que me impediu de dirigir o meu punho direito no clássico queixo quadrado desse cara. Não só de ciúme, mas a partir do desejo igualmente machista para proteger a dignidade de Poppy e parar que suas escolhas fossem reformuladas por este imbecil.

Ela não precisa de você para defender a honra dela. O Tyler feminista me disse. Mas o Tyler normal, aquele irlandês americano que curti transar, beber whiskey e gritar coisas obscenas nos jogos de futebol, ele não ligava. Não importava se ela precisava de mim e não importava se eu não tivesse o direito - o universo tem saído do normal por causa das babaquices desse cara e o meu punho é o que é preciso para concertar.

— Isso acertou um nervo? — Sterling perguntou, espantado.

— Eu considero Poppy parte do rebanho, — eu disse, inclinando minha cabeça em admissão. Por sorte, minha voz não demonstrou nada além de uma suave desaprovação. — Me machuca ouvir qualquer um deles ser desrespeitado.

— Sim, certamente, — disse sterling. — E eu admiro o quanto você está comprometido com a sua história. Eu sou um homem de aparência. — ele tirou de dentro de sua jaqueta um envelope e me entregou. — Entretanto, eu também sou um homem de recursos, e assim nós podemos passar direto para o assunto que realmente importa.

Eu olhei para ele enquanto dessamarrava as cordas em cima do envelope e tirava para fora uma grande imagem polida. Parte de mim estava preocupado que fosse fotos da Poppy e dele, mais evidências do passado deles para me abalar, mas não. Era muito, mas muito pior.

— Um homem com ombros largos cruzando um pequeno parque à noite. O mesmo homem em um escuro portão de jardim. Uma foto atravessando uma janela de uma cozinha de um homem e uma mulher se beijando.

Eu exalei.

Não havia nudez, nada mais pecaminoso do que um beijo, mas isso não importava, por que era o meu rosto em todas elas e isso era o

bastante. Na verdade, era muito mais do que o suficiente, era condenatório.

— E esteja com a certeza que eu tenho todos os documentos digitais disso, — Sterling falou alegre. — Como recordação.

— Você colocou alguém para nos seguir. — eu disse

— Eu falei que era um homem de recursos. Quando Poppy se recusou insistentemente a não atender minhas ligações, mesmo depois que eu disse a ela que estava indo atrás dela, eu comecei a imaginar se ela estava se encontrando com outra pessoa. Então comecei a investigar. Já que ela não aceitou meu acordo — ainda — eu não me importaria se ela tivesse transando com alguém. Mas se apaixonar por outra pessoa... Bem, eu conheço Poppy e eu sei que tipo de obstáculos isso traria.

— Você colocou alguém para nos seguir, — eu repeti. — Você está se escutando? Isso é loucura.

Sterling parecia perplexo. — Por quê?

— Porque, — eu disse quando minha raiva tirou o melhor de mim, fazendo minhas palavras justas e forçadas, — pessoas não colocam pessoas para seguirem outras. Especialmente suas ex-namoradas. Isso se chama perseguir. Eu não ligo se você é bem de vida e que pode pagar para alguém fazer por você — é uma merda.

Ele continua me olhando confuso. — É por isso que você está chatiado? Não por que eu tenho evidências que podem destruir sua vida? Não que eu vou inevitavelmente sair andando dessa cidade com Poppy ao meu lado?

— Você está tão seguro dessa reviravolta, — eu disse, — focando em mim e colocando alguém para seguir Poppy. Mas você esquece que não tem nada haver comigo e com você — a escolha é dela.

Sterling não deu à mínima, como se eu estivesse sendo deliberadamente estúpido ou deliberadamente precioso, e ele não tinha mais tempo para isso.

— Agora qual é o centro do assunto? — eu perguntei, colocando as fotos de volta no envelope.

— Como?

— Você disse que queria passar direto das enrolações. — eu atirei as fotos em cima do banco da igreja perto de mim e fiquei de pé, cruzando meu braços. Eu fiquei feliz em ver Sterling se indreitando como se estivesse irritado com o meu centímetro extra sobre ele. (quero dizer em altura), mesmo que uma parte horrível de mim estava ridiculamente satisfeito em saber que eu fui o maior que Poppy já teve).

— Sim. Bem, aqui está, Padre. — ele falou a palavra padre como se tivesse uma marcação citada. (eu me permiti sonhar mais uma vez dando um belo soco no olho dele). — Eu quero que Poppy volte para casa em Nova York. Eu quero que ela seja minha.

— Mesmo você sendo casado.

Ele me deu aquele olhar novamente, aquele olhar incrédulo de um idiota, e isso teria me irritado se eu não tivesse a moral lá em cima nessa competição. Exceto... Eu não podia realmente reivindicar qualquer parte de moral, seja ela baixa ou alta, posso? Aquele pensamento me deprimiu imensamente.

Por sorte Sterling não notou e continuou. — Sim, mesmo eu sendo casado. Casamento é uma obrigação na minha família. É como se fosse uma taxa qualquer. E eu não tenho nenhuma intenção de segurar um matrimônio acima das coisas que eu quero para minha vida. Eu nunca ameí minha esposa e ela sente o mesmo por mim.

— Mas você ama Poppy?

Sterling pressionou seu lábios. — Amar e querer são essencialmente a mesma coisa, — ele retrucou. — Nada que um homem que goste saberia disso.

— Pelo menos eu respeito a sua honestidade, — eu disse. — Você não está mentindo para você e eu assumo que não mentiria para ela.

Esse complemento inesperado pareceu ter pegado ele de surpresa, mas ele rapidamente se recuperou. — Poppy não se importa muito com isso o quanto ela acha que se importa, — ele me disse. — Você pode trabalhar a ilusão que ela não voltará para mim a menos que eu a ame, mas ela não gosta de você. Ela manja de números, senso, hipotecas. Eu estou oferecendo o que ela conhece – dinheiro, luxúria e segurança - e é por isso que eu irei vencer.

Eu pensei nela chorando no confessionário no momento que estávamos juntos no santuário, nos banhando da presença de Deus. Ela não era uma mera ovelha com longas pernas, e Sterling era um

idiota se ele esfragsse isso na cara dela e de ter perdido todo aquele espírito profundo, e as facetas emocionais de Poppy Dandorth.

— Ela é muito mais que isso. Ela é linda.

— É mesmo. — Sterling colocou os óculos. — E só para que você saiba, você é muito menos do que eu esperava. Aqui estava eu esperando Alexander Borgia, e ao invés disso eu encontro Arthur Dimmensdale. Eu estava preparado para uma luta suja, mas como eu suspeitava, não tive que lutar.

— Nao é uma luta, — eu disse. — É uma pessoa.

— É uma mulher, Padre. — Sterling me deu um baita sorriso. — E logo será minha mulher.

Eu nao respondi, mesmo que cada neurônio estivesse disparando *você está errado, você está errado, você está errado*. Ao invés disso eu simplismente assisti ele me atirando várias palavras de ódio e indo embora pelo corredor até a porta, suas maos em seus bolsos como se ele nao tivesse uma preocupação sequer nesse mundo.

CAPÍTULO

DEZENOVE

A diferença entre a inveja e o ciúme é sutil, mas distinta, uma vez que você conhece os sabores e os contornos de ambos. Ciúme é querer o que alguém tem, como por exemplo, querer o mesmo tipo de carro ou casa igual a um vizinho. (Ou querer ser o homem que possui o coração de sua namorada em vez de algum poderoso idiota que provavelmente tem uma gaveta de abotoaduras).

A inveja é odiar o fato de que alguém tem algo que você não tem, e o *odiar* por ter isso, como querer cortar os pneus do seu vizinho porque ele não fez porra nenhuma para merecer uma BMW e todos sabem disso e se você não pode ter, então não é justo que ele tenha isso.

Sterling cai nesta última categoria. Não é que ele queria Poppy necessariamente, não do jeito que ele provavelmente queria outras coisas em sua vida - uma casa de férias nova, um novo iate, uma nova barra de ouro. Mas a ideia de alguém de afastar dele, cria um monstro em seu interior.

Eu tive um monte de tempo para pensar sobre isso hoje porque Poppy sumiu. Na primeira hora, após Sterling sair, eu tentei pensar com calma, andando no meu escritório e ligando para ela, em seguida, enviei mensagem a ela, o envelope com a letra escarlata queimando um buraco na minha mesa. O que eu diria se ela atendesse? Queria apenas de dizer a ela que Sterling me fez uma visita, e oh, também que ele vem perseguindo nós dois, e oh, ele também está me chantageando para deixá-la, uma sexta totalmente normal, quer assistir a Netflix hoje à noite?

Mas ela não respondeu minhas chamadas ou as minhas mensagens, e responder de imediato era algo que ela normalmente fazia, e eu passei uma longa hora andando em círculos apertados em volta do meu escritório. Eu deveria ir até a casa dela. Isto era realmente importante, precisávamos falar sobre isso agora, mas com o confronto de Millie ainda na frente e no centro do meu cérebro - para não mencionar este buraco negro queimando o meu coração fodido por um envelope há polegadas de distância de mim - eu estava com muito medo de andar até a casa dela para que não fôssemos apanhados... *de novo*.

E então eu queria gritar para mim mesmo por ser um covarde. Precisávamos descobrir isso e o que era mais importante que qualquer outra coisa. E eu seria apenas ir para outra corrida, isso era tudo. Todo mundo estava acostumado a me ver correndo em todas as horas do dia e da noite, e se acontece de eu correr atrás da antiga casa dos Anderson, ninguém iria achar estranho.

Eu rapidamente coloquei minha roupa de corrida e preendi meu telefone em meu braço, e eu estava na casa de Poppy em menos de dois minutos. Seu Fiat estava na calçada, mas quando eu escorreguei para o jardim (grato mais uma vez pelos arbustos crescidos que fornecia grande cobertura) e bati em sua porta, não houve resposta. Onde diabos ela estava? Esta era uma merda muito importante e ela não estava disponível? Ela estava tirando uma soneca? No chuveiro?

Bati e esperei. Envie uma mensagem, bati na porta e esperei. Parei e bati um pouco mais e, em seguida, rosnei um *foda-se* e abri a porta com a chave sob o vaso para plantas de bambu.

Mas eu poderia dizer no momento em que entrei que ela não estava dormindo ou no chuveiro. Era um tipo de silêncio enchendo os cantos que só vinha com o vazio e claro o suficiente, eu vi que seu telefone e bolsa não estavam no lugar que ela geralmente mantinha em sua mesa, embora as chaves ainda estivessem lá. Então ela tinha ido a algum lugar sem as chaves. Ela estava no centro da cidade? No café ou talvez a biblioteca?

Me virei para sair, e então um pensamento formou e me esfaqueou no peito como uma lâmina de gelo.

E se ela estivesse com Sterling?

Eu realmente caí contra a parede. Fazia sentido. O que... eu tinha pensado que ele veio fazer até aqui só para me avisar? Que ele iria declarar batalha e, em seguida, esperar mais alguns dias para disparar seu tiro de abertura? Não, ele provavelmente tinha ido direto para Poppy depois de deixar a igreja, e enquanto eu tinha ficado andando pelo tapete gasto no meu escritório como um idiota, ele estava aqui convencendo Poppy para ir a algum lugar com ele. Jantar. Beber. Para algum elegante hotel em Kansas City, onde ele transou com ela contra uma janela.

Essa lâmina gelada me apunhalou uma e outra vez na minha garganta, nas costas, no meu coração. Eu não me incomodei nem mesmo em lutar contra os dragões gêmeos de ciúme e desconfiança

quando eles enrolaram em volta dos meus pés, porque eu sabia, sem sombra de dúvida, que eu estava certo. Não há outra razão dela estar ignorando minhas ligações e mensagens.

Ela estava com Sterling. Ela estava com Sterling e não comigo e eu era totalmente impotente para fazer de outro jeito.

Depois de perceber que Poppy não estava em casa naquela tarde, eu tinha andado até o café, a biblioteca e a vinícola, apenas para verificar novamente que ela não havia saído para trabalhar em algum lugar que não fosse sua mesa. Mas não, ela não estava em qualquer desses lugares, e quando eu tinha chegado em casa e carreguei o meu iPhone, ela ainda não tinha entrado em contato.

Bishop tinha enviado mensagem.

Eu não o liguei de volta.

Naquela noite, no grupo de jovens, eu estava uma bagunça. Uma bagunça total, distraído e com raiva, mas por sorte o Xbox foi o jogo da noite, e minha frustração e tensão se misturaram com as dos adolescentes barulhentos também jogando comigo. E no final da noite, eu fiz a nossa breve oração e fui ao ponto.

— Deus, nos livros do salmista nos diz que sua palavra é como uma lâmpada para nossos pés - que, apesar de nem sempre saber onde está nos levando, Ele promete que vai nos mostrar o passo seguinte. Por favor, mantenha a Sua lâmpada acesa para nós, de modo que o nosso próximo passo, nossa próxima hora e nosso próximo dia, sejam claros. Amém.

— Amém, — os adolescentes murmuraram, e depois foram para casa com suas preocupações que (para eles) eram tão preocupantes e estressantes como as minhas. Lição de casa e amores, os pais antipáticos e um encontro de formatura que parecia muito longe. Me lembrei desses problemas de forma aguda, apesar de ter sido tão maciçamente ofuscado pela morte de Lizzy. Adolescentes se sentiam de forma diferente do que os adultos - eles sentiam profundamente e com força, sem o quadro de experiência para os lembrar de que não seria quebrado por uma nota ruim ou um amor não correspondido.

Mas eu tinha esse quadro de experiência. Então, por que eu ainda sentia que eu poderia ser quebrado?

Depois do grupo de jovens, me sentei em minha sala de estar com o meu telefone em minhas mãos, me perguntando se eu deveria chamar o bispo de volta, e se ele tinha me ligado porque Millie ou Jordan disseram a ele sobre os meus votos despedaçados, perguntando se eu poderia até mesmo manter o meu próprio fingimento se ele não soubesse. E foi aí que eu vi - a mensagem com uma imagem.

Ela veio de um número desconhecido, mas eu sabia o que era no segundo que eu abri a mensagem e vi a imagem, uma foto de Poppy em um carro, o rosto virado para a janela. A luz era fraca, como se a pessoa que tirou a foto não tivesse usado um flash, ela aparece em um banco de trás, o que me fez pensar que eles tinham um motorista. Eu podia apenas ver o seu cabelo ao redor de seu pescoço e as orelhas, o brilho dos pequenos brincos de diamantes que ela usava às vezes, o brilho perolado da blusa presa no pescoço.

Sterling queria que eu soubesse que ele estava com ela. E eu sabia que poderia ser algo tão inocente como jantar e conversa, mas, honestamente, quando jantar com um ex era completamente inocente?

Tentei engolir meus sentimentos de traição. O que afirma que eu tive meu tempo, quando eu só podia lhe dar fatias roubadas de mim? Eu não era um tipo de namorado - ou o que quer que eu fosse - para que ela contasse cada um de seus minutos, cada um de seus pensamentos, na esperança de que isso a iria manter fiel. Mesmo que eu tivesse o direito de exigir a sua fidelidade - eu não podia, dado que eu era infiel à minha maneira, a traindo com a Igreja - eu ainda não o faria. O amor é livre e incondicionalmente dado, e até eu sabia muito disso.

Além disso, isto era exatamente o que Sterling queria. Ele queria que eu me roesse de ciúmes, ele queria que eu pensasse sobre sua vitória, mas eu não iria lhe conceder essa satisfação e eu não falaria sobre às acusações via texto ou de correio de voz com Poppy.

Queria esperar para falar sobre isso até que ela voltasse. Essa era à coisa razoável a fazer.

Mas, estranhamente, ter um plano de ação (ou um plano de inação, por assim dizer) não ajuda. Tentei assistir TV e ler, eu tentei, e em cada pausa de diálogo, em cada quebra de parágrafo, era aquela foto de Poppy e todas as imagens espontâneas terríveis dela e Sterling conversando, tocando e fodendo. Finalmente eu desisti de tudo e desci

para o porão da casa paroquial onde eu levantava pesos e fiz flexões até que a lua começou a afundar, e então eu tomei quatro dedos de Macallan 12 e fui para a cama.

Eu acordei esta manhã com dores musculares e uma consciência ainda nublada e um telefone ainda desprovido de chamadas perdidas ou mensagens. Eu mergulhava na fantasia tranquila de o deixar cair em uma panela de água fervente e ir embora ou talvez no micro-ondas o punindo por tudo o que tinha dado tão terrivelmente errado nas últimas 24 horas - mas me acomodei em vez de o deixar para trás quando eu fui preparar a missa e, em seguida, para o café da manhã com panqueca.

A manhã passou em um borrão robótico - especialmente depois que Millie me disse que Poppy tinha chamado dizendo que estava passando mal para ser voluntária (este foi seguido por um olhar que não era exatamente contundente, mas era certamente mal-humorado e eu devo ter parecido bastante lamentável, porque ela cedeu e me deu um beijo seco na bochecha antes de sair).

E então eu me encontrei em um sábado à tarde sem nada para fazer além de tentar evitar sentir os meus sentimentos, e você sabe o quê? Eu decidi que eu iria trabalhar um pouco mais.

E beber. Isso também.

Quando eu finalmente terminei de limpar o porão da igreja e fui para casa, vi que Bishop Bove tinha ligado novamente e me enviou uma mensagem de texto ilegível que também incluía vários do que eu assumo que eram emoticons acidentais.

Eu deveria ligar para ele de volta.

Mas em vez disso, eu me troquei em meu short, agarrei a garrafa meio vazia de uísque e trotei até o térreo, onde eu coloquei Britney no talo, como os oradores falam, e brutalizei meus músculos com mais peso, mais flexões, mais agachamentos, bebendo o uísque direto da garrafa entre cada etapa de exercício.

Eu beberia e suaria até que eu esquecesse que existia Sterling. Inferno, eu iria beber até que eu esquecesse que existia Poppy.

E eu estava chegando perto. As bêbadas flexões estavam começando a fazer esse caminho, pois o meu corpo não apreciava a intoxicação concomitante e esforço, e meus braços estavam prestes a entrar em colapso quando a música parou abruptamente, e eu ouvi meu nome ser chamado pela única voz que eu queria ouvir.

Assustado, eu fiquei em meus joelhos quando Poppy se aproximou de mim, vestindo a mesma blusa pálida que ela estava usando na foto de ontem à noite. Isso significava que ela passou a noite com Sterling? O Macallan e a exaustão me desestabilizaram o suficiente para que eu perguntasse - não, *acusasse* - exatamente isso.

Mas então ela ficou de joelhos também, e sem hesitação, teceu seus dedos no meu cabelo suado e puxou seu rosto para o meu.

No momento em que seus lábios me tocaram, todo o resto se acendeu e queimou, como jogar papel muito picado para o ar. Me esqueci por que eu estava castigando meu corpo, porque eu estava bebendo, por que eu não tinha sido capaz de dormir na noite passada.

Ela deslizou os braços em volta da minha cintura e abriu os lábios, me chamando dentro de sua boca, e eu fui onde eu era convocado, encontrando sua língua com a minha e a beijando com tudo que eu tinha. Segurei a parte de trás do seu pescoço com a mão, a segurando da maneira que eu não podia agarrar seus compromissos ou seu tempo, e minha outra mão sob a saia lápis enrugada que ela estava usando e encontrei o laço de sua calcinha, a empurrando de lado para encontrar a pele macia entre suas pernas. Sem preâmbulos ou prólogo, eu empurrei um dedo dentro de sua buceta, que estava apertada e não totalmente pronta para mim, embora eu pudesse dizer que ela estava chegando lá.

Ela gemeu em minha boca em minha intrusão e quebrei nosso beijo com um suspiro quando comecei a esfregar seu clitóris com o polegar enquanto eu movia meu dedo dentro dela.

Ela se inclinou contra mim enquanto eu trabalhava sua buceta, e Deus me perdoe, eu estava tão ciumento que Sterling poderia ter a tocado na noite anterior que não consegui discernir se eu estava a tocando para seu benefício ou para o meu - como se eu pudesse recuperar ela se eu a fizesse gozar.

A observando encostada em meu ombro com seu cabelo e maquiagem desfeitos, a roupa enrugada, esse olhar geral de pouca-vergonha, era irritantemente quente e tão maldito pra caralho ao mesmo tempo, que não era de admirar que ela se encolhesse com a minha voz quando eu disse, — Em suas mãos e joelhos. De costas para mim.

Ela engoliu em seco e lentamente obedeceu. — Tyler... — ela disse, como se percebendo pela primeira vez que talvez ela me devesse uma explicação.

— Não. Você não pode falar. — minha voz estava rouca do treino e do Scotch. — Não diga uma porra de palavra.

Meu pau estava duro no instante em que ouviu a voz dela, mas no momento em que puxei a saia sobre os quadris dela e puxei sua calcinha até os joelhos, eu estava tão duro que doía.

Eu a deveria avisar que eu estava bebendo. Eu a deveria avisar de que eu estou com raiva.

Em vez disso, eu puxei meus shorts para baixo para expor meu pau, nada em minha mente além dessa fodida buceta, mas no momento que eu coloquei a cabeça de meu pau contra sua fenda, meu ciúme levou a melhor sobre mim. Meu ciúme e talvez a minha consciência, que foi espancada e amordaçada, ainda não estava pronta para me deixar foder uma mulher, bêbado e com raiva.

Então, eu me retirei e em vez de foder com ela, peguei meu pau com a mão, olhando para a bunda dela enquanto eu me acariciava. Não fui calmo - eu grunhi toda vez que minha mão deslizou de volta por cima da minha glândula, e minha mão e meu pau fazendo o som característico de punheta - e Poppy gritou, começando a virar para mim.

— Isso não é justo! — ela protestou. — Não faça isso, Tyler, me foda. Eu quero que você me foda!

— Se vire.

— Você não vai me deixar assistir? — ela disse, e ela parecia magoada, a cara fechada.

Bem, caralho, Tyler do Macallan pensou e o bom garoto Tyler fez uma careta. Mas não. Não, ela deve expiar. De alguma forma.

Eu bati em sua bunda e ela empurrou contra a minha mão, deixando escapar um gemido baixo que me disse que ela queria mais, e eu queria dar a ela, mas parte de mim também não queria dar a ela qualquer coisa, não até que eu soubesse que ela não estava junto com Sterling, mas, em seguida, foda-se, poderia ser parte de sua expiação, e eu bati de novo e de novo, a palma da minha mão na bunda dela, alternando as bochechas, até que brilhavam em tom rosa.

Eu a podia ver ficando mais úmida, sua buceta praticamente chorando por mim, e eu não me importava, a deixei chorar, e então eu estava lá como uma correnteza viciosa, e eu atirei tudo sobre suas roupas do dia, um clímax que foi poderoso, mas duro, desagradável e

curto, porque ela não estava lá comigo. Ela não estava satisfeita, e então eu não estava também, que ela não tivesse tido prazer, tinha feito isso sobre algum tipo de vingança, e Deus, eu era um babaca.

Me sentei no meu calcanhar, minhas bochechas coradas de vergonha. Eu a deveria tocar; eu deveria abrir suas pernas e lambe-la até que ela gozasse. Que tipo de bastardo fazia isso com uma mulher - enquanto estava bêbado e ciumento - e não retornava o favor? Mas como eu a poderia tocar agora, quando eu me sentia tão nojento com todos os meus pecados e fracassos, quando eu ainda era tão desconfiado e chateado que eu não poderia confiar em mim mesmo para estar no controle de seu corpo?

Eu não pude. Era uma jogada idiota, mas era ainda pior tocá-la com o tipo de sentimentos que eu tinha dentro de mim.

Depois de me vestir, eu agarrei uma toalha e limpei meu sêmen das roupas dela da melhor forma que pude.

— Você... nós não somos... — ela se virou e me encarou, sem se preocupar em ajeitar suas roupas, e a visão de sua buceta nua enviou uma sacudida direto para o meu pau. Eu estaria duro novamente em um minuto.

Me obriguei a desviar o olhar. — Me deixe te ajudar. E então eu acho que você deveria ir para casa.

Ela se levantou e se apertou contra mim. — Você andou bebendo, — disse ela, olhando para o meu rosto. — Você parece uma merda.

Ela estendeu a mão para acariciar meu rosto e eu peguei a mão dela, a segurando no ar quando eu lutei contra milhares de tentações escuras, a sensação de que se eu pegasse ela duro o suficiente, eu ia banir a memória de Sterling de seu pensamento.

Eu soltei sua mão.

— Vá para casa, — eu disse, cansado. — Por favor, Poppy.

Seus olhos endureceram, enormes pedras de ágata determinados. — Não, — ela disse, e havia aquela voz nasal, que o presidente do banco central usa. — No andar de cima. Agora.

Eu não iria argumentar por causa da sua voz e também porque o andar superior era o caminho que ela precisava tomar se ela iria sair, mas uma vez que chegamos à minha sala, ela colocou as mãos nos

meus ombros e me guiou para o banheiro em vez de ir para a porta, e eu estava muito mais bêbado do que eu tinha pensado originalmente porque eu mal podia fazer isso sem tocar na parede, e porcaria, ainda era dia lá fora. Eu tinha conseguido me afogar em álcool e foda-se se era sobre a mulher mais perfeita do mundo todo e antes de quatro horas.

Tyler Bell: herói americano.

Deixei Poppy me guiar para a borda da banheira, onde eu sentei.

— Por que você não vai para casa? — perguntei melancolicamente. — Por favor, vá para casa.

Ela se ajoelhou e desamarrou meu tênis, puxando impaciente sobre as cordas. — Eu não vou te deixar assim.

— Eu não preciso de cuidado, caramba.

— Por quê? Porque você se sente muito vulnerável? É por isso que você não iria me foder? Ou me tocar? Ou pelo menos me olhar nos olhos?

— Não, — eu balbuciei, mesmo que fosse a verdade e nós dois sabíamos disso.

— Se levante, — ela ordenou, novamente em seu tom de secretária de voz, e eu obedeci, não apreciando a ordem, mas apreciando a interação, o jeito que ela estava exagerando em cima de mim como se ela se importasse comigo. Como se ela me amasse.

Ela puxou meu short de modo que eu estava nu e ela passou por mim para ligar o chuveiro. — Não.

Protestei até que eu vi que ela estava desabotoando a blusa e escorregando para fora de seus saltos. Ela iria se juntar a mim.

O spray quente parecia como o céu em meus músculos doloridos e, em seguida Poppy estava lá, e havia algo limpo com cheiro e uma toalhinha, e por um tempo era apenas o cheiro fresco de sabão e a massagem do pano e da chuva suave da água, quente e reconfortante. Quando ela tinha me ajoelhado para que ela pudesse passar shampoo no meu cabelo, eu caí de joelhos, sem dúvida, pressionando meu rosto contra seu estômago, perguntando se havia uma palavra para descrever a pele lá, do que suave e sexy, isso significava todas essas coisas combinadas.

Fechei os olhos e gemi quando ela massageou meu couro cabeludo, os dedos aplicando o tipo de pressão que relaxava e estimulava ao mesmo tempo. Virei o rosto e beijei seu umbigo, um beijo suplicante. Suplicando pelo que, no entanto, eu não sabia.

O que eu sabia era que, pela primeira vez em vinte e quatro horas, eu não estava agindo com emoções quentes e mal humoradas, eu não estava chocado com a culpa, eu não estava me punindo. Eu estava com Poppy e sua buceta estava tão perto de minha boca, e eu me abaixei e beijei o topo de seu clitóris, sentindo seu pulsar.

Mas, em seguida, ela colocou as mãos nos meus ombros, me empurrando para longe dela. — Não até que eu termine de cuidar de você, — disse ela com firmeza e lavou o xampu de meu cabelo. Então ela me fez ficar lá enquanto ela rapidamente lavou o próprio corpo e o shampoo de seu próprio cabelo. Ela não estava dando um show, ela não estava tentando ser sexy, mas ainda era uma das coisas mais sexy que eu já vi, a forma em que seus mamilos escorregavam entre os dedos enquanto ela ensaboava os seios, a forma como a espuma descia em seu estômago para cair sobre a sua buceta e coxas, a forma como a água derramava sobre os globos suaves de seu traseiro enquanto ela segurava a cabeça para trás e ficou sob o jato do chuveiro.

Até o momento que ela desligou a água, eu estava tão duro como uma fodida pedra, e eu a peguei olhando para minha ereção com o canto do meu olho, olhando de uma maneira com fome que me fez querer a atacar ali mesmo no chão do banheiro.

Mas eu também estava ficando sóbrio (não muito) e chegando a um acordo sobre quão idiota eu fui com ela porão, e também perceber o quanto eu não merecia este tratamento doce que ela estava me dando agora. Então eu não a ataquei, eu simplesmente peguei a toalha e me deixei levar mansamente para a cama.

— Se deite, — disse ela. — E durma.

Ela não ficaria comigo? Porra. — Poppy, eu sinto muito. Eu não sei...

— O que aconteceu com você? — ela terminou para mim. — Ao que parece, meia garrafa de Scotch. Mas, — e aqui ela baixou os olhos, — Eu acho que eu merecia isso.

— Não, — eu disse com firmeza, mas não muito firme, porque agora que eu tinha abaixado no travesseiro, eu percebi que o quarto

estava girando em torno de mim. — Você não merecia qualquer coisa do tipo. Eu me sinto tão envergonhado de mim mesmo agora, e eu não mereço você estar aqui. Você deveria ir.

— Eu não vou, — disse ela com a mesma firmeza que eu não tinha sido capaz de reunir. — Você vai tirar uma soneca e eu vou ler um livro, e quando você acordar, eu tenho uma maneira de você fazer isso para mim. Ok?

— Ok, — eu sussurrei, não tenho certeza se eu merecia uma chance de fazer as pazes com ela ou não. Mas eu também queria que ela soubesse *porque* eu tinha sido um idiota, *porque* eu tinha agido como um bastardo enorme. Foi esse desejo humano estúpido para justificar minhas ações, como se eu pudesse apagar o erro de tudo isso se ela visse as minhas razões.

Como alguém que ouviu irregularidades das pessoas e as razões pelas referidas ilegalidades a título profissional, eu deveria ter um conhecimento melhor. Mas eu estava desesperado por ela não me odiar, e sim, talvez houvesse uma pequena parte de mim que também queria transferir a culpa, porque vamos encarar, ela tinha passado a noite com Sterling e, então, apareceu, e como diabos eu deveria reagir?

— Eu sei que você estava com ele ontem à noite, — eu soltei e então prendi a respiração, com medo de que ela fosse confirmar e ainda mais com medo de que ela ia tentar negar.

Mas ela realmente não fez nenhum dos dois. Em vez disso, ela suspirou e puxou o cobertor até meu peito. — Eu sei que você sabe, — disse ela. — Sterling me disse que ele enviou essa imagem.

E então ela olhou para longe. — Eu o odeio tanto.

Isso me animou um pouco. Talvez a noite passada tivesse sido livre de sexo depois de tudo. Talvez isso não fosse tudo um prelúdio elaborado para ela me dizer que estava indo embora com Sterling.

— Eu não transei com ele, Tyler, — ela disse, notando o meu olhar.

E eu acreditei nela. Talvez fosse a forma clara, aberta, que ela disse isso. Talvez fossem os olhos, largos e inocentes. Ou talvez fosse algo mais efêmero do que isso, alguma conexão espiritual que eu sabia que suas palavras eram verdadeiras.

De qualquer maneira, eu escolhi acreditar que ela estava me dizendo a verdade.

Ela respirou fundo. — Falaremos mais quando você acordar. Mas eu não fiz - nada aconteceu. Eu não o toquei... ela não me tocou. — ela encontrou a minha mão e a apertou, e esse aperto foi o eixo sobre o qual o quarto estava inclinado. — Eu só quero *you*, Padre Bell.

CAPÍTULO

VINTE

— Acorde, dorminhoco.

A voz perfurou através do céu nublado cheio de borrões e do sono pesado, ondas de som e receptores nervosos trabalhando juntos para despertar meu cérebro, para me acordar e me trazer de volta ao mundo dos vivos sóbrios.

Meu cérebro não estava tendo isso. Eu rolei, mas em vez de encontrar um das minhas antigas almofadas achatadas, meu rosto encontrou carne nua. Coxas nuas. Enrolei um braço em torno delas em um gesto automático, enterrando meu rosto na pele de cheiro doce suave.

Dedos retorceram pelo meu cabelo. — É hora de acordar.

Foram às coxas mais do que o pedido, mas eu finalmente consegui forçar os olhos abertos, e uma vez que eu fiz, eu me arrependi.

— Ugh, — eu gemi. — Eu me sinto como uma merda.

— Por causa da bebida ou por causa da maneira como você agiu?

Eu mantive o meu rosto contra a coxa de Poppy. — Ambos, — eu murmurei.

— Isso foi o que eu pensei. Bem, é hora de se sentir melhor. Eu coloquei algumas roupas para você na cama.

Suas coxas se afastaram, o que me deixou triste. Ela passou as pernas sobre a borda da cama e se levantou, esticando os braços como se ela tivesse estado na mesma posição por um longo tempo, mas ela não estava nua por mais tempo, ela estava vestindo uma túnica curta com cinto na cintura e sandálias gladiador.

— Você saiu, — eu acusei.

Ela assentiu com a cabeça. — Eu não podia ir para onde estamos indo em uma de suas camisas e eu certamente não iria em minhas roupas sujas. Eu só fui por alguns minutos, eu prometo.

Me sentei lentamente e tomei a água e Advil que ela ofereceu. — Agora se vista, — disse ela. — Nós temos um encontro.

Trinta minutos mais tarde estávamos entrando na interestadual em seu carro. Eu estava usando jeans escuro e um suéter pulôver macio que Sean tinha me dado no Natal passado em sua busca contínua para melhorar o meu armário. Era uma roupa casual - apesar do preço ridículo da camisa - e eu me perguntava por que nós estávamos dirigindo para a cidade se não para algum lugar vistoso e caro.

— Para onde estamos indo? — perguntei.

Poppy não respondeu de primeira, verificando seus espelhos e esticando o pescoço enquanto ela ia através do tráfego intenso na noite de sábado. Eu decidi não a empurrar, mesmo que a curiosidade estava me matando, assim como eu estava nervoso de preocupação de que alguém nos visse juntos.

Finalmente, ela disse: — Em algum lugar que eu queria o levar por um tempo. Mas em primeiro: ontem. Precisamos conversar sobre ontem.

Sim, nós precisamos, mas agora que eu sabia que ela não tinha dormido com Sterling, eu meio que queria evitar o diálogo doloroso completamente. Este último dia e meio nos empurrou da fase de fingir, passando o lugar onde se pode apenas imaginar o mundo exterior como uma tempestade irrelevante batendo ineficazmente à nossa janela, e eu odiava. Porque para além daquele lugar havia todas as decisões e discussões que lentamente quebraria minha vida ao meio, uma peça de cada vez.

— Então, Sterling veio à minha casa ontem, — disse ela. — Depois que ele viu você.

Ela sabia sobre isso?

Como se estivesse lendo minha mente, ela seguiu — Sterling gosta de se gabar de suas conquistas. Negócios, romances, vinganças, qualquer tipo de vitória. Acho que ele pensou que eu ficaria

impressionada que ele está tão completamente nos chantageando com a evidência fotográfica do nosso relacionamento.

Deus. Ele é um fodido.

— Você tem que entender, eu sabia que ele viria aqui, eventualmente, e eu sabia que eu iria dizer a ele que eu não queria estar com ele. Mas eu também sabia que ele não iria aceitar nada menos do que uma rejeição completa cara-a-cara, e também eu senti como se eu, pelo menos, lhe devesse um jantar, a chance de conversar sobre tudo. Quero dizer, nós namoramos por *anos*...

— Anos que ele te traiu, — eu murmurei.

Ela olhou para mim. O olhar não era de todo agradável. — De qualquer forma, — continuou ela, sua voz afiada com agitação, — eu concordei em sair até a cidade e jantar com ele. Nós acabamos falando até tão tarde que eu adormeci em seu quarto de hotel.

Eu não gostei desse detalhe.

Eu não gostava de qualquer detalhe em tudo.

— Mas como eu disse, — ela disse, — não aconteceu nada. Eu cochilei no sofá dele até de manhã e, em seguida, o motorista me trouxe de volta para casa. Para você.

— Então ele sabe agora que você terminou com ele? Ele está indo embora?

Ela hesitou. — Sim?

— Isso é uma pergunta? Você está dizendo que você não sabe com certeza?

Seus olhos ficaram na estrada. — Quando eu o deixei esta manhã, ele disse que entendia a minha decisão completamente. Ele disse que não queria que eu fosse com ele à contragosto - que importava para ele como eu me sentia. E assim ele estaria recuando.

Pensei no homem que eu conheci ontem, daqueles olhos azuis gelados e a voz calculada. Ele não parece o tipo de homem que daria um passo atrás. Ele, no entanto, parece ser o tipo de homem que iria mentir sobre voltar atrás.

— Então, as fotos que tirou de nós... ele se esforçou para configurar um esquema de chantagem potencial e ele vai apenas desistir disso?

Ela mordeu o lábio, verificando por cima do ombro e mudando de faixa novamente. Eu gostei do jeito que ela dirigia - rápido, capaz, com um sabor de agressão que nunca realmente traduzia qualquer coisa insegura. — Eu não sei, — disse ela um pouco impotente. — Ele parecia tão determinado e então sim - é difícil o imaginar deixar todo esse esforço para lá, mas eu também não acho que ele iria mentir sobre isso também.

— Eu sei, — eu disse baixinho.

Ela ouviu. — Olha, Sterling não é um santo, mas não é justo o demonizar só porque ele é meu ex. Sim, ele fez coisas ruins, mas não é como se ele fosse um psicopata. Ele é apenas um menino mimado que nunca teve ninguém dizendo não a ele. E eu sinceramente não acho que ele vai fazer qualquer coisa com essas fotos.

Ela está defendendo ele? Parecia que ela estava defendendo ele, e isso me irritou um pouco.

— Ele ofereceu para devolver os arquivos para você? Ou mesmo as excluir?

— O quê? Não, mas...

— Então eu não acho que ele está pensando em ir a qualquer lugar, — eu disse, mantendo o olhar na janela, onde os campos cobertos pelo crepúsculo foram lentamente se transformando na expansão da cidade. — Ele disse que sabia o que você queria ouvir, mas isso não é fato, Poppy. Não vai ser mais para ele até que ele consiga o que quer. Que é você.

Sua mão deslizou sobre a minha, e por um minuto, eu pensei sobre a petulância de ignorar isso, de não laçar meus dedos com os dela, de machuca-la ou mostrar o meu desacordo, eu não tinha certeza.

Deus, eu estava sendo um idiota.

Quando eu peguei a mão dela, eu a agarrei apertado. — Sinto muito, — eu disse. — É apenas - é como se tivesse este tridente apontado diretamente para o meu coração. Que eu a poderia perder ou perder o meu emprego - ou ambos.

— Você não está me perdendo, — ela insistiu, olhando por cima. — E você não vai perder o seu emprego. A menos que você queira.

Eu descansei minha cabeça contra o vidro frio da janela. E lá estava ela... A escolha. Preto e branco, noite e dia, um ou o outro. Poppy ou Deus.

— Millie sabe, — eu disse do nada.

Senti sua mão tensa na minha, e lá estava ela de novo, essa raiva estranha, porque Millie – a impressionante confiável Millie – seria mais preocupante do que Sterling? Mas eu respirei e depois soltei para fora. Eu me recusei a deixar que esta última cascata de eventos ficasse entre nós.

Eu não permitiria isso.

— Ela não vai contar a ninguém, — eu tranquilizei Poppy. E então eu disse a ela sobre o que tinha acontecido comigo ontem, em última análise, a escolha de lhe dizer cada coisa, até mesmo os meus pensamentos feios, estúpidos, porque eu lhe devia isso. Eu queria dever a ela. E realmente, o que eu tenho a perder? Eu estava tão perto de perder tudo de qualquer maneira. Poderia muito bem ser honesto.

Ela ouviu quando eu lhe disse tudo, sobre Millie, e sobre a chantagem de Sterling, sobre como eu tinha adivinhado que ela estava com ele antes mesmo que ele me mandasse uma mensagem, e sobre todos os sentimentos de inveja desagradáveis atualmente penetrando no meu peito, e quando eu terminei, seus lábios estavam pressionados em uma linha vermelha, escondendo os dentes que eu achava tão estranhamente sexy, puxando as características em uma expressão séria que era de algum modo tão atraente.

— Sei que não nos conhecemos há muito tempo, — disse ela. — Mas você nunca tem que se preocupar comigo traindo você. Isso não vai acontecer. Simples assim. Eu não traio.

— Eu não quis dizer... — eu lutava para as palavras certas. — Eu sei de *você*, o verdadeiro você, e eu sei que você não faria nada para me machucar. Mas também sei que Sterling é mais do que apenas um ex-namorado para você. Eu sei que há algo entre vocês dois que é velho e poderoso, e eu acho que isso é o que me deixou preocupado, não alguma fraqueza em seu caráter.

— Não importa o quanto de história há entre Sterling e eu. Eu nunca vou trair você. Não é da minha natureza.

Eu esperava que fosse verdade. Eu esperava tanto. Mas me ocorreu que não havia nenhuma maneira que eu poderia ter certeza de que ela não iria me trair, não havia nenhuma garantia para confiar em alguém que você ama e nenhum tribunal onde você poderia os processar se eles acabassem traindo você. Amar, optando por confiar nela com Sterling, isso me faria vulnerável.

Mas ela já estava vulnerável, amando um homem que não era realmente permitido amar de volta, então talvez isso nos fez igual.

Para aliviar o clima, eu disse: — Eu acho que eu entendo isso. Sean e Aiden ainda têm um nome para o porquê as pessoas serem do jeito que são; eles chamam de gene monogamia.

— O gene monogamia, — ela repetiu. — Eu suponho que é sobre isso.

Me sentei de volta. O centro de Kansas City entrou em vista, vidros e tijolos monólitos raspagem contra um céu de lavanda, o rio uma cobra de aço cinza logo abaixo.

— Eles também costumavam brincar que eu tinha o gene de celibato, — eu disse. — Embora agora eu não tenha tanta certeza. — luzes da rua e semáforos atravessavam através do carro, e Poppy habilmente manobrou através do tráfego para seguir para o coração da cidade.

— Talvez não fosse o gene celibato, — eu disse, mais para mim do que para ela. — Talvez seja apenas que eu estivesse sempre esperando por você.

Ela respirou fundo e empurrou o carro em um beco entre dois edifícios. Antes que eu pudesse perguntar o que ela estava fazendo, ela colocou o carro no estacionamento e foi rastejando no meu colo, o que fez meu pau animar com interesse.

Seus lábios encontraram os meus com urgência, quentes, determinados e com fome, e suas mãos estavam por toda parte - no meu cabelo, no meu peito, puxando impacientemente para cintura do meu jeans.

— Eu te amo, — ela respirou, uma e outra vez, e a tensão derreteu. — Te amo, te amo, te amo. E eu sinto muito por tudo hoje.

Eu encontrei sua bunda sob o vestido e apertei, deslizando os dedos debaixo de suas coxas para correr meus dedos ao longo da virilha de sua calcinha, que estava úmida.

Mas antes que eu pudesse aprofundar ainda mais neste novo desenvolvimento interessante, ela se afastou, respirando com dificuldade.

— Temos uma grande noite pela frente, então eu não quero arruiná-la, começando cedo, — disse ela com um sorriso. — Mas você não sabe o que você faz comigo quando você diz coisas assim.

— Elas são tudo verdade, — eu sussurrei para ela. — Eu me preocupo com você pra caralho e eu só queria, — eu a puxei para mim apertada, o peito na minha cara, sua buceta contra a minha ereção vestida de jeans. — Eu só queria que fosse assim o tempo todo. Você e eu. Nenhuma decisão. Sem problemas. Só nós.

Ela beijou o topo da minha cabeça. — Bem, se é escapar que você está procurando, então você vai gostar desta noite.

No início, eu pensei que talvez Poppy tivesse perdido a cabeça, porque em vez de ir a um restaurante ou um cinema ou qualquer coisa remotamente normal, ela puxou em uma garagem de estacionamento do escritório (e eu só sabia que era um escritório porque os meus irmãos trabalhavam em dois arranha-céus nas ruas próximas e Aiden namorava uma garota que trabalhava aqui).

Nós caminhamos para o elevador envidraçado no vestíbulo e Poppy correu um cartão de acesso através da porta de segurança. Quando se abriu, ela me levou até o elevador, correu o cartão novamente, e subiu para o 30º andar.

Finalmente, me aventurei a perguntar. — Onde estamos indo?

Ela me deu um pequeno sorriso, um daqueles sorrisos que me deixava paralisado por sua boca. — Para o meu trabalho.

Mal tive tempo para processar isso antes que nós estivéssemos caminhando para dentro, antes que Poppy estivesse balançando a

cabeça para a mulher na recepção (que estava vestida em um terno, como se ela estivesse trabalhando em uma empresa de investimento e não em um clube de strip-tease). Poppy empurrou as portas de vidro escuro, e eu segui, e então nós estávamos dentro do clube mais exclusivo nesta cidade, o lugar que havia atraído uma MBA de Dartmouth para ficar quando a Wall Street não conseguiu.

Paredes foram construídas ao longo do perímetro do espaço, bloqueando as janelas, presumivelmente para que as luzes piscando não brilhasse durante a noite (e de modo que a luz do dia não iria brilhar lá durante o dia). Mas havia uma lacuna considerável entre as paredes e as janelas, ou seja, qualquer hóspede pode levar sua bebida e vagar entre os dois, admirar a paisagem urbana, como vários homens estavam fazendo agora, alguns deles respondendo a que soou como chamadas de negócios quando Poppy me levou.

Aqui e ali, as paredes quebraram, me dando um vislumbre dentro da sala principal. Duas ou três mulheres dançavam sozinhas em caixas envidraçadas, mas várias estavam no chão, e eu instintivamente virei meus olhos para longe de toda a carne feminina exposta. Talvez eu ainda era um Padre no coração.

Mas então meus olhos foram atraídos de volta para a túnica curta de Poppy e onde eu podia ver a forma de seu traseiro através do tecido.

Okay, certo.

Nós passamos através de uma das aberturas e, em seguida, Poppy me levou dentro de uma sala.

— O que estamos fazendo?

— Meu chefe disse que eu posso usar esses quartos quando eu quiser. E eu quero agora.

— Para mim?

— Para você. Agora espere aqui, — disse ela com um sorriso, e depois saiu, fechando a porta de madeira pesada com um entalhe.

Então, esses foram os quartos privados que ela me contou, como ela tinha fodido com Sterling. Esse pensamento enviou o toque agora familiar de ciúme em espiral mais profundo, mas depois me lembrei do carro, seu desesperado Eu te amo. Ela estava aqui... comigo. Não com ele.

Mas por que esta serpente de raiva ainda deslizava na minha barriga? Eu me odiava por sentir isso, mas eu não poderia colocar isso para fora. Ela se esgueirou por minhas veias, fazendo cócegas no interior dos meus dedos com a urgência de - de quê? Espancar a bunda dela por passar o tempo com seu ex sem a minha permissão? Foder ela até que ela gritasse, até que meu pau fosse a única coisa que ela conhecesse?

Deus, eu era a porra de um Filisteu.

Para me distrair, eu examinei meu redor. Eu nunca tinha ido a um clube de stripper antes, mas isto era reconhecidamente muito mais bonita do que eu esperava. Havia uma cadeira e um sofá de couro (*de fácil limpeza*, um pensamento amargo fez voz) e um tablado no meio da sala, amplo o suficiente para acolher um pole e também grande o suficiente para uma bailarina dançar sem ele.

A luz era baixa em tons de azul e roxo – e música, mas não alto o suficiente para ser irritante. O tipo de volume que se afunda em seu sangue pulsando e exigindo uma batida, onde se funde com seus próprios pensamentos e acelera seu pulso, sua adrenalina, um gotejamento lento e constante.

Me sentei no sofá de couro e me inclinei para frente, olhando para as minhas mãos. O que eu estava fazendo aqui? Por que ela me trouxe? De todos os lugares...

Mas, em seguida, a porta se abriu e eu parei de me perguntar qualquer coisa, exceto quando eu poderia empurrar meu pau dentro dela, porque *porra, ela estava demais*.

Ela usava uma peruca cor de azul algodão doce, e maquiagem dos olhos tão pesada que tudo o que eu podia imaginar eram aqueles olhos olhando para mim enquanto ela chupava meu pau. E eu imediatamente vi o que ela quis dizer quando disse que o clube gostava de contratar meninas que pareciam caras. Porque, enquanto eu sabia nada sobre a porra de lingerie, eu sabia que o tecido delicadamente bordado de sua calcinha não era provavelmente o traje padrão de uma stripper. Nem o sutiã de seda e renda pastéis cobrindo seus mamilos - tudo em uma cor champanhe macia. Uma tira da mesma seda cor de champanhe foi amarrada em torno de seu pescoço em uma curva, e eu queria desembrulha-la como um presente, ali mesmo. Ela sempre parecia incrível - com roupa e nua - mas ela foi transformada agora, uma Poppy

que eu só tinha visto vislumbres da mesma em nossos momentos mais íntimos.

Ela andou até mim, graciosa em saltos de quinze centímetros, como se ela estivesse de sapatilhas, e estendeu a mão. — Sua carteira.

Confuso, eu cavei para fora dos meus (de repente muito apertados) jeans e entreguei a ela. Ela cavou um rolo de notas nítidas de seu sutiã e as deslizou ordenadamente dentro da minha carteira, a entregando de volta para mim. — Eu quero jogar um jogo, — disse ela.

— Ok, — eu disse, minha boca de repente seca. — Vamos jogar um jogo.

Ela lambeu os lábios, e eu percebi que eu não era a única porra louca excitado no momento. — Você é apenas um cliente, e eu sou apenas uma dançarina, ok?

— Ok, — eu ecoei.

— E você sabe que há certas regras sobre quartos privados, não é?

Eu balancei a cabeça, incapaz de manter meu olhar dela, sobre sua forma, sobre sua lingerie cara, a tira de seda amarrada em torno de seu pescoço que poderia facilmente ser transformado em uma alga...

— Bem, primeiro você tem que me pagar para estar aqui. — e então ela colocou a mão em seu quadril, parecendo tão impaciente e tão quente, e quaisquer argumentos filosóficos e bons que o bom garoto Tyler pode fazer algo tão degradante - sobre estar em um clube de strip em primeiro lugar - desapareceu. E no momento em que coloquei as notas em sua mão, o ar foi instantaneamente alterado. O jogo desapareceu e esta era a nossa realidade - não importa que nós amássemos um ao outro, que este não era nem mesmo o meu dinheiro - eu estava pagando ela e ela estava levando isso e agora estava no palco, com uma mão no pole, olhos em mim.

Ela começou a dançar, e eu me inclinei para trás, querendo memorizar todos os detalhes disto, o jeito das suas pernas em torno do pole enquanto balançava, a forma como seu cabelo azul roçou os ombros, a forma como os músculos em seus braços e ombros puxavam e tencionavam contra o outro.

A pouca luz, a música alta, o anonimato do sexo em exposição na minha frente... tudo combinado com a chama aquecida nos olhos dela,

como se ela *me* quisesse especificamente e me queria agora - agora eu entendi por que Herodes teria oferecido Salomé qualquer coisa que ela queria depois que ela dançou para ele. Havia algo tão delicioso no cabo de poder entre nós; eu presumivelmente realizava todo o controle e dignidade nessa situação, mas o inverso era realmente verdade. Ela foi me cativando, ela estava me colocando sob seu encalço, até que eu queria lhe oferecer tudo, não apenas o dinheiro que ela tinha colocado na minha carteira, mas a minha casa, minha vida, minha alma.

Poppy e sua dança de sete véus.

E então ela se inclinou, e eu estava distraído pelo fato de que sua bunda estava agora a frente e no centro, eu podia ver a sombra de suas dobras através do tecido, e gostaria de colocar o juramento para longe, em seguida, a acariciar lá.

Eu me mexi, tentando dar mais espaço para mim no meu jeans, mas era inútil. E então ela estava na minha frente, uma mão em cada um dos meus joelhos, e ela se abriu para que ela pudesse passar entre eles. Ela se virou para que sua bunda estivesse na frente do meu rosto, tão perto que eu podia ver as flores individuais bordadas em sua calcinha e eu corri um dos dedos.

Ela pegou minha mão. — Você tem que pagar mais se você quer tocar, — ela ronronou, e eu segui Herodes e o caminho para a perdição espiritual, porque nenhum preço era muito alto para ela.

Entreguei o dinheiro, sem dúvida, ela enfiou em seu sutiã. Então ela guiou minhas mãos até os quadris e os levou até seus quadris e, em seguida, de volta para os peitos dela. Eu brincava com o tecido um momento, tanto amando e odiando a sensação estranha de ter seus mamilos bloqueados por mim.

Ela se sentou no meu colo, apertando sua bunda contra a minha ereção e colocou a cabeça para trás contra o meu ombro enquanto eu acariciava seus seios. Eu aninhei seu pescoço. — Eu aposto que você faz isso com todos os caras que vêm aqui.

— Só você, — ela disse em uma voz de veludo, se contorcendo contra mim, friccionando contra meu pau, me fazendo gemer baixinho. Ela se virou, me montando.

— Você sabe, — disse ela, no mesmo tom baixo de voz, — Eu nunca deixo vocês fazerem isso, mas se você quiser, eu vou deixar você ver minha buceta.

Sim, por favor.

— Eu gostaria disso. — estou muito orgulhoso de que eu consegui não chiar como um adolescente.

Ela estendeu a mão, e eu pesquei a carteira novamente. Ainda bem que esse era um jogo; eu nunca seria capaz de ter Poppy com o salário de um padre.

Depois que ela foi paga, ela pulou sobre o estrado e abriu as pernas novamente, puxando a calcinha de lado para me mostrar o que eu queria ver. Ela estava molhada e uma sedutora cor de rosa na luz azul fraca da sala - a cor que os pintores da Renascença deveriam ter usado para pintar a luz do Céu.

Olhei, hipnotizado, enquanto deixava lentamente a mão derivar de seu pescoço, para baixo em seus seios, para o aumento suave de seu osso púbico. De lá, ela traçou círculos de luz em torno de sua buceta, uma espiral solto através de seu estômago inferior e parte interna das coxas, puxando cada vez mais perto, e quando ela finalmente roçou seu clitóris, eu deixei escapar um suspiro que eu não sabia que eu tinha segurado.

Ela também suspirou ao seu toque, seus quadris balançando na mão dela, como se ela estivesse inconscientemente tentando foder o ar, e eu estava começando a perder o controle de tudo o que não era sua buceta. Ela não sabia que eu poderia a preencher para ela? Ela não sabia que eu poderia a fazer se sentir bem, se ela me deixasse?

Eu me levantei e caminhei até a plataforma. Nossos olhos estavam no mesmo nível, e eu mantive o olhar quando eu deslizei minhas mãos de seus joelhos até suas coxas, meus polegares provocando perto de sua buceta. Eu fiz isso de novo, desta vez ousei ir mais perto, perguntando se ela iria me deixar, se seu desejo ultrapassaria suas regras sobre o dinheiro. Meus polegares atropelaram suas dobras e ela estremeceu, e eu também, porque puta merda, ela estava molhada. Tão molhada que eu sabia que eu ia ser capaz de empurrar meu pau com nenhuma resistência.

— Você quer colocar os dedos dentro de mim? — perguntou ela.

Eu balancei a cabeça, levando meus polegares e espalhando suas dobras, movendo a carne rosa suave de lado para que sua entrada fosse completamente exposta, implorando por dedos ou um pau.

— Vai lhe custar, — disse ela maliciosamente, colocando as mãos sobre a minha.

— Você dirige o negócio com mãos de ferro, — eu respirei. Difícil era a palavra certa para como eu me sentia. Eu demorei cerca de três segundos antes descompactar as minhas calças de brim e tomar as notas em minhas próprias mãos (como se fosse ela).

Eu encontrei o dinheiro, o dobrei no sentido do comprimento para o tornar mais fácil para ela arrumar, mas desta vez ela não o levou com os dedos, ela o tomou com sua boca, seus lábios pastando meus dedos, e era tão degradante, tão maravilhosamente degradante e o Herodes em mim estava exultante em seu trono, encantado com o prazer de um rei por a ver com esse dinheiro entre os dentes, sabendo que agora sua buceta era minha para tocar como eu queria.

Ela se levantou de joelhos como se fosse ficar de pé, mas eu iria tomar o que eu tinha pago, e *agora*, eu envolvi um braço em volta da cintura dela e a puxei para baixo, para os dois dedos que eu tinha à sua espera. Ela gritou e eu sorri tristemente, pensando em tomar o máximo deste nível de serviço particular. Com o braço em volta da cintura, eu a empurrei para baixo ainda mais, de modo que sua buceta estava moendo contra a minha mão (que atualmente estava esmagada contra o estrado, mas eu não me importava) e assim o feixe quente de nervos em sua frente esfregou incansavelmente em minha palma. Meus dedos tortos para frente, encontraram o ponto de textura suave que iria a enviar para o limite.

Eu mudei meus dedos enquanto eu cantava em seu ouvido. — Se eu fizer você gozar, você tem que me pagar?

Ela riu, mas a risada desapareceu imediatamente em um suspiro irregular quando a pressionei com mais força contra minha mão. Mordi sua clavícula e a pele macia em torno de seu sutiã, sua umidade tremendo contra minha mão e a seda em seu pescoço apenas implorando para ser envolvida em torno de seus pulsos, e então ela gozou com um ruído agudo, contrariando infrutiferamente contra mim enquanto eu a segurava mais apertado, trabalhei mais forte, torci até a última gota de prazer de seu clímax.

Quando ela desceu, seu corpo relaxou contra o meu, mas eu não estava nem perto de parar. Enfiei minha mão para debaixo dela e coloquei os dedos sobre os seus lábios, a fazendo chupar seu próprio gosto deles, com a outra mão desabotoei minha calça jeans.

Poppy olhou para baixo e depois para o meu rosto. — Você quer que eu o coloque na minha boca? — ela perguntou, olhando para mim de debaixo de seus cílios de uma forma que era totalmente debilitante para a minha capacidade de formar pensamentos coerentes.

Eu peguei algumas notas e as coloquei em seu sutiã eu mesmo. Então eu levei aquele arco de seda na sua mão e lentamente o desamarrei, descobrindo seu adorável pescoço para eu chupar e beliscar, quando eu deslizei a seda pelas minhas mãos - com reverência, como eu iria segurar minha batina e meu cinturão.

Eu me afastei e envolvi uma extremidade do comprimento em torno de seu pescoço, o amarrando em um nó seguro - o tipo de nó que significava que eu seria capaz de arrancar ele sem me preocupar com ele apertando ao redor de seu pescoço.

Coleira garantida, eu envolvi a ponta solta uma vez em volta da minha mão e dei um puxão experimental. Ela empurrou um pouco para frente, fazendo um barulho de surpresa, mas as pupilas dilatadas e seu pulso pulsava em seu pescoço, então eu me senti livre para puxar de novo, a forçando a deslizar cuidadosamente para fora do tablado e de joelhos. Me sentei na cadeira e a fiz rastejar para mim, observando a maneira como os peitos dela balançavam quando ela fez.

Uma vez que ela estava entre meus joelhos, eu puxei para cima, talvez um pouco mais duro do que eu deveria ter, mas eu estava quase perdido com a luxúria e neste ponto perdi para o meu homem das cavernas interior e meu Herodes interior, e tudo que ele queria era sua boca vermelha direito sobre o meu pau, agora.

Ela fechou os dedos ao redor do cóis da minha cueca boxer preta e puxou para baixo, e meu pau saltou livre, se sobressaindo entre o V do meu zíper. Enrolei o fim da coleira em torno minha mão mais algumas vezes até que a seda estava tensa, e então eu puxei a sua cabeça para meu pau, mas não ela abriu a sua boca imediatamente, aqueles lábios vermelhos selados. Mas a sugestão de um sorriso estava nos cantos da boca, um desafio muito satisfeito em seus olhos, e eu me lembrei do meu balcão da cozinha todas aquelas semanas atrás, quando ela me pediu para roubar beijos dela - não, nem mesmo roubar. Ela queria que eu *forçasse* ela.

Então eu puxei a coleira apertada e empurrei, sua boca agora pressionada contra a parte inferior do meu pau, a sensação de sua respiração contra a minha pele suficiente para me deixar selvagem.

Jogue o jogo, Tyler.

— Eu paguei você para chupar, — eu assobieei. — Você pode me chupar de sua própria vontade ou eu posso te obrigar a fazer. Então, se você quer isso, é melhor você abrir muito essa pequena boca e fazer a porra do seu trabalho.

Ela estava coberta de arrepios, e eu não perdi o jeito que ela tentou esfregar as coxas. Impaciente, eu furei um dedo entre seus lábios e o abri.

— Me coloque em sua boca, — eu avisei, — ou haverá um inferno para pagar.

Não demorou como um observador astuto perceber o brilho extra de interesse em seus olhos a essa ideia; ela *queria* que houvesse um inferno para pagar, mas eu também acho que ela queria me chupar, porque ela finalmente abriu seus lábios doces de maçã em meu pau, e - encontrando meus olhos quando ela fez isso - deslizou a boca para baixo e em cima de mim, sua língua plana e escaldante contra o meu eixo.

Mantendo minha mão apertada na coleira, eu me inclinei para trás para ver o show, assistir a seus seios enquanto ela se movia, ver aqueles olhos castanhos olhar para mim com um olhar que ia me deixar duro no chuveiro pelos próximos anos. E os lábios como um halo vermelho lindo em torno de meu pau... foi a única auréola que eu sempre quis mais uma vez, um círculo de maus desejos e prazeres diabólicos.

De cima e para baixo, ela foi, por vezes, vibrando sua língua, passando em uma ampla linha quente em meu eixo. Eu me empurrei para encontrá-la, atingindo o fundo da garganta e - perdendo toda a aparência de paciência - agarrei a parte de trás da cabeça dela para a impedir de se afastar. Eu segurei a sua cabeça com as duas mãos e bombeei assim por vários segundos, fodendo sua garganta como eu comia sua buceta - duro e sem desculpas, e ela merecia por ser tão descarada, uma provocadora desavergonhada.

— Você gosta disso? — perguntei. Ela estava respirando com cuidado pelo nariz, e ela não podia falar, então eu falei para ela. — Eu sei que você faz. Você gosta quando um cliente a trata com força. Isso deixa você molhada, ser tratada como a puta que você é, não é?

Ela fez um ruído que poderia ser um *sim* ou um *não*, ou simplesmente um gemido de puro prazer. Fosse o que fosse, isso fez meu estômago se apertar e as minhas mãos escavarem em seu couro cabeludo e minhas bolas apertarem com a necessidade de libertação. Mas eu não queria gozar em sua boca.

— Pare, — eu pedi, puxando a coleira. Ela obedeceu, saindo de meu pau com os olhos lacrimejantes, manchados e um dos maiores sorrisos que eu já vi em seu rosto.

Eu usei a coleira para a trazer de rosto para o meu, quando eu me inclinei em sua direção. — Quanto é para foder?

Seu sorriso desapareceu em uma expressão mais escura, uma expressão que me prometeu tudo que eu queria. — Nós - nós não somos permitidas a fazer isso, — ela disse fracamente.

— Eu não me importo, — eu rosnei. — Quero transar com você. Quanto?

— O resto do que você tem, — disse ela, com um arco desafiante de sua sobrancelha, e eu silenciosamente a elogiei por sua dedicação ao nosso jogo. Peguei minha carteira e o dinheiro restante - cerca de US\$700 (porra, Poppy tinha um monte de dinheiro) - e, em seguida, joguei as notas no ar. Elas flutuaram lentamente até o chão.

— As pegue com a sua boca.

— Não.

— Não? — eu puxei a coleira, apenas o suficiente para que ela se lembrasse de que estava lá. — Quero conseguir o que eu pago. Agora. Pegue. Eles. Agora.

Eu vi o momento em que ela balançou seus ombros, mas quando ela começou a se curvar para alcançar o dinheiro mais próximo a ela, eu coloquei meu sapato sobre o dinheiro. — Tire a calcinha primeiro.

Ela prendeu o lábio inferior entre os dentes, e eu não sei o que meu rosto parecia, mas qualquer expressão que estava lá deve a ter convencido de que ela não queria me testar. Ela se levantou, enfiou os polegares nos lados da calcinha dela e deslizou para baixo, um calcanhar primeiro e, em seguida, o outro quando ela saiu deles.

Em seguida, se ela inclinou e começou a coletar o dinheiro.

Eu mantive um aperto solto na coleira quando ela abaixou, para que ela tivesse bastante folga, lambendo meus lábios na perfeição inchada exposta entre as suas pernas. Quando chegarmos em casa, eu a queria adorar com a minha boca, eu queria que ela gozasse em minha língua novamente e novamente. Ela merecia isso, meu cordeirinho, para ir a tais extremos para mim, criando este jogo onde eu poderia brincar com ela. Sim, depois disso, eu iria recompensá-la.

Mas, como parar agora...

Eu desci no chão atrás dela, também de joelhos, e porque a música era tão alta, eu não acho que ela ouviu. Ela estava dobrada completamente, com o rosto para o chão, sua bunda no ar, e eu peguei meu pau e empurrou dentro dela com um impulso duro, todo o caminho, a batendo com força em uma bochecha da bunda quando eu fiz.

Ela gritou - um ruído feliz - e isso foi o suficiente para manter a minha consciência na baía quando eu peguei ela mais duro do que era puramente cavaleiresco, não necessariamente rápido, apenas *com força e profundamente*, o tipo de fundo que fez seus dedos dos pés ondularem e minhas bolas balançarem contra seu clitóris.

E então deslizei novamente, com raiva quando eu me lembrei que eu não era o primeiro homem a fazer isso aqui com Poppy, que ela tinha sido fodida assim antes, neste mesmo lugar, e, em seguida, a raiva era ansiosa para minhas palmas e enrolada em minha pélvis.

Eu a queria punir. Eu a queria machucar do jeito que ela me machucou saindo com ele, mas em vez de a machucar, eu puxei para fora e me levantei, meu pau molhado e tão duro como aço do caralho, pulsando com a necessidade de foder sua buceta que ainda se erguia em se oferecer a mim.

Eu não quero ser Herodes. Na verdade, não.

Me sentei na cadeira. — Venha aqui. — eu empurrei minha cabeça para meu pau para que ela soubesse o que eu queria, e ela não hesitou em subir no meu colo e, em seguida, se empalou em mim, afundando com seu buraco apertado, muito quente, os peitos dela direito na minha cara.

E aqui, agora que eu pude ver seu rosto, agora que eu não poderia ser brutal, eu confessei. — Eu não posso fazer aquilo. Isso me faz querer...

Mas eu não conseguia pronunciar as palavras. Elas eram muito terríveis. Em vez disso, eu enterrei meu rosto em seus seios, sentindo o cheiro de lavanda dela, o tecido limpo de seu sutiã.

Ela puxou meu cabelo para que minha cabeça estivesse puxada para trás. — Querer me machucar?

Fechei os olhos. Eu não conseguia olhar para ela. Ela deveria me odiar, mas ela ainda estava me fodendo, balançando para frente e para trás como as mulheres fazem em vez de para cima e para baixo, usando o meu pau para a fazer gozar, como se o resto de mim fosse irrelevante.

Deus, isso era quente.

— Imaginei tanto hoje, — disse ela. — É por isso que nos trouxe aqui.

Meus olhos se abriram. — O quê?

— Você é um homem, Tyler. Não importa o que eu digo ou mesmo o que você escolhe acreditar... sempre vai ter este Neanderthal dentro de você que quer me reclamar. Me recuperar, se necessário, e eu pensei que aqui... — ela diminuiu seus movimentos, parecendo incerta pela primeira vez. — Eu pensei que se nós jogássemos assim, seria mais fácil para você deixar ir. Para satisfazer essa parte de você que você não quer reconhecer. Essa parte que você esconde. Porque é uma fatia maior de você do que você pensa.

Como se para enfatizar seu ponto, ela arranhou suas unhas baixo no meu estômago - duramente - e minha mão espancou a bunda dela tão rápido que eu mal sabia o que estava fazendo. Ela deu um pequeno gemido e moeu em cima de mim.

— Veja? Você precisa disso. E eu preciso disso. Vou te levar para todos os lugares que eu já estive e deixar você me foder lá, então você pode reescrever a minha história como a sua história, se você quiser, — ela prometeu. — Me deixe dar isso a você.

Olhei para ela com espanto. Em gratidão. Ela era tão astuta, é claro que eu não precisava tomar cuidado com seu bem-estar. Como sempre, ela tinha nós dois sob controle quando ela entregou o seu controle para mim.

— Eu não sei o que dizer, — eu admiti.

— Diga sim. Diga que você vai terminar o jogo.

Eu estava errado. Ela não era Salomé agora. Ela era Esther, usando seu corpo para salvar seu reino - o nosso reino, o reino dos dois. E como eu poderia usar minha necessidade primordial para a reclamar, sabendo disso? Sabendo como generosa e valente ela era?

— Eu não me sinto bem em te tratar assim... te reivindicar como se você fosse algum tipo de propriedade. E mais importante, eu não quero te machucar.

— Eu *quero* que você me reivindique como propriedade, — disse ela, se inclinando para sussurrar no meu ouvido. A mudança de posição apertou sua buceta ao redor do meu comprimento e eu respirei fundo. — E se você me machucar, eu vou te dizer. Você confia em mim para dizer pare, e eu vou confiar em você para parar se eu disser isso. Parece bom?

Foda-se, sim, parecia bom. Parecia bom demais para ser verdade, mas, novamente, essa era a minha Poppy, uma mulher feita como se Deus houvesse projetado ela por mim. E talvez Ele tivesse...

Eu decidi confiar nela. Confiar Nele.

Com minha mente no lugar, eu agarrei suas coxas e fiquei de pé, mantive sua pélvis fixada à minha quando eu pisei até o sofá. A beijei - um beijo suave, queimando - um lembrete do quanto eu a amava antes da parte áspera que me assumiu, o que fez logo depois que nossas bocas se separaram. Eu coloquei Poppy para baixo e a virei no braço do sofá, de modo que sua bunda estava mais alta do que a cabeça, e depois entalhei a cabeça do meu pau em sua entrada.

— Junte suas pernas, — ordenei. — Fique firme.

Ela obedeceu, e eu afundei com um gemido. — Tão apertada assim, — eu consegui dizer. — Você faz isso tão bom para mim.

Eu empurrei de novo, duro o suficiente para que seus pés saíssem do chão, e eu continuei assim, sua bela bunda enchendo minhas mãos e sua buceta de cetim em volta do meu pau e seus gemidos quando ela moeu seu clitóris contra o braço do sofá.

E, neste momento, como Esther e seu amor por nós e um futuro que era tão efêmero quanto a ser inexistente, isso veio para mim, que não havia pecado aqui. Isto era o amor, isto era o sacrifício, o oposto do pecado, e talvez era fodido se sentir como se Deus estivesse aqui conosco no quarto dos fundos de um clube de strip, mas eu fiz, como se Ele estivesse testemunhando neste momento onde Poppy se abriu para

o pior de mim e o apagou com o seu amor, assim como Deus fez por nós pecadores, a cada momento de cada dia.

Esse sentimento que Poppy e eu tínhamos sentido no santuário, que Deus - a sensação da presença e promessa, Ele estivesse aqui agora, fazendo meu peito apertar e minha cabeça nadar com a potência do próprio ar, e mais uma vez me senti como um noivo, o homem que gritava sua alegria para todos os seus amigos e familiares ouvirem, e este quarto foi nosso chuppah¹⁹, nossa barraca de casamento, as fracas luzes azuis, as lâmpadas das dez virgens, nossos corpos ecoando o Deus unindo nossas almas já forjadas.

Como isto não era um casamento? Como essa não era a mais vinculativa e mais íntima união, nós nus um com o outro na presença de Deus? No mínimo, este era um compromisso, uma promessa, um juramento.

Eu batia em minha noiva, desejando que eu pudesse beber seus gritos como Scotch e comer seus gemidos depois. Eu a peguei duramente, fazer o cabelo azul cair sobre suas costas, as linhas delicadas de sua cintura pequena quando elas inchavam em seus quadris perfeitos e bunda, sua buceta molhada me agarrando, e a abertura de sua bunda - tudo isso meu. Eu era o monarca de tudo que eu toquei - não, eu era o mestre de tudo que eu toquei, e eu espanquei, arranhei e empalei uma e outra vez com o meu pau até que finalmente, finalmente, ela fez um barulho que era meio suspiro, meio lamento, pulsando em torno de mim, com as mãos arranhando no couro como se ela estivesse perdida para tudo, menos a resposta de seu corpo para mim.

Eu estava perdido para ela também - neste momento onde eu tinha reescrito a história, a história de seu corpo - onde eu tinha feito este quarto pertencer a *mim* e os orgasmos que *eu tinha* dado a ela. Onde eu tinha feito ela *minha* e de nenhum outro homem, onde eu tinha feito um juramento de casamento em meu coração, e foi assim que eu saí e a forcei de joelhos. Eu queria que ela testemunhasse o meu orgasmo, eu queria que ela visse o que ela me tinha dado.



¹⁹ Chuppah:

A coleira em uma mão, a outra em um aperto áspero e brutal no meu pau, usando a umidade que ela tinha deixado em mim como lubrificação, e levou apenas alguns puxões ásperos antes que eu atirasse os fluxos de sêmen em seus lábios à espera, no seu pescoço, em seus longos cílios.

A ponta da sua língua apontou, lambeu uma gota do seu lábio superior, e então ela me deu um olhar suave e isso fez uma gota pousar em sua clavícula.

Nós dois respiramos pesadamente por um momento, o prazer ainda espesso no ar, mas era a única coisa espessa no ar agora: a tensão, amargura e raiva de mais cedo tinham ido embora. Isso tinha funcionado – o jogo de Poppy tinha funcionado. Eu tinha queimado os ciúmes e os impulsos primitivos, e nesse ínterim, também queimado outra coisa. Minha culpa talvez, ou o sentimento de pecado. Algo tinha mudado como tinha mudado para mim naqueles momentos no altar, onde a linha entre o sagrado e o profano se turvava completamente, e eu senti como se eu tivesse participado de algo sagrado, apenas apertado minhas mãos nuas em uma nuvem de incenso e suor.

Eu me ajoelhei na frente dela e desatei a coleira de seda, usando o material para enxugar cuidadosamente meu clímax de seu rosto. — Fim de jogo, — eu disse suavemente, passando a ponta do meu nariz ao longo de sua mandíbula.

— Quem você acha que ganhou? — ela murmurou.

A enrolei em meus braços e a puxei para mim, beijando o topo de sua cabeça. — Você ainda tem que perguntar? É você, cordeirinho. — ela se aninhou em mim, e eu a balancei frente e para trás, minha preciosa minha mulher doce. — É sempre você.

CAPÍTULO

VINTE E UM

A noite de outono soprava contra o lado de fora do carro quando nós dirigimos para casa, e eu mantive meus olhos no perfil de Poppy, que estava iluminada pelas luzes no painel e na silhueta contra o veludo da noite afora.

O que tinha acontecido no clube... que tinha sido sujo, catártico e arrebatador, embora eu não pudesse articular a mim mesmo exatamente o porquê. A resposta estava um pouco fora de alcance, brilhava além de um véu que eu só podia pastar com as pontas dos dedos de meus pensamentos, e quando nós passamos da cidade e no campo, eu parei de tentar e apenas me deixei levar na majestade que era minha Esther, minha rainha.

Eu queria que ela fosse minha noiva.

Eu queria que ela fosse minha noiva.

O pensamento veio com a clareza de aço frio, certo e verdadeiro e não mais algo que eu senti no momento do sexo e Deus, mas algo que eu senti sóbrio e calmo. Eu amo Poppy. Eu queria casar com ela.

E então o véu finalmente vibrou para baixo e eu *entendi*. Eu entendi o que Deus estava tentando me dizer nos últimos dois meses. Eu entendi por que a Igreja foi chamada a Noiva de Cristo, eu entendi por que Cântico dos Cânticos estava na Bíblia, eu entendi por que o Apocalipse se assemelhava à salvação do mundo a uma festa de casamento.

Por que eu nunca senti como se a escolha fosse entre Poppy e Deus? Isso nunca tinha sido assim, nunca tinha sido um ou o outro, porque Deus vivia em sexo e casamento tanto quanto Ele vivia em celibato e serviço, e poderia haver tanta santidade na vida como um marido e um pai como havia em uma vida como padre. Aaron não foi casado? Rei Davi? São Pedro?

Por que eu tinha me convencido de que a única maneira que um homem poderia ser útil a Deus estava no clero?

Poppy estava cantarolando junto com o rádio agora, um som quase inaudível sobre o rugido maçante do Fiat na estrada, e eu fechei os olhos e ouviu o som enquanto eu orava.

É esta Tua vontade para mim? Estou me rendendo à luxúria? Ou eu estou finalmente percebendo Seu plano para minha vida?

Eu mantive minha mente tranquila e meu corpo mais ainda, esperando a culpa se apressar ou o vozeirão do Céu me dizer que eu estava condenado. Mas não havia nada além de silêncio. Não o silêncio vazio que eu sentia antes de tudo isso, como Deus havia me abandonado, mas um silêncio pacífico, livre de culpa e vergonha, o silêncio que se tinha quando estava verdadeiramente com Deus. Era o sentimento que eu tive na frente da tenda, no santuário com Poppy, no altar quando eu finalmente a reclamei como minha.

E quando estávamos em sua cama mais tarde, meu rosto entre suas coxas, era capítulo 29 de Jeremias que finalmente surgiu como a resposta às minhas orações.

Tomai mulheres e gerai filhos e filhas... pois certamente eu tenho planos para você, os planos para a sua felicidade e não para o seu mal, para vos dar um futuro cheio de esperança ...

Eu não contei a Poppy sobre minha epifania. Em vez disso, depois de a fazer gozar vez após vez, parti para minha própria cama, querendo dormir sozinho com este novo conhecimento, esta nova certeza.

E quando eu acordei de manhã cedo para me preparar para a missa, essa segurança ainda estava lá, brilhando clara e não peso no meu peito, e eu fiz a minha decisão.

Esta Missa seria a última missa que eu faria.

— Se a tua mão te faz tropeçar, corte-a; é melhor para você entrar na vida eterna mutilado do que, tendo duas mãos e ir para o inferno... e se o teu olho te faz tropeçar, o arranque; é melhor para você entrar no Reino de Deus com um só olho do que ter os dois sendo jogados no inferno...

Eu olhei para minha congregação de pé diante de mim, no santuário que estava cheio por minha causa, por causa de três anos de labuta incessante e de trabalho. Eu olhei de volta para as escrituras e continuei lendo a seleção do Evangelho para hoje.

— Bom é o sal; mas se o sal perder o seu sabor, como você pode temperar? Tende sal em vós mesmos e vivei em paz uns com os outros. — eu respirei. — O Evangelho do Senhor.

— Louvado seja, Senhor Jesus Cristo, — a congregação recitou e, em seguida, se sentou. Avistei Poppy sentada perto da parte traseira, usando um vestido verde, cortado por um cinto de couro largo. O sol entrava pelas janelas perfeitamente sobre ela, como se Deus estivesse me lembrando da minha decisão, de por que eu estava fazendo isso.

Me deixei olhar para ela mais um tempo, minha cordeirinha cintilante, sob a luz que passava sob as frestas das vigas, e então eu me inclinei para beijar o texto que eu tinha acabado de ler, murmurando a oração que era para eu orar neste momento e, em seguida, outra silenciosa pedindo coragem.

Fechei as escrituras suavemente, alcançando meu telefone com minhas notas do sermão. Eu relutantemente escrevi o tipo de sermão que seria de esperar para esta leitura do evangelho, sobre a natureza de nos sacrificar em evitar o pecado, sobre a importância da abnegação e disciplina. Sobre nos mantermos em sagrado para a obra do Senhor.

Hipocrisia tinha me assombrado quando eu tinha digitado cada palavra, hipocrisia e vergonha, e enquanto eu olhava para as notas agora, eu mal podia lembrar a agonia do homem que havia sido, dividido entre duas opções que foram, em última instância, falsas. O caminho a seguir era agora claro. Tudo que eu tinha que fazer era dar o primeiro passo.

Eu lancei meu telefone de forma que a tela ficou virada para baixo e levantei os olhos para as pessoas que confiaram em mim, que cuidaram de mim, as pessoas que fizeram o corpo vivo de Cristo.

— Passei a semana escrevendo um sermão sobre esta passagem. E então quando eu acordei esta manhã, eu decidi jogar tudo no lixo. — fiz uma pausa. — Figurativamente falando, quero dizer. Uma vez que está no meu celular, e eu não sou santo o suficiente para desistir do meu iPhone.

O povo riu, e o som me encheu de coragem.

— Esta passagem tem sido utilizada por muitos clérigos como uma plataforma para a condenação, a declaração final por Jesus que devemos abandonar qualquer e todas as tentações para que não percamos a nossa chance de salvação. E meu velho sermão não foi longe dessa ideia. Essa autonegação e o ostracismo constante da tentação é o caminho para o céu, o nosso caminho para o pequeno e estreito portão.

Olhei para as minhas mãos descansando em cima do púlpito, no leccionário na minha frente.

— Mas então eu percebi que o perigo de pregar isso era que você pode sair deste lugar, hoje, com uma imagem de Deus como um pequeno e estreito Deus - um Deus tão pequeno e estreito como aquele portão. Eu percebi que você poderia sair daqui e acreditar - realmente e verdadeiramente acreditar. - que se você falhar uma vez, se você escorregar e agir como o bagunçado, humano falho que você é, Deus não vai querer você.

A congregação ficou em silêncio. Eu estava pisando fora do território Católico normal aqui e eles sabiam disso, mas eu não estava com medo. Na verdade, eu me senti mais em paz do que eu jamais estive em entregar um sermão.

— O Jesus do Evangelho de Marcos é um deus estranho. Ele é conciso, enigmático, impenetrável. Seus ensinamentos são fortes e implacavelmente exigentes. Ele fala sobre coisas que iria considerar tanto milagrosas ou insanas - falar em línguas, manipular serpentes, beber veneno. E, no entanto, ele também é o mesmo Deus que encontramos em Mateus 22, que nos diz que os maiores mandamentos - as únicas regras que precisamos respeitar - são amar a Deus com todo nosso coração e todas as nossas almas e todas as nossas mentes e amar nosso próximo como a nós mesmos.

— Qual Jesus está certo? E qual parte devemos usar quando somos confrontados com desafios e mudanças? Nos concentramos em podar todo o mal, ou vamos concentrar no crescimento de amor?

Saí atrás do púlpito, à necessidade de se mover enquanto eu falava, enquanto eu pensava o meu caminho através do que eu queria dizer.

— Eu acho que a resposta é que nós seguimos estas palavras de Marcos para viver retamente, mas a ressalva é que temos de redefinir a

justiça para nós mesmos. O que é uma vida justa? É uma vida onde você ama a Deus e ama o próximo. Jesus nos diz como amar no Evangelho de São João - *não há maior amor do que dar a vida por seus amigos*. E Jesus nos mostrou o amor quando Ele deu a sua própria vida. Para nós. Amigos dele.

Olhei para cima e encontrei os olhos de Poppy, e eu não pude evitar o pequeno sorriso que puxou minha boca. Ela era tão linda, mesmo agora, quando sua testa estava enrugada e ela estava mordendo o lábio no que parecia ser preocupação.

— Deus é maior que nossos pecados. Deus quer você como você é - tropeçando, pecando, confuso. Tudo o que Ele pede de nós é o amor - amor por ele, amor ao próximo e amor por nós mesmos. Ele nos pede para dar a nossa vida - não para viver como ascetas, desprovidos de qualquer prazer ou alegria, mas de lhes dar nossas vidas para que ele possa aumentar a nossa alegria e aumentar nosso amor.

Eu olhava para seus rostos virados para cima, lendo seus rostos, que variaram de pensativos para inspirados para francamente duvidosos.

Estava tudo bem - eu iria modelar este sermão para eles. Esta tarde, eu ia ligar para Bispo Bove e entregar a minha própria vida. Eu iria me demitir do clero. E então eu iria encontrar Poppy e eu queria lhe pedir para casar comigo.

Eu viveria minha vida repleta de amor, assim como Deus havia pretendido.

— Isso não virá fácil para nós católicos. De certa forma, é mais fácil nos debruçarmos sobre o pecado e a culpa do que nos debruçarmos sobre o amor e o perdão - especialmente amor e perdão para si mesmos. Mas isso é o que foi prometido para nós, e eu, por exemplo, não irei me recusar da promessa de uma vida cheia de amor, cheia de Deus. Como poderia?

Eu dei um passo para trás do púlpito, exalando com alívio. Eu disse o que eu precisava dizer.

E agora que era hora de dar a minha vida.

CAPÍTULO

VINTE E DOIS

Eu não conseguia encontrar Poppy depois da missa, mas estava tudo bem. Eu queria ligar para o bispo imediatamente, enquanto minha mente e espírito estavam certos. Eu queria avançar, eu queria explorar essa nova vida, e eu queria começar a explorar isso agora.

Não foi até que eu estava realmente discando o número do Bispo Bove que a plena realidade complexa do que eu estava fazendo afundou em mim.

Eu estaria deixando a congregação em uma guinada - seria necessário visitar sacerdotes até que pudessem encontrar um novo para ficar em St. Margaret. Pior, eu estava ecoando a partida de meu antecessor. Sim, eu estava saindo para me casar, não porque eu estava sendo preso, mas ainda assim. Pareceria o mesmo aos meus paroquianos?

Sem mais trabalhos em palestras e convenções, cruzada para a pureza no clero. Sem mais trabalho em nome de Lizzy. Sem mais grupos de jovens e grupos de homens, sem o café da manhã da panqueca.

Eu estava realmente pronto para dar tudo isso para uma vida com Poppy?

Pela primeira vez, a resposta foi um *sim* definitivo. Porque eu realmente não iria dar tudo isso. Eu iria encontrar maneiras de servir como um leigo; eu iria fazer a obra de Deus de outras maneiras e outros lugares.

Bishop Bove não atendeu - era ainda no início da tarde, e ele poderia estar envolvido com sua congregação depois da missa. Parte de mim sabia que eu deveria esperar, deveria falar com ele pessoalmente, em vez de deixar uma mensagem, mas eu não podia esperar, não podia sequer pensar em esperar; mesmo que não haveria mais conversas envolvidas do que apenas este correio de voz, eu ainda queria iniciar o processo antes de eu ir para Poppy. Eu queria ir para ela como um homem livre, capaz de oferecer meu coração completamente e sem reservas.

Assim que ouvi o tom, eu comecei a falar. Eu tentei manter minha mensagem breve, direta, porque era impossível explicar tudo claramente sem também aprofundar os meus pecados e promessas quebradas, o *que*, pelo menos, eu realmente preferiria não fazer em um correio de voz.

Depois que eu terminei de deixar minha demissão em trinta segundos, eu desliguei e olhei para a parede do meu quarto por um minuto. Eu tinha feito isso. Estava realmente acontecendo.

Eu deixei de ser um padre.

Eu não tinha um anel, e com meu salário, eu não poderia sair e comprar um, mas eu fui ao jardim da reitoria para escolher um buquê de anêmonas, todas as pétalas brancas de neve e meados de azeviche, e amarrei os caules juntos com fios. As flores eram elegantes sem ser altivas, como ela, e eu olhava para elas enquanto eu atravessava o parque até a casa dela, meu coração na minha garganta.

O que eu diria? Como eu poderia dizer? Devo descer em um joelho ou é algo que eles só fizeram nos filmes? Devo esperar até que eu possa comprar um anel? Ou, pelo menos, até depois do desemprego no meu horizonte?

Eu sabia que ela me amava, que queria um futuro comigo, mas e se eu estivesse indo rápido demais? E se em vez de um sim, eu tivesse um *não*? Ou - quase pior - um eu não sei?

Eu tomei uma respiração profunda. Certamente, isso é o que todos os homens sentem quando se preparavam para propor. Era só que eu nunca tinha pensado em uma proposta no meu futuro, pelo menos não pelos últimos seis anos, e assim eu ainda não tinha considerado como gostaria de fazer isso ou o que gostaria de dizer.

Por favor, a deixe dizer sim, eu orava. *Por favor, por favor, por favor.*

E então eu balancei a cabeça e sorri. Esta era a mulher que eu tinha estado na noite passada, na nossa própria chuppah, Deus ao nosso redor. Esta era a mulher que tinha sido a minha própria

comunhão pessoal no altar da igreja. A mulher que Deus tinha feito para mim e trouxe para mim... por que eu tenho dúvidas? Ela me amava e eu a amava, e é claro que ela ia dizer sim.

Eu percebi tarde demais que eu ainda estava na minha gola de padre, algo que eu já tinha oficialmente (parado de usar_, mas eu já estava do outro lado do parque e eu tinha estas flores na minha mão e eu não queria voltar por um detalhe que agora era tão trivial. Na verdade, a ironia da situação me fez sorrir um pouco. Um padre propondo em seu colarinho. Parecia armação para uma piada de mau gosto.

Poppy acharia muito engraçado; eu podia imaginar o pequeno sorriso que ela teria quando ela estava tentando não rir, os lábios apertados e seu rosto tentando não sorrir, seus olhos castanhos brilhantes. Porra, ela era linda, especialmente quando ela ria. Ela ria do jeito que eu sempre imaginei princesas rindo quando eu era menino - abertamente, alegremente, o destino de reinos soando em sua voz.

Abri a porta para seu jardim, meu estômago virou para trás e para os lados, minhas bochechas doendo de tanto sorrir, minha mão tremendo ao redor do meu buquê fresco, que ainda estava molhado da garoa da manhã.

Eu andei através das flores e plantas, pensando em Cântico dos Cânticos, do noivo que vai para sua noiva, cantando quando ele vai. Eu sei exatamente como isso deve ter sentido.

Como o lírio entre os arbustos espinhosos, tal é o meu amor entre as mulheres.

Eu escalei o alpendre, segurando as flores apertadas enquanto eu caminhava em direção à porta dos fundos.

Você cativou meu coração, minha noiva. Você cativou meu coração com um só dos teus olhos...

Murmurei outros versos para mim quando eu estava pronto para abrir a porta. Talvez eu as murmurasse para ela mais tarde, talvez eu fosse as escrever com os meus dedos em suas costas nuas.

A porta estava destrancada, e eu pisei dentro da casa dela, sentindo o cheiro de lavanda que era tudo dela, mas não a vendo na cozinha ou na sala de estar. Ela deve estar em seu quarto ou no chuveiro, embora eu esperasse que ela ainda estivesse naquele lindo

vestido de hortelã. Eu a queria despir dele mais tarde, expor polegadas e polegadas de sua carne marfim quando ela murmurasse sim para mim uma e outra vez. Eu a queria chutar longe de seus pés enquanto eu a levasse em meus braços e, finalmente, fazer amor com ela como um homem livre.

Eu tomei uma respiração profunda quando eu dobrei para o corredor, prestes a anunciar a minha presença, e então algo me fez congelar - instinto talvez, ou o próprio Deus - mas o que quer que fosse, eu hesitei, minha respiração presa na minha garganta quando eu ouvi.

Uma risada.

A risada de Poppy.

Não era apenas qualquer risada também. Era baixa e ofegante e um pouco nervosa.

E, em seguida, um homem disse, — Poppy, vamos lá. Você sabe que você quer.

Eu sabia de quem era a voz do homem. Eu só tinha ouvido isso antes uma vez, mas eu sabia imediatamente, como se eu tivesse ouvido isso todos os dias da minha vida, e quando eu dei mais um passo para o corredor, eu poderia finalmente ver seu quarto, e toda a cena foi desnudada.

Sterling. Sterling estava aqui, aqui na casa de Poppy, aqui em seu *quarto*, o paletó jogado descuidadamente sobre a cama e o nó da gravata afrouxada.

E Poppy também estava lá, ainda naquele vestido menta, mas com os sapatos e duas manchas de cor em suas bochechas.

Sterling e Poppy.

Sterling e Poppy juntos; e agora ele estava reunindo Poppy em seus braços, o rosto se inclinando para o dela, com as mãos sobre o seu peito.

O afaste, uma voz desesperada implorou dentro de mim. *O afaste*.

E houve um momento em que eu pensei que ela faria, quando ela se inclinou para longe e ela deu um passo para trás. Mas então algo passou sobre o rosto dela - talvez determinação ou demissão - eu não podia dizer o que, então, a parte de trás de sua cabeça perfeitamente preparada estava no caminho.

E ele a beijou. Ele beijou e ela o deixou. Ela não só o deixou, mas ela o beijou de volta, separando aqueles lábios doces vermelhos, e eu era como Jonas engolido pela baleia, eu era Jonah após aquele verme ter comido sua planta de sombra...

Não, eu estava travado, pasmo, depois de ter perdido tudo e todos, e não havia mais nada para mim nunca mais, porque então sua mão deslizou por trás de seu pescoço, e ela suspirou em sua boca, e ele riu uma risada vitória, a pressionando na parede atrás deles.

E eu poderia provar cinzas em minha boca.

As flores devem ter caído da minha mão, porque quando eu fiz o caminho de volta à reitoria, eu não as tinha, e eu não sabia se elas tinham caído dentro de sua casa ou em seu jardim ou no meu caminho de volta através do parque, eu não sei por que eu não conseguia me lembrar de um único detalhe maldito sobre como eu consegui voltar para casa, se eu era visível quando eu saí, se alguém tinha me notado, se a minha alma foi realmente sangrada do meu peito ou se só me senti dessa maneira.

O que eu me lembrava era de que tinha começado a chover novamente, a chuva impetuosa constante, em um outubro de chuva, e eu só fui capaz de lembrar isso porque eu estava molhado e gelado quando voltei a mim, de pé entorpecido em minha cozinha.

Eu deveria ter ficado furioso naquele momento. Eu deveria ter ficado devastado. Eu li os romances, eu vi os filmes, e este é o momento em que a câmara iria aumentar o zoom em minha expressão torturada, onde uma montagem de dois minutos teria ficado para meses de desgosto. Mas eu não senti nada. Absolutamente nada, a não ser molhado e frio.

Eu estava na estrada.

Eu não estava exatamente certo qual constelação de decisões levou a isso, a não ser que a tempestade tinha ficado mais forte e tinha havido um trovão, e de repente minha cozinha parecia tanto como a garagem do meu pai, que foi o primeiro e único outro lugar na minha vida que tinha desfeito em cinzas.

Exceto que a morte de Lizzy tinha me deixado zangado com Deus, e eu não estava zangado com Deus agora, eu só estava desolado e sozinho, porque eu tinha desistido de tudo - os meus votos, a minha vocação, minha missão em nome da minha irmã - e eu tinha sido reembolsado com a pior infidelidade, e você saber o quê? Eu merecia. Se eu estava sendo punido, eu merecia isso. Eu tinha ganhado cada segundo oco de dor em branco, tinha ganhado ele com todos aqueles segundos roubados de afiado prazer suado...

É assim que Adão se sentiu? Levado do jardim para o solo frio, pedregoso de um mundo insensível, e tudo porque ele não pôde resistir seguindo Eva?

Eu corri para Kansas City, e uma vez lá, eu dirigi ao redor por horas. Indo a lugar nenhum, olhando para o nada. Sentindo o peso da traição de Poppy sobre mim, todo o peso da minha traição ao meu voto, e o pior de tudo, sentindo o fim de alguma coisa que era tudo para mim, mesmo que fosse apenas por um curto período de tempo.

Eu não levei o meu telefone, e eu não conseguia me lembrar se essa foi uma decisão intencional ou não, se eu tivesse decidido trocar o silêncio de rádio em seus termos para o silêncio de rádio em meus termos - porque eu sabia que, no fundo, ela não me enviou mensagem ou ligou para mim, ela nunca fez isso quando tínhamos brigado, e eu também sabia que eu iria ficar infeliz com a verificação constante, a decepção quando não havia nada na minha tela, além da hora.

E quando eu bati à porta de Jordan à meia-noite, e ele abriu a porta para mim e para a chuva implacável, ele não me jogou fora como ele tinha feito da última vez. Ele me deu boa olhada - perfurante, mas não áspero - e, em seguida, assentiu.

— Entre.

Confessei ali mesmo na sala de estar de Jordan. Ele estava fazendo isso miserável.

Inseguro de por onde começar ou como explicar tudo isso, eu simplesmente disse a ele sobre o primeiro dia que eu conheci Poppy. O dia que eu só tinha ouvido sua voz. Como era ofegante, como em

camadas de incerteza e dor. E então a história partiu de lá - toda a luxúria, toda a culpa, todas as milhares de pequenas maneiras que eu tinha me apaixonado, e todas as milhares de pequenas formas que eu passei longe de ser um sacerdote. Eu disse a ele sobre a chamada ao Bispo Bove, sobre o meu buquê feito à mão. E então eu disse a ele sobre Sterling e o beijo, e como era isso, como se cada medo e paranoia que eu já tive sobre eles tinha se transformado em algo monstruoso e rosnando. Infidelidade era terrível, mas quanto pior era a infidelidade quando você tinha suspeitado o tempo todo que havia algo entre as duas partes? Meu cérebro não parava de gritar para mim que eu deveria ter sabido disso, *eu deveria ter sabido*, e o que eu tinha esperado que acontecesse? Eu realmente esperava um final feliz? Nenhuma relação com um início tão pecaminoso poderia levar a felicidade. Isso eu já sabia.

Jordan ouviu pacientemente o tempo todo, o rosto desprovido de qualquer julgamento ou desgosto. Às vezes seus olhos estavam fechados, e eu me perguntava o que mais ele estava ouvindo além da minha voz, - quem mais, melhor assim dizendo - mas eu descobri que eu não tinha mais energia para me preocupar com nada, nem mesmo a minha própria história, que a terra deu uma parada lenta e dolorosa depois que eu cheguei à parte onde eu encontrei Sterling e Poppy. O que mais estava lá para dizer? O que mais estava lá para sentir?

Eu enterrei minha cabeça em minhas mãos, mas não chorei - raiva e tristeza ainda pairava fora de alcance - havia apenas choque e vazio, o sentimento atordoado em branco, uma fraqueza depois de tropeçar de uma zona de guerra.

Eu respirei dentro e através de minhas mãos, e a voz de Jordan entrou, como se viesse de algum lugar remoto, embora nós estivéssemos pertos o suficiente para que nossos joelhos se tocassem.

— Você realmente a ama? — perguntou.

— Sim, — eu disse em minhas mãos.

— E você acha que está tudo acabado entre vocês?

Eu levei um momento para responder, não porque eu não sabia, mas porque as palavras eram tão difíceis de falar. — Eu não vejo como isso pode ser. Ela quer estar com Sterling. Ela deixou isso bem claro. — claro, se ela aparecesse na porta de Jordan eu a levaria em meus braços, sem uma única palavra.

Menos que o amor incondicional de Deus e mais que a necessidade de lamento de um viciado.

— Sem ela... — Jordan encontrou meus olhos. — Você acha que você ainda quer deixar o sacerdócio?

A pergunta de Jordan me bateu com a força de um canhão. Eu honestamente não sabia o que eu queria agora. Quer dizer, eu nunca quis estar com uma mulher em vez de ser um sacerdote, eu queria estar com *Poppy*, em vez de ser um sacerdote. Eu não queria a liberdade de transar, eu queria a liberdade de transar com *ela*. Eu não queria uma família, eu queria uma família *com ela*.

E se eu não a poderia ter, então eu não queria essa outra vida. Eu queria Deus, e eu queria as coisas do jeito que estavam.

Eu acho que eu poderia chamar o bispo e explicar e esperar que ele me permita ficar no clero. Seria difícil ficar em Weston, sabendo que Poppy também estava lá, vendo todos os lugares que tínhamos estado juntos, mas, novamente, pelo menos eu tenho minha paróquia e minhas missões para preencher o meu tempo. Quanto mais eu pensava sobre isso, melhor soava - pelo menos eu poderia manter um pedaço da minha vida do jeito que estava. Eu poderia manter minha vocação, mesmo se eu perdesse meu coração.

— Eu não acho que eu ainda quero sair, — eu respondi.

Jordan ficou em silêncio por um minuto. — Você está pronto para a sua penitência?

Eu balancei a cabeça, ainda sem me preocupar em levantar a cabeça.

— Você vai oferecer a Deus um dia, em sua totalidade, um dia de companheirismo total e absoluta com ele. Ele quer falar com você, Tyler. Ele quer estar com você neste momento de sofrimento e confusão, e você não deve o excluir em sua dor.

— Não, — eu murmurei. — Essa penitência não é suficiente. Eu preciso de algo mais - eu mereço algo mais, algo pior...

— Como o quê? Uma arrancar os cabelos? Andar descalço por três meses? Autoflagelação completa?

Eu olhei para cima, para que eu pudesse olhar para ele. — Eu não estou sendo engraçado.

— Nem eu. Você veio me pedir absolvição e eu estou lhe dando - juntamente com a mensagem de Deus para você. Na verdade, este dia de penitência deve ser amanhã. Fique aqui comigo hoje à noite, e não importa o que aconteça, você fica amanhã aqui. Você vai ter a igreja para si mesmo após a missa matinal, portanto, muito tempo e espaço para rezar.

O rosto de Jordan era como sempre foi - calmo e beatífico ao mesmo tempo - e eu sabia, sem dúvida que ele estava certo. Um dia de reflexão após a alegria inebriante dos últimos três meses não eram pouca coisa para reunir, e também era a coisa exata que eu precisava. Seria doloroso passar horas me examinando honestamente e conversar abertamente com Deus, mas coisas necessárias são frequentemente dolorosas.

— Você está certo, — eu assenti. — Ok.

Jordan assentiu com a cabeça, e ele fez uma oração silenciosa de absolvição, e depois ficamos em silêncio por alguns minutos. A maioria das pessoas estaria desconfortável com o silêncio, mas Jordan não estava - ele estava em casa no mesmo. Em casa com ele mesmo. E isso fez um pouco mais fácil de estar comigo *mesmo*, mesmo com todos os sentimentos não sentidos ainda que pairava acima de mim.

Pelo menos até que o telefone tocou.

Abalados do nosso devaneio, nós dois olhamos para o telefone de Jordan em seu balcão da cozinha. A este ponto, era quase duas da manhã, e Jordan se levantou rapidamente, porque as chamadas telefônicas a esta hora da noite eram, em geral do tipo ruim - acidentes de carro, voltas inesperadas para o pior, os pacientes de cuidados paliativos, finalmente, em seus últimos suspiros. Os tipos de coisas que as pessoas precisavam de seu sacerdote ao seu lado.

Eu o vi atender o telefone, fazendo silenciosamente uma oração que ninguém foi seriamente ferido - uma oração puramente fora do hábito, as palavras faladas pelo receptor - e, em seguida, vi quando seus olhos foram para mim.

— Sim, ele está comigo, — Jordan disse em voz baixa, e meu coração começou a bater em pancadas totalmente erráticas, porque poderia ser Poppy, não podia ser, mas e se fosse?

Oh Deus, o que eu daria para ser.

— Claro, só um momento, — disse Jordan e passou o telefone para mim. — É o bispo, — ele sussurrou.

Meu coração parou uma batida, em seguida, caiu para baixo em meu estômago. O bispo às duas da manhã?

— Olá? — eu disse ao telefone.

— Tyler, — e bastou uma palavra para que eu soubesse que algo estava profundamente, problematicamente errado, porque eu nunca tinha ouvido o meu mentor soar chateado. Poderia ter simplesmente desistir de mim?

— Sobre o correio de voz, — eu disse, — Eu sinto muito por não esperar para falar com você corretamente. E agora que eu tive algum tempo para pensar, eu não tenho certeza se eu quero deixar o clero. Eu entendo que eu tenho muito a explicar e muito a expiar, mas as coisas mudaram para mim hoje, e...

A voz do bispo era pesada quando ele me interrompeu. — Infelizmente, eu tenho medo que algumas outras coisas vieram à luz... publicamente, eu estou com medo.

Merda. — Que coisas?

— Eu tentei ligar para você durante todo o dia, e eu chamei seus pais e alguns de seus paroquianos, mas ninguém sabia onde você estava, e não foi até hoje à noite que eu pensei que você poderia ter ido ao seu confessor.

Parecia que ele estava protelando, como se ele estivesse hesitante em me dizer sobre o que aconteceu, mas eu tinha que saber. — Bispo, por favor.

Ele suspirou. — Algumas imagens foram liberadas. Em mídia social. Você e uma mulher - sua paroquiana, creio eu, Poppy Danforth.

As fotos que Sterling tinha me chantageado.

Eu sabia que estava em sérios apuros, que Sterling cumpriu sua promessa e queimou minha vida para baixo, mas, no momento, a principal coisa que estava presa, era o som do nome de Poppy em alguém de lábios puros, como se seu nome falado em voz alta era um

encantamento, e foi esse encantamento que finalmente me abriu, fez um buraco no meu peito como bala passando por uma lata.

As lágrimas começaram a rolar pelo meu rosto, quente e rápido, mas eu consegui manter minha voz firme. — Ok.

— Ok, como se você já soubesse sobre essas fotos?

— Sim, — eu consegui.

— Droga, Tyler, — o bispo jurou. — Só - *caramba*.

— Eu sei. — eu estava ativamente chorando agora e, em seguida, algo foi empurrado na minha mão. Um copo de uísque, de cor âmbar e com um único cubo de gelo esférico no meio. Jordan estava de pé em cima de mim, e ele acenou com a cabeça para o copo.

As coisas estavam ruins, na verdade, se Jordan Brady estava me dando uma bebida. Eu não teria sequer imaginado que ele era dono de uma única garrafa de bebida, para começar.

— Tyler... — o bispo disse: —... Eu não quero ter que dizer para você sair.

Seu significado era claro. Ele queria que eu sáísse. *Isso será muito mais limpo para os comunicados de imprensa*, pensei. O padre arrependido que já tinha se entregado fazia uma assinatura muito melhor do que o sacerdote sexualmente voraz que teve de ser demitido.

— Essas são as minhas duas opções? Sair ou ser demitido?

— Eu suponho... se o relacionamento for sobre...

— É.

— Não teria de ser disciplina e definitivamente relocação.

Eu esperava isso, mas a confirmação me derrubou. Eu teria que me mudar. A uma nova paróquia, novos rostos, tudo ao mesmo tempo em que a velha paróquia tinha que passar através de um boato sobre meus pecados. Não importa o que, não importa se tudo correu perfeitamente, eu ainda tinha perdido isso. Minha paróquia. Meu povo.

Minha culpa.

— E, mesmo assim, eu não sei como o cardeal se sentiria sobre isso, Tyler. — o bispo parecia cansado, mas também algo mais -

amoroso. Sua voz era profunda. Ele me amava e me fez sentir ainda mais profundamente a vergonha de ter essa conversa com ele. — Se você está realmente empenhado em ficar no clero, então vamos descobrir os próximos passos.

Eu não me sentia aliviado por isso, possivelmente porque eu ainda estava tão inseguro do que eu queria, mas eu disse: — Obrigado, — de qualquer maneira, porque eu sabia o desastre gigante que eu tinha criado para a arquidiocese, e eu sabia mesmo que pensando em ficar no clero o tornaria pior.

— Vamos falar amanhã à noite, — disse o bispo. — Até então, por favor, não fale com a imprensa ou até mesmo fique online - não há nenhum sentido em complicar as coisas até que saibamos com certeza para onde estamos indo.

Nós dissemos boa noite e desligamos o telefone, e então eu tomei meu Scotch e cai em um sono sem sonhos no sofá desanimador de Jordan.

CAPÍTULO

VINTE E TRÊS

Fui à missa de Jordan cedo na manhã seguinte, que era substancialmente melhor do que as minhas e com mais participantes matinais na casa. Eu tinha chamado Millie no momento que eu acordei, para lhe dizer onde eu estava. Millie - que surfava nas redes do facebook e Tumblr ainda mais do que eu - já sabia sobre as fotos, mas ela não disse *eu te avisei*, ela não soava detestável, e por isso eu tinha esperança de que ela tinha me perdoado em sua própria maneira irritadiça. Ela também se ofereceu para deixar um sinal na porta, dizendo que o horário de expediente e Missas durante a semana foi temporariamente suspenso, e assim, com os meus assuntos da igreja parados para o momento, eu poderia concentrar no aqui e agora.

Embora eu não pudesse deixar de perguntar: — Você viu Poppy? — antes de desligar o telefone, me odiando quando eu fiz.

Millie parecia entender. — Não. Na verdade, seu carro não está na sua garagem desde a noite passada.

— Ok, — eu disse, muito cansado e, não sei como eu me sentia sobre esta notícia. O que eu sabia era que ela não melhorou a sensação de que havia uma cratera gigante onde meu coração deveria estar.

— Padre, por favor, cuide de si mesmo. Não importa o que, a paróquia ama você, — ela disse, e eu queria muito acreditar nessas palavras como verdade, mas como elas poderiam ser depois de eu ter estragado tudo?

Depois da missa, eu tinha o santuário para mim mesmo. A igreja de Jordan era velha - mais de cem anos de idade - feita quase puramente de pedras e vitrais. Não havia nenhum velho tapete vermelho aqui, nem o tapume falso de madeira. Ela é sentida como uma verdadeira igreja, antiga e ecoando, o tipo de lugar onde o Espírito Santo iria pairar, como uma névoa invisível, espumante entre as vigas.

Poppy adoraria aqui.

Eu estava trêmulo e vazio de chorar ontem à noite, como se a minha alma tivesse sido derramada para fora de mim, juntamente com as minhas lágrimas. Eu deveria me ajoelhar, eu sabia, eu deveria me ajoelhar e fechar os olhos e inclinar minha cabeça, mas em vez disso, eu me deitei em um dos bancos. Ele era feito de madeira implacável, duro e frio, mas eu não tinha a energia para me sustentar por um longo momento, e então eu fiquei lá, piscando sem ver a parte de trás do banco da minha frente com seus missais e fichas de presença e minúsculas partes maçantes.

Me diga o que fazer, Deus.

Imaginei que uma parte de mim esperava que eu fosse acordar e tudo seria um terrível pesadelo, alguma alucinação vinda para testar a minha fé, mas não, não era. Eu realmente tinha pegado Poppy e Sterling juntos ontem. Eu realmente tinha me apaixonado só para ter a merda me chutando na bunda (pela própria mulher que eu queria casar).

Eu deixaria o clero e esperava Poppy fosse me querer de volta? Eu tentaria a encontrar? Falar com ela? É a melhor coisa para a Igreja ou para mim, ficar? A Igreja é mais importante do que Poppy?

Não havia nada. O rugido distante do tráfego da cidade no exterior, a luz brilhando devidamente da madeira do banco.

Eu nem sequer obter um sopro de ar agora? Agora? De todas às vezes, agora é quando eu recebo nada?

Eu estava bastante ciente de que eu estava sendo petulante, mas eu não me importei. Mesmo Jacó teve que lutar sua bênção com Deus, por isso, se eu tivesse que fazer beicinho em meu caminho à isso, eu o faria.

Só que eu estava cansado. E vazio. Eu não podia continuar me lamentando, mesmo que eu queria, então ao invés disso meus pensamentos vagaram, minhas orações se tornando sem sentido - mesmo sem palavras - como se eu simplesmente contemplasse onde eu me encontrava. Aqui em uma igreja que não era a minha, sozinho e ferido. Eu trouxe dano à minha paróquia através de minhas ações e tinha traído a confiança de meu bispo e dos meus paroquianos - a coisa que eu tinha tentado mais dificilmente não fazer desde que me tornei um padre.

Eu tinha falhado.

Eu tinha falhado como padre e como homem e como um amigo.

Olhei para o chão de pedra, piscando lentamente no silêncio. Então, eu ficaria? Continuar a ser um sacerdote seria a melhor maneira de reparar? Seria o melhor para a igreja? Para minha alma? Sair agora, não nos meus próprios termos, parecia como um ato petulante de auto ódio, um tipo de ato *eu estraguei tudo, então eu parei*, e qualquer decisão que eu fizesse com o meu futuro, tinha que vir de algum lugar que não seja eu.

Tinha que vir de Deus.

Infelizmente, ele não parecia estar em um humor falador hoje.

Talvez a verdadeira questão fosse, eu ainda poderia imaginar a vida sem o sacerdócio e sem Poppy? Eu tinha decidido sair por causa do meu amor por ela, mas uma vez que eu tinha tomado a decisão, eu sentia todos esses outros futuros potenciais rolando na minha frente - inspiradoras, intoxicantes, futuro revigorante. Havia tantas maneiras que eu poderia servir a Deus, e se isso tudo era sobre isso? Não sobre trazer eu e Poppy juntos, mas sobre me empurrar para fora da bolha confortável que eu criei para mim mesmo? Uma bolha onde eu só podia fazer muito, e eu sempre tinha uma desculpa para não sonhar maior e melhor, uma bolha onde era fácil cultivar êxtase e estagnação em nome de serviço humilde.

Assim, muitas das coisas que eu queria fazer quando era mais jovem - coisas como Poppy tinha feito, como viagens missionárias estendidas - havia se tornado impossível uma vez que eu tinha assumido uma paróquia. Mas se eu fosse livre, eu poderia ir combater a fome na Etiópia ou passar um verão de ensino de Inglês na Bielorrússia ou cavar poços no Quênia. Eu poderia ir a qualquer lugar, a qualquer hora.

Com qualquer um.

Bem, não *qualquer um*. Porque quando eu fechei meus olhos e convoquei as planícies empoeiradas de Pokot ou as florestas da Bielorrússia e me perdi em fantasias sem palavras do futuro, só havia uma pessoa que eu imaginei a meu lado. Alguém pequena e magra, com cabelo escuro e os lábios vermelhos. Transportando água comigo, ou talvez fosse ensinando crianças, ou talvez fosse apenas seus óculos de sol quando nós seguramos as mãos ao caminhar para uma reunião da

comunidade juntos. Talvez ela estivesse na rede acima de mim, onde eu podia ver os traços em forma de diamante que a rede tinha feito em sua pele, ou talvez nós estivéssemos compartilhando um austero dormitório sem aquecimento em conjunto, enrolado como vírgulas gêmeas em uma cama dura.

Mas onde quer que nós estivéssemos, estaríamos ajudando as pessoas. No tipo de vida, física - por vezes íntimas - maneiras que Jesus tinha ajudado as pessoas. Curando os doentes com as mãos, a cura do cego com barro e saliva. Sujar as mãos, suas sandálias empoeiradas. Essa era uma das verdadeiras diferenças entre Jesus e os fariseus, não era? Um saía entre o povo e os outros permaneciam dentro de casa, discutindo sobre pergaminhos amarelados enquanto seus habitantes eram casualmente brutalizados por um império indiferente.

Me lembrei do momento em que eu tinha escolhido ser um sacerdote, a emoção, a antecipação de queimação que eu senti. E eu a senti agora, como o roçar de asas de uma pomba e um batismo de fogo, tudo ao mesmo tempo, porque era evidente. Não apenas claro, mas óbvio.

Me sentei.

Deus me queria no mundo real e no meio das vidas comuns de Seu povo. Talvez os planos que tinha para Tyler Bell eram muito mais excitantes e maravilhosos do que eu jamais contei com eles.

É isso o que Você quer? eu perguntei. *Não por Poppy, não pelo bispo, mas por mim? Para o Senhor?*

E a palavra veio em minha mente com uma autoridade calma, ressonante.

Sim.

Sim.

Era hora de eu parar. Hora de eu deixar a minha vida como um sacerdote.

Aqui estava a resposta que eu queria, o caminho que eu havia pedido, exceto que ele não era realmente o que eu tinha pedido, porque antes, eu estava fazendo a pergunta errada.

Desta vez não havia nada vistoso - arbustos, sem formigamento de sentimentos, sem raios de sol que não queimam. Houve apenas um silêncio, uma paz contemplativa, e o conhecimento de que meus pés estavam agora apontando para o caminho. Eu só tinha que dar o primeiro passo.

E quando eu chamei o bispo mais tarde naquela noite para dizer-lhe a minha decisão, minha paz recém-descoberta permaneceu. Nós dois sabíamos que era a decisão certa - para mim e para a igreja - e só assim, minha vida como sacerdote, como Padre Tyler Bell, chegou a um fim suave e solene.

No próximo fim de semana era a festa irlandesa, e eu já tinha dito adeus aos meus paroquianos e limpado a reitoria, então não havia nenhuma razão para me dirigir até lá, embora eu odiasse perder o pontapé inicial para a arrecadação da igreja.

— Medo que eles joguem pedra você? — Sean disse quando eu mencionei que eu não ia. (Eu estava ficando com ele até que eu encontrasse um lugar próprio).

Eu balancei minha cabeça. Na verdade, apesar do respingo nacional sobre a mídia social, onde eu era simultaneamente demonizado e transformado em uma espécie de celebridade por causa dos meus looks, meus próprios paroquianos tinham reagido muito melhor do que eu merecia. Eles me disseram que queriam que eu ficasse - alguns realmente me imploraram para eu ficar - outros me agradeceram por falar abertamente sobre o abuso - alguns simplesmente me abraçaram e me desejaram boa sorte. E lhes dei respostas honestas para qualquer perguntas que fizeram; eles mereciam isso de mim, pelo menos, uma contabilidade completa e aberta dos meus pecados, de modo que não haveria nenhuma sombra de dúvida dos rumores que circulavam. Eu não queria que o meu pecado denegrisse a comunidade mais do que absolutamente necessário.

Mas, ao mesmo tempo, apesar de seu carinho e amor, não seria saudável voltar. Mesmo que eu tivesse embalado minhas coisas na semana passada, eu tinha sido assombrado por Poppy, e depois que

meu pai e eu tínhamos carregado tudo na van, eu fiz algumas desculpas sobre dizer adeus a algumas pessoas extras, e fui para sua casa. Eu não tinha um plano para o que eu diria, e até então eu não tinha certeza se eu estava furioso com ela ou desesperado por ela ou ambos - o tipo de traição onde apenas seu corpo seria capaz de me curar, apesar de ter sido a única coisa que me tinha magoado.

Mas isso não importava. Ela tinha ido embora, e assim foram todos de suas coisas - seu iMac, suas bebidas, seus livros. Olhei pela janela para dentro da casa vazia, meu rosto colado ao vidro como uma criança em uma vitrine. Eu tinha a sensação ridícula que, se eu pudesse entrar, eu me sentiria melhor. Eu ficaria feliz, apenas por um minuto.

Usando o raciocínio deste viciado como justificativa, eu fui para buscar a chave de reposição em sua varanda de trás, mas é claro que se foi, e todas as portas estavam trancadas. Eu até tentei uma das janelas antes que eu finalmente achasse um controle sobre eu mesmo. Ela tinha ido viver com Sterling, e eu estava aqui, prestes a ser preso por invasão de domicílio.

Pelo menos se recomponha até que você possa ir para casa e tomar uma bebida, eu me repreendi, e eu consegui fazer isso. Papai e eu descarregamos o conteúdo da van em seu porão, e, em seguida, nós compartilhamos vários copos de uísque sem compartilhar uma única palavra. Mais um tipo de luto irlandês.

Mesmo que Weston só trouxesse memórias dolorosas para mim agora, eu ainda estava feliz por ver que, após o festival, o pontapé inicial estava funcionando exatamente como Poppy tinha planejado: no início de novembro de St. Margaret tinha levantado quase dez mil dólares para a sua renovação.

Doeu um pouco pensar neste projeto que eu tinha derramado tanto tempo e energia para cair no colo de algum outro sacerdote, e também foi um pouco irritante que muitas dessas doações on-line tinham entrado a partir do 'Tylerettes', um grupo de fãs na internet que tinha aparecido não muito tempo depois que as fotografias tinham aparecido. O Tylerettes pareciam mais interessados em especular sobre meu status de relacionamento ou desenterrar fotos sem camisa de mim na faculdade do que a caridade. Mas eu deveria aceitar se foi tudo para o bem maior, então estava bem.

— Pelo menos você sabe que você pode conseguir bucetas sempre que quiser, — disse Sean quando nós comemos em sua sala de estar uma noite um par de semanas mais tarde.

— Vá se foder, — eu respondi, sem qualquer calor. Isso realmente não importa. Havia apenas uma mulher que eu queria, e ela tinha ido embora, e nenhum número de fangirls da internet (e fanboys) iria mudar isso.

— Por favor, me diga que você não vai fazer a coisa de celibato mesmo agora que você foi lateralizado.

— *Laicizado*²⁰, e isso não é da sua maldita conta.

Sean lançou um pacote de molho de soja em minha cabeça e parecia desfrutar o efeito um pouco, então ele jogou vários outros, o idiota, e, em seguida, fez beicinho quando eu lancei um recipiente de molho doce e azedo em seu peito e derramou gosma rosa toda em sua última camisa Hugo Boss.

— Desnecessário, *idiota*, — ele murmurou, esfregando inutilmente o tecido.

E isso foi principalmente minha vida - discutindo com meu irmão, comer comida de merda, geralmente sem ter ideia do que fazer a seguir. Eu pensava sobre Poppy constantemente, se eu estava pesquisando programas de pós-graduação ou se eu estava com os meus pais, que eram um suporte, mas hesitantes, como se tivessem medo de dizer a palavra errada que me faria ter um flashback do Vietnã e começar a rastejar pelo chão com uma faca entre meus dentes.

— Eles têm medo que você vá surtar por causa de todas essas coisas na internet e eles acham que talvez você esteja reprimindo seus sentimentos sobre isso ou algo assim, — Ryan tinha solicitamente me explicado quando ele tinha ouvido falar a respeito de Aiden e Sean. — Então, você sabe. Não surte.

Não surte. Que engraçado. De qualquer coisa, eu estava pesado, encolhendo e sendo dobrado em um homem menor, um homem mais fraco. Sem Poppy, era como se eu tivesse esquecido todas as coisas que me fizeram Tyler Bell. Eu ansiava por ela como uma pessoa iria ansiar por ar, incessantemente, ofegante e me deixou tão pouco espaço para

²⁰ Laicizados: Ato de tornar leigo, ou laico. Ou seja, não fazer parte da igreja como um padre ou algum cargo assim.

pensar em outra coisa. Eu não podia sequer ver *The Walking Dead*, porque me lembrava muito dela.

— Eu estou perdido, — eu admiti há Jordan um dia depois da Ação de Graças. — Eu sei que fiz a coisa certa, deixando o clero, mas agora há tantas opções - tantos lugares que eu poderia ir, tantas coisas que eu poderia fazer. Como é que eu vou saber qual é o caminho certo?

— É porque tudo isso parece ruim sem ela?

Eu não tinha mencionado Poppy para ele em tudo, por isso a sua acuidade me enervou, mesmo que eu deveria saber melhor até agora. — Sim, — eu disse honestamente. — Eu sinto falta dela tanto que dói.

— Ela tentou entrar em contato com você?

Olhei para a mesa. — Não.

Nenhuma mensagem. Nenhum e-mail. Sem telefonemas. Nada. Ela terminou comigo. Eu suponho que isso significava que ela tinha me visto naquele dia em sua casa, que ela sabia que eu sabia sobre Sterling, e isso quase fez pior. Nenhuma explicação? Nenhum pedido de desculpas? Nem mesmo um pedido de desculpas fracas e desejos para o futuro?

Eu sabia que ela se afastou de Weston - Millie me ligou para dar atualizações semanais sobre a igreja e meus ex-paroquianos - mas eu não tinha ideia de onde ela tinha ido, embora eu achasse que era na cidade de Nova York com Sterling.

— Eu acho que você deveria tentar encontra-la, — disse Jordan. — Conseguir um encerramento.

E foi assim que eu acabei no clube de strip com Sean em dezembro. Ele tinha praticamente implodido com entusiasmo quando eu lhe pedira para me trazer, falando sobre como eu reagiria, *entrando e saindo*, e também sobre como devemos trazer Aiden, mas não esta noite, porque ele queria se concentrar no meu jogo.

— Eu não quero ficar com uma stripper, — eu protestei pela milésima vez quando nós subimos o elevador.

— O que, elas são muito boas para você agora? Você estava transando com uma apenas um par de meses atrás.

Deus, já se passaram meses? Me senti muito mais baixo do que isso, exceto os momentos em que me senti com mais tempo, os

momentos em que eu tinha certeza que tinha sido anos desde que eu tinha provado a doçura do corpo de Poppy, uma vez que eu tinha sentido sua buceta tão quente e úmida em torno de meu pau, e aqueles eram os tempos que eu me encontrei tão dolorosamente ereto eu mal podia respirar. Felizmente, Sean estava desesperado para subir o cargo em seu trabalho e ele trabalhava muitas noites, e por isso eu tinha a cobertura para mim a maior parte do tempo. Não que a punheta ajudava - não importa quantas vezes eu gozasse na minha mão pensando nela, nunca entorpecia da dor de a perder, nunca suavizava o golpe de sua traição. Mas com traição ou não, meu corpo ainda a queria.

Eu ainda queria ela.

— Isso foi diferente, — disse a Sean agora no elevador, e ele deu de ombros. Eu sabia que nunca seria capaz de explicar isso para ele, porque ele nunca tinha estado apaixonado. *Buceta é buceta* ele dizia sempre que eu o tentava fazer entender por que eu não queria me meter com alguma aleatória garota que ele conhecia, por que eu não queria um encontro em tudo. O que havia de tão especial sobre ela?

O clube estava ocupado - era uma noite de sábado - e levou apenas um par de vodkas e gins para convencer Sean para ir fazer sua própria coisa. Eu fiquei perto do bar, bebendo um Martini Bombay Sapphire e observando as dançarinas no chão, me lembrando de como era ter Poppy dançando para mim sozinha.

O que eu não daria apenas para ter alguns desses momentos de volta - ela e eu e essa coisa maldita de seda no pescoço. Com um suspiro, eu bebi a minha bebida. Eu não tinha vindo aqui para relembrar. Eu vim aqui para descobrir onde Poppy estava.

A barman veio em meu caminho, limpando o bar. — Outro? — ela perguntou, apontando para o meu Martini.

— Não, obrigado. Na verdade, eu estou procurando por alguém.

Ela levantou uma sobrancelha. — Uma dançarina? Nós geralmente não damos informações da agenda. — *por razões de segurança*, eu podia ver que ela queria dizer, mas não o fez.

Eu não poderia até mesmo estar ofendido, porque eu sabia como isso parecia para ela. — Na verdade, eu não estou procurando informações de cronograma ou o que quer que seja. Estou à procura de Poppy Danforth... Eu acho que ela costumava trabalhar aqui?

Os olhos da barman se arregalaram em reconhecimento. — Oh meu Deus, você é aquele padre, não é?

Limpei a garganta. — Hum, sim. Quer dizer, eu não sou tecnicamente um padre mais, mas eu era.

A barman sorriu. — A imagem de você jogando Frisbee na faculdade - é o fundo do computador de trabalho da minha irmã. E você já viu os memes padre quente?

Eu tinha de fato - para melhor ou para pior - visto os memes Padre quente. Eles foram feitos usando a imagem que costumava estar no site da St. Margaret, que Poppy admitiu olhar, todos aqueles meses atrás.

Eu pensei que talvez fosse mais fácil se eu soubesse como você se parecia.

E é mais fácil?

Na verdade, não.

Agora que nós tínhamos estabelecido que eu não era apenas um cara aleatório em assédio as dançarinas, eu tentei novamente. — Você sabe onde Poppy foi?

A barman virou compassiva. — Não. Ela deu seu aviso tão rápido, e ela não contou a ninguém para onde ela foi ou para onde estava indo, embora todos nós soubéssemos sobre as imagens, e adivinhamos que tinha algo a ver com ela. Ela não te disse?

— Não, — eu disse, e eu peguei meu Martini novamente. Algumas verdades ficam melhores com gim.

Ela abaixou a toalha nas proximidades e, em seguida, se virou para mim de novo. — Você sabe, agora que penso nisso, acho que ela deixou algo aqui quando ela veio para arrumar suas coisas. Me deixe ir pegar.

Bati meus dedos contra a barra de aço inoxidável, não me deixando acreditar que era algo tão importante como uma carta deixada especificamente para mim, mas ainda desejando, tudo ao mesmo tempo. Como ela poderia apenas ter ido embora? Sem uma palavra?

Tudo aquilo tinha significado um pouco para ela?

Não pela primeira vez, meu peito espremeu, amassando para dentro com a dor. A dor do amor unilateral, de saber que eu a amava mais do que ela me amava.

Ê assim que Deus se sente o tempo todo?

Esse é um pensamento sério.

A barman voltou com um envelope branco e espesso. Ele tinha o meu nome nele, rabiscado em traços grossos, precipitados. Quando eu peguei, eu soube imediatamente o que era, mas eu o abri de qualquer maneira, mais dor cortou através do meu intestino quando eu retirei o rosário de Lizzy e senti seu peso em minha mão.

O segurei por apenas um minuto, observando a cruz descontroladamente na luz baixa da pista de dança, e então eu agradei a barman, bebi o resto do meu Martini, e sai, deixando Sean para ter suas aventuras com sua própria strip.

Tinha acabado. Realmente, tinha sido sobre o momento em que eu tinha visto Sterling e Poppy se beijando, mas de alguma forma eu sabia que este era o seu sinal definitivo de que não havia mais nada entre nós. Mesmo que eu tivesse dado o rosário livremente, como um presente, que nunca tinha pensado sobre o querer de volta, ela tinha visto isso como algum tipo de ligação, algum tipo de dívida e ela estava rejeitando esse vínculo, assim como ela tinha me rejeitado.

Sim. Foi a hora que eu aceitei.

Tinha acabado.

CAPÍTULO

VINTE E QUATRO

Eu adoraria dizer que eu saí do clube e utilizei este encerramento recém-descoberto para arrumar minha vida. Eu adoraria dizer a vocês que uma pomba branca veio vibrando e os céus se abriram e Deus me disse exatamente para onde ir e o que fazer.

Acima de tudo, eu gostaria de lhes dizer que o rosário – e a mensagem implícita que ela enviou – curaram meu coração partido, e eu não passei mais noites pensando em Poppy, não passei dias vasculhando a internet para menções de seu nome.

Mas levou mais tempo do que isso. Passei as próximas duas semanas como eu tinha passado as duas semanas antes que eu tivesse o rosário de volta: ouvindo a trilha sonora de *Garden State* e apaticamente preenchendo candidaturas para diferentes programas de graduação, imaginando em detalhes vívidos que Poppy estava fazendo, então (o que ela estava fazendo com ele). Eu fui para a igreja de Jordan e murmurei através de missas, eu me exercitei constantemente, e eu imediatamente desfiz de todo esse exercício uma vez que eu terminei por comer comida ruim e beber até mais do que meus irmãos irlandeses.

O Natal chegou. Na nossa grande refeição em família, nós tivemos essa tradição da família Bell de dizer o que seria nosso presente perfeito – uma promoção, um carro novo, um período de férias, esse tipo de coisa. E quando fomos ao redor da mesa, eu percebi o que eu mais queria.

— Eu quero *fazer* alguma coisa, — eu disse, lembrando quando deitei no banco de Jordan e fantasiei sobre praias distantes e montes de poeira.

— Então faça isso, — disse Aiden. — Você pode fazer o que quiser. Você tem, tipo, um milhão de graus universitários.

Dois. Eu tinha dois.

— Eu vou fazer isso, — eu decidi.

— E o que é? — perguntou a mãe.

— Eu não faço ideia. Mas não está aqui.

E duas semanas depois, eu estava em um avião para o Quênia em uma viagem de missão aberta para escavar poços em Pokot, pela primeira vez correndo *para* alguma coisa, em vez da distância.

Sete meses mais tarde

— Então você é um lumbersexual²¹ agora?

— Vá se foder. — eu empurrei a minha bolsa no peito de Sean para que eu pudesse cavar algum dinheiro para a máquina de venda automática do aeroporto. Dr. Pepper, a Fonte da Juventude. Eu quase chorei depois de tomar o primeiro gole, a primeira coisa fria, doce e gaseificada que eu tinha desde o aeroporto de Nairóbi.

— Então, não transou na África, hein? — Aiden perguntou quando eu peguei a minha bolsa e começamos a caminhar para fora do aeroporto.

— E não há, aparentemente, lâminas de barbear, — Sean disse, se aproximando e dando à minha barba um puxão forte.

Eu dei um soco no seu bíceps. Ele gritou como uma menina.

Era verdade que eu tinha uma barba bastante extensa, juntamente com um corpo bronzeado e dramaticamente mais magro. — Sem músculos, garoto bonito, — o pai tinha comentado depois que eu entrei e ele me abraçou. — Esses são os músculos do trabalho real.

Mamãe tinha apenas franzido os lábios. — Você se parece com Charlton Heston em *Os Dez Mandamentos*.

Eu me senti um pouco como Moisés, um estranho tanto no Egito e em Midiã, um estranho em todos os lugares. Mais tarde naquela noite, após o banho mais longo que eu jamais poderia lembrar de tomar (meses de um minuto, chuveiros tépidos tinha instilado um profundo

²¹ Lumbersexual: Lumbersexual é um termo de origem inglesa formado pela junção da palavra *lumberjack* ("lenhador", em português) e *sexual*, cujo significado se refere a um estilo de moda masculino em que predomina a aparência e o comportamento rústico. Na tradução literal, lumbersexual significa "*lenhador sexy*".

amor pela corrida de água quente em mim), eu me deitei na minha cama e pensei em tudo. Os rostos das pessoas - trabalhadores e moradores da mesma forma - que eu viria a conhecer em um nível tão íntimo. Eu sabia por que seus filhos foram nomeados e eu sabia que eles amavam futebol e *Top Gear*, e eu sabia os garotos que eu queria na minha equipe quando jogamos jogos improvisados de rúgbi, à noite. O trabalho tinha sido duro - eles estavam construindo uma escola juntamente com uma melhor infraestrutura de água - e os dias eram longos, e tinha havido momentos em que eu me senti indesejado ou quando o trabalho era inútil, como socorrer o *Titanic* com uma lata de café, como o pai teria dito. E então eu dormia com orações circulando na minha cabeça e acordava no dia seguinte refrescado e determinado e fazer melhor.

Eu não teria ido embora, honestamente, se durante a minha chamada mensal por satélite, mamãe não tivesse me dito sobre a pilha de cartas de aceitação esperando por mim em casa. Eu poderia literalmente ter a minha escolha de universidades, e depois de muita reflexão, eu decidi voltar para casa e buscar o meu doutorado em Princeton - não um seminário católico, mas eu estava bem com isso. Presbiterianos não eram tão ruins.

Puxei o rosário de Lizzy do meu bolso e observei a cruz nas baixas luzes da cidade filtrando pela janela. Eu tinha levado comigo para Pokot, e tinha havido muitas noites quando eu tinha adormecido com ele segurando na minha mão, como por o segurar, eu poderia prender a alguém, só que eu não sabia que eu estava tentando me sentir perto. De Lizzy talvez, ou Deus. Ou Poppy.

Os sonhos tinham começado na minha segunda noite lá, lentamente, sonhos previsíveis no início. Sonhos de suspiros e carne, sonhos tão reais que eu acordava com o cheiro dela em minhas narinas e seu sabor persistente na minha língua. E então eles tinham mudado em visões estranhas cifradas de tabernáculos e chuppahs, sapatos de dança e pilhas de livros caindo. Olhos castanhos brilhando com lágrimas, os lábios vermelhos se curvando para baixo em infelicidade perpétua.

Sonhos do Antigo Testamento, Jordan tinha dito quando eu liguei para ele há um mês. *Vossos anciãos terão sonhos e vossos jovens terão visões*, ele tinha citado.

(— Que tipo de homem sou eu? — eu perguntei em voz alta).

Nenhuma quantidade de oração, nenhuma quantidade de trabalho exaustivo duro durante o dia, fez os sonhos irem embora. E eu não tinha ideia do que eles queriam dizer, exceto que Poppy ainda estava muito dentro do meu coração, não importa o quanto eu me distraísse durante minhas horas de vigília.

Eu a queria ver novamente. E já não era o amante ferido que a queria, não a raiva e a luxúria ambos exigindo serem satisfeitas. Eu só queria saber se ela estava bem, e eu queria dar a ela o rosário novamente. Ele tinha sido um presente, ela deveria ficar com ele.

Mesmo que ela estava com o - *fodido* - Sterling.

Uma vez eu tive esse pensamento, era impossível não tremer, e então a ideia se tornou completamente incorporada em meus planos. Eu me mudei para Nova Jersey e Nova York não estava longe. Eu iria encontrar Poppy e eu iria lhe dar o rosário.

Juntamente com o seu perdão, veio um pensamento tranquilo do nada. Falado por Um Deus. *Ela precisa saber que você a perdoou.*

Eu fiz? Perdoei? Eu cutuquei o crucifixo. Acho que eu tinha. Doe - profundamente - pensar nela e Sterling juntos, mas minha raiva tinha sido derramada na poeira Africana - despejada e polvilhada para baixo, polvilhada com suor, lágrimas e sangue no solo.

Sim. Seria bom para nós dois. Encerramento. E talvez uma vez que eu entregasse o rosário, os sonhos iriam parar e eu poderia seguir em frente com o resto da minha vida.

No dia seguinte, meu último dia em casa, a mãe meteu tesoura na minha barba com uma alegria quase assustadora.

— Ela não parecia tão ruim assim, — eu murmurei enquanto ela trabalhava.

Ryan estava engatado em cima do balcão, uma vez sem o seu telefone. Ele tinha um saco de Cheetos na mão em vez disso. — Não, cara, estava bem ruim. A menos que você estava tentando se parecer com Rick Grimes.

— Por que não? Ele é meu herói.

Minha mãe estalou. — Os estudantes de Princeton não se parecem com Paul Bunyan, Tyler. Fique quieto - não, Ryan, ele não comer o Cheetos enquanto eu estou fazendo isso.

Ryan tinha empurrado o saco com a mão estendida após pular para baixo para encontrar o seu telefone.

Suspirei e coloquei os Cheetos para baixo.

— Eu vou sentir sua falta, — disse a mãe, do nada.

— É só faculdade. Eu vou estar de volta para visitar o tempo todo.

Ela terminou com a tesoura e a colocou para baixo. — Eu sei. É só, todos os meninos já estão tão perto de casa. Eu tenho sido mimada por ter todos vocês aqui.

E então ela começou a chorar, porque não estávamos todos aqui, não tinha sido desde Lizzy.

— Mãe... — me levantei e a abracei com força. — Eu amo você. E isso não é permanente. É só por alguns anos.

Ela assentiu com a cabeça no meu peito, e depois fungou e se afastou. — Estou triste porque eu vou sentir sua falta, mas eu não estou chorando porque eu quero que você fique. — ela encontrou meus olhos com seus correspondentes verdes. — Você meninos precisam viver suas vidas sem ser acorrentados por obrigação ou tristeza. Estou feliz que você está fazendo algo assustador, algo novo. Vá e faça novas memórias, e não se preocupe com sua mãe boba aqui em Kansas City. Eu vou ficar bem, muito, eu ainda tenho Sean, Aiden e Ryan.

Por mais que eu queria zombar, eu não podia. Sean e Aiden estavam atentos em suas próprias maneiras, nunca perdiam um jantar em família, esculpindo horas de ligação e mensagem durante o resto da semana, e meu pai estava aqui. Ainda assim, porém. Eu me preocupei. — Ok.

— Se sente para que eu possa terminar esta monstruosidade de barba.

Me sentei, pensando em sair de casa por trás. Eu já tinha visto o suficiente de dor como um sacerdote para saber que as pessoas nunca realmente se recuperam, pelo menos não no linear segmentado da maneira que a nossa cultura e as pessoas esperavam. Em vez disso, minha mãe ia ter dias bons e dias ruins, dias em que ela circulava de volta para sua dor e dias que ela era capaz de sorrir a respeito da confusão sobre coisas como barbas e os custos de seguro de carro de Ryan.

Principalmente, eu sabia que eu não seria capaz de tomar sua dor para ela, mesmo que eu ficasse aqui. Teremos cada um de encontrar nossas próprias formas de viver com o fantasma de Lizzy, e teríamos de nos encontrar em nosso próprio tempo. Eu senti como se eu já tivesse começado, e talvez a mãe tivesse também.

— Agora, vá raspar, — ela me ordenou, roçando meu rosto com uma toalha seca e soltando um leve beijo na minha testa. — A menos que você tenha esquecido como fazer.

Mudar não foi tão difícil. Eu encontrei um apartamento barato não muito longe do campus e usei minhas economias cada vez menores para colocar em um depósito. Eu seria um assistente de ensino, bem como um estudante, e o salário era suficiente para me sustentar e a formatura, mesmo eu teria que tirar alguns empréstimos para pagar os estudos. Eu não tinha muito para mudar, realmente, toda a minha mobília tinha pertencido à reitoria e os meus pesos sendo deixados em Kansas City. Roupas e livros, em seguida, um futon e uma mesa que eu comprei do Craigslist²².

Depois de me instalar, passei um longo dia ou dois tentando caçar um novo endereço de Poppy na internet, mesmo que apenas um local de trabalho, mas não havia nada. Ela era ou muito cuidadosa ou muito tranquila ou ambos - a última menção dela que eu poderia encontrar era sobre sua graduação de Dartmouth, e um punhado de performances de dança no campus em seu tempo na Universidade de Kansas há alguns anos atrás.

Eu não poderia encontrar nenhum traço dela, e eu mesmo fui tão longe como chamar seus pais, usando números que encontrei on-line para a empresa de seu pai e para a ONG sem fins lucrativos de sua mãe. Mas eles foram bem assessorados por assistentes e recepcionistas, nenhum dos quais pareciam inclinados a dar qualquer informação sobre Poppy ou me encaminhar a seus pais. Não que eu os pudesse culpar; eu provavelmente não iria dar informações a um estranho homem qualquer, mas ainda era frustrante como o inferno.

²² Craigslist: Site de compra de vários itens novos e usados ou doações.

Por que ela teve que deixar Weston? Por que ela teve que deixar o rosário? Talvez se ela não tivesse, eu não seria consumido com a ideia de dar de volta...

Havia uma pessoa que eu sabia que seria quase certamente disposto a falar comigo sobre Poppy, e o pensamento de o ver novamente me encheu de imensa aversão, mas eu estava ficando sem opções. O semestre iria começar em breve e eu não teria tempo para vagabundear sobre a costa leste procurando pela minha ex... namorada? Ex-amante? E eu não poderia imaginar ter este tipo idealista, em última análise, de busca desesperada no meu prato até o Natal.

Depois de duas horas em ônibus e trens em vários estados de sobrelotação, eu estava no distrito financeiro de Manhattan, olhando para a grande estrutura de aço e vidro que pertencia à família Haverford. Eu vaguei para dentro, cercado imediatamente por mármore e pessoas ocupadas com o futuro e um ar geral da indústria, e isso persistiu mesmo quando um elevador me levou para o escritório central há sessenta andares. *Não é de admirar que Poppy escolhesse Sterling.* Eu nunca seria capaz de lhe oferecer qualquer coisa como isto. Eu não tinha frotas de carros pretos e carteiras de investimentos, eu não tinha um império com piso de mármore. Tudo que eu tinha era um colarinho e uma casa que legalmente não pertencia a mim - e agora eu já nem sequer tinha aquilo.

Deus, eu tinha sido um tolo de pensar que eu poderia ter mantido Poppy Danforth comigo. Este era o mundo de que ela tinha vindo - é claro que este era o lugar onde ela voltaria.

A recepcionista era uma menina bonita loira, e idiota como eu era, eu me perguntava se Sterling tinha dormido com ela também, se sua vida era apenas um desfile de dinheiro e infidelidade, um desfile sem quaisquer consequências, um desfile sem uma única preocupação de como conseguir o que ele queria.

— Hum, oi, — eu disse quando me aproximei de sua mesa. — Eu estava me perguntando se eu poderia ver o Sr. Haverford?

Ela nem sequer olhou para cima a partir da tela de seu computador. — Você tem um horário?

— Eu não tenho, — eu disse.

— Ninguém sem um horário pode entrar em... — sua voz sumiu quando ela olhou para mim e, em seguida, seus olhos se arregalaram. — Oh meu Deus! Você é o cara do meme Padre quente!

Suspiro. — Sim, sou eu.

Ela baixou a voz conspiratória. — Eu sigo um monte de seus Tumblr. É verdade que você foi viver na África? Você estava se escondendo? *Entertainment Tonight* disse que você estava se escondendo.

— Eu estava em uma viagem de missão, — eu disse. — poços de escavação. — embora a falta de internet em Pokot tivesse sido definitivamente a sua própria vantagem.

Ela fez um ruído estridente *Aww*, olhando para mim com seus grandes olhos castanhos, de repente parecendo muito jovem. — Você foi ajudar as pessoas? Isso é tão fofo!

Ela mordeu o lábio e olhou ao redor da sala de espera vazia. — Você sabe, Sr. Haverford não mantém o controle de seus próprios compromissos. Ele não saberia se você estivesse nos seus horários ou não. — algumas teclas. — E agora você está oficialmente com um horário.

— Uau, muito obrigado, — eu disse, me sentindo grato - isto é, até que ela me entregou um cartão com um número rabiscado no verso.

— Esse é o meu número de telefone, — disse ela um pouco timidamente. — No caso de você querer quebrar seus votos de novo.

Suspiro. — Obrigado, — eu disse tão educadamente quanto pude. Não parecia bem em explicar a minha posição atual não clerical para ela, ou que só havia uma razão pela qual eu quebrei os meus votos, e essa razão era pela qual eu estava aqui no reduto do meu inimigo em primeiro lugar.

— Podemos tirar uma selfie? — e antes que eu pudesse responder, ela se levantou do outro lado da mesa, de pé ao meu lado com seu telefone estendido na nossa frente.

— Sorria, — disse ela, se pressionando contra mim, sua cabeça loira no meu ombro, e eu obedientemente sorri, ao mesmo tempo percebendo o quão profundo Poppy permaneceu no meu sistema. Eu tinha uma loira esguia esmagada contra mim, quente e disposta, e tudo

que eu queria era me afastar. Eu preferia estar na sala ao lado brigando com Sterling do que em avanços de paquera desta menina. Sean teria vergonha de mim.

— Você pode ir agora, se quiser - ele está entre os compromissos, — disse a recepcionista, ainda conspiratória, os polegares trabalhando rápido e ágeis sobre sua tela enquanto ela postava a selfie em toda parte na internet.

O escritório de Sterling era tão impressionante como o resto do edifício - vistas estonteantes, uma mesa enorme, um bar preenchido com Scotch caro. E então ele mesmo, Sterling, sentado como um rei em seu trono, assinando resmas de papel cobertas com tipo denso.

Ele olhou para cima, esperando claramente um de seus empregados, e, em seguida, me vendo em vez disso e sua boca se abriu. Eu esperava que ele ficasse com raiva ou triunfante - me dizendo para sair, talvez - mas eu não esperava que ele se levantasse, caminhasse até mim e, em seguida, estendesse a mão para um aperto, como se fôssemos parceiros de negócio de longo tempo.

Eu ignorei a mão estendida. Talvez eu tenha sido um sacerdote, mas até eu tenho meus limites.

No entanto, minha grosseria não pareceu o incomodar, no mínimo. — Tyler Bell - desculpe, *Padre* Bell, — ele exclamou, se afastando para me olhar no rosto. — Como diabos você está?

Eu esfreguei a parte de trás do meu pescoço, desconfortável. Eu tinha me preparado para todas as tonalidades possíveis de merda de Sterling no passeio de trem até aqui, mas nenhuma vez eu considerei a possibilidade de que ele poderia ser, bem, *amigável*. — Na verdade não é Padre mais. Saí do clero.

Sterling sorriu. — Eu espero que isso não tenha sido por causa daquelas fotos. Eu me sinto um pouco mal depois que as espalharam, eu vou ser honesto. Quer alguma coisa para beber? Eu tenho esse incrível Lagavulin 21.

Hum... — Claro.

Sterling foi até o bar, e eu odiava admitir para mim mesmo, mas agora, agora que ele já não me considerava seu inimigo, eu podia ver o que Poppy uma vez viu nele. Havia um tipo específico de carisma em

sua forma, juntamente com o tipo de sofisticação que faz você se sentir como se você fosse sofisticado demais, apenas por estar ao seu redor.

— Então, eu imagino que você veio para tripudiar, o que eu mereço, eu admito. Eu vou ser homem sobre isto. — ele destampou o Lagavulin e nos serviu um copo saudável. Ele se aproximou e me entregou. — Estou surpreso que você não veio mais cedo.

Eu literalmente não tinha nenhuma ideia do que diabos ele estava falando. Eu tomei um gole de uísque para esconder a minha confusão.

Sterling se encostou a borda da mesa, agitando o Scotch com uma mão prática. — Como ela está?

Ele estava falando de Poppy? Ele não podia estar, ele estava com Poppy, mas ainda assim ela era a única que ambos compartilhavam. — Eu vim aqui para lhe perguntar a mesma coisa, na verdade.

Sterling levantou as sobrancelhas. — Então vocês dois... — ele usou o copo para gesticular em minha direção. —... Vocês não estão juntos?

Apertei os olhos para ele. — Eu pensei *que* vocês estivessem juntos.

Um tiro de dor - dor real, não decepção ou raiva - passou por sua face. — Não. Nós não estamos... nós não. Nós não éramos o que eu pensava.

Eu me encontrei - ridiculamente - sentindo pena dele. E, em seguida, suas palavras realmente começaram a afundar, e uma pequena flor de esperança floresceu em meu peito...

— Mas eu vi vocês dois se beijando.

Sua testa se enrugou. — Você viu? Oh, deve ter sido na casa dela.

— No dia em que você soltou essas fotos.

— Eu sinto muito sobre isso, você sabe.

Sim. Sim. Sim. Não era água debaixo da ponte exatamente, mas eu estava muito mais interessado em saber como eles tinham ido através do beijo em seu quarto para não estarem juntos. Eu deveria conter esta esperança agora, antes que realmente florescesse, mas eu

não poderia fazer - embora se ela não estivesse com Sterling, então por que ela não tentou entrar em contato comigo?

Uma pergunta de cada vez, eu me corrigi.

Sterling deve ter lido o significado por trás da minha expressão, porque ele tomou um gole e em seguida, colocou o copo na mesa e explicou. — Naquele dia, eu tinha finalmente ficado cansado de esperar, então eu dirigi até aquela porcaria de cidade - sem ofensa - e disse a ela que eu ia liberar essas fotos, se ela não promettesse ficar comigo. Ela estava em pé ao lado da janela e, em seguida, de repente, ela me empurrou em seu quarto e tirou minha jaqueta. A beijei, pensando que fosse o que ela queria. Mas não. Depois de um beijo, ela me empurrou para longe e me expulsou. — a maneira como ele esfregou o queixo apenas me fez pensar que o *me expulsou* tinha envolvido um soco em sua mandíbula. Eu realmente esperava que tivesse. — Eu fui em frente e soltei as fotos porque eu estava chateado - compreensivelmente, eu acho, dadas as circunstâncias.

Me sentei na cadeira mais próxima, olhando para o uísque na mão, tentando descobrir o que tudo isso significava. — Você só beijou ela uma vez? Ela não deixou o Missouri para estar com você?

— Obviamente não, — disse ele. — Achei que ela tinha ido correndo de volta para você.

— Não. Não, ela não o fez.

— Oh, má sorte, — disse ele com simpatia.

Eu pensei sobre isto. Poppy tinha beijado Sterling uma vez e depois exigiu que ele saísse. Sterling ou era um terrível beijador ou ela não queria estar com ele em tudo - mas se ela não queria estar com ele, então por que ela não ficou comigo? E depois dessas imagens, depois que eu tinha deixado o clero, ela não tinha nenhuma vez estendido a mão. Eu tinha assumido que era porque ela estava com Sterling, mas agora que eu sabia que não, picou um pouco mais. Ela poderia ter pelo menos dito adeus ou lamentado ou alguma coisa, qualquer coisa.

Meu coração torceu um pouco mais, um pano cansado ainda sendo torcido. *Rosário*, eu me lembrei. *Se trata de devolver o rosário e lhe dar o seu perdão. E você não a pode perdoar se você ainda guarda mágoas sobre o que aconteceu.*

Além disso, pelo menos ela não estava com Sterling. E isso era um pequeno conforto.

— Você sabe onde ela está agora? — perguntei. — Eu quero falar com ela.

Claro que ele sabia. Ele rodeou sua mesa, encontrou o seu telefone, e dentro de alguns segundos, eu estava segurando um pedaço de papel com sua caligrafia. Um endereço.

— Eu parei de manter o controle no seu último ano, mas esta era uma propriedade que a Fundação para as Artes Danforth comprou não muito tempo depois que eu voltei para casa. É um estúdio de dança aqui em Nova York.

Estudei o endereço, em seguida, olhou para ele. — Obrigado. — eu quis dizer isso.

Ele deu de ombros e, em seguida, esvaziou o último gole de seu copo. — Sem problemas.

Por alguma razão, eu estendi a minha mão, me sentindo um pouco mal por ignorar o seu gesto anterior. Ele aceitou e tivemos um breve, mas cortês aperto de mão. Ali estava o homem que tinha arruinado minha carreira, que eu pensei que tinha levado minha Poppy para longe de mim, mas eu era capaz de ir embora sem qualquer ódio ou má vontade, e não era só por causa do Scotch de \$1.500.

Foi porque eu o perdoei. E porque eu iria sair desta porta e encontraria Poppy e devolveria este rosário e, finalmente, finalmente seguiria em frente com minha vida.

CAPÍTULO

VINTE E CINCO

O estúdio de dança estava no Queens, em um bairro colorido, mas resumindo, o tipo de bairro que parecia que estava à beira da falência, sem desenvolvimento, precisava ser mudado ainda, apenas dezenas de artistas e descolados.

O Little Flower Studio, do que eu poderia dizer a partir da busca na internet no meu celular no metrô, era um estúdio sem fins lucrativos dedicado a dar aulas de dança gratuitas para os jovens na comunidade, e parecia particularmente destinado à jovens mulheres. Não havia nada sobre Poppy em seu site, mas o estúdio tinha aberto apenas dois meses depois que ela deixou Weston, e todo o projeto foi financiado pela fundação de sua família.

Era um prédio de tijolos de três andares, e à frente parecia muito recentemente renovado, com janelas altas olhando para o principal estúdio de dança, uma visão de madeira clara e espelhos brilhantes.

Infelizmente, uma vez que era meio do dia, não parece ter qualquer pessoa no próprio estúdio. As luzes estavam apagadas e a porta estava trancada, e ninguém respondeu a campainha quando eu a toquei. Eu tentei o telefone do estúdio também, e depois tentei o telefone da recepção novamente e novamente. Ninguém estava aqui para atender.

Eu poderia ficar até que alguém viesse - alguém que eu esperava desesperadamente que fosse Poppy - ou eu poderia ir para casa, tentar novamente outro dia. Estava um inferno de quente, o tipo de quente onde eu me preocupava com meus sapatos derreterem se eu ficasse na calçada muito tempo, e não havia nenhuma sombra do lado de fora do estúdio. Era realmente a melhor ideia ficar aqui e se transformar em uma vítima de insolação?

Mas a ideia de deixar New York sem ver Poppy, sem falar com ela, era um pensamento que eu não podia suportar no estômago por mais de alguns segundos. Eu passei os últimos dez meses nesta miséria. Eu não poderia passar um dia mais.

Deus deve ter me ouvido.

Me voltei em direção à estação de metrô - eu tinha visto uma bodega perto, e eu queria uma garrafa de água - e tive um vislumbre de um pináculo entre duas fileiras de casas - uma igreja. E meus pés viraram para lá sem sequer pensar nisso; acho que eu estava esperando que teria ar-condicionado no interior e talvez um lugar para rezar até o estúdio de dança ser reaberto, mas eu também estava desejando (duramente) que eu fosse encontrar algo mais lá dentro.

Eu fiz.

As portas da frente abriram em um grande foyer cravejado com pias cheias de água benta, e as portas do santuário foram escoradas abertas, flutuando ar abençoadamente fresco na porta de entrada, mas essa não foi a primeira coisa que notei.

A primeira coisa que notei foi à mulher perto da frente do santuário, ajoelhada com a cabeça baixa. Seu cabelo escuro girado em um coque apertado - de uma dançarina - e seu longo pescoço e ombros delgados foram expostos pela camisa preta que ela usava. Roupas de dança, percebi quando cheguei mais perto, tentando ser calmo, mas ela não parecia importar. Estava tão absorta na sua oração que ela nem sequer se moveu quando eu deslizei para o banco atrás de sua linha.

Eu poderia rastrear cada polegada de suas gostas da memória, mesmo depois de todos esses meses. Cada sarda, cada linha de músculo, cada curva de seu ombro. E a sombra de seu cabelo - escuro como café e tão rico - eu me lembrava perfeitamente também. E agora que ela estava tão perto, todas as minhas boas intenções e pensamentos puros estavam sendo substituídos por pensamentos mais escuros. Eu queria tirar o palito e em seguida, enrolar o cabelo sedoso ao redor da minha mão. Eu queria puxar para baixo a frente de sua roupa e acariciar seus seios. Eu queria esfregar a suavidade entre as suas pernas através do tecido de suas calças de dança elásticas até que ela estivesse encharcada.

Não, mesmo agora, eu não estava sendo honesto comigo mesmo, porque o que eu realmente queria era muito pior. Eu queria ouvir o som da minha palma contra sua bunda. Eu a queria fazer rastejar, a fazer implorar, eu queria raspar a pele de suas coxas com a minha barba. Eu a queria fazer apagar cada minuto da dor que eu senti por causa dela - apagar esses minutos com a boca, os dedos e sua doce buceta quente.

Eu estava tentado a fazer exatamente isso, a pegar e a jogar sobre meu ombro e encontrar um lugar tranquilo - seu estúdio, um motel, um

beco, eu realmente não me importava - e lhe mostrar exatamente o que dez meses separados tinha feito comigo.

Só porque ela não está com Sterling não significa que ela quer ficar com você, eu me lembrei. Você está aqui para lhe dar o rosário, e é isso.

Mas talvez apenas um toque, um toque antes de dar o rosário e dizer adeus para sempre...

Desci do meu próprio banco e cheguei à frente, estendi um dedo e, em seguida, quando eu estava apenas a uma polegada de distância de sua pele, eu murmurei seu nome para ela. — Cordeiro, — eu disse. — Cordeirinho.

Ela endureceu diretamente quando meu dedo roçou a pele cremosa do pescoço dela, e ela se virou, sua boca se abriu em um o descrente.

— Tyler, — ela sussurrou.

— Poppy, — eu disse.

E então seus olhos se encheram de lágrimas.

Eu deveria ter esperado para ver como ela se sentia sobre mim, eu deveria ter pedido autorização para tocá-la, eu sei todas essas coisas. Mas ela estava chorando agora, chorando tanto, e o único lugar que ela pertencia era em meus braços, e então me mudei para seu banco e a puxei para mim.

Ela deslizou os braços em volta da minha cintura, enterrando seu rosto no meu peito, todo o seu corpo tremendo.

— Como você me encontrou? — ela conseguiu falar.

— Sterling.

— Você falou com Sterling? — perguntou ela, se afastando, me olhando.

Eu me abaixei para encontrar o seu olhar. — Sim. E ele me contou o que aconteceu naquele dia. O dia que você o beijou, — e minha própria vontade falhou aqui, porque, apesar das mudanças de emprego e viver em um continente diferente, a ver agora e lembrar o buraco esculpido em meu peito no momento em que a vi beijar Sterling foi demais para eu falar alto.

Ela chorou mais duro agora. — Você deve me odiar.

— Não. Na verdade, eu vim te encontrar para te dizer que eu não sei.

— Eu achei que tinha que fazer isso, Tyler, — ela murmurou, olhando para o chão.

— Tinha que fazer o quê?

— Eu achei que tinha que fazer você me deixar, — ela sussurrou.

Até mesmo meu pulso parou para ouvir. — O quê?

Seus olhos estavam em carne viva com dor e culpa. — Eu sabia que poderíamos lidar com qualquer coisa que Sterling jogasse em nós, mas eu não poderia lidar com o pensamento de você deixar o clero... deixar *por mim*. — ela olhou para mim, o rosto suplicante. — Eu não poderia viver comigo mesma se você tivesse feito isso. Sabendo que eu tinha tomado a sua vocação de você - toda a sua vida - tudo porque eu não conseguia controlar meus sentimentos por você...

— Não, Poppy, não foi assim. Eu também estava lá, lembra? Eu estava escolhendo as mesmas coisas que você; culpa que não era para suportar sozinha.

Ela balançou a cabeça, as lágrimas ainda caindo. — Mas se você nunca me conhecesse, você nunca teria pensado em sair.

— Se eu nunca te conhecesse, eu nunca teria realmente vivido.

— Oh Deus, Tyler. — ela escondeu o rosto entre as mãos. — Saber o que você deve ter pensado sobre mim todos esses meses. Eu odiei isso. Eu me odiava. No momento em que os lábios de Sterling tocaram os meus, eu queria morrer, porque eu vi você vindo através do parque, eu sabia que você estava lá, e eu sabia que você estava machucado, mas eu tinha que fazer. Eu queria que você esquecesse tudo sobre mim e continuasse a viver sua vida da maneira que Deus queria que você vivesse.

— Doeu, — eu admiti. — Doeu muito.

— Eu odiava Sterling tanto, — disse ela em suas mãos. — Eu o odiava tanto quanto eu te amava. Eu nunca o quis, Tyler, eu queria você, mas como eu poderia te ter sem você perder tudo? Eu disse a mim mesma que era melhor te empurrar longe do que ver você murchar.

Eu levei os dedos para longe de seu rosto. — Sou eu que eu não murchei agora? Porque eu fiz, Poppy, e não por causa de você e não por

causa das fotos de Sterling liberadas, mas porque eu percebi que Deus me queria em outros lugares, vivendo uma vida diferente.

— Você deixou? — ela sussurrou. — Eu pensei que eles fizeram você deixar por causa das imagens.

— Eu deixei. Eu pensei... Acho que pensei que você saberia disso.

— Mas os rumores... todo mundo disse... — ela respirou fundo, seus olhos em mim. — Eu só achei que as fotos tinham arruinado. E me matou saber que era parcialmente culpa minha, porque se não fosse por mim, Sterling nunca teria alvejado você. Saber disso dividiu o meu coração em dois. Eu não tinha coração para dividir. Eu senti tanto sua falta.

— Eu senti sua falta. — eu retirei o rosário e derramei as contas em uma pilha tinindo na palma da sua mão. — Eu trouxe isso de volta para você, — eu disse, encolhendo os dedos ao redor do rosário. — Eu quero que você fique com ele. Porque eu te perdoo.

Isso não é toda a verdade, Tyler.

Eu tomei uma respiração profunda. — E há mais. Eu estava tão ferido - eviscerado - pelo que você fez. E eu estou bravo com você agora, por ter feito algo que só trouxe dor a nós dois. Você deveria ter falado comigo, Poppy, você deveria ter me dito como se sentia.

— Eu tentei, — disse ela. — Eu tentei tantas vezes, mas era como se você não me ouvisse, como se você não entendesse. Eu precisava que você se esquecesse de mim, para eu não arruinar a sua vida.

Eu suspirei. Ela estava certa. Ela tentou me dizer. E eu tinha estado tão apanhado em nosso amor, tão preso em minhas próprias lutas e minhas próprias escolhas, que eu não tinha realmente ouvido. — Sinto muito, — eu disse, o que significa essas duas palavras mais do que qualquer outra antes. — Eu sinto muito. Eu deveria ter escutado. Eu deveria ter dito que não importava o que acontecesse com o meu trabalho, com a gente, porque no final, creio que Deus está olhando para você e para mim. Creio que Deus tem um plano para nós. E onde quer que eu vá - onde quer que você vá - não importa que coisas terríveis aconteçam, nós vamos ser confortados pelo Seu amor.

Ela assentiu com a cabeça, as lágrimas escorrendo pelo rosto. E algo aconteceu em seguida, uma infusão ou um despertar, porque eu percebi uma coisa.

Eu ainda queria ela.

Eu ainda a amava.

Eu ainda precisava estar com ela para o resto da minha vida.

E mesmo que não fizesse sentido, mesmo que fossem apenas alguns minutos atrás que eu descobri que ela e Sterling não estavam juntos, nunca tinham ficado juntos, eu ainda fiz isso. Eu ainda me abaixei em um joelho no chão.

— Naquele dia, eu estava indo propor a você. E se você ainda gosta de mim, eu ainda quero me casar com você, Poppy. Eu não tenho um anel. Eu não tenho dinheiro. Eu nem sequer tenho um emprego de verdade agora. Mas tudo que eu sei é que você é a única pessoa mais incrível que Deus já colocou no meu caminho, e o pensamento de uma vida sem você quebra meu coração.

— Tyler... — ela respirava.

— Case-se comigo, cordeirinho. Diga sim.

Ela olhou para o rosário e, em seguida, olhou de volta para mim. E ela disse *sim, claro*, chorando, a voz dela chegando aos meus ouvidos quase ao mesmo tempo em que os seus lábios alcançaram os meus, sua boca ávida, jubilosa e desesperada, e eu não me importava onde estávamos ou quem podia nos ver, eu descompactei minha calça jeans, puxei as calças para os joelhos, e trouxe o seu calor úmido contra meu pau, moendo contra ela, metade fora e metade caindo no espaço estreito do andar entre os bancos até que eu pudesse a ter de joelhos entre as suas pernas e empurrar o meu caminho para dentro.

Isso foi curto, áspero e alto, mas foi perfeito, só eu e Poppy e Deus em seu tabernáculo observando nós dois. Eu queria essa mulher para toda a eternidade, e eu queria que essa eternidade começasse o mais cedo possível, porra.

EPÍLOGO

Poppy

Sua mão está sobre a minha boca enquanto a outra mão escava sob as camadas de renda e tule para encontrar minha buceta - nua a seu pedido. Nua precisamente para este momento.

Lá fora, os convidados estão começando a entrar na igreja, uma igreja católica, apesar dos protestos brincalhões dos meus pais, e em troca de ter um casamento católico, eles extraíram de nós uma aceitação relutante a os deixar bancar a coisa toda para sua princesa - fogos de artifício, galões de champanhe e cordas de luzes sob um céu estrelado de Rhode Island.

Mas eu não sou a princesa de ninguém no momento. Sou um cordeiro ofegante, me contorcendo quando seus dedos encontram meu clitóris - já maduro e inchado - e o belisca, delicadamente. Existem milhares de dólares de renda de designer e seda agrupada em torno da minha cintura e eu quero que você o rasgue, exiba a minha liga e meias e buceta nua ao ar. Mas você não faz isso.

Em vez disso, você murmura no meu ouvido: — Você fez o que lhe foi dito. Boa cordeira. — você deixa cair sua mão da minha boca e pega meu peito.

Eu me inclino contra você. — Não há algo sobre não ver a noiva antes do casamento?

— É má sorte, eles dizem, mas eu acho que começar a vida de casado com uma boa foda é nada além de sorte, não é?

Estamos em uma pequena capela ao lado do quarto principal, com uma janela com tela que se abre para o santuário. É difícil ver de dentro e trancamos a porta de madeira fina, mas não fazia nada para abafar os sons, e tão tranquilo como eu estou, não há dúvidas sobre o sussurro do meu vestido e minha respiração frenética quando seus dedos se movem em meu clitóris, nas dobras molhadas de minha buceta.

Então você me girou em volta, me olhando com fome em seus olhos verdes. Você raspou sua barba esta manhã, a sua mandíbula quadrada lisa e sem pelos, e mesmo sabendo que sua mãe tinha se preocupado com o seu cabelo mais cedo, alguns fios caíram sobre sua testa. Eu chego para dar um puxão sobre eles, mas você pega meu pulso em sua mão

antes de eu fazer. Não necessariamente para me parar, mas então você me puxa para perto, fazendo com que a pele delicada da minha buceta esfregue contra suas calças de smoking. Eu sinto sua ereção lá - um comprimento quente, rígido - e eu gemo.

Sua mão cai sobre a minha boca novamente e seu rosto normalmente sorridente fica grave. — Mais um barulho, senhora Bell, — você sibila no meu ouvido, — e será o seu traseiro que eu estou fodendo em seu lugar.

Isso deveria ser um castigo? — Eu não sou a senhora Bell ainda, — eu te provoco.

— Mas você ainda me pertence.

Não há argumento aqui. Eu pertenço a você desde a primeira vez que me sentei em seu confessionário.

O vestido - um modelo com decote em v com cinto na cintura e contornado com uma camada de tule transparente - é uma nuvem em torno de meus quadris, e você bloqueia minha visão com sua mão, descendo para libertar o seu pau. Em seguida, seu braço está deslizando pela minha cintura, para minhas pernas e eu estou sendo metade levantada, metade empurrada contra a parede.

Eu sinto a ampla cabeça de seu pau entalhando em minhas dobras e você não me dá um momento para recuperar o fôlego, simplesmente me atravessa sem rodeios, e eu estou tentando tanto não gemer, mas é tão delicioso, você em seu smoking e meu vestido de noiva subindo como o vestido de uma adolescente em um hotel de baile de formatura e sua mão tão firme e insistente contra a minha boca enquanto você bate em mim com aspereza.

— Todas aquelas pessoas lá fora, — você suspirou, — elas não têm ideia de que você está tão perto deles, sendo fodida tão duramente. Fodida em seu vestido de casamento, como uma putinha que não pode evitar.

Meu coração está batendo como um pássaro em uma gaiola - rápido e trêmulo - e as minhas coxas estão enrijecendo contra o tecido abrasivo de suas calças de smoking. Eu tinha há muito tempo parado de tentar descobrir por que eu gostava tanto quando você me chamava desses nomes, especialmente desde que fora do quarto você é tão infalivelmente respeitoso e amoroso. Talvez seja o impertinente-padre-vibrante que sua nova carreira acadêmica não tinha sido capaz de levar

*para longe de você, ou talvez fosse porque você é uma pessoa tão **boa** e é emocionante te ver perder o controle e agir mais como um pecador que um santo. Seja o que for, você me deixa louca, e sabe disso, surrando todos os tipos de coisas horríveis em meu ouvido, **fodida menina suja** e **goze para mim, é melhor você gozar para mim.***

Eu, meus gemidos foram engolidos enquanto você continua a bombear em mim, cada investida me prendendo com mais força contra a parede, e cada impulso desenhando meu clímax mais e mais para fora, e então você olha para cima e encontra meus olhos. Você está tão perto, e eu acho que de todas as vezes que transamos, de todas as vezes que eu fui acordada com a sua boca trêmula quente e úmida entre as minhas pernas, todas as vezes que parecia que tínhamos fodido um ao outro direito para fora do mundo comum real e em um lugar novo e cintilante e mágico. Eu me sinto assim agora, na verdade, quando eu procuro seu olhar, e vejo você morder o seu lábio como se lutando para se manter.

*— **Si vis amari, ama,** — você me diz. **Se você deseja ser amada, ame***

Palavras que tínhamos trocado o que pareciam como um milhão de anos atrás.

Foi o seu amor que nos trouxe de volta juntos, seu amor inabalável que durou até a minha decepção e minha reclusão. Eu pensei que eu estava fazendo os sacrifícios certos para ele estar com Deus, mas eu estava errada o tempo todo. Agora estamos ambos com Deus e estamos juntos, e hoje nos fundíamos em uma só alma eterna.

***Não existe maior amor do que este...** Eu penso, sonhado quando você perde todo o controle, sua mão se move da minha boca à minha outra perna para que você possa me segurar aberta enquanto persegue seu lançamento, sua cabeça escura aninhada no meu pescoço, beijando e adorando.*

— Te amo²³, — você está dizendo no meu ouvido. Latin para eu te amo. — Te amo, te amo, te amo.

Porra, eu também te amo, e, em seguida, você goza com tanta força, todo o seu corpo tremendo e as mãos cavando em minhas coxas, e seu clímax envia outro orgasmo correndo através de mim. Juntos, pulsamos, como um batimento cardíaco comum, como as ondas poderosas de um único oceano, até que descemos juntos com um suspiro.

²³ É porque lá Te amo é I Love You, e nós usamos a palavra em latim mesmo, Te amo.

Em algum lugar na igreja, um órgão começa a tocar algo bonito e leve. Minhas damas de honra e mãe, provavelmente, estão em pânico.

Você me coloca no chão e usa o lenço de seda no bolso do smoking para limpar seus vestígios de minhas pernas. Então você o dobra de volta e o coloca em seu bolso – o do exterior, perfeitamente limpo e arrumado, mas nós dois sabemos o que está escondido lá dentro. — Apenas um pequeno lembrete, — você me diz com um sorriso com covinhas, batendo no bolso.

— Um troféu, você quer dizer.

Você não refuta isto, ainda sorrindo seu sorriso irlandês adorável enquanto me ajuda a reorganizar o meu vestido e endireitar o véu comprido.

Você olha para a palma da sua mão, manchada com meu batom, e seus olhos escureceram. Eu juro que eu posso te ver ficar duro novamente. — Você pode querer verificar sua maquiagem, — você diz, e seus olhos demoram em torno de minha boca. Eu tenho que te mandar ir embora, porém, porque se você me beijar de novo, eu não vou ser capaz de dizer não, e, em seguida, vamos nos atrasar para o nosso próprio casamento.

— O que devemos lhes dizer que estávamos fazendo?

Você agora está todo fechado e reorganizado também, parecendo totalmente composto com o brilho possessivo em seus olhos. — É uma capela. Vamos dizer que estávamos orando.

— Acha que eles vão acreditar em nós?

Um sorriso irlandês novamente. — Bem, eu fui um padre uma vez, você sabe.

Eu penso sobre isso quando o resto do dia se desenrola, quando me batom reaplicado e, em seguida, meu pai me levando pelo corredor, e quando eu te vejo piscar para conter as lágrimas quando meu pai coloca a minha mão na sua. Ao tomarmos a comunhão, nós lembramos um tipo muito diferente de comunhão compartilhada entre nós. E então, você me beija longo, profundo e penetrante, um beijo que deixa a minha buceta molhada e mamilos duros, mesmo na casa de Deus.

Você era um padre uma vez.

Eu ainda lamento tudo isso, por vezes, mas agora percebo que o que temos juntos é tão santo, tão profundo. Algum dia, vamos começar uma família. Estaremos criando vidas juntos, talvez a coisa mais semelhante a Deus que qualquer ser humano pode fazer, e eu me pergunto, enquanto dançamos juntos sob o céu suave de Maio, se vamos ter um filho.

Talvez ele vá se tornar um padre também.